

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO



TESE DE DOUTORADO

Pedagogias do amor lésbico: discursos da literatura virtual

ANA GABRIELA DA SILVA VIEIRA

ANA GABRIELA DA SILVA VIEIRA

Pedagogias do amor lésbico: discursos da literatura virtual

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Marcio Caetano

Linha de Pesquisa: Saberes Insurgentes e Pedagogias Transgressoras.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V657p Vieira, Ana Gabriela da Silva

Pedagogias do amor lésbico : discursos da literatura virtual / Ana Gabriela da Silva Vieira ; Marcio Rodrigo Vale Caetano, orientadora. — Pelotas, 2023.

224 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Lésbicas. 2. Amor. 3. Literatura virtual. 4. Pedagogias culturais. I. Caetano, Marcio Rodrigo Vale, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, a primeira mulher a me ensinar sobre o amor. Em segundo lugar, à minha esposa, com quem aprendo sobre o amor todos os dias. Agradeço também a cada mulher – amiga, familiar, desconhecida, colega de trabalho – cujo caminho já se cruzou com o meu, por momentos breves ou por anos a fio. Todas vocês foram importantes para que eu pensasse essa pesquisa.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Marcio Caetano, por todo apoio e parceria no desenvolvimento dessa pesquisa, bem como pelo carinho e compreensão com os quais fui tratada no decorrer do Doutorado. Você fez mais doce essa experiência. Também manifesto a minha gratidão àqueles e àquelas que contribuíram diretamente para essa pesquisa, com destaque aos membros do Grupo de Pesquisa Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos (POC's), bem como às professoras que compuseram as bancas de qualificação e defesa desta Tese.

Por fim, agradeço também às autoras dos livros que analisei e a todas as escritoras independentes que, sem o aval do mercado editorial, compartilham diariamente suas histórias de amor lésbico.

RESUMO

VIEIRA, Ana Gabriela da Silva. Pedagogias do amor lésbico: discursos da literatura virtual. Orientador: Marcio Caetano. 2023. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

A literatura lésbica publicada em plataformas digitais veicula discursos e ensina modos de ser e de se relacionar. Esta Tese buscou compreender que pedagogias funcionam nos discursos da literatura virtual, ensinando formas de amor entre mulheres. Para tanto, a pesquisa se aproximou de um referencial teórico-metodológico pós-estruturalista e feminista, fazendo diálogos entre os campos da educação, da filosofia e da literatura. O recorte feito na pesquisa propôs que a literatura virtual investigada fosse aquela cujos textos literários tratam do amor lésbico e foram publicados nas plataformas de leitura Wattpad e Amazon Kindle. Esses textos, importa demarcar, foram tomados como pedagogias culturais. A análise de sete livros de literatura virtual lésbica, a partir de recorrências discursivas presentes nos excertos retirados das obras literárias, possibilitou a discussão de quatro enunciados que estão em funcionamento nos textos analisados. O primeiro deles entende o amor lésbico como amor-erótico, permitindo compreender a potência erótica do amor entre mulheres a partir do desejo e das vivências sexuais e não sexuais entre as personagens. O segundo trata do amor lésbico como amor-guerra, abarcando práticas guerreiras de conquista, de luta, de autoproteção, entre outras, que podem se aproximar de determinadas práticas do amor heterossexual, mas que não podem ser equiparadas a elas. O terceiro trata do amor lésbico como amor-trabalho, na medida em que o amor é visto como ação (e não como sentimento inerente e o qual não se escolhe) e, desse modo, exige trabalho para construção de uma relação baseada no companheirismo, no respeito, no cuidado e no diálogo franco. Por fim, o quarto trata do amor lésbico como amor-de-si, dado que as personagens, a partir da sua experiência lésbica de amor, constituem uma relação ética consigo e conduzem sua conduta na direção de um modo de vida que lhes traga felicidade. Sendo assim, o trabalho investigativo encontrou em funcionamento na literatura virtual lésbica um conjunto de enunciados nos quais o amor entre mulheres é constituído tanto de uma perspectiva da prática de liberdade e exercício ético quanto de modos mais aproximados às idealizações do amor romântico em sua perspectiva heteronormativa.

Palavras-chave: Lésbicas; Amor; Literatura Virtual; Pedagogias Culturais.

ABSTRACT

Lesbian literature published on digital platforms conveys discourses and teaches ways of being and relating. This Thesis sought to understand which pedagogies work in virtual literature speeches, teaching forms of love between women. Therefore, the research approached post-structuralism and feminist theoretical-methodological framework, making dialogues between education, philosophy, and literature fields. The cut in the investigation proposed that the virtual literature investigated were the texts that deal with lesbian love published on the Wattpad and Amazon Kindle reading platforms. These texts, it is relevant to highlight, were taken as cultural pedagogies. The analysis of seven books of virtual lesbian literature, based on discursive recurrences present in excerpts taken from literary works, allowed the discussion of four statements in operation in the analyzed texts. The first understand lesbian love as erotic love, allowing us to understand the erotic power of love between women based on desire and sexual and non-sexual experiences between the characters. The second deals with lesbian love as war love, encompassing warlike practices of conquest, struggle, and self-protection, among others, that can approach certain practices of heterosexual love but cannot be equated with them. The third deals with lesbian love as work-love, insofar as love is seen as an action (and not as an inherent feeling that cannot be chosen) and, therefore, requires work to build a relationship based on companionship, respect, care, and frank dialogue. And finally, the fourth deals with lesbian love as self-love, given that the characters, based on their lesbian experience of love, constitute an ethical relationship with themselves and lead their conduct towards a way of life that brings them happiness. Thus, the investigative work found in operation in the virtual lesbian literature a set of statements in which love between women is constituted both in a perspective of the practice of freedom and ethical exercise and in ways that are closer to the idealizations of romantic love and its heteronormative perspective.

Keywords: Lesbians; Love; Virtual Literature; Cultural Pedagogies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página inicial de uma história no Wattpad.....	97
Figura 2 – Trecho do Prólogo de <i>Loba Alfa</i>	98
Figura 3 – Página de venda de <i>Loba Alfa</i> no site da Amazon.....	103
Figura 4 – Página Inicial do KDP.....	104

Sumário

Introdução	8
1. “ <i>Não vai lá, meu filho, não vai não, aquela é a casa das sapatão</i> ”	22
1.1. Literatura (de temática) lésbica	23
2. “ <i>Nosso amor são os teus pés, inverno após inverno a buscar-me</i> ”	40
2.1. Sobre a potência do amor ético	40
2.2. A problematização feminista sobre o amor e a potência do amor lésbico	50
2.3. Ser mulher, ser lésbica	58
2.4. Experiências lésbicas em contexto brasileiro	68
3. “ <i>Fiz, de palavras, onírica taça, para beber do resto dos meus dias</i> ”	79
3.1. Literatura Virtual	81
3.2. A literatura como pedagogia cultural	90
4. “ <i>Não disponho do bem e do mal, só da dor da palavra liberdade</i> ”	95
4.1. Sobre as plataformas e a seleção dos textos literários	96
4.2. Textos escolhidos	106
4.3. Entre o discurso, o poder e a ética	117
5. “ <i>Coisas que eu ainda não sabia nomear</i> ”	126
5.1. Amor lésbico, amor-erótico	128
5.2. Amor lésbico, amor-guerra	149
5.3. Amor lésbico, amor-trabalho	168
5.4. Amor lésbico, amor-de-si	192
Conclusões	209
Referências	214
Textos literários que compuseram o corpus analítico	224

Introdução

Escrevo a partir da feira e para as feias, as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado da boa moça. E começo assim para que tudo fique bem claro: não vim aqui para reclamar. Não trocaria de lugar com ninguém, porque ser Virginie Despentes me parece um assunto muito mais interessante do que qualquer outro. (DESPENTES, 2016, p. 7)

[...] o ideal de mulher branca, sedutora mas não puta, bem casada mas não nula, que trabalha mas sem tanto sucesso para não esmagar seu homem, magra mas não neurótica com a comida, que continua indefinidamente jovem sem se deixar desfigurar por cirurgias plásticas, uma mamãe realizada que não se deixa monopolizar pelas fraldas e pelos deveres de casa, boa dona de casa sem virar empregada doméstica, culta mas não tão culta quanto um homem; essa mulher branca e feliz, cuja imagem nos é esfregada o tempo todo na cara, essa mulher com a qual deveríamos nos esforçar para parecer – tirando o fato de que elas devem ficar de saco cheio com qualquer coisa – devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista. (DESPENTES, 2016, p. 11)

Introduzo esta tese com duas citações retiradas logo do início do livro *Teoria King Kong*, de Virginie Despentes¹. Em seu capítulo de abertura, intitulado *Vícios Frenéticos*, a autora feminista diz a que veio e para quem fala. Lembro-me de, há alguns anos, ler essas mesmas palavras que citei acima e sentir que Despentes falava comigo. Não exclusivamente para mim, como se houvesse algo tão particular nas minhas vivências que me tornasse algum tipo de exceção, mas justamente porque encontrei em mim uma semelhança com todas aquelas que foram subjetivadas de forma a buscar atender às normas² dessa posição de sujeito “mulher”.

Tal semelhança está na impossibilidade de alcançar o que vem sendo discursivamente construído enquanto um ideal de mulher na sociedade de hegemonia cultural branca e burguesa. O desencaixe em relação ao modelo utópico do que é ser

¹ Na apresentação das autoras e dos autores com as(os) quais dialogo nesta pesquisa, decidi, na primeira menção, citar seu nome completo, a fim de marcar o gênero. Em seguida, as menções posteriores são feitas pelo sobrenome, como se costuma referenciar em textos acadêmicos.

² O conceito de norma será melhor trabalhado posteriormente. Porém, desde já, aponto para meu entendimento do mesmo a partir da definição feita por Judith Butler (2022): “Uma norma opera dentro das práticas sociais como padrão implícito de normalização. Embora uma norma possa ser analiticamente separada das práticas em que se insere, pode também revelar-se resistente a qualquer esforço de descontextualização do seu funcionamento. As normas podem ou não ser explícitas e quando operam como o princípio normalizador em práticas sociais, elas em geral permanecem implícitas, difíceis de ler, discerníveis de forma mais clara e dramática nos efeitos que produzem” (BUTLER, 2022, p. 75).

mulher faz com que todas nós, vez ou outra, sejamos caracterizadas por um dos adjetivos (ou outros similares) elencados pela autora na primeira citação.

Este assunto muito me inquieta desde que percebi a disparidade de forças presente nas relações de gênero, que faz com que os homens possam acessar determinados privilégios. Talvez por isso, por muito tempo, eu tenha evitado discutir essas questões. Ainda na adolescência, vivenciei algumas relações afetivas, românticas e/ou sexuais com homens e, muitas vezes, arranjei desculpas para suas atitudes misóginas, de inferiorização da mulher e do que é tido como feminino; evitei brigar com eles e me felicitei quando fui chamada de “sensata” e “ponderada”.

Na medida em que eu ia me tornando adulta, em minha relação comigo mesma, pequenas resistências diárias começaram a ser constituídas. Isso não significa que me libertei das relações de poder³ ligadas ao gênero – mesmo porque não comprehendo que esse seja um horizonte possível –, mas busquei problematizar aquilo que Despentes (2016) chamou de “mercado de boa moça”. Ao travar minhas lutas, acabei por rejeitar os homens e assumir a lesbianidade não como algo inerente ou essencial de mim mesma, mas como um desejo de devotar meus afetos a outras mulheres, dividir minhas frustrações com elas, com quem eu me sentia compreendida.

No entanto, esse movimento não foi fácil ou calculado. Ninguém acorda um dia e decide “serei uma lésbica” ou, ao menos, eu acredito que não; não se trata de defender que uma pessoa escolhe deliberadamente se irá se relacionar com homens ou com mulheres. Porém entendo que, a partir de minha subjetivação⁴, afastei-me das relações heterossexuais. Vi-as como desiguais, senti que me feriam. Senti-me mais feliz e valorizada quando em uma relação com outra mulher e assumi esta posição de sujeito: uma “lésbica”.

³ Desde já, demarco que, ao falar em poder e em relações de poder, faço-o a partir de minhas aproximações com Michel Foucault, entendendo o poder não apenas como algo que um grupo ou indivíduo possui e exerce sobre o outro, de forma repressiva ou proibitiva – embora essa forma de poder também exista. Entendo que o poder se exerce de forma capilarizada nas relações entre os sujeitos, tendo um caráter produtivo, no sentido de fabricar modos de ser e de se comportar. Ao mesmo tempo, ainda a partir das teorizações foucaultianas, entendo que onde há poder, há também possibilidades de resistência, não em uma relação binária de oposição poder/resistência, mas em uma relação de interdependência. Nos capítulos posteriores, tais conceitos serão aprofundados.

⁴ Dentro das teorizações foucaultianas, entendo que “subjetivação” é um conceito ligado à forma como os sujeitos são constituídos. Através dos discursos, funcionam mecanismos de poder que constituem modos de ser, ocorrendo a subjetivação. No entanto, para além desse modo de subjetivação atrelado ao assujeitamento, Foucault também permite pensar na subjetivação enquanto uma relação ética do sujeito consigo mesmo e com os outros. Entendo que a subjetivação perpassa essas duas concepções: a do assujeitamento pelos mecanismos de poder e a das relações éticas engendradas pelos sujeitos.

Isso não corresponde, reitero, a uma libertação; pelo menos, não no sentido estrito da palavra, embora, a partir dessa posição de sujeito, eu tenha organizado pequenas resistências, liberdades reguladas em um âmbito micro. É importante demarcar que não se trata de estabelecer um binarismo entre um modo de vida heterossexual, no qual a mulher estaria submetida a uma heterossexualidade compulsória e, em vários aspectos, nociva, e um modo de vida lésbico, que corresponderia a uma leitura de vitória contra o patriarcado.

Aliando-me a uma perspectiva pós-estruturalista⁵, esta tese trabalhou muito mais com ambivalências do que com oposições binárias. Além disso, comprehendo que não há posição de sujeito – nem homem, nem mulher, nem lésbica, nem heterossexual⁶, nem qualquer outra – que esteja do lado de fora das relações de poder entre os gêneros ou daquilo que Judith Butler (2018) chama de matriz heterossexual⁷.

Analizando as minhas experiências, vejo-me, inúmeras vezes, subjetivada por discursos atrelados ao que se entende como “ideal de mulher”, ao que referi como “mercado da boa moça”. Mesmo quando escapo de um modo de subjetivação, sou capturada por múltiplos outros, incluindo aquele dos discursos que fabricam um ideal de lésbica – e talvez até se possa dizer “o mercado da boa lésbica”. Lucia Facco (2010a), em ensaio intitulado *Sou lésbica, mas sou “de família”*, problematiza essa questão, afirmando: “acho um absurdo ter que legitimar minha homossexualidade dizendo que sou casada” (FACCO, 2010a, p. 218). A autora argumenta que as lésbicas (e também os homens homossexuais) são frequentemente vistos como

⁵ Tomaz Tadeu da Silva (2016) argumenta que o estruturalismo comprehende o conceito de estrutura como aquilo que sustenta um conjunto em sua totalidade – nesse sentido, a língua seria uma estrutura (como aparece na teoria linguística de Saussure, um dos principais autores estruturalistas). Os autores ditos pós-estruturalistas – entre os quais costuma-se apontar Foucault, Derrida, Deleuze, Guatarri, Kristeva e Lacan – mantêm o foco que o estruturalismo já apresentava na linguagem, mas se afastam da fixidez e da rigidez presentes nas análises estruturais. No pós-estruturalismo, a noção de diferença e o caráter fabricado (não natural) do sujeito são radicalizados, de forma que não existiria “sujeito a não ser como o simples e puro resultado de um processo de produção cultural e social” (SILVA, 2016, p. 120).

⁶ “Heterossexual”, da mesma forma que “lésbica”, não é um termo que tomo como sinônimo de uma identidade fixa ou de uma condição inherente e essencial do sujeito. Compreendo a heterossexualidade enquanto modo de vida produzido e legitimado pela ordem discursiva vigente em nossa sociedade.

⁷ Esse conceito será melhor elaborado e aprofundado nos capítulos subsequentes, porém, para colaborar com a inteligibilidade desta introdução, demarco que, ao falar de “matriz heterossexual”, comprehendo da forma que explica Butler (2018): “modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade de gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazer sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade” (BUTLER, 2018, p. 258).

promíscuos em nossa sociedade e que existe um discurso de que o/a homossexual socialmente aceito é aquele/a que atende a certos padrões de moralidade, como a monogamia e o casamento. Eu, muitas vezes, fui dita adequada e tolerável por me encaixar parcialmente em alguns desses padrões da boa lésbica.

Essa construção de mim mesma enquanto sujeito acompanhou minha construção intelectual, estando eu inserida em contexto acadêmico desde os dezoito anos de idade. Minha trajetória em uma universidade pública – primeiro em minha graduação em História, depois no Mestrado em Educação e, posteriormente, no Doutorado – permitiu-me compreender um pouco sobre os privilégios e desprivilégios que me acompanham, enquanto alguém que está em múltiplas posições de sujeito: mulher, classe média, branca, brasileira, latino-americana, lésbica, escolarizada, entre outras.

Foi também na graduação em História que conheci minha esposa, Rosiane. Em meio às discussões nas aulas e às ações do Centro Acadêmico de História, do qual nós duas fazíamos parte, acabamos por nos apaixonar. Formei-me ao lado dela, colamos grau no mesmo dia e fizemos uma festa de formatura conjunta para nossas famílias.

Acredito, portanto, que minha formação acadêmica não se separa dos meus caminhos enquanto lésbica. No entanto, até a defesa de minha Dissertação de Mestrado, eu evitei falar dessa minha posição de sujeito nas pesquisas acadêmicas que produzi. Optei por tratar de outros assuntos que, em princípio, atravessavam-me menos, capturavam-me menos e, por consequência, também me feriam menos. Foi somente frente à seleção para o Doutorado que me senti desafiada a enfrentar uma problemática de pesquisa que falava de mim, do meu lugar e, também, das minhas dores.

Um outro aspecto de minha subjetividade⁸ é minha relação com a leitura e a escrita. Muito apaixonada por livros, de maneira geral, eu também encontrei na escrita uma forma de me expressar, de falar sobre minhas experiências como mulher. Hélène Cixous (2022), uma autora com quem me encontrei já em meados do Doutorado, após a indicação de uma das membras da banca de qualificação, afirma em sua obra *O riso da medusa*: “É preciso que a mulher escreva a mulher”.

⁸ Reitero: não entendo minha “subjetividade” como algo inerente a mim, parte de uma essência ou de uma natureza. Compreendo a subjetividade como fabricada por e nas relações de poder e também a partir do exercício ético de minhas relações comigo mesma.

O que seria isso? O que é escrever a mulher? Cixous (2022) ensina que a escrita é historicamente masculina e isso não se dá apenas pelo protagonismo dos homens enquanto autores, mas também pelas marcas culturais presentes no texto escrito. Não é porque uma mulher escreve que ela escreve a mulher – por tantas vezes, eu mesma escrevi os homens. Não apenas por dar aos homens lugar destacado em meus livros, mas por inevitavelmente recair, em certos momentos da escrita, em um discurso masculinista que fez parte da minha subjetivação (e da grande maioria das mulheres escritoras).

Porém, ao mesmo tempo, sempre senti uma necessidade muito grande de me escrever enquanto mulher. Glória Anzaldúa (2000), ao falar sobre sua escrita como mulher – mais especificamente, como mulher do “terceiro mundo”, expressão utilizada pela autora para se contrapor ao feminismo branco no contexto estadunidense –, questiona o porquê de sua escrita e, em seguida, responde:

Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Essa citação me faz pensar na escrita da mulher, na medida em que é revolta, em que é potencial criador de outras realidades. Ainda que a escrita de nós, mulheres, não nos liberte desse mundo tal como ele é, a escrita ainda é um grito. Uma possibilidade de gritar que, desde muito cedo, eu identifiquei.

Recordo meu tempo de escola quando, muitas vezes, em meio a aulas que faziam pouco sentido para mim, eu me perdia em versos e poesias. Naquela época, entre outros poemas, escrevi:

Não me venha banalizar o amor/ Dar as mãos e me chamar de irmã/ Eu não sou nenhuma boa cristã/ Morte ao discurso moralizador/ Não me encare exigindo aparência/ De qualquer beleza sou menos/ Repare que não sou nenhuma Vênus/ Sou carne, verdade, deficiência/ Eu sou flor, sou espinho e sou raiz/ Sou o fruto do mundo onde me fiz/ Sou a imperfeição natural do ser/ Sou e também não sou nenhum padrão/ Sou loucura, pecado e salvação/ Sou tudo o que preciso para viver. (Cadernos de Poesia)

De formação Católica Apostólica Romana, passei parte da minha pré-adolescência e adolescência frequentando a igreja, participando dos processos de catequização que levam o indivíduo aos sacramentos da Eucaristia e da Confirmação do Batismo – também chamada de Crisma. Após os meus quinze anos, mais ou

menos, na medida em que meu desejo pelas mulheres tornava-se latente, os questionamentos ao universo religioso cristão foram se tornando cada vez mais acentuados. Lê-se, então, no poema, como questiono parte das crenças que até então me constituíam, ao passo que comproendo meu próprio afastamento de um ideal de mulher.

Em meus versos, problematizei alguns aspectos (entre vários outros deixados sem questionamentos, pois muitos deles ainda me atravessam) da moral cristã e desse discurso dito “verdadeiro” sobre o “ser mulher”. Além disso, também fiz uso da poesia para escrever sobre meus afetos por outras mulheres, o que eu tinha dificuldade de expressar em conversas com minhas amigas de escola. Cercada de amigas que se compreendiam enquanto heterossexuais, eu – que não me via do mesmo modo, embora tenha tido algumas relações com homens – sentia que elas não podiam me entender, por mais que seja necessário pontuar o esforço e a aceitação que recebi da grande maioria das minhas e dos meus colegas de escola.

Embora tenha ouvido um ou outro comentário no âmbito da escola, devido ao meu interesse por garotas, eu não considero ter sido rejeitada pelos demais alunos e alunas, mas, nesse sentido, cabe que eu reconheça que, mesmo não sendo heterossexual, correspondi a muitos dos padrões de feminilidade daquele espaço. É possível que eu não tenha sido hostilizada por docentes ou estudantes pelo fato de não ser vista como um corpo que demandava correção no que diz respeito ao gênero.

Apesar disso, eu sentia uma espécie de solidão, advinda do fato de haver pouquíssimas garotas que se reconheciam como não heterossexuais na escola onde eu estudava. A poesia e a escrita eram, nesse sentido, um modo de expressar aquilo que eu sentia e pensava. Mais ou menos na mesma época, escrevi:

Meu corpo em deleite estremeceu, / A euforia eriçou-me os pelos, / Eram dedos urgentes nos cabelos, / E uma urgência por todo meu eu. / Lábios em minha entregue nudez, / Ruborizava-se teu seio, / Um prazer áspero querendo um meio / De libertar-se de uma só vez. / E na desesperadora tortura, / Numa voluptuosidade pura, / Eu mergulho, em mim, profundamente. / Logo meu ser deste sonho desperta, / Suspirando com a doce descoberta, / Encontrando-me úmida e quente. (Cadernos de Poesia)

O conteúdo da poesia era um atravessamento da conotação lésbica do meu desejo. A menção ao seio indicava que aquela com quem eu sonhava tinha o corpo marcado por formas tidas como pertencentes a uma mulher, ao passo que a linguagem definia o gênero do eu-lírico em “encontrando-me úmida e quente”. A esse respeito, poderia se problematizar acerca da necessidade que parte das escritoras

lésbicas têm de demarcar nos textos que seu objeto de desejo é uma outra mulher, para que não seja interpretado que se trata de um homem. Ainda que meu exercício poético fosse um pouco solitário (pois eu não compartilhava meus escritos com muitas pessoas), já era primordial para mim poder demonstrar explicitamente que se tratava uma mulher amando outra.

Nessa época, eu ainda não havia acessado outras produções literárias lésbicas. Meu maior contato com discursos acerca da lesbianidade se deu a partir da série *The L Word*⁹, a cujos DVDs eu assistia escondida, de madrugada, devido ao teor um tanto sexual dessa produção audiovisual. Nas diferentes facetas das personagens lésbicas de *The L Word*, meu eu adolescente conseguia, em alguma medida, enxergar-se e construir-se enquanto sujeito.

Mas, voltando à questão da escrita, além dessas poesias bastante íntimas, que por muito tempo não saíram do papel, eu também me aventurei em outros tipos de produção textual. Ainda adolescente, comecei a publicar na internet *fanfics*¹⁰ baseadas em séries e filmes dos quais eu gostava. Porém, tanto as histórias que eu lia quanto as que eu publicava eram principalmente heterossexuais ou tratavam da homossexualidade masculina – temática que era (e talvez ainda seja) muito mais comum nos sites de *fanfic* do que a lesbianidade.

Com o passar do tempo – até a atualidade –, passei a escrever histórias originais, compartilhando-as com leitores que acompanham publicações literárias online. Foi assim que descobri a existência de plataformas virtuais nas quais escritoras e escritores podem publicar livros de modo informal, sem o aval de editoras, sem registro, sem material impresso e sem integrar o mercado editorial.

Querendo fugir das histórias de temática heterosexual, minhas primeiras publicações foram de histórias de amor gay, que encontravam mais público nessas plataformas. Inicialmente, eu compartilhava meus textos em sites gratuitos; posteriormente, passei a colocá-los à venda em formato de ebook, alcançando uma

⁹ Série de televisão dividida em quatro temporadas. A premissa era as vivências de um grupo de amigas lésbicas em Los Angeles. Referência: THE L word. Criação de Ilene Chaiken, Michele Abbot, Kathy Greenberg. Estados Unidos: Anonymous Content, Dufferin Gate Productions, Coast Mountain Films, Posse, Showtime Networks, MGM Television, 2004-2009. son., color. Série exibida pela Showtime. Acesso em: 2 de setembro de 2021.

¹⁰ *Fanfic*, abreviação de *fanfiction* (em tradução livre, ficção de fã), é, segundo Jamison (2017), “uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas já escreveram [...] quando chamamos um trabalho de fanfiction, normalmente (mesmo que nem sempre) entendemos que não foi publicado para gerar lucro” (JAMISON, 2017, p. 31).

repercussão satisfatória. No decorrer dos anos de 2021 e 2022, publiquei nove romances gays em formato *ebook*, um deles chegando a se tornar um livro físico, publicado pela Editora Viseu.

Trata-se do romance *Não tem cura?*, que conta a história de Mathias, um rapaz bissexual que descobre ter contraído HIV e, posteriormente, acaba por se apaixonar por seu médico infectologista. Apesar de o enredo ter como protagonistas dois homens, já havia lá minha ânsia de falar de vivências lésbicas, mesmo que de forma coadjuvante e ainda tímida: meu protagonista homem tinha duas mães (que formavam um casal lésbico) e, ao longo do livro, sua irmã (também lésbica) se envolve com duas outras mulheres.

Concomitantemente, inspirada por aquele que considero um maravilhoso livro de contos, *Amora*, da Natalia Borges Poesso, comecei a publicar alguns contos lésbicos, que tinham muito menos visualizações e comentários do que minhas histórias de temática gay, mas que permitiam que eu pudesse me ver mais naquilo que eu escrevia. Dois desses contos foram publicados no início de 2021, pela *Editora Brunsmarck*, em uma antologia intitulada *Ventos no Arco-Íris*, que reuniu escritoras e escritores. Os contos que publiquei nessa antologia intitulam-se *As Bruxas* e *Um romance clichê?*. Enquanto o primeiro traz uma história de fantasia, na qual a habitante de uma aldeia medieval descobre-se bruxa (e lésbica), o segundo conto aborda uma releitura do momento no qual eu e minha esposa nos apaixonamos.

Também dei a algumas de minhas histórias gays uma “versão lésbica”, que, longe de ser simplesmente uma mudança no gênero dos protagonistas, permitiu-me revisitá-los meus escritos e vê-los por outra ótica, transformá-los e deslocá-los na medida em que eu os reescrevia. Foi assim que meus contos *Amor Rural*¹¹ e *Maldito Cupido*¹² foram colocados à venda no Amazon Kindle¹³ em dezembro de 2021, no formato de *ebook*, em duas versões: a gay e a lésbica.

Ainda em 2021, escrevi meu primeiro romance lésbico, com uma premissa sobrenatural, cujos capítulos foram publicados periodicamente em uma plataforma

¹¹ Em sua versão lésbica, conta a história de duas mulheres, Xandra e Gabriela, que começam um relacionamento amoroso às escondidas em um município rural no interior de Goiás.

¹² Em sua versão lésbica, conta a história de uma *chef* confeiteira que, na despedida de solteira de sua melhor amiga, conhece uma *stripper*. As duas, então, envolvem-se uma com a outra.

¹³ Amazon Kindle é um aplicativo que pode ser utilizado em computadores, celulares, *tablets* e *e-readers*. Nele, os leitores e leitoras podem comprar e/ou pegar emprestado livros publicados na forma de *ebook* a partir da plataforma de autopublicação da Amazon.

gratuita de leitura, o Wattpad¹⁴. Em 2022, a obra foi publicada como *ebook* no Amazon Kindle, plataforma na qual é possível vender *ebooks* recebendo uma porcentagem ou emprestá-los para leitores e leitoras assinantes do programa Kindle Unlimited, que permite o empréstimo de *ebooks* ilimitados por um valor mensal fixo. Para o autor ou autora, é revertido um pagamento pela quantidade de páginas lidas.

O romance de temática lésbica que escrevi, intitulado *Loba Alfa*, parte da premissa de uma história de metamorfas e metamorfos lobos – inspirada no conhecido personagem fantástico “lobisomem” – e seu enredo está ambientado em uma sociedade arcaica e misógina na qual emerge uma alcateia só de lobas fêmeas (chamada Loba Alfa), que resgata e abriga metamorfas em situação de violência. A história aborda a relação romântica entre Daniela, a líder de Loba Alfa, e Joana, uma metamorfa recém-resgatada de sua alcateia de origem.

No mesmo ano, publiquei mais dois *ebooks* de temática lésbica: *Angelical*, um conto sobre duas mulheres sobrenaturais (uma sendo um anjo e outra um demônio), e *O mal não tem flores*, um romance de época com uma vampira lésbica cujo título faz uma provocação ao *Flores do Mal*, de Baudelaire. Já no início de 2023, publiquei o romance *Uma lésbica no Oriente Médio*. É importante destacar, no entanto, que essas obras de temática lésbica dão um retorno financeiro menor em relação às histórias sobre casais gays, razão pela qual eu continuo a publicar textos sobre a homossexualidade masculina.

Quando se usa o mecanismo de busca dessas duas plataformas – Amazon Kindle e Wattpad –, é possível verificar a discrepância entre os textos publicados de temática lésbica e os de temática gay. Por exemplo, ao buscar a palavra-chave “lésbica” no Wattpad, chega-se a 20.838¹⁵ resultados, porém a palavra-chave “gay” leva a 100.001 resultados – quase cinco vezes mais. No aplicativo Amazon Kindle, a

¹⁴ Trata-se de uma plataforma que pode ser acessada através de seu site ou aplicativo para celulares e tablets. Em sua página inicial, após o slogan “Olá, somos o Wattpad. A plataforma de histórias mais amada do mundo”, o site informa que conecta 90 milhões de usuárias e usuários que leem e/ou escrevem e que integram uma “comunidade global” – a plataforma está disponível em 28 línguas distintas.

¹⁵ Os dados das buscas pelas palavras-chave “gay” e “lésbica” foram feitos em 14 de novembro de 2022. O número pode aumentar ou diminuir na medida em que os autores e autoras retiram ou inserem histórias em seus perfis.

busca por *ebooks* lésbicos leva a 3.836 resultados enquanto a busca por histórias gays leva a mais de 10.000¹⁶.

Não se pode decretar com certeza a razão pela qual a literatura gay é mais recorrente que a lésbica. A repercussão de meus próprios livros implica uma maior aceitabilidade dos livros de temática gay, o que pode implicar que a razão pela qual autores e autoras optam por abordar a homossexualidade masculina e não a feminina pode ser mercadológica, porém ainda fica o questionamento: por que o público consome mais obras literárias gays do que lésbicas?

Posso, apenas, esboçar respostas possíveis a esse respeito. Pelas interações que leitores e leitoras realizam comigo nas plataformas de leitura e nos meus perfis de redes sociais, noto que minhas obras gays são acompanhadas por mulheres e por homens gays. No entanto, no que diz respeito aos meus livros lésbicos, quase não há interação por parte de leitores homens e, mesmo entre as mulheres, há uma diminuição. Algumas das leitoras de meus romances gays já afirmaram, em comentários em minhas redes sociais, que não gostam de literatura lésbica.

Majoritariamente, as leitoras que me acompanham são mulheres. Na realidade, há no Brasil uma discrepância entre mulheres e homens no que diz respeito à leitura. O Instituto Pró-Livro, que realiza pesquisas acerca do perfil dos leitores e leitoras brasileiros, estima que, em 2019, o público leitor de livros de literatura era composto por 56% de leitoras e 44% de leitores. Por que será que muitas mulheres têm mais facilidade de se identificar com a literatura gay do que com a lésbica?

A resposta a essa pergunta pode estar ligada a várias discussões e análises sobre a nossa sociedade, desde a misoginia, que instiga o ódio pelas mulheres, nossos corpos e nossas vivências, até o fato de que somos instigadas a amar e admirar os homens e não umas às outras – assim, seria mais fácil se apaixonar por um personagem literário masculino. Outra análise possível é que, dado que muitos dos livros de romance adulto têm conteúdo sexual, uma descrição sem a presença masculina evocaria uma incompletude relacionada à noção instituída de que, para haver sexo, precisa haver um pênis.

Apesar dessa disparidade, chamo atenção para a expressividade da literatura de temática lésbica em ambas plataformas. A amplitude do material demonstra a

¹⁶ Os dados das buscas pelas palavras-chave “gay” e “lésbica” foram feitos em 14 de novembro de 2022. Os números sofrem alterações à medida que novas obras são publicadas. Ressalto que, a partir de 10.000 resultados, a plataforma não informa o número exato, expressando apenas “10.000+”.

existência de um campo que foi explorado e investigado nesta pesquisa. Diferente da literatura impressa, da qual se pode dizer que os livros sobre personagens lésbicas são um tanto restritos, sobretudo se considerarmos obras nacionais, nas plataformas virtuais, há uma circulação significativa de histórias que trazem discursos acerca das vivências lésbicas. Nesse sentido, o estudo desse tipo de literatura me pareceu potente para pensar os discursos sobre o amor lésbico que estão sendo reverberados.

Meu problema de pesquisa foi pensado nesse sentido. Em sua construção, valime dos estudos compartilhados no grupo de pesquisa no qual me inseri quando de meu ingresso no curso de Doutorado em Educação, na Universidade Federal de Pelotas: o POC's – Políticas dos Corpos, Cotidianos e Currículos, organizado pelo Prof. Dr. Marcio Caetano, que foi também o orientador desta tese.

Esta pesquisa se constituiu, também, a partir do diálogo com perspectivas teóricas e discussões que acessei e em que me aprofundei nos últimos anos, sobretudo no que concerne às teorizações pós-estruturalistas, principalmente, a partir de Judith Butler e Michel Foucault. Nesse sentido, minha investigação propôs colocar em suspenso verdades tidas como inquestionáveis e qualquer ideia de natureza (humana) que anteceda as marcas de significação produzidas por mecanismos de poder que funcionam nos discursos.

Assim, a fim de pensar as posições de sujeito e suas vivências como constituídos socialmente, historicamente e discursivamente nas relações de poder, defini o seguinte problema de pesquisa: *que modos de vivenciar o amor lésbico vêm sendo produzidos nos discursos da literatura virtual?*.

Para buscar respostas possíveis a esse problema, constituí o objetivo geral de pesquisa como sendo:

- *Problematizar* os discursos da literatura virtual, na medida em que são produtivos de modos de vivenciar o amor lésbico, aqui entendido como sinônimo de amor entre mulheres.

E os objetivos específicos como:

- *Refletir* acerca das pedagogias da literatura virtual a partir de textos literários lésbicos das plataformas Wattpad e Amazon Kindle.
- *Investigar* possíveis recorrências e dispersões que os discursos sobre o amor entre mulheres na literatura virtual apresentam (ou não) em relação à matriz heterossexual.

- *Compreender* as possibilidades do funcionamento de práticas de liberdade engendradas pelo amor lésbico nos discursos veiculados pela literatura virtual.

Ao demarcar esses objetivos de pesquisa, explicito que meu olhar se voltou para os discursos que constituíram os textos literários estudados, de forma que não foi meu objetivo entender como se deu a produção ou a leitura desses materiais a partir do diálogo com as autoras ou leitoras dos livros. Isso não significa, no entanto, que as experiências de leitura e de escrita não apareçam nos textos literários, visto que todo livro está permeado pela subjetivação da pessoa que o escreveu e toda leitura, atravessada pela subjetivação do sujeito leitor.

Situo a pesquisa em um conjunto de investigações que já vêm sendo produzidas acerca das temáticas lésbicas na literatura e em um referencial teórico aliado às perspectivas pós-estruturalistas e feministas, dialogando com os Estudos de Gênero, sexualidade, lesbianidade e também com as discussões feitas pelo feminismo lésbico¹⁷. Parti de uma compreensão da palavra “lésbica” enquanto posição de sujeito que, ao mesmo tempo em que tem potencial subversivo, também não está fora dos mecanismos de poder heteronormativos.

Assim, ao estudar uma literatura que trata das vivências do amor lésbico, investiguei as tecnologias de poder em funcionamento, que fabricam formas de amor entre mulheres. Ao trazer a categoria “amor lésbico”, propus pensá-lo enquanto possibilidade particular de exercício afetivo protagonizado pelas e entre mulheres; desejei refletir acerca dos discursos acerca do amor lésbico e como esse amor pode estar relacionado a práticas éticas.

Portanto, não se está tomando a literatura lésbica como uma espécie de libertação frente a um poder repressivo sobre a sexualidade que estabelece a heterossexualidade enquanto única vivência válida e normal nem, tampouco, como fonte de verdades inquestionáveis acerca do amor lésbico. Essa posição teórica está atrelada à discussão que Foucault (2017a)¹⁸ faz em *A História da Sexualidade, volume 1*. O autor problematiza a sexualidade, tratando dos discursos sobre a repressão do

¹⁷ Vertente do feminismo que questiona a naturalização da heterossexualidade, defendendo a lesbianidade enquanto possibilidade para as mulheres.

¹⁸ O primeiro volume de *A História da Sexualidade* foi publicado em 1976. Nesta tese, faço referência à tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque, publicada pela editora Paz e Terra.

sexo que teriam vigorado a partir da Modernidade. Essa hipótese repressiva, a qual Foucault vai problematizar, estabelece o sexo como algo que é reprimido, colocando as formas de vivenciar a sexualidade que se afastam do casal heterossexual procriador como práticas proibidas. Na hipótese repressiva, qualquer sujeito que decidisse falar ou agir segundo essas ditas “práticas proibidas” estaria, de certa forma, longe do alcance do poder.

Foucault (2017a) coloca que não se trata de dizer que não existe nenhuma repressão sexual, mas se afasta dessa perspectiva ao apontar que a sociedade ocidental não vem, desde a Modernidade, silenciando-se sobre o sexo, recusando-se a falar de qualquer prática sexual diferente daquela estabelecida como aceitável, mas, de outra forma, vem colocando o sexo em discurso. Assim, “as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas” (FOUCAULT, 2017, p. 18).

Dessa forma, tomei a literatura não como uma ilha livre de um poder repressivo, mas enquanto constituída de discursos outros sobre a sexualidade que também se fazem circular e nos quais também se atravessam mecanismos de poder que fabricam sujeitos. Essa discussão está atrelada ao próprio entendimento de poder no pensamento de Foucault e de Butler, com os quais dialoguei fortemente em minha pesquisa.

Uma outra questão a ser abordada acerca desta tese é a sua justificativa no campo da Educação. Visto que investiguei modos de vivenciar o amor lésbico que vêm sendo produzidos nos discursos da literatura virtual, compreendo esses textos literários enquanto pedagogias culturais, na medida em que “ensinam” modos de ser, viver e se comportar.

Ao tratar das Pedagogias Culturais, Andrade (2016) aponta que o conceito foi bastante utilizado nas teorias críticas, de referencial marxista, de forma que os artefatos culturais seriam analisados em seu caráter ideológico. Aqui, dada minha já demarcada aproximação com um referencial pós-estrutural, proponho-me a pensar “o quanto os artefatos da cultura são pedagógicos ao nos ensinarem modos de ser a partir da regulação de nossas condutas” (ANDRADE, 2016, p. 31).

Assim, a tese visou contribuir para o campo da Educação, para os Estudos de Gênero e Sexualidade – e, de maneira mais específica, para os estudos acerca das

experiências lésbicas –, além de contribuir para pensar a potência que tem a internet em suas possibilidades de construção e veiculação de artefatos culturais, como é o caso da literatura.

O texto da tese está dividido em cinco capítulos, eles próprios separados em subcapítulos conforme considerei necessário para a melhor organização textual. No primeiro capítulo, trarei uma discussão sobre a literatura lésbica, relacionando trabalhos acadêmicos que vêm sendo publicados sobre o tema e dialogando com algumas obras literárias estudadas nesses mesmos trabalhos.

Em seguida, no segundo capítulo, eu me aprofundarei na discussão teórica de alguns conceitos centrais para a pesquisa, como amor, gênero e experiências lésbicas, bem como seus desdobramentos. O terceiro capítulo será destinado a tratar do meu entendimento filosófico de “literatura virtual” e de como os textos literários funcionam como pedagogias culturais.

O quarto capítulo delineará os procedimentos metodológicos, abarcando o processo de escolha dos textos literários a partir dos mecanismos das duas plataformas estudadas, além de explicitar o referencial metodológico a partir do qual orientei a análise desses materiais. O quinto capítulo tratará das formas de amor lésbico presentes nos discursos da literatura virtual, pensando acerca de suas pedagogias.

1. “Não vai lá, meu filho, não vai não, aquela é a casa das sapatão”

Não vai lá, meu filho, não vai não / aquela é a casa das sapatão. / Lá mora duas desviadas / do caminho da salvação. / Não vai lá, meu filho, não vai não / aquela é a casa das sapatão. / Onde já se viu família sem homem? / Deus criou Eva e Adão. / Não vai lá, meu filho, não vai não / aquela é a casa das sapatão. / Um antro de promiscuidade, / úteros secos, sem função. / Não vai lá, meu filho, não vai não / aquela é a casa das sapatão. / Coisa triste mulher sem macho / não tem nenhuma satisfação. (Cadernos de Poesia)

Escrevi essa poesia em 2017, quando a casa que minha esposa havia comprado terminou de ser construída e nós nos mudamos. A casa – onde vivemos ainda hoje – está situada em um condomínio residencial, formado por alamedas com imóveis geminados. Dividindo muros e paredes com nossos vizinhos e vizinhas, começamos a nos dar conta da presença de alguns olhares enviesados e houve até mesmo um vizinho que questionou se éramos irmãs que moravam juntas.

No início, quando eu e minha esposa passávamos pela alameda, eu tinha a impressão de que algumas mães e pais olhavam para nós e, em seguida, para seus filhos e filhas, como se quisessem proteger as crianças de nossa presença, encarada, talvez, como nefasta. Com o tempo, tornamo-nos algo comum, parte da paisagem ordinária do condomínio. Porém escolhi esse texto para introduzir este capítulo porque, nele, tratarei de textos literários lésbicos e de alguns trabalhos acadêmicos que os discutem.

Durante muitos séculos, na história do Ocidente, escrever sobre o amor lésbico ou sobre experiências lésbicas causou um estranhamento semelhante ao que eu e minha esposa geramos nos demais habitantes de nosso condomínio. As lésbicas, na literatura, frequentemente assumiram o lugar da degeneração, da promiscuidade, do desvio. A literatura lésbica sofreu com tentativas de apagamento desde a queima dos poemas de Safo até a censura sofrida por Cassandra Rios na Ditadura Civil-Militar. Ainda hoje, essa literatura continua a sofrer embargos, ainda que de forma mais velada.

Os textos acadêmicos e literários que discutirei neste capítulo não corresponderam à invisibilidade das lésbicas, há muito instituída e constantemente reforçada em nossa sociedade. Não. São textos de autoras (e autores) que ousaram entrar na casa “das sapatão”.

1.1. Literatura (de temática) lésbica

A composição deste capítulo abarcou uma série de trabalhos acadêmicos que tratam da literatura lésbica – ou literatura de temática lésbica. Desde já, eu gostaria de diferenciar essas duas expressões, que não se propõem como categorias inquestionáveis ou já definidas, mas como compreensões que propus enquanto pesquisadora. Entendo que pertence à “literatura de temática lésbica” todo e qualquer texto literário que traga personagens lésbicas e/ou relacionamentos lésbicos em seu enredo.

Já a “literatura lésbica” seria menos ampla. Além da temática lésbica no enredo, essa literatura seria composta de textos cuja escrita partia de experiências lésbicas, de modo que se faz necessário que as autoras sejam mulheres. Em meus encontros e desencontros com dois artigos de Polessó, comprehendi que há proposições bastante múltiplas da noção de literatura lésbica.

Polessó (2018) fez um estudo sobre literatura partindo da perspectiva das geografias lésbicas, intencionando construir cartografias de literatura lésbica no que concerne à autoria e à representação de personagens lésbicas. Utilizando a plataforma on-line My Maps, a pesquisadora mapeou a produção literária realizada por lésbicas a nível mundial, levando em conta tanto escritoras já falecidas, quanto mulheres que ainda estão escrevendo e publicando na atualidade. No segundo artigo, publicado dois anos depois, ela explicita que seu mapeamento teria tendido para escritoras brasileiras contemporâneas.

Em sua investigação, Polessó (2020) oferece delineamentos sobre por onde comprehende “literatura lésbica”. Em uma passagem do texto, a pesquisadora afirma “pensar a literatura lésbica via uma geografia literária que propõe leituras da ocupação dos espaços por corpos interpretados como interseccionais retira a ideia homogeneizante de que há signos únicos” (POLESSO, 2020, p. 11).

Observando esses excertos, é possível perceber em Polessó uma perspectiva plural de literatura lésbica, que não busca restringir o conceito a uma ideia única de lesbianidade ou a um universal do termo “lésbica”; a pesquisadora até mesmo fala em “mulheres LGBTQIAP”. Aproximo-me da autora de forma a não excluir outras mulheres não heterossexuais/cisgênero da noção de literatura lésbica.

Inicialmente, quando estava ensaiando a proposta de pesquisa que culminou nesta tese, eu cogitei não poder utilizar a expressão “literatura lésbica” em meu

trabalho, dado o anonimato permitido pelo ciberespaço na publicação de livros online. Sendo incômodo e equivocado, ao meu ver, considerar parte de uma “literatura lésbica” textos literários escritos por homens (sejam eles cis/hetero ou não), eu tinha feito a opção de falar apenas em “literatura de temática lésbica”.

No entanto, na medida em que a pesquisa foi se delineando, fui percebendo que os romances lésbicos publicados no Amazon Kindle e no Wattpad vinham quase sempre a partir de codinomes femininos. Ao entrar nos perfis dessas autoras, foi possível ver manifestações delas quanto a suas posições como lésbicas (ou não-heterossexuais), que parecem corroborar com a ideia de uma escrita que vincula-se, de algum modo, a posição de sujeito dessas escritoras. Com isso, não quero dizer que a literatura seria uma representação de experiências que são anteriores, mas que a subjetividade das autoras, enquanto mulheres não heterossexuais, podem estar implicadas em sua escrita.

Assim, ao me referir aos textos literários investigados nesta tese, penso que fazem parte, sim, de uma literatura lésbica. No entanto, para o presente capítulo, no qual parte dos livros citados foram sabidamente escritos por homens, preferi usar a expressão mais ampla “literatura de temática lésbica”.

Antes de trazer as discussões pertinentes ao capítulo, cabe ressaltar, ainda, que, quando falo de “literatura lésbica” ou mesmo de “literatura de temática lésbica”, estou interessada nos discursos que constituem os textos literários. Discursos esses que não são compreendidos como criação individual de determinadas escritoras ou como representações de uma realidade lésbica pré-discursiva, mas como discursos que são reverberados na literatura e, também, em outros espaços, circulando em nossa sociedade, subjetivando e produzindo modos de ser, viver e amar.

Dito isso, parto para a abordagem de um conjunto de trabalhos acadêmicos que discutem textos literários que integram a literatura lésbica e/ou o que entendo por literatura de temática lésbica. Nesses trabalhos, a escrita acadêmica está em constante encontro com os textos literários, de forma que eu não poderia deixar de lado minhas próprias reflexões sobre vários dos livros citados e estudados nos artigos, teses e dissertações.

Eu gostaria de começar tratando de duas produções acadêmicas – as dissertações de Claudiana Gois dos Santos (2018) e de Mariana Souza Paim (2014) –, que fazem uma retomada histórica acerca das temáticas lésbicas na literatura. Fora

do contexto nacional, Santos (2018) chama atenção para algumas obras de maior repercussão – para além dos poemas de Safo de Lesbos, produzidos na Antiguidade Clássica, a pesquisadora também faz referência a livros publicados na França moderna, como *As Flores do Mal*¹⁹, de Charles Baudelaire, publicado em 1857; *Idílio Sáfico*²⁰, de Liane de Pougy, publicado em 1899, e a série de livros de Gabrielle Colette, que conta a história da personagem Claudine, sendo o primeiro volume publicado em 1900.

Nos textos literários europeus, sobretudo os franceses, Santos (2018) argumenta que as relações lésbicas eram tratadas a partir de uma ótica fetichizada, que muitos escritores eram homens e apresentavam cenas lésbicas como *voyeurs*. Além do *voyeurismo*, o *ménage à trois* no qual a participação do homem na relação entre duas mulheres torna-se ativa (e não apenas de observador) também aparece nas construções literárias. A relação sexual entre as mulheres seria frequentemente apresentada como um “imperativo irrefreável e irracional, que nem sempre as conforta ou felicita, servindo muitas vezes apenas ao deleite do espectador” (SANTOS, 2018, p. 26).

Ao ler *As Flores do Mal* – sobretudo os seis poemas que foram condenados por ultraje moral e que não estavam presentes na primeira edição de 1957, apenas nas edições posteriores –, percebi certa espetacularização da relação lésbica nos discursos dos poemas *Lesbos* e *Mulheres Condenadas – Delfina e Hipólita*. O eu-lírico, em ambos os poemas, não é a própria lésbica, mas alguém que observa os acontecimentos de fora e veicula um discurso sobre a relação lésbica como espetáculo erótico a ser assistido.

Assim, em *Lesbos*, Baudelaire (2011) escreve: “As jovens de olhos fundos, do corpo amorosas, / acariciem os frutos da nubilidade; / Lesbos, terra das noites quentes, langorosas” (BAUDELAIRE, 2011, p. 181) e, posteriormente, no mesmo poema: “Da masculina safo, o amante e o poeta! / Do que Vênus mais bela em seu morno palor” (BAUDELAIRE, 2011, p. 183). Vê-se a construção de Lesbos como um lugar no qual as mulheres entregam-se às paixões e da figura de Safo como dona de uma beleza idealizada.

¹⁹Título original: *Les Fleurs du Mal*.

²⁰Título original: *Idylle Saphique*.

Em minha leitura de *Mulheres Condenadas – Delfina e Hipólita*, percebi que o discurso acerca da relação lésbica é um discurso moralista, na medida em que apresenta Delfina como corruptora de Hipólita, que inicialmente tinha dúvidas sobre cometer o pecado do amor entre mulheres. Diante das dúvidas de Hipólita, Delfina (adjetivada como despótica) argumenta “Quem perante o amor ousa falar de inferno?” (BAUDALEIRE, 2011, p. 185). A condenação, no entanto, atinge-as quando aquele que parece ter ares demoníacos as intimida:

Descei, descei aqui, vítimas lamentáveis, / Descei pelo caminho para o inferno além! / No pego mergulhai em que réus imperdoáveis / Flagelados por ventos que do céu não vêm. / [...] A acre esterilidade desse vosso gozo / Altera vossa sede e a pele castiga, / E da concupiscência o vento furioso / Faz quebrar vossa carne qual bandeira antiga. (BAUDALEIRE, 2011, p. 186).

Fica evidente o julgamento moral que considera a vivência lésbica como imperdoável, atrelada às práticas que “do céu não vêm”, ou seja, que não são de Deus, mas de seu oposto. A condenação se dá não devido ao prazer carnal por si só, mas por um gozo categorizado como estéril, pois não está implicado em uma relação heterossexual e reprodutiva.

Em meu livro *O mal não tem flores*, faço uma crítica a esse trecho de *Flores do Mal*. No prólogo, a protagonista, Ariane – uma jovem francesa do século XIX – encontra-se com o recém-publicado livro de poesias de Baudaleire e mergulha em um profundo sentimento de autoaversão e temor à condenação divina devido aos seus desejos por outras mulheres. Aos poucos, no decorrer da obra, Ariane vai estabelecendo outras relações com ela mesma e suas emoções, aproximando-se de formas de amar não vinculadas a um sentimento de culpa.

Ainda no cenário europeu dos séculos XIX e XX, tem-se a publicação de *O poço da solidão*²¹, de Radclyffe Hall, uma escritora inglesa. Embora tenha circulado em outros países a partir de sua publicação em 1928, pôde circular na Inglaterra apenas décadas depois, devido à censura. O enredo trata de uma personagem que foi criada a partir de normas que o contexto cultural da época relacionava à criação dos homens. Ela desenvolve afeto e desejo por uma outra mulher. Santos (2018) afirma que os sentimentos de Stephen aparecem em uma perspectiva patológica e desviante.

²¹ Título original: *The well of loneliness*.

Ao analisar *O poço da solidão*, Facco (2004) argumenta que a noção de homossexualidade presente no texto é a de um sujeito invertido, que teria nascido com uma espécie de defeito. A protagonista, Stephen, desde o seu nascimento, apresenta características tidas como masculinas e, portanto, contraditórias ao seu sexo. A mulher com quem ela se relaciona, Mary, não será descrita da mesma maneira; pelo contrário, na medida em que o relacionamento entre elas se constrói dentro de uma lógica heterossexual, Mary assume o lugar de mulher, com os atributos que se costuma vincular à feminilidade.

Quando, em um gesto de autossacrifício, Stephen deixa Mary para que sua amada não seja excluída socialmente, a protagonista termina a obra clamando por aceitação. Facco (2004) explica que *O poço da solidão* é construído por discursos sobre a lesbianidade que circulavam no início do século XX. Nesse contexto histórico, a lésbica “era a dita ‘invertida’, devida e adequadamente explicada e catalogada por discursos científicos. Eram mulheres que reproduziam o modelo heteropatriarcal falocêntrico reafirmado no imaginário social durante todo o século XX” (FACCO, 2004, p.80).

No que concerne ao contexto brasileiro, tanto Santos (2018) quanto Paim (2014) tratam da temática lésbica na literatura nacional. Seu primeiro registro estaria no poema *A dama que macheava outras damas*, do escritor barroco Gregório de Matos, cujos escritos datam do século XVII. Outra obra relevante, já no século XIX, seria *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, que mostra uma relação sexual lésbica descrita de forma minuciosa.

Paim (2014) argumenta que, antes de *O Cortiço*, a maioria dos textos que mencionava desejos e afetos entre mulheres apresentavam relações que não se efetivaram sexualmente e que eram sempre descritas como condenáveis a partir de uma moral judaico-cristã. *O Cortiço*, apesar de descrever cenas lésbicas de cunho sexual, também parte de uma perspectiva heterossexual, na medida em que as personagens Pombinha e Leone são apresentadas a partir de um binarismo de gênero e a relação lésbica parece ser parte de uma corrupção que Leone – prostituta experiente – incute a Pombinha.

No decorrer do século XX, como aponta Paim (2014), alguns outros títulos que trazem a temática lésbica em seus enredos são publicados no Brasil. É o caso de *Luzia Homem*, de 1905, escrito por Domingo Olímpio; *Nova Sapho*, de 1921, escrito

por Visconde de Villa-Moura; *Vertigem*, de 1926, escrito por Laura Villares; *Mademoiselle Cinema*, de 1924, escrito por Benjamin Costallat; *Dona Dolorosa*, de 1934, escrito por Theo Filho; *A estrela sobe*, de 1949, escrito por Marques Rabelo; *Ciranda de Pedra*, de 1950, escrito por Lygia Fagundes Telles (também escritora de *As meninas*, de 1973) e *O Casamento*, de 1966, escrito por Nelson Rodrigues.

Para Paim (2014), esses romances trazem alguns estereótipos sobre as relações lésbicas, entre eles o entendimento do desejo lésbico como anomalia sexual; a associação desse desejo a comportamentos considerados igualmente perversos, como a prostituição e o incesto; e a visão da relação entre mulheres como sendo causada por desapontamentos advindos de relações afetivas com os homens.

Ao tratar da literatura brasileira na segunda metade do século XX, não se pode deixar de falar de Cassandra Rios, que escreveu numerosos romances com a temática lésbica. Cassandra Rios é o pseudônimo de Odete Rios, que teve sua primeira obra publicada em 1948, sob o título *A volúpia do Pecado*. Ao analisar as publicações literárias dessa escritora, Ramayana Lira (2013) explicita que tratam de temas como sexualidade e experiências românticas lésbicas.

Os livros de Cassandra Rios teriam sido classificados como romances pornográficos e julgados por muitas pessoas como subliteratura ou literatura menor. Seu público era, de certa forma, escondido, pois consumia uma literatura tida como proibida e deslegitimada. Lira (2013), no entanto, aponta para as possibilidades que essa marginalidade permite, argumentando que a dita literatura lésbica (tida como “menor”²²) pode “ocupar um espaço exíguo em relação às literaturas maiores, trazendo consigo a necessidade de amplificar o caso individual que, na verdade, traz em si o potencial coletivo” (LIRA, 2013, p. 139).

Analizando a obra *A noite tem mais luzes*, de Cassandra Rios, Paim (2014) estuda o desejo homossexual feminino a partir da protagonista do romance. Conforme aponta a pesquisadora, a obra vincula uma forma de ser lésbica categorizada pelo termo “entendida”²³, que seria uma entre outras identidades possíveis, afastando-se, por exemplo, da bissexualidade e de expressões de gênero masculinas. A

²² Cabe ressaltar que esse debate sobre a literatura lésbica como literatura menor se adensará mais à frente, a partir de discussões filosóficas acerca da literatura.

²³ Essa noção de “entendida” como se afastando das expressões de gênero masculinas, apesar de aparecer na obra de Cassandra Rios, não é um consenso. Chamo atenção para o trabalho de Andrea Lacombe (2007), que aponta para outros modos de compreender essa categoria “entendida”, a partir de comportamentos atrelados ao que é tido como “masculino”.

protagonista da obra, Pascale, atende aos padrões de feminilidade próprios de seu contexto social, além de reivindicar para si o lugar de uma “homossexual verdadeira”.

Assim, Paim (2014) percebe que as normativas da heterossexualidade são base para a construção da protagonista de *A noite tem mais luzes*, de forma que a referida identidade lésbica de Pascale cria um lugar de exclusão para outros modos de ser mulher que se relaciona com outras mulheres, deixando a bissexualidade às margens de uma dita verdade acerca da lesbianidade, que possui um juízo de valor – no romance, veem-se possibilidades morais para a lésbica enquanto a mulher bissexual não fugiria à promiscuidade.

Essa noção de “lésbica verdadeira” é parte de um discurso bastante veiculado, também, em outro livro de Cassandra Rios com o qual eu tive contato: *Eu sou uma lésbica*. Lendo esse romance, pude observar que a protagonista – Flávia – muitas vezes demarca que possui uma natureza enquanto lésbica e entende-se enquanto uma “lésbica genuína” em comparação com outras mulheres que não o seriam. A protagonista faz uma crítica contundente àquelas que se relacionam com mulheres e também com homens, seja devido a sua bissexualidade ou porque consideraram vantajoso estar em uma relação heterosexual (o que seriam situações bem distintas).

Também nega como pertencentes a tal genuinidade lésbica as mulheres cuja conduta aproxima-se de uma norma masculina. Ao descrever uma personagem chamada Bia, a protagonista de *Eu sou uma lésbica* afirma:

Como eu supusera: uma machona, como as que eu já vira na rua e que me causavam repulsa e aversão. Metida a homem, andar de fanfarrão, impostando a voz, sacudindo as pernas arreganhadas, como se tivesse um enorme saco entre elas, gesticulando, falando do seu caso como se falasse de uma mulher-objeto. As expressões, o modo de andar, tudo nela me enojou, e Núcia viu, sentiu, notou, comparou e finalmente começou a entender o que eu era e o que era aquela mulher disfarçada de homem, que, para meu espanto, atendeu a um telefonema e nos disse que o seu filho estava no aeroporto, voltando de viagem, e ela precisava ir até lá apanhá-lo. Convidou-nos para acompanhá-la e foi até o banheiro trocar de camiseta. Fiquei acompanhando com o olhar aquela deformidade que até dera a luz (RIOS, 2006, p. 67).

Ana Gabriela Pio Pereira (2013), assim como Paim, estudou a produção literária de Cassandra Rios, porém com um outro recorte: o romance *As traças*. O livro em questão trata de uma protagonista que se vê como lésbica e que questiona o que é dito a respeito dela. Para a pesquisadora, em *As traças*, é feito um movimento de problematização de um discurso científico que patologiza a homossexualidade, categorizando a lésbica enquanto anormal. Além disso, a pesquisadora faz, ainda, um

outro movimento a partir da leitura do referido romance, que é a problematização da noção de uma essência lésbica que determinaria um modo de ser e de se comportar como lésbica.

Na minha leitura de *As traças* – de modo semelhante ao que ocorre em *Eu sou uma lésbica* e *A noite tem mais luzes* –, deparei-me com esses discursos que veiculam a ideia de uma essência lésbica. Logo nos primeiros capítulos, é dito acerca da personagem Andréa: “estava acontecendo o que temera aclarar-se definitivamente em sua vida. A disposição da natureza. A noção final do que era: lésbica” (RIOS, 2005, p. 48).

Esse discurso da “essência lésbica”, no referido livro, imbrica-se ao pressuposto de que existiriam “lésbicas verdadeiras” ou um modo específico de ser lésbica que seria considerado verdadeiro, coerente com o que se veicula como sendo a essência lésbica. Ao definir uma outra personagem do romance, Rosana, a narrativa estabelece “a reputação da moça já estava feita. Os cabelos, o tipo, o olhar, as maneiras, era uma autêntica lésbica” (RIOS, 2005, p. 80); no entanto, Rios (2005) não deixa de demarcar que Rosana seria uma mulher feminina.

Em *As traças*, a narrativa adjetiva como sendo neuróticas as mulheres que “se vestiam como homens, queriam agir como homens e, por hábito, acabavam mesmo se embrutecendo, num erro de escolha do tipo para imitar” (RIOS, 2005, p. 81). Logo em seguida, na narrativa dos pensamentos da protagonista, é afirmado que a bissexualidade, bem como sadismo/masoquismo, seriam depravações – parte de um comportamento degenerado – enquanto “se sentir essencialmente, genuinamente homossexual, lésbica, era lindo, puro, normal” (RIOS, 2005, p. 82).

É preciso demarcar, no entanto, que o fato de seus livros trazerem certos discursos de essência lésbica ou “lésbica verdadeira”, não significa, necessariamente, categorizar Cassandra Rios como uma defensora desses discursos, isso porque a própria Cassandra “brincava” com esses modelos de lesbianidade, ora usando roupas ditas “masculinas”, ora não o fazendo, conforme é apontado no documentário a seu respeito, intitulado *A Safo de Perdizes*.

Além disso, levando em conta o contexto social e histórico no qual Cassandra escreve, é possível pensar que falar em uma “lésbica verdadeira” pode estar atrelado à necessidade de propor um modo de existir que consegue construir uma

performatividade desvinculada da determinação androcêntrica e/ou sexualidade falocêntrica.

Não se pode desconsiderar as tensões produzidas por Cassandra Rios aos discursos hegemônicos de sua época. Facco (2010b) argumenta que Cassandra “denunciava a vulnerabilidade do sistema que legitimava apenas as relações heterossexuais, fornecendo às mulheres, através da literatura, a informação de que existiam outras mulheres que sentiam desejos homossexuais” (FACCO, 2010b, p. 25). No documentário já citado, é abordada toda a perseguição que Cassandra Rios sofreu, desde as acusações de pornografia, os processos e as censuras, sem receber apoio nem mesmo dos movimentos sociais de esquerda. Isso denota toda a carga transgressora presente na literatura de Cassandra, que escreveu dentro do contexto das últimas décadas do século XX.

Tratando ainda do referido século, mas, também, fazendo relações com a produção literária do século XXI, Santos (2018) investiga a incidência da heteronormatividade nas representações²⁴ de afetividade lésbica a partir de um estudo comparado de três obras literárias: *O Corpo*, de Clarice Lispector; *Eu sou uma Lésbica*, de Cassandra Rios; e *Azul é a cor mais quente*, de Julie Maroh. Em sua análise, embora reconheça a presença da heteronormatividade nas relações entre lésbicas, a pesquisadora argumenta que as três obras estariam fortalecendo uma perspectiva de afeto entre mulheres enquanto algo positivo.

Para Santos (2018), cada uma das obras estudadas conta com personagens lésbicas que fogem aos modelos estereotipados anteriormente presentes na literatura, nos quais a imagem da mulher lésbica era caricaturada e seu relacionamento era inatingível. A pesquisadora argumenta que, de outro modo, faz-se necessária a construção de personagens lésbicas que possam ser parte da sociedade, vivenciar afetividades de forma não marginalizada.

Além disso, ao analisar a obra mais recente, *Azul é a cor mais quente* – que data de 2013 enquanto os outros dois livros foram publicados ainda no século XX –, Santos (2018) aponta que, diferente dos textos de Clarice Lispector e Cassandra Rios, o enredo de Julie Maroh conta com personagens não excluídas socialmente, mas, de

²⁴ Não oriento minha análise da literatura a partir de uma lógica de representação (como se o discurso representasse o real). Utilizo aqui o termo apenas para demarcar o modo como a referida autora (SANTOS, 2018) orientou sua análise.

outra forma, podendo falar publicamente e alcançar mais visibilidade. Segundo Santos (2018):

Os conflitos vivenciados pelas personagens das obras anteriores [*O Corpo e Eu sou uma lésbica*] se mostram parcialmente resolvidos no enredo de *Azul é a cor mais quente*, apesar dos traços de conservadorismo e heteronormatividade, que se mostram incrustados nas culturas ocidentais influenciando comportamentos e reverberando nos problemas enfrentados pelas personagens em sua vivência afetiva e erótica. Clementine [personagem de *Azul é a cor mais quente*] já não precisa recorrer à eliminação drástica do masculino como em *O Corpo e Eu sou uma lésbica*, além de contar com a amizade de Valentim, também homossexual, para enfrentar o hostil ambiente escolar (SANTOS, 2018, p. 154).

Uma característica comum na literatura contemporânea de temática lésbica é aquilo a que Facco (2004) se refere como “textos *lesbian pride*”, nos quais estão presentes variados modelos de lésbica, atrelados a uma imagem positiva que pode gerar identificação nas leitoras. Esses, muitas vezes, são textos mais “leves” e até divertidos, com os esperados “finais felizes” e enredos nos quais as lésbicas conquistam seu espaço na sociedade e relacionamentos amorosos de sucesso.

A produção literária mais recente engloba várias propostas distintas para tratar da temática lésbica: os romances alto-astral de tipo “*lesbian pride*”, os livros que tratam de autodescoberta lésbica na adolescência, os mundos literários fantásticos e/ou sobrenaturais com presença lésbica e, também, obras que abordam dramas vivenciados pelas lésbicas, criticando problemas sociais como a lesbofobia, o machismo e a violência contra as mulheres.

Assim, passo a tratar dessa produção literária mais recente, que engloba não só romances e poesias, mas também obras de histórias em quadrinhos, biografias e contos. Exemplo disso é Erica Patrícia Rodrigues de Sousa (2019), que analisa o livro de contos *Amora*, de Natalia Borges Poesso, já mencionado na introdução deste texto.

Os contos presentes em *Amora* abarcam temas ligados às relações amorosas e às situações costumeiramente vivenciadas pelas lésbicas, como “a descoberta de uma sexualidade lesbiana; as inconstâncias do amor; a necessidade de visibilidade; a leitura social sobre nossa orientação sexual; o casamento” (SOUSA, 2019, p. 49). A pesquisadora aborda, ainda, a polifonia presente nos contos de Poesso, de modo que seria possível notar o aparecimento de vozes distintas.

Para exemplificar essa questão, Sousa (2019) traz o conto *Deus me livre*, no qual uma linguagem de cunho religioso – atrelada à moral e às crenças do cristianismo

– é empregada na defesa de um casal de mulheres, de forma a promover um deslocamento em discursos que frequentemente funcionam de forma a rejeitar vivências homossexuais. Ressaltando outras vozes no texto, no conto *Marília acorda*, o foco seria as nuances da relação afetiva entre as protagonistas, um casal de lésbicas que construiu uma rotina baseada no companheirismo e na cumplicidade. Frente a esse afeto, o conto evidencia o olhar social desconfiado e questionador a respeito da relação amorosa lésbica em questão.

No artigo de Paim (2019) – mesma pesquisadora a cuja dissertação já fiz referência –, ocorre a análise de dois contos: *Domingas e a Cunhada*, de Cidinha da Silva, publicado em 2020 no livro *Cada tridente em seu lugar*, e *Beijo na Face*, de Conceição Evaristo, publicado em 2016 no livro *Olhos d'água*. Ambos os contos trazem a temática lésbica a partir de personagens negras.

Os amores vividos entre duas mulheres nos dois contos supracitados estariam marcados por silenciamentos que possuem potência, no sentido de que jogam “com a dinâmica do que pode ser dito ou não, dotando as personagens de uma complexa vida interior” (PAIM, 2019, p. 85). A pesquisadora ressalta, ainda, que esses silêncios sobre as relações amorosas entre as personagens também estão ligados a uma tentativa de escapar de violências.

Outro aspecto salientado por Paim (2019) é a possibilidade do amor duradouro entre mulheres, que vai aparecer nos dois contos estudados. *Beijo na Face* finaliza a narrativa deixando uma porta aberta para a continuação da relação amorosa entre as protagonistas e, em *Domingas e a Cunhada*, as duas mulheres permanecem juntas por várias décadas até o falecimento de uma delas.

Também é a respeito dos contos da escritora Conceição Evaristo que as pesquisadoras Sara Regina de Oliveira Lima, Márcia do Desterro da Conceição Silva e Andressa Kelly Lima Moura (2019) constituem seu ensaio. Nele, são discutidos três contos: *Beijo na Face*, *Lumanda* e *Lumbiá* – todos publicados no livro intitulado *Olhos d'água*.

No primeiro, a protagonista, Salinda, é casada com um homem, mas está descontente com a relação. Ela não enxerga possibilidades de colocar fim ao casamento, devido à chantagem do marido, mas, ainda assim, Salina envolve-se em uma relação lésbica. No segundo, Lumanda (protagonista) é uma mulher negra disposta a vivenciar prazeres íntimos e amores com outras mulheres. No terceiro, o

personagem principal é um menino chamado Lumbiá, que trabalha vendendo flores. Lumbiá observa mulheres que estão apaixonadas uma pela outra, mas que precisam lançar mão de artifícios para disfarçar seus sentimentos em público.

Lima, Silva e Moura (2019) ressaltam que, ao tratar da experiência de mulheres lésbicas e negras, Conceição Evaristo traz problemáticas que partem de inquietações “sobre invisibilidades que estão relacionadas ao gênero, à raça, à classe e à sexualidade no discurso literário, assim como uma tentativa de desconstrução de estereótipos perpassados através da ficção e da própria sociedade” (LIMA; SILVA; MOURA, 2019, p. 58). As personagens de Evaristo, nesse sentido, estariam socialmente marcadas pela discriminação e assimetria sociais.

Um outro livro de contos sobre o qual eu gostaria de tratar é *Julieta e Julieta*, de Fátima Mesquita, publicado em 1998. Ao analisá-lo, Facco (2004) aponta que os contos que o compõem abarcam formas distintas com que duas mulheres podem se relacionar romanticamente e/ou sexualmente. Para a pesquisadora, no decorrer dos contos, “a subjetividade lésbica vai sendo construída no nível do discurso” (FACCO, 2004, p.105).

Fátima Mesquita não parece ter o compromisso de vincular uma imagem da homossexualidade dentro das normas daquilo que é tido como moralmente correto, visto que explora, em um dos contos, uma relação entre uma mulher adulta e uma adolescente. A partir dessa lógica, Facco (2004) argumenta que a lésbica é vista como “desajustada”.

Ainda segundo a mesma pesquisadora, outra questão abordada nos textos de *Julieta e Julieta* é a figura da lésbica “caminhoneira”. No conto *Um clarão no escuro*, a masculinizada Olga apresenta a protagonista ao mundo homossexual em sua pluralidade e exerce sobre ela certa dominação. Já no conto *Marta em março*, a caminhoneira aparece como uma mulher tímida que não é a responsável pelas investidas para dar início a uma relação sexual/afetiva.

Para além dessas análises acerca da produção contística recente, falar da literatura de temática lésbica na atualidade implica considerar as produções para um público juvenil. Na última década, vem sendo prolífica a produção literária de temática lésbica cujas personagens são adolescentes ou estão no início da vida adulta.

Em minhas leituras individuais, entrei em contato, entre outras obras, com *Não conte nosso segredo*, de Julie Anne Peters (2017), e *Leah fora de sintonia*, da autora

Becky Albertalli (2018). Ambas as obras tratam de jovens meninas que se descobrem apaixonadas uma pela outra, passando por momentos de autodescoberta e de busca por aceitabilidade na família e na escola.

Duas pesquisadoras que trabalharam com obras voltadas para o público juvenil são Monique Malcher de Carvalho (2018) e Caroline Amaral (2017). Carvalho (2018) trata das performances não heteronormativas de gênero e sexualidade em *Graphic Novels*²⁵, estudando duas obras nas quais há personagens lésbicas: a própria *Azul é a cor mais quente*, analisada, também, por Santos (2018), e *Fun-Home: A Tragicomedy in Family*, de Alison Bechdel.

Tratando de *Azul é a cor mais quente*, Carvalho (2018) aponta que, na construção da narrativa, existe uma preocupação em falar dos corpos das mulheres de forma não fetichizada, pensando um modo de relação sexual lésbica que se afasta do ponto de vista do desejo do homem. Apesar disso, as protagonistas desta *Graphic Novel* ainda seriam construídas a partir de uma matriz heterossexual, de forma que, na dinâmica de sua relação, seria possível identificar que uma das personagens assume uma posição masculina enquanto a outra atende às normatividades da feminilidade.

Em *Fun-Home*, a protagonista Alison teria sua construção a partir do que a pesquisadora designa como “identidade *tomboy*”, de uma adolescente que se veste e se comporta de formas que comumente se espera de um garoto. Assim, Carvalho (2018) argumenta que as duas *Graphic Novels* apontam para a existência (e aceitabilidade) de modos de ser lésbica que podem ou não estar atreladas a características e condutas tidas como masculinas.

Também tratando da literatura juvenil, Amaral (2017) estudou livros categorizados pela pesquisadora como sendo LGBTI²⁶, refletindo acerca das identidades de gênero e sexuais. Dentre os livros analisados, três deles têm como foco a homossexualidade feminina: *Amor Entre Meninas*, de Shirley Souza, *Uma Bebida e um amor sem gelo, por favor*, de Liliane Prata, e *Diário de uma garota*

²⁵ Podendo ser traduzido como “Romance Gráfico”, *Graphic Novel* é um romance estruturado de forma semelhante a uma história em quadrinhos.

²⁶ Aqui estou fazendo referência à sigla LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais), pois foi a escolhida por Amaral (2017), autora à qual estou me referindo nesse momento do texto. Cabe problematizar que essa e outras siglas semelhantes (LGBT, LGBTT, LGBTQIA, etc.) vêm trabalhando com uma ideia de totalidade referente às populações que englobam, porém, muitas vezes, as análises se centram em parte das populações: lésbicas, gays, trans, intersexo, etc.

atrevida, de Karina Dias. Porém, investigando a literatura LGBTI, de maneira geral, a pesquisadora também estudou obras que tratam da homossexualidade masculina e da intersexualidade.

Nessas obras, Amaral (2017) observou que, na mesma direção de outros livros direcionados para o público juvenil, os livros analisados tratam da autodescoberta dos personagens, que buscam compreender a si mesmos – nesse caso, como sujeitos LGBTI. De forma específica, nas obras que tratam de personagens lésbicas, a pesquisadora aponta para a produção de uma feminilidade; por exemplo, quando o texto literário retrata o beijo de uma mulher como sendo delicado ou uma personagem argumenta como sendo vantajoso no relacionamento entre duas mulheres a possibilidade de trocar roupas e maquiagens.

Nesse contexto, é possível ver reverberados, nesses textos literários, discursos sobre a feminilidade enquanto atrelada a características e comportamentos de delicadeza, docilidade e vaidade. De forma semelhante à minha proposta de pesquisa, Amaral (2017) parte do conceito de pedagogias culturais, entendendo que, “ao falar sobre a homossexualidade feminina, os livros produzem pedagogias sobre o ser lésbica configurando-se como artefatos que auxiliam na compreensão de si mesma e de como a sociedade enxerga a homossexualidade feminina” (AMARAL, 2017, p. 125).

Acredito ser relevante demarcar que, de todos os trabalhos analisados nesse capítulo, a dissertação de Amaral (2017) é a única situada no campo da Educação e faz uma investigação da literatura enquanto pedagogia cultural – movimento que também proponho nesta pesquisa. Tomo a literatura enquanto artefato pedagógico, que faz circular discursos nos quais funcionam mecanismos de poder que fazem parte dos modos de subjetivação a partir dos quais somos constituídos e nos constituímos enquanto sujeitos.

Nesse sentido, no cenário atual – de avanço tecnológico, de “cibercultura”, de “Era Digital”, entre outros conceitos que vêm sendo usados para caracterizar o século XXI –, a internet aparece enquanto meio privilegiado de difusão da literatura e, consequentemente, potencializa a forma como determinados discursos são reverberados. Assim, optei por tratar de uma literatura virtual, discussão que já vem sendo feita por algumas pesquisadoras, como é o caso de Ismênia de Oliveira Holanda (2015) e Maria do Socorro da Silva Medeiros (2017).

Holanda (2015) trata da trajetória de uma escritora – Karina Dias – que começou a publicação de seus textos em sites da internet e, depois, passou a publicar livros impressos. O site utilizado pela escritora era o XIB – *XanaInBox* – que era parte do *GLSPlanet*²⁷ do portal Terra. A partir de entrevistas com Karina, a pesquisadora argumenta a respeito da relevância da internet para a produção da escrita, explicitando que, se o ato de escrever de Karina Dias era solitário, quando ela começou a publicar on-line, esse ato tornou-se partilhado. Uma outra questão relevante é que, para a referida escritora, o contato com os textos literários lésbicos se deu a partir do ambiente virtual, visto que, mesmo se identificando como lésbica, antes de ler e escrever on-line, Karina costumava ler apenas romances heterossexuais.

A vivência de Karina se aproxima muito de minha vivência pessoal, visto que meu contato com a literatura de temática lésbica – e de temática gay – deu-se a partir da internet. Não apenas no que diz respeito a textos literários publicados em plataformas on-line, mas até mesmo a divulgação de livros físicos, a serem adquiridos em livrarias, dá-se de forma efetiva na internet. Existe um sem fim de *blogs* e perfis literários nas redes sociais que recomendam e indicam tanto livros virtuais quanto impressos.

Karina Dias utilizou uma plataforma específica para divulgação de seus textos, o *GLSPlanet*, que já não existe mais. No entanto, atualmente, há outros sites especializados na publicação de literatura virtual de temática lésbica e/ou LGBTI+. É o caso do portal LETTRA: Literatura Lésbica e LGBT, investigado por Medeiros (2017) enquanto um espaço de compartilhamento de textos literários de temática lésbica. Os contatos entre as usuárias da plataforma, segundo a pesquisadora, não se restringem a ela, estendendo-se para outras redes sociais. O LETTRA é um site no qual toda usuária pode publicar seus textos, desde que eles tratem de temas ligados às lésbicas.

Para Medeiros (2017), para além do compartilhamento de textos literários, o LETTRA é um lugar de encontro que possibilita que mulheres conversem sobre suas vivências e conheçam umas às outras. Analisando comentários feitos pelas usuárias, a pesquisadora aponta que a plataforma permite que escritoras publiquem e ganhem visibilidade, além de encontrar-se com outras lésbicas (escritoras e leitoras).

²⁷ O *GLSPlanet* funcionou do ano 2000 até 2009.

A internet, nesse sentido, atuaria em uma democratização daquilo que pode ser publicado e de quem são as escritoras e os escritores que podem ter seus textos divulgados. Para as escritoras do LETTRA, a internet torna-se um meio para autoprodução, na medida em que permite a veiculação de narrativas que, na sociedade, são, de certa forma, marginais. Para Medeiros (2017), a internet é ferramenta para que as lésbicas possam “se colocar como seres reais, que existem, que desejam, desmistificando a homossexualidade feminina como uma prática” (MEDEIROS, 2017, p. 70-71).

Diferente do portal LETTRA, as plataformas que pretendo estudar – o Wattpad e o Amazon Kindle – não foram construídas a partir de uma proposta restrita de publicação de textos de temática lésbica, mas comportam histórias de diversos gêneros literários e que tratam dos mais variados temas. Se, por um lado, no Wattpad e no Amazon Kindle, as histórias que falam de amores lésbicos podem ficar invisibilizadas frente aos muito mais numerosos romances heterossexuais e gays presentes nas plataformas; por outro lado, ao se apresentarem como espaços mais plurais, muitas vezes, as leitoras (e leitores) podem começar lendo outro tipo de obra e então encontrar os textos lésbicos.

Antes de finalizar esta seção, eu gostaria, ainda, de chamar atenção para um aspecto significativo da leitura feita em sites na internet – seja no LETTRA, no Wattpad, no Amazon Kindle ou em qualquer outra plataforma –, que é a possibilidade do anonimato e quanto isso pode servir para ampliar as formas de escrita e leitura. Uma pessoa que não se sente à vontade para deixar explícita sua identidade na publicação de um texto literário ou mesmo uma pessoa que não se sente confortável em ser visto publicamente comprando ou lendo um livro de temática LGBTI+ tem a possibilidade de fazê-lo de forma anônima a partir da internet.

Cada uma das pesquisas referidas até este momento me auxiliou a ampliar possibilidades e perceber dimensões acerca da temática lésbica na literatura. Foi possível perceber os deslocamentos que o amor lésbico e as experiências lésbicas tiveram nos textos literários em diferentes momentos históricos, bem como sua ampliação e polissemia em tempos mais recentes.

Dado meu objetivo de investigar os discursos sobre o amor lésbico, cabe uma contextualização nesse sentido para estabelecer caminhos por onde posso pensar o amor. Esse é o movimento que farei a seguir.

2. “Nosso amor são os teus pés, inverno após inverno a buscar-me”

Nosso amor são os teus pés / Inverno após inverno a buscar-me. / Esses teus glaciais pés, / Frios ao ponto de arrepiai-me, / Sempre me vêm tão pálidos, / Mas logo os torno cálidos, / E quentes permanecem a tocar-me. / Nosso amor são os teus pés / Enroscando-se em mim sob o cobertor / Esses teus pequeninos pés, / Que me encontram sempre ao teu dispor, / Sou sempre sua quando os aqueço, / E tu és minha desde o começo, / Quando teus pés procuram calor (Cadernos de Poesia).

Abrindo este capítulo que propõe pensar o amor – e, mais especificamente, o amor lésbico –, trago uma poesia que, alguns anos atrás, escrevi para minha esposa, com quem já dividi sete úmidos invernos gaúchos.

O amor, nesses curtos versos, aparece em sua ampla polissemia e ambivalência. Há o amor do dia a dia, da simplicidade da construção da vida ao lado de alguém. O amor da permanência, da segurança. O amor que arrepia e esquenta, carregado de sensualidade e prazer. O amor posse, reforçado pelos pronomes “minha” e “sua”; mas também a desestabilização das normas de gênero no momento em que uma mulher diz “minha” a outra mulher, já que, socialmente, a mulher é um sujeito despossuído até de si mesma.

Como mulher e como lésbica, pude descobrir muitas das crueldades do mundo. No entanto, a literatura, a escrita e o amor me apresentaram formas menos amargas de viver, possibilidades diárias de liberdade, mesmo que estas se deem apenas até certo ponto, inseridas nos mecanismos de poder que operam em nossa sociedade. Entendo-me subjetivada enquanto mulher e enquanto lésbica pelos discursos sobre gênero, sexualidade e lesbianidade que circulam no contexto histórico e social no qual estou inserida. É a partir desse lugar (e ciente dele) que falo, que escrevo e que pesquiso.

Sendo assim, encaminho-me para as discussões a serem realizadas no capítulo, que será dividido em três subcapítulos: o primeiro trará do conceito de amor em sua potência ética; o segundo fará uma contextualização sobre o amor lésbico e de que modos ele se afasta (ou se aproxima) do amor heterossexual; e o terceiro, acerca das discussões de gênero, sexualidade e experiência lésbica nas quais encontro suporte teórico.

2.1. Sobre a potência do amor ético

Quando me vi instigada pela questão do amor, lancei meus olhos para o pensamento filosófico ocidental, procurando conhecer diferentes concepções acerca

do amor. Mergulhando em leituras, minha intenção era de estudar as pistas dos discursos sobre o amor no decorrer da história do Ocidente e alguns dos caminhos trilhados na direção dos sentidos de amor que estão presentes nas discursividades que circulam hoje em dia. Isso partindo do entendimento de que muitos modos de compreender o amor que emergiram no passado acabaram por se atualizar, se transformar, entrar em contato com novos discursos, podendo ser potentes para pensar o amor lésbico na atualidade.

Nesses muitos encontros filosóficos, deparei-me com uma série de concepções de amor, a maioria delas forjadas por autores homens. Dito isso, surgiu o questionamento: será que tais teorizações servem para que eu pense o amor lésbico nesta pesquisa?

Entendo que os discursos sobre o amor que os filósofos homens veiculam são discursos que podem ser ditos por sujeitos que ocupam a posição privilegiada do “ser homem”. No entanto, não se pode deixar de assumir que o pensamento masculino forjou os discursos hegemônicos acerca de vários assuntos (incluindo o amor) em nossa sociedade, sobretudo em períodos mais recuados nos quais a filosofia e as ciências humanas abriram pouco espaço para as pensadoras mulheres.

Além do mais, as concepções de amor que emergiram ao longo da história da filosofia não são propriedade exclusiva dos autores que as propuseram. De outro modo, são concepções que se tornaram possíveis pela episteme²⁸ da sua época, que circulavam nas discursividades de seu tempo-espacó. Sendo assim, tais discursos sobre o amor se atualizaram, se modificaram e foram proferidos em diversos âmbitos, inclusive por mulheres (e por mulheres lésbicas), com seus deslocamentos em relação à lógica masculinista ou não.

Por exemplo, conforme Nascimento (2019), Rousseau teria sido um pensador para quem o amor estaria atrelado à “liberdade do coração” de todas as pessoas. Essa escolha que é feita pelo coração não seria arbitrária, racionalizada ou orientada pelos méritos da pessoa amada. Porém, essa noção de escolha/liberdade do coração aparece, também, na defesa feita pelas lésbicas de seu amor por outras mulheres. No século XIX, ao escrever seus diários²⁹, Anne Lister – conhecida como lésbica moderna

²⁸ “Episteme”, neste texto, está no sentido utilizado por Michel Foucault (1985): como um conjunto de saberes, de discursos, de formas de pensar de um determinado contexto histórico.

²⁹ Embora tenha vivido no Reino Unido de 1791 a 1840, os diários de Anne Lister foram publicados apenas no final do século XX, em 1988, editados por Helena Whitbread.

– afirmou, em 1821: “love and only love the fairer sex and thus beloved by them in turn, my heart revolts from any love but theirs³⁰” (LISTER, 2020, p. 17).

Ao afirmar que seu coração se revolta contra outro tipo de amor que não seja o amor pelas/das mulheres, Anne Lister está, de certa forma, proferindo o discurso que também proferiu Rousseau e outros homens e mulheres desde a Modernidade até os dias de hoje: o que afirma que a pessoa que amamos é uma escolha de nosso coração e, tendo nosso coração feito tal escolha, não é possível alterá-la arbitrariamente.

Sendo assim, nesta tese, parti do pressuposto de que é possível dialogar com concepções de amor discutidas por filósofos homens, ainda que a pesquisa trate do amor lésbico. Mesmo porque dialogar com esses autores não significa estabelecer ou definir que o amor lésbico é, por exemplo, um amor rousseauiano, foucaultiano, spinozista, etc.

Uma outra postura que tomei ao ler variados textos sobre o amor foi pensar no tipo de amor que eu desejava discutir. A história da filosofia é plena de concepções do amor como amor a si mesmo, como amor a Deus ou mesmo um amor ao próximo no sentido caritativo – concepções bem demarcadas, por exemplo, nos filósofos da tradição cristã. O que me interessava, no entanto, era compreender o que as diferentes correntes filosóficas afirmavam a respeito do amor relacional, ou seja, o amor que uma pessoa tem por outra.

Dos variados estudos filosóficos sobre o amor com os quais me encontrei, alguns dialogaram de forma mais acentuada com minha investigação. São eles: os estudos que Michel Foucault faz acerca do amor nos antigos greco-romanos, nos volumes II e III de *História da Sexualidade*, e a recente tese em Filosofia publicada por Cassiana Stephan, intitulada *Amor pelo avesso*.

Ao pensar a ética grega a partir de autores dos séculos V e IV a.C., incluindo o próprio Platão, Foucault (2017b)³¹ explica que cabia ao homem grego desenvolver consigo uma relação de dominação que se estende ao domínio dos próprios prazeres. Ser temperante, ou seja, ser capaz de fazer uso dos prazeres de forma considerada adequada era um exercício ético atrelado à virtude da virilidade. O sujeito

³⁰ “Eu amo e só amo o sexo frágil e, portanto, amado por elas, meu coração se revolta contra qualquer amor que não seja o delas.” [tradução minha].

³¹ Publicação original sob o título de *Histoire de la Sexualité II: L'usage des plaisirs*, em 1984.

intemperante³², que não controla os próprios prazeres e cuja conduta denota excesso de práticas sexuais, é acusado de passividade, que, por si só, é tida pelos gregos antigos como uma característica efeminada (essa noção, segundo Foucault, é trazida por Sócrates na *Econômica* de Xenofonte).

O autor ressalta que o homem adulto, livre, viril e cidadão grego legítimo é aquele que tem ética. Portanto, cabe a ele o domínio não só sobre si, mas sobre os outros: seus filhos, seus escravizados, sua esposa. Não é às mulheres que as prescrições se destinam, pois estas não têm domínio de si mesmas, na medida em que sua conduta é tutelada por outrem. Assim, seu próprio uso dos prazeres é visto como subordinado ao do homem, determinado pelo homem.

A relação do marido com a sua esposa não implica fidelidade conjugal da parte do primeiro, muito menos o estabelecimento de uma relação recíproca. O casamento, no período mencionado anteriormente, dava-se principalmente na intenção de gerar descendência e de contribuir para o status do marido como sendo aquele dono de uma casa – pois, ao comandar a si e comandar aqueles que vivem em sua casa (esposa, filhos, escravos, etc.), um homem é tido como mais preparado para assumir cargos públicos de comando da cidade.

Os pensadores gregos do período clássico (séculos V e IV a.C.), ao refletirem e debaterem sobre o amor, fazem-no principalmente na problematização do amor pelos rapazes. Cabe ressaltar que “os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto” (FOUCAULT, 2017, p. 231). Não se trata de afirmar que o *Eros* não pudesse se dar na relação com as mulheres, mas que, ao pensar no amor pelos rapazes, fazia-se necessária a proposição de uma filosofia que não estava implicada no amor pelas mulheres. Isso porque no próprio vínculo do casamento estava implícito que o homem deveria governar sua mulher, o que estaria vinculado a uma diferença “natural” entre os sexos. No amor pelos rapazes, a diferença é apenas etária e precisa-se considerar que o jovem ficará mais velho e se tornará um homem adulto em algum momento. Nesse caso, é preciso, também, levar em conta a liberdade desse rapaz, sua ética e seu direito de recusar as investidas de um amante.

³² O termo “intemperante” é usado por Foucault (2017b). Porém, em um dos principais textos que embasam a reflexão foucaultiana sobre a ética grega clássica – que é *Ética a Nicomaco*, de Aristóteles –, a prudência não oscila entre temperança e intemperança, mas entre temperança e vício.

O rapaz deve aprender a ser temperante e a dominar a si mesmo. Assim, não é considerado adequado que ele aceite facilmente qualquer homem ou que obtenha prazer ao assumir uma posição passiva na relação sexual; o rapaz deve consentir apenas na medida em que admira e obtém favor deste homem mais velho. Quando o rapaz se torna adulto, não é bem visto que relações sexuais perdurem entre os homens; no entanto, é benéfico que entre eles se desenvolva a amizade (*philia*). Assim, “o amor pelos rapazes não pode ser moralmente honrado a não ser que ele comporte [...] os elementos que constituem os fundamentos de uma transformação desse amor num vínculo definitivo e socialmente precioso, o de *philia*” (FOUCAULT, 2017, p. 275).

Na erótica de Platão, conforme Foucault (2017b), há certo deslocamento em relação à ética dos prazeres mais comumente defendida na Grécia clássica. Em Platão, vê-se uma inquietação sobre a “natureza do amor”, interroga-se sobre o que seria o “amor verdadeiro”. Ao distinguir o amor do corpo, que se efetiva em práticas性uais, e o dito amor da alma, que é tido como verdadeiro, a *philia* passa a ser considerada necessária às relações amorosas.

Não se trata, é preciso demarcar, do estabelecimento de uma moral que quer banir e condenar o amor do corpo, mas de valorizar esse amor da alma na medida em que ele está ligado à verdade, no sentido platoniano do termo. Assim, dois amigos podem “estar ligados entre si por meio de uma relação de exata reciprocidade” (FOUCAULT, 2017, p. 294). Afastando-se de uma separação entre amante e amado, para Platão, “se *Eros* é a relação com a verdade, os dois amantes só poderiam se unir com a condição de que também o amado fosse levado pela força do mesmo *Eros*” (FOUCAULT, 2017, p. 294).

Foucault (2014a)³³ argumenta que, nos séculos I e II d.C., quando as cidades gregas já não possuíam a mesma autonomia que tiveram no período clássico e integravam o Império Romano, a ética grega passou por alguns deslocamentos e por uma ênfase no autoexame e no controle de si, a partir do desenvolvimento de uma cultura de si. Nesse contexto, o uso dos prazeres se modifica de forma muito atrelada às transformações da instituição do casamento. Se, anteriormente, o casamento era um acordo entre o marido e o pai da esposa, nesse período, o direito de escolha da mulher vai se tornando cada vez mais significativo.

³³ Publicação original sob o título de *Histoire de la Sexualité III: Le souci de soi*, em 1984.

Isso posto, a relação conjugal vai adquirindo uma característica de dois sujeitos comprometidos afetivamente e que desejam compartilhar suas vidas. Foucault (2014a) apontou para a existência de alguma reciprocidade e companheirismo entre esposa e marido, ainda que a relação continue a possuir disparidade de status entre os cônjuges: o homem, afinal, continua em posição de superioridade. As prescrições dos pensadores desse período, como é o caso dos estoicos, vão no sentido de que o homem deve se casar e, ao fazê-lo, o melhor é restringir as práticas sexuais ao leito conjugal. Embora a fidelidade sexual por parte do marido não seja uma obrigação – como é no caso da esposa –, cada vez mais se difunde a ideia de que o homem fiel prova sua capacidade de se dominar e de dar valor à sua esposa. Se, mais adiante, na pastoral cristã³⁴, a fidelidade será um requisito para a salvação, na ética grega (sobretudo a partir do estoicismo), ela está atrelada ao cuidado e à preocupação que o homem tem consigo.

Emerge, portanto, um discurso de que o homem teria sido naturalmente feito para casar-se, ou seja, compartilhar sua vida com uma mulher com a qual poderia ter filhos. Para o autor, o estilo de existência que se desenvolve passa por uma arte de viver a dois, por uma existência comum. Assim, “a presença do outro, face a face, a vida lado a lado não são apresentadas como simplesmente deveres, mas como uma aspiração característica que deve reunir os esposos” (FOUCAULT, 2014a, p. 201). Esse vínculo é mais profundo na medida em que existe amor entre o casal.

Enquanto, na Grécia clássica, muito se falou de *Eros* na relação com os rapazes, aqui, *Eros* tem seu lugar privilegiado no casamento, na relação com a esposa. Muitos dos pensadores dos séculos I e II d.C., como é o caso de Plutarco, consideram que “o amor pelas mulheres e singularmente o casamento fazem, de pleno direito, parte do campo do *Eros* e de sua problematização” (FOUCAULT, 2014a, p. 240). Nesse sentido, embora continue sendo aceito, o amor pelos rapazes passa por uma desvalorização; Plutarco defenderá uma Erótica unitária ao pautar que o amor é o mesmo, seja ele por uma mulher ou por um rapaz, mas argumenta no sentido de privilegiar o casamento como “realização perfeita” do amor.

³⁴ O conceito de “pastoral cristã” é esmiuçado – entre outros escritos foucaultianos – no curso *Segurança, Território e População*. Para Foucault (2008), trata-se do funcionamento de um poder pastoral que instiga a confissão, o exame de consciência, a obediência ao pastor (que no caso é Deus e, também, os representantes da Igreja).

A partir dessa lógica, argumenta Foucault (2014a), não se intenciona mais diferenciar um amor físico de um “amor da alma”, que seria mais verdadeiro. No casamento, o prazer sexual funcionaria como parte da relação amorosa. Plutarco argumenta que, devido à “reciprocidade no ato de amar, as relações sexuais podem ter lugar na forma de afeição e do consentimento mútuos” (FOUCAULT, 2014a, p. 261).

Essa noção greco-romana do casamento, que aparecerá de certa forma nos estoicos e nos epicuristas, tão ligada ao vínculo afetivo entre o casal, passa por inúmeros deslocamentos nos séculos seguintes, a partir da pastoral cristã. No entanto, chamo atenção para a possibilidade de trazer algumas dessas reflexões para pensar os discursos sobre o amor que circulam na atualidade. Dado que muitos romances literários publicados têm em seu enredo o casal apaixonado e a concretização desse amor no matrimônio, acredito que, mesmo que de modos distintos dos gregos antigos, os discursos sobre o casamento aparecem muito vinculados àqueles sobre o amor.

Na Grécia Antiga – seja no período clássico ou no período sob domínio romano –, as relações entre mulheres não possuíam a mesma legitimidade social que uma relação entre homem e mulher ou entre homem e rapaz (ou seja, um indivíduo do sexo masculino que ainda não é adulto e, por isso, não é socialmente considerado um homem completo). Isso, pois, dado que a ética grega era fundamentalmente masculina e as relações sexuais perpassavam por uma lógica do domínio, o amor entre mulheres era tido como antinatural e impunha uma ameaça ao peso do homem na condução do *Eros* feminino. Nesse sentido, Foucault (2014) traz Artemidoro e sua argumentação a esse respeito:

[...] por meio de um artifício qualquer, uma mulher usurpa o papel do homem, toma abusivamente sua posição e possui outra mulher. Entre dois homens, o ato viril por excelência, a penetração, não é em si mesmo uma transgressão da natureza (mesmo se ele pode ser considerado vergonhoso, inconveniente, para um dos dois se submeter a ele). Em troca, entre duas mulheres um tal ato que se efetiva a despeito daquilo que elas são, e com recurso a subterfúgios, é tão fora da natureza como a relação entre um humano com um deus ou com um animal (FOUCAULT, 2014a, p. 32).

Vê-se que essa concepção, embora não se possa dizer que é a mesma de hoje e que se trata de uma continuidade discursiva, imbrica-se em discursos atuais acerca da lesbianidade na medida em que se questiona a possibilidade de prática sexual sem o falo e argumenta-se que entre duas mulheres há sempre a necessidade de artifícios (prótese, dílido, vibrador, consolo, etc.).

Apesar desse desprezo que a moral greco-romana tinha pelo amor entre mulheres – que perdura, com seus deslocamentos, na pastoral cristã e, em seguida, na Modernidade –, é possível refletirmos e questionarmos se o estabelecimento de uma erótica pelos gregos dos séculos I e II d.C. e seus desdobramentos históricos subsequentes pode ter sido um discurso proferido pelas próprias mulheres quando amaram umas às outras no curso da história. Afinal, se essa Erótica diz que o amor é um só, se tal discurso defende que há uma natureza do amor que não se modifica independentemente de quem se ame (noção que, a meu ver, se faz muito presente na atualidade), então essa mesma Erótica, que emerge em uma ética de homens, pode funcionar nas falas de mulheres que amam outras mulheres.

Assim, proponho pensar nesse amor ético, que, a partir dos estoicos antigos, o pensamento foucaultiano traz para o presente e permite problematizações contemporâneas. Esse entendimento de amor que, na filosofia grega, parte de um deslocamento entre o período clássico e o helenístico não fará mais a distinção platoniana entre um amor que seria verdadeiro (da alma) e um outro secundário, um amor do corpo.

A interpretação foucaultiana dos estoicos leva a pensar no amor enquanto essa já mencionada “arte de viver”, ou seja, enquanto ética – na medida em que não é apenas um amor em relação ao outro, mas também um amor que se constitui na relação do sujeito consigo. A discussão que Foucault faz no segundo e terceiro volume de *História da Sexualidade* não é uma repetição do pensamento filosófico grego, mas uma problematização que nos permite tensionar a ética no tempo presente, vinculando-a à política, “já que o poder sobre o tempo presente está no modo pelo qual nos articulamos a nós mesmos e aos outros, está no estilo que damos à nossa existência” (STEPHAN, 2022, p. 22).

Antes de introduzir a discussão de Stephan (2022) e traçar as relações pertinentes entre sua tese e as teorizações foucaultianas acerca da ética, eu gostaria de fazer uma breve consideração sobre a importância do trabalho dessa filósofa em minha pesquisa. Meu encontro com Cassiana Stephan se deu em um momento em que meu trabalho já estava em estágio avançado, embora permanecesse com uma incômoda secundarização do entendimento ético do amor.

A princípio, a compra do livro *Amor pelo avesso: de Afrodite a Medusa* se deu pela repercussão quanto à qualidade desta tese de Doutorado, que venceu o Prêmio

Filósofas 2020, realizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. A existência de um trabalho filosófico tão recente escrito por uma mulher e que discutia o tema do amor – tão caro à minha própria pesquisa – tornou irresistível, para mim, conhecê-lo.

Eu não esperava, no entanto, que a leitura desse livro modificasse e qualificasse meu próprio olhar em relação à ética, ao amor e à filosofia foucaultiana. Desde meus primeiros encontros com Foucault, anos atrás, eu mantive uma constante dificuldade de deslocar as argumentações que o filósofo faz dos gregos antigos para o contexto contemporâneo. Stephan (2022) me ajudou a compreender que a filosofia estoica e a interpretação foucaultiana dela têm particularidades distintas, pois a ética de Foucault estaria ligada a uma autarquia crítica que “atrela-se a criação de coexistências sociais diversas, estimuladas pela experiência de vínculos afetivos que resistem aos poderes e saberes normalizadores” (STEPHAN, 2022, p. 75).

Além disso, Stephan (2022) propõe um entendimento do amor que, embora esteja embasado na filosofia de Foucault, ultrapassa-a e acrescenta-lhe novas discussões, a partir do diálogo com outros autores e autoras. Afastando-se do entendimento platônico do amor, que persistiu na tradição filosófica, ganhando conotação cristã ao longo da história ocidental, Stephan (2022) se propõe a entender o presente sem um horizonte utópico.

Para ela, o amor vem sendo entendido a partir de um *Eros* masculino, tendo características narcísicas – ou seja, é o homem que se apaixona pelo duplo de si mesmo, em sua ânsia de imortalizar-se. A autora propõe, portanto, um amor outro, pautado em outra personagem mitológica grega: Medusa. Se Narciso é aquele que se viu hipnotizado pela beleza do próprio reflexo, Medusa é o monstro cuja visão nos petrifica.

Stephan (2022) argumenta que não existe utopia no rosto de Medusa. Ao nos petrificar, Medusa “arranca-nos de nossa condição atual incessantemente coagulada na brancura de um amor demasiado humano, demasiado normativo, demasiado puro” (STEPHAN, 2022, p. 160). Medusa “expõe-nos ao movimento à medida que interroga nossos afetos, ou ainda, à medida em que coloca em questão a maneira e as razões pelas quais nos aproximamos e nos afastamos dos outros” (STEPHAN, 2022, p. 160).

Nesse sentido, para a filósofa, o amor medúsico é criativo, é caótico, é transgressivo, é imanente. É um amor que amedronta aqueles que estão presos a

uma série de regras morais e (hetero)normalizadoras. Isso, pois, a normatividade, embora nos pareça definitiva, é necessariamente uma utopia; e o exercício ético do amor medúsico é transformador – sua monstruosidade cria novas formas de viver.

Assim, em seu entendimento ético, Stephan (2022) argumenta que esse amor do qual ela fala não é um amor que possui o outro; o sujeito medúsico não se apropria dos outros sujeitos, mas do próprio sentimento de amar. Trata-se de amar o outro em sua diferença, querer a diferença que o outro traz, buscar não se estagnar.

Para a autora, a ética amorosa do estoicismo deve ser contextualizada nos dias atuais, a partir de uma transgressão dos poderes que constituem os modos de ser. Pensar o “cuidado de si” dos gregos na contemporaneidade parte de um exercício de resistência e recoloca “a questão do amor e da responsabilidade sobre os ombros dos sujeitos modernos” (STEPHAN, 2022, p. 218).

Como falo aqui de uma filosofia de mulheres, constituída, também, no encontro entre Stephan e Marguerite Duras³⁵, trata-se de pensar o amor em uma lógica que se distancia da falocrática. Isso, pois, historicamente, o amor tem sido visto a partir de uma lógica salvacionista masculina, na qual o homem seria aquele cujo amor garante reconhecimento e qualidade de vida para a mulher.

Na base disso, estão os discursos platônicos do período clássico e seus deslocamentos cristãos, que continuam a persistir em um privilégio do homem em suas características viris. O amor heterossexual de um homem por uma mulher, na visão de Stephan (2022), seria narcísico, pois o que ele ama não é a mulher, e sim a confirmação que essa mulher lhe dá de sua própria virilidade.

Em nome de outra forma de amor, Stephan (2022) argumenta em prol do amor “como um ato que se atrela à potencialidade ético-política da existência, cuja estetização se cumpre pelo abandono em relação àquilo que insiste em permanecer o mesmo” (STEPHAN, 2022, p. 307). A filósofa defende não um amor em que um (a mulher) vive em função do outro (o homem), mas um amor entre sujeitos que mantêm relações éticas consigo, governando a si mesmos, mantendo suas diferenças singulares. Amar não seria, portanto, subordinar, mas agir de forma conjunta.

Isso não significa, porém, construir uma dicotomia entre amor narcísico e amor medúsico a ponto de classificar determinada relação amorosa dentro de um desses conceitos. A autora chama atenção para a ambivalência das formas de amar, de modo

³⁵ Escritora, dramaturga e cineasta francesa do século XX.

que “algumas vezes, Narciso sacrifica Medusa, algumas vezes, Medusa sacrifica Narciso, algumas vezes, eles ocupam o mesmo espaço, mas, seja como for, um não vive sem o outro, um não resiste sem o outro” (STEPHAN, 2022, p. 378). O amor pensado pela filósofa, em sua potência ética, não é um amor revolucionário que pressupõe libertação total ou se coloca como única saída frente às normatividades instituídas. É, de outro modo, um amor resistente, uma relação ética que o sujeito constitui dentro de seu contexto social, em constante tensionamento com mecanismos de poder dos quais não se pode libertar por completo.

2.2. A problematização feminista sobre o amor e a potência do amor lésbico

No subcapítulo anterior, é perceptível a existência de uma assimetria nos entendimentos hegemônicos de amor no que concerne à posição ocupada pelo homem e à ocupada pela mulher. Nesse sentido, cabe fazer uma problematização feminista acerca do amor, para que possamos pensar o amor lésbico em sua potência (ou não) na desestabilização de princípios do amor heterossexual.

Uma análise interessante sobre o amor heterossexual – mais especificamente, o amor das mulheres pelos homens – é feita por Dee Graham, Edna Rawlings e Roberta Rigsby (2021)³⁶ em sua pesquisa no campo da psicologia. A partir de dados provenientes de indivíduos em situações de violência/ameaça de violência constante e que desenvolveram a chamada Síndrome de Estocolmo³⁷, as autoras identificam uma série de fatores geradores da síndrome e que estão presentes nas mulheres enquanto grupo social. Tais fatores seriam:

[...] 1. Percepção de ameaça à sobrevivência e crença de que o captor está disposto a levar a cabo essa ameaça; 2. Percepção de alguma pequena gentileza da parte do captor, num contexto de terror; 3. Isolamento de perspectivas diferentes das do captor; 4. Percepção de impossibilidade de fuga. (GRAHAM; RAWLINGS; RIGSBY, 2021, p. 52).

³⁶ Originalmente publicada em 1994, sob o título *Loving to survive: sexual terror, men's violence, and women's lives*. Nota-se uma suavização do título em sua tradução para o português, à medida que elimina os termos “terror sexual” e “violência dos homens”.

³⁷ O termo “Síndrome de Estocolmo” aparece em 1973 para analisar o comportamento de reféns de um assalto a banco, na cidade de Estocolmo. De forma geral, o fenômeno psicológico se caracteriza por um afeiçãoamento da vítima em relação ao seu captor/agressor. A síndrome é uma resposta comum em pessoas em situação de terror e violência, como pessoas sequestradas, prisioneiros de guerra, crianças e mulheres que passam por violência doméstica e/ou abuso físico/sexual/psicológico. Graham é a responsável por uma análise adicional, de que a Síndrome de Estocolmo pode se generalizar, ou seja, pessoas podem desenvolver a síndrome em relação a indivíduos que se pareçam de algum modo com o agressor.

Quando a relação de violência ocorre não entre dois indivíduos, mas entre dois grupos sociais, poderíamos falar na existência de uma Síndrome do Estocolmo Social – seria essa a desenvolvida por nós, mulheres, enquanto grupo. Isso pois os homens (também como grupo) ameaçam nossa sobrevivência ao mesmo tempo em que nos dirigem atos bondosos. Nós não podemos escapar deles e, de modo geral, vemo-nos frequentemente isoladas de pontos de vistas que não sejam os masculinos.

Isso pois, mesmo que uma mulher afirme que não se sente ameaçada pelos homens ou que ela pessoalmente nunca foi alvo de violência doméstica ou sexual, assédio ou agressões por parte nenhum homem, ainda assim, “ninguém pode negar que nós vivemos num mundo hostil que aterroriza mulheres e meninas, ameaçando nossa sobrevivência física e psicológica” (GRAHAM; RAWLINGS; RIGSBY, 2021, p. 108). Prova disso é o medo e a preocupação constante das mulheres em tentar evitar o próprio estupro, por exemplo.

Ao mesmo tempo, as autoras apontam que os homens são constantemente bondosos conosco, através do cavalheirismo, do galanteio, do amor e da proteção que eles oferecem em relação à violência de outros homens. Essa foi uma das primeiras coisas que percebi enquanto lésbica, que eu estava desprotegida da violência masculina por não ter um homem ao meu lado. Fui mais constantemente assediada por homens que outrora respeitaram não a mim, mas o namorado ou ficante que estava comigo.

Há, também, um isolamento de nós, mulheres, na medida em que somos incitadas a ver o mundo pela perspectiva do grupo agressor e a moldar-nos para fazer os homens felizes. As autoras argumentam que as mulheres são ensinadas a priorizar os homens na mesma medida em que nos afastamos uma das outras e das perspectivas feministas às quais tantas mulheres recusam.

Desse modo, as mulheres constantemente adotam um tipo de amor que é dependente e que reforça sua subordinação, ao passo que garante a dominância masculina e a violência dos homens é interpretada como parte do amor. Assim, far-se-ia um uso do amor “como ferramenta de sobrevivência”, a partir da “negação da violência masculina e da percepção exagerada da gentileza dos homens” (GRAHAM; RAWLINGS; RIGSBY, 2021, p. 163).

Para as autoras, as mulheres, enquanto grupo, entendem que, se um homem gostar de nós, existe menor possibilidade de que ele nos violentar, então nos

esforçamos para que nosso amor desperte neles sentimentos ternos. O amor pelos homens, nesse sentido, não seria parte de uma natureza biológica das mulheres, mas algo que é incitado pelas condições sociais de violência às quais nós, mulheres, estamos expostas. Não somos defensivas, femininas, submissas de forma inerente, muitas vezes, nossos comportamentos têm essas características por estarmos em uma situação de ameaça por parte dos homens. Para as autoras, o amor

[...] tem sido a resposta das mulheres à necessidade de conexão, esperamos persuadir os homens a parar de ser violentos conosco ou pelo menos nos proteger da violência de outros homens. Essa é, sem dúvida, uma das funções mais importantes do amor sob condições de terror: as pessoas amam na tentativa de sobreviver. [...] paradoxalmente, por meio do amor, oferecemos serviços (domésticos, emocionais, reprodutivos, sexuais) que os ajudam a manter essa opressão. GRAHAM; RAWLINGS; RIGSBY, 2021, p. 239).

Desestabilizar essa situação, na opinião de Graham, Rawlings e Rigsby (2021), passa pela união das mulheres, na medida em que articulamos nossos pontos de vista e rompemos com o isolamento que temos umas das outras. O cuidado e o afeto vindo de outras mulheres, para as autoras, afastaria-nos da dependência da bondade dos homens.

Outra análise pertinente sobre o amor heterossexual e que, de alguns modos, encontra a supracitada é a de Anna Jónasdóttir (2011). Estudando, sobretudo, a relação heterossexual em sociedades compreendidas como democráticas e com alta escolaridade feminina, a autora traz o conceito de “poder do amor” para tratar da temática da dominação masculina na sociedade ocidental atual – na qual há uma igualdade jurídica entre homens e mulheres, mas, nas relações, ainda funcionam formas patriarcas. Nesse contexto, as práticas amorosas seriam uma interação entre pessoas ou grupos, com aquilo que a autora designa como “capacidades sócio-sexuais” de cada sujeito.

No que concerne às relações entre homens e mulheres, Jónasdóttir (2011) argumenta que há uma possessividade masculina acerca das mulheres e de seu acesso a elas; nesse sentido, homens frequentemente se apropriam de determinadas capacidades sócio-sexuais que as mulheres, em nosso contexto social e histórico, costumam desenvolver. Tais capacidades são justamente o “poder do amor”, em seu aspecto erótico e, principalmente, no aspecto do cuidado com outrem, ou seja, nas relações entre homens e mulheres e delas com os/as demais membros da família. A mulher continuamente vem sendo aquela que se compromete com o cuidado amoroso

do homem para que ele possa vivenciar sua dita “necessidade erótica” e sua vida pública.

Apesar dessa análise ser muito relacionada à relação heterossexual, Jónasdóttir (2011) argumenta que essa apropriação que um sujeito faz das capacidades sócio-sexuais de outrem não é exclusiva dos vínculos entre homens e mulheres, sobretudo porque nossa sociedade está organizada a partir de um modelo heterossexual que também funciona nos relacionamentos afetivo-sexuais entre homens ou entre mulheres.

Outra autora a tratar da temática é Ana Sofia Antunes das Neves (2007), que aponta que aquilo que entendemos como amor é variável de acordo com o contexto histórico, de forma que se trata de um conceito plural e também de uma produção discursiva. Em nossa sociedade, costumeiramente, o amor é associado à figura da mulher, como um sentimento feminino; deste modo, no curso da História, é possível perceber que os ideais do “amor romântico” estiveram atrelados aos objetivos de vida das mulheres.

Nesses ideais – como aponta a mesma autora –, os homens aparecem como sujeitos ativos na tomada de iniciativas para começar relacionamentos amorosos enquanto as mulheres deveriam ser passivas e compreender as práticas sexuais em seu viés romântico. No entanto, depois de iniciado o relacionamento, frequentemente cabe à mulher sua manutenção, a partir da prestação de cuidados.

Neves (2007) aponta que, ainda hoje, o amor romântico está atrelado a relações de poder assimétricas e a formas de amor “genderizadas” (pautadas em um binarismo de gênero). Algumas discussões, como aquelas feitas por Monique Wittig – nas quais me aprofundarei no subcapítulo seguinte –, chegam a defender que as mulheres rejeitem por completo o amor de tipo heterosexual.

No entanto, como já apontado, o amor lésbico não está livre da heteronormatividade. É possível verificar essa questão no trabalho de Andrea Francisco Amat (2013), que propôs encontros com um grupo de mulheres para debater os discursos midiáticos sobre o amor lésbico, falando, por exemplo, sobre telenovelas e séries de televisão. Foi percebido que, majoritariamente, as personagens lésbicas na ficção audiovisual são caracterizadas de forma a serem mais palatáveis pela sociedade em geral, ou seja, tratam-se de mulheres brancas, jovens, que cumprem com o padrão de beleza ocidental e também que possuem recursos

financeiros significativos e/ou alçaram níveis mais avançados de ensino. Além disso, as próprias relações lésbicas são atreladas à monogamia e ao casamento, em consonância com a heteronormatividade.

Para Amat (2013) – e também suas colaboradoras que participaram dos encontros proporcionados por ela –, foi difícil encontrar exemplos de discursos midiáticos que tratassem de uma relação lésbica fora dos ideais do “amor romântico”. Pensando a esse respeito, comprehendo que esses discursos midiáticos são produzidos a partir dos discursos que circulam nas sociedades ocidentais e, ao mesmo tempo, produzem efeitos nelas. Assim, tais casais lésbicos com essa disparidade nos jogos de força que funcionam em seus relacionamentos não estão situados apenas na ficção, mas na vida real.

Amat (2013) aponta, inclusive, que, embora a violência esteja tradicionalmente associada aos homens, ela também está presente nas relações lésbicas, tanto em forma física quanto psicológica. A autora e suas colaboradoras refletem que os discursos sobre o amor favorecem a manutenção da violência na medida em que estão frequentemente ligados à entrega, ao sacrifício e ao perdão. Exemplificando essa questão no contexto brasileiro, Juliana Mazza Batista Costa (2013) investiga – a partir de entrevista com mulheres com relacionamentos amorosos e/ou sexuais com outras mulheres – que a violência, o abuso e a desigualdade entre sujeitos podem se dar nessas relações. Desse modo, a pesquisa da autora viria desnaturalizar a ideia de que a violência é algo inerente ao homem e que não existe na mulher.

Não se trata, no entanto, de defender aqui uma perspectiva determinista que entende que toda ou qualquer relação amorosa (lésbica ou não) está fadada a um modelo desigual pautado em uma organização patriarcal da sociedade. Em defesa de uma forma de amor pautada na reciprocidade, bell hooks³⁸ (2020) defende essa possibilidade para relacionamentos heterossexuais ou homossexuais; seriam relações amorosas nas quais cada pessoa se dedica a dar atenção à outra, ouvir a outra mesmo quando é difícil, em um aprendizado contínuo da compaixão. Diferente dos ideais do amor romântico, cujo discurso implica que as pessoas simplesmente “encontram” o amor, sem necessidade de escolha, vontade ou esforço, a autora acredita que

³⁸ Com o nome de batismo “Gloria Jean Watkins”, a autora adotou o pseudônimo “bell hooks” que é grafado (por escolha da autora) desta maneira, com letras minúsculas.

O mito do amor verdadeiro – aquela visão de contos de fadas em que duas almas se encontram, se juntam e vivem felizes depois disso – é coisa de fantasias infantis. Entretanto, muitos de nós, mulheres e homens, carregam essas fantasias para a vida adulta e são incapazes de lidar com a realidade do que significa ter uma conexão intensa, que altera a nossa vida, mas que não levará a um relacionamento duradouro ou sequer a um relacionamento. O amor verdadeiro nem sempre nos leva ao “viveram felizes para sempre” e, mesmo quando leva, sustentar o amor ainda dá trabalho. Todas as relações têm altos e baixos. Frequentemente, a fantasia romântica alimenta a crença de que dificuldades e momentos difíceis são uma indicação de falta de amor, em vez de parte do processo (HOOKS, 2020, p. 210-211). [grifo da autora]

Pensando sobre o que diz a autora, sobretudo no que diz respeito aos amores lésbicos, acredito que podem ser locais de microrresistências ao heteronormativo, práticas amorosas que, mesmo reguladas, permitem, em algum nível, formas de liberdade. Amat (2013) e as lésbicas participantes de sua pesquisa, juntas em um diálogo, pensaram que o amor lésbico poderia se dar como um compromisso em compartilhar um caminho, um esforço de continuamente conhecer e aprender uma com a outra, uma presença de confiança e de sinceridade nas falas e ações, uma relação consigo mesma pautada na autoestima e, por fim, uma busca de romper com a heteronormatividade e os papéis de gênero que ela estabelece.

Em uma direção um tanto distinta, Nadia Rosso (2011) tece uma crítica ao matrimônio e à monogamia, historicamente vinculados à coerção das mulheres a partir de discursos religiosos, jurídicos e sociais. A autora, nesse sentido, defende uma conduta lésbica “contra-amorosa”: trata-se de vivenciar formas de amor que fogem ao casamento monogâmico, no entanto não se trata, em si, de uma poligamia (visto que esta seria outra forma matrimonial) ou mesmo de poliamor (visto que este termo estaria ligado à variedade de relações amorosas e não exclui a possibilidade de existência de relações de controle). Esse contra-amor não exige a formação de um ou mais casais, trisais, etc.; o contra-amor seria a possibilidade de amar sem restrições, atendendo às distintas demandas que cada relação amorosa implica. Lésbicas contra-amorosas seriam aquelas que estão em contínua resistência a discursos de gênero, sexualidade e amor que se estabeleceram como socialmente hegemônicos.

Em sentido semelhante ao de Rosso estão as discussões propostas por Norma Mogrovejo (2020) e Rosa María Laguna (2020). Ao tratar de um encontro de mulheres lésbicas latino-americanas ocorrido na Colômbia para discutir o amor, o poliamor, as relações abertas e o contra-amor, Mogrovejo (2020) argumenta que, conforme foi debatido, enquanto o poliamor “es la posibilidad de amar a más de dos personas” (MOGROVEJO, 2020, p. 98) e a relação aberta implica na “capacidad de mantener

relaciones libres sin ningún compromiso” (MOGROVEJO, 2020, p. 99), o contra-amor emerge enquanto uma discussão política de crítica e afastamento em relação ao amor romântico e seus imperativos de controle e propriedade.

Os amores lésbicos, como desenvolve a autora, estão envolvidos, portanto, em uma não monogamia que implica a existência de limites, diálogo e cuidado mútuo. Laguna (2020) também aborda essa temática, defendendo uma forma de amor entre lésbicas que seria livre, “sin ataduras, ni cadenas de ningún tipo [...] el amor en libertad puede ir, venir, estacionarse, cambiar, regresar, perderse, esfumarse, desvanecerse” (LAGUNA, 2020, p. 12). A partir dessa perspectiva, desconstrói-se a lógica da fidelidade entre um casal como algo que faz parte do amor, já que essa seria uma construção social e uma demanda irreal, visto que seria inviável que uma pessoa tenha unicamente um amor ao longo da vida.

Pessoalmente, não sei até que ponto creio em um amor “livre”, visto que entendo toda e qualquer liberdade em sua parcialidade e mesmo formas de amar não monogâmicas podem ser normativas, o que a própria Mogrovejo (2020) assume em seu texto. No que diz respeito à literatura de temática lésbica, o que tenho visto é que essa discursividade do amor livre não é a mais recorrente, existindo uma quantidade significativa de romances lésbicos pautados na monogamia.

Em meu entendimento, a ideia de uma conduta contra-amorosa pode ser vinculada à discussão ética do amor feita no capítulo anterior, na medida em que possibilitam práticas de liberdade e resistência ao discurso hegemônico do amor romântico. Porém, principalmente tomando como materialidade os textos literários, não vejo essa ética como algo pautado necessariamente na não-monogamia.

Por exemplo, no romance de Olívia Waite (2021), *Guia de Mecânica Celeste para Damas* – que se passa no início do século XIX, embora Waite tenha escrito na atualidade –, é possível ver discursos sobre uma relação amorosa lésbica que, em alguns pontos, dispersam em relação aos discursos do amor heteronormativo. Uma das protagonistas, a viúva Catherine, ao conhecer Lucy, dá-se conta de que o amor pode existir fora dos laços matrimoniais; em uma narrativa em terceira pessoa, os pensamentos da personagem são colocados da seguinte maneira: “uma amante mulher não poderia impor qualquer autoridade sobre as finanças de Catherine, tampouco reivindicar quaisquer direitos em assuntos legais” (WAITE, 2021, p. 1174).

Quando Catherine resolve mostrar seu interesse por Lucy, é dito:

Catherine teria que fazer isso de maneira cuidadosa. Um passo de cada vez. Convidar, em vez de conquistar. Sempre deixando a Lucy a chance de recuar ou rejeitar. Doeria, mas não seria nada. Catherine prezava a liberdade de Lucy em relação a esse assunto tanto quanto prezava a sua própria. Eu quero mais; entendo se não quiser. (WAITE, 2021, p. 1180).

Na obra, seguem várias passagens desse tipo. Quando Catherine cogita a ideia de comprar vestidos novos para Lucy, pois a moça não tem muitos, logo a ideia se dissolve e Catherine pensa: “transformar uma pessoa em um projeto era uma forma terrível de galanteio” (WAITE, 2021, p. 1190). Mais tarde, quando as duas iniciam um relacionamento físico, Lucy, sendo mais experiente com práticas sexuais lésbicas, toma a iniciativa, deixando Catherine insegura; porém, logo que seu nervosismo é percebido, Lucy diz que elas devem esperar até que Catherine se sinta mais tranquila. A personagem fica estupefata com a disposição da outra em aguardar pacientemente e questiona-a a respeito disso; Lucy, embora confesse ter ideias para elas na cama, responde: “Todas essas ideias dependem de você querer que eu as faça. Ou de querer fazer coisas comigo. Por que a intenção não é que você faça ou eu faça, mas que façamos juntas” (WAITE, 2021, p. 1203).

Vê-se, portanto, veiculados em *Guia de Mecânica Celeste para Damas*, discursos nos quais o amor lésbico não está preso às obrigações do casamento – que, naquela época, restringiam consideravelmente as decisões financeiras, legais e pessoais que uma mulher poderia tomar em seu próprio nome –, sendo um amor pautado no respeito mútuo, no entendimento de cada uma das mulheres de que a outra não é uma propriedade a ser possuída ou uma incapaz a ser tutelada, mas uma pessoa a quem deve ser dada liberdade de escolha.

Mais recentemente, escrevi um poema para minha amada esposa que se aproxima dos sentidos de amor explicitados no parágrafo anterior. É com ele que gostaria de finalizar este subcapítulo:

Minha esposa, tua mulher / Inteira, sem faltar parte alguma. / Brava, nunca foge à luta. / Forte, util e também bruta. / Várias, sem se reduzir a uma. / Minha esposa, tua mulher / Dorme, come, trabalha, / Brinca, fala, lava, / Ajeita, perfura, cava, / Alucina, ri, batalha. / Minha esposa, tua mulher / Mulher minha? Contradigo. / É mulher toda tua, / Tu que me conceitua / esposa, como eu digo (Cadernos de Poesia).

O poema reforça uma atitude que tomamos desde nosso casamento, em 2018: nunca chamarmos uma à outra de “minha mulher” – ressalto que não se trata de marcar uma forma “correta” de viver o amor lésbico que nós estaríamos seguindo, mas de chamar atenção para possibilidades de experienciar o amor de forma não tão vinculada a uma relação de posse. Assim, entendemos (eu e minha esposa) que esse

sujeito mulher que nós somos pertence apenas a nós, não é posse de ninguém além de nós mesmas. De forma distinta, somos esposas uma da outra, em uma relação de parentesco, do mesmo modo que alguém é filha, mãe, prima ou tia de outra pessoa. Ainda que se possa apontar que continua presente o pronome possessivo “minha”, esse pronome aparece meramente para indicar a relação estabelecida entre os sujeitos, do mesmo modo que se diz que alguém é “minha irmã”, “minha amiga” ou “minha professora” – enquanto, na expressão “minha mulher”, o termo “mulher” não indica uma forma de relação, mas o próprio sujeito que pertenceria a outrem. O discurso que reverbera nesses versos, portanto, vai ao encontro de uma noção de amor lésbico que, até certo ponto, se afasta do modelo hegemônico.

Nesta seção, foram feitas considerações acerca do amor nas quais pensei diferentes formas com que o amor – mais especificamente o amor lésbico – entrou ou pode entrar em discurso. Foram muitos discursos que se deslocaram, metamorfosearam no curso da história e continuam a fazê-lo, nunca estáticos. Eu não poderia definir o amor lésbico, nem esse é o meu desejo. O que quero é interrogar os modos como ele vem sendo apresentado. Espero ter sido capaz de dar algumas pistas que poderão auxiliar a análise posterior dos textos literários de temática lésbica que formam a materialidade desta pesquisa. No mais, parto para o próximo subcapítulo, no qual pretendo tratar das teorizações acerca da lesbianidade de forma dialogada com os debates pós-estruturalistas de gênero, sexualidade e feminismo.

2.3. Ser mulher, ser lésbica

Este subcapítulo intenciona discutir algumas teorizações lésbicas e lesbofeministas de forma dialogada ao debate de gênero e sexualidade, sobretudo no que concerne às problematizações pós-estruturalistas. Para dar início a essa abordagem, trarei o pensamento de três teóricas francesas, que publicaram a partir de meados do século XX, tratando da temática lésbica e inserindo-a no debate acadêmico/científico a partir de um ponto de vista feminista. São elas: Simone de Beauvoir (1967), Monique Wittig (2006) e Adrienne Rich (2019).

É possível notar que, apesar de Beauvoir (1967) introduzir um estudo social e psíquico sobre a lésbica, pautado em uma perspectiva feminista e que foge a uma criminalização jurídica ou a uma perspectiva médica (que enxergava a

homossexualidade como doença), a filósofa entende a lésbica como alguém que, de forma imatura e/ou equivocada, coloca-se contra a condição imposta às mulheres.

No segundo volume de *O Segundo Sexo*³⁹, Beauvoir (1967) abre um capítulo para tratar das lésbicas, as quais nomeia, em algumas passagens, como “invertidas”. Para a autora, muitas lésbicas não teriam necessariamente características “masculinas” nem seriam homens “por dentro”, como as pessoas costumavam acreditar. A filósofa aponta que algumas lésbicas seriam mulheres que tentam contrapor a inferioridade social de seu gênero buscando desenvolver uma virilidade, porém muitas lésbicas poderiam ser “femininas”. Assim, ser lésbica, na visão de Beauvoir (1967), teria mais a ver com uma baixa sensibilidade erógena, com um estágio infantil e inacabado do desenvolvimento da sexualidade. Cabe ressaltar que a filósofa em questão é, evidentemente, uma mulher de seu tempo e, por isso, veicula certos discursos que não são exatamente os mesmos que aqueles que circulam na atualidade.

Há, em Beauvoir (1967), uma visão da lésbica como mulher fisiologicamente e psicologicamente imatura, cujo prazer é mais ligado ao clitóris do que ao canal vaginal, diferente do que seria próprio da mulher adulta. Assim, aproximando a lésbica da figura da adolescente, a filósofa argumenta que, mesmo que a homossexualidade possa ser uma estratégia de fuga frente à condição de mulher, haveria outras estratégias possíveis dentro da heterossexualidade. Para a autora, mulheres heterossexuais podem ser incômodas para os homens ao assumir uma postura agressiva e independente, enquanto a homossexualidade parece estar ligada, até certo ponto, a um comportamento passivo.

As lésbicas “femininas”, para Beauvoir (1967), seriam aquelas que têm receio dos homens e escolhem viver relações passivas com outras mulheres. As “masculinas”, de outro modo, são não-passivas porque rebelam-se contra as designações impostas pela feminilidade. Apesar de tal recusa, tal lésbica estaria privada do pênis e, por isso, seria “inacabada como mulher, impotente como homem”, de forma que “seu mal-estar traduz-se às vezes por psicoses” (BEAUVOIR, 1967, p. 152).

³⁹ Publicado originalmente em 1949, com o título *Le Deuxième Sexe*. Aqui, faço referência ao segundo volume, cujo subtítulo é “a experiência vivida”.

Portanto, o feminismo de Beauvoir – e não apenas dela, mas de outras teóricas e militantes – é um feminismo heterossexual. São Wittig (2006) e Rich (2019) que vêm se contrapor a isso. Para Wittig (2006)⁴⁰, ser lésbica seria uma forma imperativa de se recusar a relação de servidão à qual as mulheres estariam submetidas, sendo levadas a prestar serviços aos homens, dentro de uma economia heterossexual. As categorias “homem” e “mulher”, para a autora, seriam naturalizadas a fim de esconder o sistema de opressão que as cria.

A lésbica, enquanto alguém que recusa a heterossexualidade, recusa também, para Wittig (2006), a própria categoria “mulher”, já que ser mulher estaria necessariamente vinculado a pertencer ao homem, servir social e economicamente ao homem, ter sua existência política em função do homem. Quando fala em “mulher”, a autora dá dois sentidos distintos: a mulher como o mito que nos seria imposto e as mulheres enquanto classe social, dentro da qual deve-se desenvolver uma consciência de classe e lutar pela eliminação do mito “mulher”. A lésbica wittigniana, é importante explicitar, não corresponde não só ao mito “mulher”, como também não pertence à classe das mulheres, sendo um tipo de desertora desta. Wittig (2006) cita:

[...] lésbica é o único conceito que conheço que está mais além das categorias de sexo (homem e mulher), pois o sujeito designado (lésbica) não é uma mulher nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente. O que constitui uma mulher é uma relação social específica com um homem, uma relação que temos chamado de servidão, uma relação que implica obrigações pessoais, físicas e também econômicas [...], uma relação da qual as lésbicas escapam quando recusam ser ou seguir sendo heterossexuais. (WITTIG, 2006, p. 43) [tradução minha].

A autora diz, ainda, que, “se nós, as lésbicas e os gays, continuarmos a nos dizer, nos conceber como mulheres, como homens, contribuímos para a manutenção da heterossexualidade” (WITTIG, 2006, p. 54) [tradução minha], visto que “a mulher não tem sentido fora dos sistemas heterossexuais de pensamento e nos sistemas econômicos heterossexuais” (WITTIG, 2006, p. 57) [tradução minha].

Embora eu reconheça a relevância de Monique Wittig para as discussões sobre a temática lésbica, tenho minhas divergências em relação à autora. A começar, como Wittig (2006) assume uma proposta materialista/marxista, parece vincular de forma excessiva as categorias de “homem” e “mulher” a uma relação econômica, além de

⁴⁰ Faço referência à tradução para o espanhol do livro *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. O livro em questão reúne vários artigos de Monique Wittig. Nesta tese, eu me refiro a três deles: *La categoría de sexo*, *No se nace mujer* e *El pensamiento heterosexual*, que foram publicados pela primeira vez, respectivamente, nos anos de 1982, 1981 e 1980.

me parecer reduzir as relações de gênero a uma relação de opressão e submissão da mulher. Também não estou certa se as mulheres poderiam ser entendidas como “classe”, justamente pela característica economicista do termo.

No entanto, o que mais me incomoda no pensamento wittigniano é a oposição feita entre “mulher” e “lésbica”. Mesmo se entendermos que a categoria mulher existe apenas em função da servidão em relação ao homem (do que não estou bem convencida, já que o termo “mulher” está em constante ressignificação e vem fazendo parte de discursividades dispersas e estratégias de poder distintas), ainda assim, será que uma lésbica, apenas por não estar em uma relação heterossexual, recusa essa servidão? Ao ser lida como mulher nas mais diferentes situações sociais, não estaria a lésbica servindo ao homem no ambiente profissional ou no trabalho de cuidado para com membros da família, por exemplo? Uma lésbica não é oprimida como mulher em nenhuma circunstância? E, de outra forma, se entendermos que a lésbica wittigniana é apenas aquela que recusa toda e qualquer relação de servidão ao homem, existiria, de fato, esse sujeito na sociedade em que vivemos?

Afinal, uma lésbica é uma mulher? Creio que as noções de “mulher” e de “lésbica” são ambas muito plurais para que se faça uma correspondência (ou não correspondência) simplista. Wittig (2006), por sua vez, parte de uma visão muito específica e definida do que é uma lésbica e uma mulher. Ao meu ver, um sujeito pode ser lésbica e mulher (ou, pelo menos, ora lésbica, ora mulher, em constante ambivalência, caso se insista na distinção wittigniana), dependendo de como é vista, como se vê, como se relaciona nas mais diferentes instâncias, como constrói sua relação ética consigo, como se subjetiva ou é assujeitada. Além disso, é preciso pautar que nem o termo “mulher”, nem o termo “lésbica” são imutáveis. A esse respeito, Butler (2022)⁴¹ aponta que esses termos – assim como outros – não podem ter um uso exclusivo. Constantemente, faz-se reapropriações, ressignificações e novos usos de palavras que historicamente foram empregadas a partir de determinada norma.

Adrienne Rich (2019)⁴² não parece pautar uma dicotomia entre “ser lésbica” e “ser mulher”, mas encontra-se com Wittig na medida em que denuncia o caráter

⁴¹ O livro intitulado *Desfazendo Gênero* foi publicado no Brasil em 2022, mas sua publicação original em língua inglesa data de 2004.

⁴² O livro publicado pela Editora A Bolha reúne três ensaios de Adrienne Rich: *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (1980), *O significado do nosso amor pelas mulheres é o que devemos expandir constantemente* (1977), *Sangue, pão e poesia: a localização da poeta* (1984). Aqui, faço referência aos dois primeiros.

compulsório da heterossexualidade e entende que a experiência lésbica é uma forma de resistência – e, por isso mesmo, é vista como aberrante ou é continuamente invisibilizada. Tal postura em relação às lésbicas não é assumida apenas pelos setores conservadores da sociedade, mas aparece também nos textos feministas que, segundo a autora, parecem apenas tolerar as lésbicas e entender que a heterossexualidade é inseparável da experiência das mulheres.

Para Rich (2019), elementos que fortificam a heterossexualidade compulsória – como é o caso da pornografia – costumam demarcar que a mulher é aquela que sente prazer diante da subjugação pelo que é tido como mais forte: o homem. Desse modo, normaliza-se a violência nas relações heterossexuais ao mesmo tempo em que se patologiza possibilidades de relações recíprocas e respeitosas que poderiam haver entre duas mulheres.

[...] a heterossexualidade compulsória simplifica a tarefa do proxeneta e do cafetão nos círculos de prostituição e nos “centros eróticos” no mundo inteiro, enquanto na privacidade do lar leva a filha a aceitar o incesto/estupro pelo pai, a mãe a negar que isso esteja acontecendo, a esposa que foi agredida a continuar com o marido abusivo (RICH, 2019, p. 57-58).

Para a autora, a heterossexualidade compulsória faz o que é mencionado na citação com o auxílio de muitos recursos, como os contos de fadas, as mídias e artefatos artísticos, que constituem as mulheres a partir de um ideal de amor romântico. No entanto, fora das relações amorosas e sexuais, fora do casamento, também há uma desigualdade de forças entre homens e mulheres, como expõe Rich (2019) ao explicitar tal desequilíbrio nas relações de trabalho ou nas instituições educacionais, por exemplo.

Quando fala em experiência lésbica, a autora defende não dever haver comparação entre tal experiência e a experiência de outras existências também condenadas pela heterossexualidade compulsória, como é o caso da homossexualidade masculina. Isso porque, para Rich (2019), a experiência lésbica seria “uma experiência fundamentalmente das mulheres, com opressões, significados e potencialidades particulares” (RICH, 2019, p. 67). A experiência lésbica leva em consideração laços afetivos, cuidados mútuos e amizade entre mulheres para além da questão erótica, mas sem eliminá-la, afinal, a autora defende que duas mulheres podem experimentar sua sexualidade de forma erótica, sensual e emocionante uma com a outra, em detrimento da ideia de que precisaríamos dos homens para o prazer.

Existe, nesse sentido, um discurso recorrente em nossa sociedade de que a lésbica é aquela que recorre às relações com outras mulheres devido ao ódio ou ao medo que sente dos homens. Rich (2019) vem criticar esse discurso e afirmar que a preferência pela heterossexualidade não seria inata nas mulheres, mas imposta a elas. A autora afirma, ainda, que as lésbicas vêm (re)existindo historicamente desde muito antes do início dos movimentos feministas e frequentemente sendo “retratadas na arte e na literatura como mulheres bizarras, amorais, destrutivas e decadentes” (RICH, 2019, p. 114).

Na atualidade (considerando-se o período de escrita da autora), mesmo com o desenvolvimento de um movimento pró-homossexuais, as lésbicas continuaram sem as condições socioeconômicas e culturais dos homens gays. Para Rich (2019), nós lésbicas vivemos entre uma cultura heterossexual e uma cultura homossexual, ambas dominadas pelos homens, ambas reforçando formas de se relacionar pautadas em uma dominação masculina.

Assim como no caso das teorizações de Wittig (2006), também tenho minhas críticas quanto à argumentação de Rich (2019), embora não de forma tão demarcada, pois concordo com a autora em seu entendimento das experiências lésbicas como experiências de mulheres que vivenciam umas com as outras relações de amor, afeto e sexualidade. Também me apoio em Rich (2019) no que diz respeito ao seu entendimento de que as experiências lésbicas vêm sendo historicamente estigmatizadas ou deixadas de lado não só pela heterossexualidade compulsória, mas por uma misoginia que faz com que homens gays, mesmo não atendendo aos padrões da heterossexualidade, tenham suas existências e reivindicações mais visibilizadas nos espaços públicos.

Porém ainda cabe explicitar meu afastamento em relação a Rich (2019), que se dá, sobretudo, no modo como ela enxerga o poder estritamente sobre a ótica da repressão, na qual as mulheres estariam totalmente desprovidas de poder e seriam oprimidas pelos verdadeiros possuidores do poder: os homens. Entendo que as relações entre homens e mulheres não são relações igualitárias, mas me embaso em outro tipo de teorização sobre o poder, segundo a qual não existem indivíduos que têm poder e o exercem sobre um outro que não tem; de outra forma, todos nós somos instrumentos para o exercício dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2017a).

A heterossexualidade, em Rich (2019), é colocada como uma mentira imposta às mulheres, como se, retirada tal imposição, houvesse liberdade para que vivêssemos conforme nos aprouvesse. Entendo, de outro modo, a heterossexualidade compulsória e seus imperativos não como mentira que esconde uma verdade “verdadeira”, pois essas não existem: na perspectiva teórica foucaultiana, à qual me alio, toda verdade é fabricada nas relações de poder e, nesse sentido, a naturalização da heterossexualidade teria um enorme efeito de verdade em nossa sociedade. Entendo que somos todos e todas construídos a partir dos discursos da heterossexualidade e somos, em alguma medida, heteronormativos: mesmo os gays, as lésbicas e outros sujeitos cujos modos de vivenciar o gênero e a sexualidade são tidos como dissidentes.

A problematização que faço acerca dos textos dessas duas autoras lesbofeministas – Wittig e Rich – está embasada em uma teorização pós-estruturalista acerca da sexualidade e do gênero, organizada por Judith Butler. Em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler (2018) entende que as mulheres são sujeitos discursivamente produzidos e não pode haver uma compreensão única e universal do que seria “a mulher”. Assim, o gênero não seria um tipo de lei imutável à qual corpos passivos são submetidos. De outro modo, o gênero – e o sexo, afinal, a autora não concebe que o sexo seria uma predeterminação biológica ou anatômica, mas também um construto discursivo, assim como o gênero – tem sua historicidade, sua descontinuidade.

Na medida em que dialoga com as teorizações foucaultianas, Butler (2018) entende o gênero constituído nas relações de poder e, em sua produção, o gênero é discursivamente caracterizado como natural e estável, embora não o seja. No entanto, cabe demarcar que Butler (2022) vai além de Foucault, na medida em que não entende o gênero como apenas mais uma forma de regulação, compreendendo que “o gênero exige e institui seu próprio regime regulatório e disciplinar distinto” (BUTLER, 2022, p. 75).

Para Butler (2018), fabrica-se uma coerência para o gênero segundo a qual haveria uma continuidade necessária entre a anatomia dos sujeitos, seu gênero e seu desejo sexual, ou seja, se a pessoa tem um pênis, deve ser um homem e desejar mulheres, por exemplo. Essa suposta coerência do gênero atua no apagamento e/ou na anormalização de experiências distintas.

O gênero, para a filósofa, não faz parte da essência de cada sujeito, não é uma verdade pré-discursiva, mas, de outra forma, é discursivamente fabricado e performativizado em gestos, falas e atos. Isso faz com que vigore uma “ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora” (BUTLER, 2018, p. 235).

Quando Butler (2018) fala em performatividade de gênero, não está pautando uma dicotomia entre a imitação e o original, como se existisse um referente fixo ou modelo verdadeiro de gênero que nós performativizamos. As performatividades são discursivas e não estão pautadas em qualquer realidade anterior às próprias discursividades. Assim, na perspectiva da autora, não se pode dizer, por exemplo, que uma lésbica *butch*⁴³ imita um homem, como se o homem fosse o portador de uma masculinidade original e a lésbica uma imitadora, pois o gênero “homem” é, por si só, descontínuo, fabricado a partir de performances discursivas distintas. Assim, ao falar de um casal de lésbicas *butch/femme*, não se pode reduzi-las a uma simples apropriação de um modelo supostamente preexistente de relação heterossexual.

Para se efetivar a ação do gênero, conforme aponta Butler (2018), é necessário que a performatividade seja continuamente repetida. Essa repetição “é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente” (BUTLER, 2018, p. 242). A autora também destaca que as performatividades de gênero não podem ser entendidas como criação ou intencionalidade de um sujeito, mas, de outra forma, o sujeito é que é fabricado a partir das normas de gênero. Ou seja, uma mulher não acorda de manhã e decide “*hoje vou performar uma mulher em todos os meus atos, a fim de fortalecer as relações binárias de gênero presentes em nossa sociedade*”; de outro modo, essa mulher foi constituída dessa forma, de modo que tais performances sejam entendidas de forma naturalizada.

É importante ressaltar, nesse sentido, que performatividade de gênero não se trata de expressar um gênero inerente a nós. A autora frisa não haver qualquer identidade de gênero anterior à performatividade e, portanto, o discurso de que existe um “gênero verdadeiro” faz parte das estratégias de poder que naturalizam o gênero e dificultam nossa percepção de que ele tem um caráter performativo.

⁴³ Termo usado para lésbicas com características e comportamentos ditos masculinos. Ao contrário, o termo *femme* é usado por Butler (2018) para se referir a lésbicas com características e comportamentos ditos femininos.

A autora dá continuidade a essa discussão em *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Butler (2020a) inicia esse livro retomando o conceito de performatividade e relacionando-o com a materialidade do corpo. Para a autora, portanto, as normas de sexo/gênero atuam de modo performativo para materialização nos corpos, a partir de uma dinâmica de poder. Assim, produz-se a ideia de que existiria um “sexo pré-discursivo”, o que seria uma verdade fabricada na e pela linguagem. Nesse sentido, a autora questiona a possibilidade de existência de um sujeito não assujeitado às normas de gênero.

Assim, ao pensar na categoria “mulher” – e eu acrescentaria que tal proposição também se aplica à categoria “lésbica” –, não existiria um referente perdido, uma mulher ou uma lésbica original a qual performamos. O termo mulher, como é concebido por Butler (2020a), é estabilizado e desestabilizado continuamente para cumprir com objetivos políticos e, a cada vez que se fixa um único entendimento de mulher, promove-se exclusões e reduz-se a multiplicidade de significados do termo.

O mesmo acontece, ao meu ver, com o termo “lésbica”, que, ao ser restrito a uma determinada identidade fixa, perde sua polissemia e capacidade mais ampla e múltipla de produzir formas distintas de ser lésbica. Para a filósofa, é necessário que o termo “mulher” – e o termo “lésbica”, acrescento eu – seja permanentemente contestado, continuamente um lugar de disputa e nunca tomado como meramente descritivo de uma categoria pronta e universal.

Em um outro texto, intitulado *Regulações de Gênero*, Butler (2014) amplia o debate acerca do gênero, entendendo que, a partir das próprias relações de gênero (enquanto relações de poder), é possível engendrar resistências e multiplicar os significados. Em *Desfazendo gênero*, Butler (2022) coloca que o “gênero é o dispositivo pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino ocorrem junto às formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume” (BUTLER, 2022, p. 76). No entanto, para a autora, se nós definirmos o gênero a partir das normas hegemônicas que o estabelecem, estamos agindo na contínua consolidação e naturalização dessas normas e dificultando o uso do gênero como dispositivo de desconstrução. Isso pois, para ter continuidade, as normas precisam de constante atualização e reafirmação em nossas práticas diárias.

Para Butler (2022), o gênero e a sexualidade fazem parte de um desfazer-se. O que chamamos “meu gênero” não é algo que possuímos, mas um constante processo

de transformações a partir do nosso contato com as outras pessoas. Para a autora, trata-se da possibilidade de usar o que denomina como “irrealidade” para permitir aquilo que não seria legível de outro modo, ressignificando as normas. Refazer as normas (de gênero) é mudar os modos como podemos viver experiências, para tanto, lançamos mão da fantasia, não como algo exterior ou presente “nas ideias”, mas como algo a ser experimentado pelos nossos corpos.

Tais experiências não são fáceis ou tranquilas. Butler (2022) argumenta, em *Desfazendo gênero*, que sua teoria inicial exposta em *Problemas de gênero* não levou em consideração satisfatoriamente a distinção entre os modos que homens e mulheres têm de transgredir as normas de gênero, visto que existe uma política patriarcal que coloca esses sujeitos em posições sociais diferentes. A autora também argumenta que as fantasias e jogos de prazer que podemos experimentar em nossos corpos muitas vezes são arriscadas, pois violências e violações de direitos são frequentemente exercidas sobre corpos cujas performances transgridem as normas de gênero. Isso pois os corpos, em certa medida, são públicos. Nossos corpos estão em relação com outras pessoas, quer queiramos ou não. Assim, a busca por uma autonomia não pode desconsiderar que há demandas sociais que agem sobre nossos corpos, inclusive, em situações de exposição à violência.

A filósofa explicita que, apesar da exposição sofrida pelos corpos que, de algum modo, performam uma dissidência de gênero, esses movimentos de ressignificação continuam a ser feitos por grupos sociais que desafiam a coerência das posições “homem” e “mulher”. Entendo que as lésbicas podem, sim, ser sujeitos que contestam as normas de gênero, fazendo usos do gênero que desestabilizam os usos instituídos pela experiência heterossexual.

No entanto, demarco que não foi meu objetivo nesta tese estabelecer uma dicotomia que pauta que a experiência heterossexual seria normativa e opressora enquanto a experiência lésbica seria necessariamente de resistência às normas de gênero. Ao mesmo tempo que as experiências lésbicas podem desafiar a heteronormatividade, também podem reafirmá-la, visto que “práticas heterossexuais não são a mesma coisa que normas heterossexuais” (BUTLER, 2022, p. 335).

Além disso, determinadas formas de ser lésbica podem se colocar como socialmente preferíveis em relação a outras, constituindo-se como normas que se tornam parte de estratégias de regulação dos sujeitos. Exemplo disso são os

argumentos trazidos por Butler (2003) no texto intitulado *Parentesco é sempre tido como heterossexual?*, segundo os quais as reivindicações no campo dos direitos políticos, como a luta pelo casamento homossexual e pela adoção de crianças por casais homossexuais, buscam uma legitimação estatal de nossas relações afetivas/sexuais. Nesse processo, exerce-se uma regulação que estabelece que tipo de relação gay ou lésbica é passível de ser legitimada e qual deve permanecer às margens. Dessa forma, qualquer legitimação estatal de nós, lésbicas, opera na regulação de um modo aceitável e inteligível de ser lésbica e na exclusão de outras formas múltiplas de experiência lésbica que não se encaixam nessa norma.

2.4. Experiências lésbicas em contexto brasileiro

Abro este subcapítulo porque acredito ser de extrema relevância trazer um olhar brasileiro para o debate acerca das experiências lésbicas, o que de certa forma já comecei a delinear no subcapítulo anterior, enquanto tratava da questão racial e dialoguei com algumas autoras brasileiras.

Pensar as experiências lésbicas em contexto social brasileiro é relevante para essa investigação, pois tanto as escritoras quanto as suas obras são nacionais. Embora haja autoras e autores de vários países que publicam seus livros na Amazon e no Wattpad, nesta tese, eu trabalho apenas com autoras brasileiras e com textos literários cujo enredo se passa no Brasil. Isto pois, dado o aculturamento feito pelo norte global, que aparece – entre outros artefatos culturais – na literatura, muitas autoras trazem personagens europeias ou estadunidenses em seus livros. Foi minha intenção, no entanto, valorizar as obras ambientadas no Brasil, tornando esse um dos critérios de escolha dos textos literários que analisei, conforme está explicitado no quarto capítulo desta pesquisa.

Pensar as experiências lésbicas em contexto brasileiro implica considerar uma série de fatores, que ultrapassam a organização das lésbicas enquanto movimento social e político – embora esse também seja de extrema relevância para a compreensão dos modos como as mulheres se relacionam e podem se relacionar umas com as outras em nosso país.

Há poucas décadas – como aponta Mariluce Vieira Chaves (2019) –, nas notícias de jornais e revistas, a figura da lésbica aparecia constantemente associada a uma imagem negativa, vinculada às atividades criminosas, à indução das mulheres às más

ações, à prostituição, à pornografia e às doenças mentais passíveis de intervenção médica (muitas jovens lésbicas foram, inclusive, internadas em hospitais psiquiátricos). A autora também denuncia que, frequentemente, mulheres vistas como lésbicas recebiam, inclusive, penalidades em casos de divórcio ou disputa pela guarda dos filhos.

Chaves (2019) também argumenta que, em uma sociedade pautada na moral cristã, como é a brasileira, as lésbicas eram frequentemente vistas como corpos que careciam de cura, moralização e até exorcismo. As proposições vindas do Vaticano – com grande apelo em um Brasil majoritariamente católico das décadas de 1980 e 1990 – eram de condenação em relação às lésbicas, sobretudo no que concerne à possibilidade de elas terem filhos.

As últimas décadas do século XX e a primeira década do século XXI assistiram a vários movimentos que buscavam a afirmação de uma dita “identidade” das lésbicas, além da visibilidade social e do acesso às políticas públicas e à cidadania. Patrícia Lessa (2007) aponta como, muitas vezes, as lésbicas diferiram dos gays em suas pautas e tiveram suas reivindicações invisibilizadas pelas da homossexualidade masculina, de forma a organizar movimentos e iniciativas próprias, separadas do restante dos LGBTI+. Para a autora, “a matriz patriarcado/poder se reflete nas práticas discursivas dos gays, mais preocupados em impor suas ideias do que respeitar o espaço político das lesbianas” (LESSA, 2007, p. 193).

A esse respeito, eu gostaria de fazer um adendo. Não se trata, nesta tese, de defender como “correta” a militância lésbica separatista ou de levantar a bandeira LGBTI+, muito menos de estabelecer uma dicotomia inquestionável acerca dessas duas visões. Eu comprehendo, de outro modo, que essas discursividades circulam, ora se encontrando e estabelecendo proximidades, ora diferindo e promovendo dispersões. No âmbito epistemológico, entendo que as discussões sobre a temática lésbica são pertinentes na medida em que tratam das especificidades da experiência lésbica que não é, de fato, igual à de outros indivíduos LGBTI+. Porém, ao mesmo tempo, não dispenso a relevância das teorizações queer para pensar experiências lésbicas.

Lessa (2007) chama atenção para as diferentes formas que o movimento lesbiano tomou, como a formação do GALF (Grupo de Ação Lésbica e Feminista) em 1983; do Boletim Chanacomchana – revista impressa que fazia circular discussões

sobre a experiência lésbica a partir da ironia e da crítica social –; a Revista Um Outro Olhar e sua atuação combatente, visibilizando uma pluralidade nas formas de ser lésbica; a criação da Liga Brasileira de Lésbicas, que englobava ONGs e grupos sociais e as edições do Seminário Nacional das Lésbicas e da Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais. No contexto dos movimentos lésbicos da segunda metade do século XX, Larissa Martins (2020) argumenta que a imprensa lésbica teve um papel significativo, atuando de forma pedagógica na construção sociopolítica das lésbicas. Como aponta a autora, ao tratar especificamente do periódico lésbico Chanacomchana, visava-se que “mais lésbicas saíssem da obscuridade e solidão causada pelo enrustimento e encontrassem tanto o afeto quanto a amizade de outras mulheres” (MARTINS, 2020, p. 109).

Esses movimentos foram importantes para a visibilização das lésbicas na sociedade brasileira por um olhar positivo, que não corroborava com o discurso que pintava as lésbicas como doentes, imorais ou criminosas. Compreendendo o alcance sociopolítico do movimento lésbico, podemos entender, assim como Lessa (2007), que ser lésbica não é apenas amar outra mulher, mas pode ser, também, um fazer político, uma forma de reivindicar transformações na sociedade.

Ao mesmo tempo, há muitas mulheres lésbicas, ou não heterossexuais, que não se identificam com os movimentos e coletivos lésbicos. Parte das lésbicas entrevistadas por Chaves (2019) – mulheres que vivenciaram as décadas de 1980 e 1990 – disseram não levantar bandeiras políticas enquanto lésbicas, preferirem criar laços de amizade com indivíduos heterossexuais e desconhecerem o movimento lésbico. Enquanto algumas das entrevistadas lembram-se de conviver com outras lésbicas e frequentar espaços voltados para o público gay e lésbico, outras afirmaram não ter tais espaços de convivência e experienciar a lesbianidade de forma mais isolada e até mesmo silenciosa, com medo de retaliações por parte das outras pessoas.

A esse respeito, Chaves (2019) coloca que

Ainda existem lésbicas que preferem viver no anonimato e convivem, possivelmente, com a tirania dos segredos: não contar para ninguém, não dizer o que sentem, disfarçar o possível, tiranizar a si própria para esconder quaisquer traços que denunciem sua lesbianidade, evitar qualquer contato com outras lésbicas para que seu nome ou seu jeito não seja vinculado à lesbianidade (CHAVES, 2019, p. 70).

As considerações feitas por Chaves (2019) anunciam uma multiplicidade nas formas de experienciar a lesbianidade em nosso país, o que também é feito por Regina Facchini (2008) em sua tese. A pesquisadora conversou com mulheres que se relacionam com mulheres na cidade de São Paulo. As entrevistadas foram de várias idades e classes sociais distintas, e a autora discutiu seus pontos de vista acerca da própria experiência.

Um dos pontos que Facchini (2008) chama atenção é as divergências na hora de se nomear. Algumas mulheres chamam-se de lésbicas enquanto outras recusam esse termo, por lhes causar uma má sensação. Em diferentes comunidades, termos como sapas, sapatões e *dykes* são utilizados para se referir a mulheres que não tiveram ou não pretendem mais ter relações afetivo-sexuais com homens. Há aquelas que se chamam de bissexuais ou que argumentam que não querem ser resumidas a um determinado rótulo. Outra categoria que aparece é a da “entendida”, principalmente na fala de mulheres mais velhas e pertencentes às camadas populares.

Diferentes formas de se nomear podem estar atreladas a diferentes formas de se ver e de se relacionar tanto consigo mesma quanto com outras mulheres lésbicas ou não heterossexuais. Como argumenta a autora, “ainda que percebam sua própria sexualidade como não condenável, as entrevistadas tendem a estabelecer limites para o que consideram legítimo/aceitável” (FACCHINI, 2008, p. 229). Algumas lésbicas, por exemplo, recusam relações com mulheres bissexuais, que frequentemente são tidas como menos confiáveis para estabelecer um relacionamento lésbico.

Outro elemento recorrente nas falas de algumas das entrevistadas por Facchini (2008) é a visão da lésbica “masculinizada” como “a outra”, alguém cujos comportamentos e práticas hipervisibilizam as lésbicas de forma negativa. Frequentemente, essas mulheres são associadas a atitudes grosseiras ou a certo desleixo próprio da masculinidade – imagem que lésbicas *butch* tentam desconstruir.

Em relação com esta pesquisa, cabe chamar atenção para a enorme invisibilidade das lésbicas *butch* – também nomeadas como caminhoneiras – nas obras de literatura virtual, que quase em sua totalidade trazem casais formados por duas mulheres feminilizadas. Acredito que isso possa decorrer do discurso de

agressividade e de baixa atratividade que vem sendo atribuído a lésbicas caminhoneiras, pelo pensamento de senso comum.

Uma das reivindicações que percebo por parte desse segmento da população lésbica é a de serem nomeadas como desfeminilizadas (ou simplesmente “desfem”) – uma pauta um tanto recente e que, portanto, não aparece em investigações como a de Facchini (2008), que foi realizada há mais de uma década. O termo “desfem” vem se contrapor aos termos “masculinizada” ou “masculina”, que poderiam ser problemáticos na medida em que aproximariam a conduta dessas mulheres com a dos homens, embora haja estudos que falem em uma masculinidade lésbica, ou masculinidade feminina, como os empregados por Judith Halberstam (2008).

Evidentemente, parte das lésbicas não fortalece uma visão negativa das lésbicas desfem. Facchini (2008) afirma que, entre alguns grupos, há grande aceitabilidade de mulheres “masculinizadas” ou com aparência androgina, que podem estar em relacionamentos umas com as outras. Existem, também, mulheres feminilizadas que têm preferência por mulheres “masculinizadas”, o que não significa uma reinvenção da heterossexualidade (como já mencionado anteriormente); não há, por exemplo, uma correspondência entre ser femme e ser passiva na relação sexual. Assim, para Facchini (2008):

A crítica da composição do par a partir da valorização da distinção entre masculina e feminina se faz presente em todos os segmentos de classe e geração, lado a lado com uma minuciosa graduação da “masculinidade aceitável” e pela circunscrição da diferença – e de suas possíveis conotações hierárquicas – ao campo do erótico, separando-as minuciosamente do cotidiano do casal, que deve se pautar no igualitarismo (FACCHINI, 2008, p. 239).

Outro fator que aparece na distinção entre experiências lésbicas é a classe social. Facchini (2008) argumenta que a experiência das mulheres de classes populares passa por grande valorização das companheiras, sobretudo porque elas se configuram enquanto possibilidade de construção de uma vida separada da casa dos pais ou de outros familiares. O amor lésbico tem, portanto, uma importância prática na vida dessas mulheres. Diferente das jovens de classe média, as lésbicas de classes populares vivenciam pouca privacidade e liberdade no âmbito familiar.

Na pesquisa de Facchini (2008), entre as lésbicas mais pobres, observou-se uma série de condutas voltadas ao estabelecimento de relações pautadas no respeito – entre duas lésbicas “masculinas”, entre uma *butch* e uma *femme* comprometida, entre a lésbica e a família, entre a lésbica e as pessoas que vivem no mesmo bairro, etc.

Isso envolve desde não trazer para o espaço público demonstrações do relacionamento lésbico que possam ser vistas como “excessivas” até mostrar-se mais aberta e bem-humorada para ser benquista.

Dentre as lésbicas mais pobres, principalmente as “masculinizadas”, estão as situações de violência mais expressivas. As entrevistadas por Facchini (2008) denunciam casos nos quais foram exploradas, preteridas ou desconsideradas pelas próprias parceiras ou pelas famílias destas e até mesmo que sofreram violência física nas ruas, como um dos casos no qual a entrevistada narra ter tido sua camiseta arrancada por seguranças que a agrediram no trem.

A partir dessas pesquisas, é possível demarcar que a rejeição, a vulnerabilidade e a discriminação ainda são presentes na vida das lésbicas brasileiras, sobretudo das mais pobres, negras e/ou desfeminilizadas. Ainda que se possa falar em avanços nas últimas décadas, Chaves (2019) elenca vários problemas vivenciados por inúmeras lésbicas, como a falta de atendimento humanizado e adequado no sistema de saúde, assédio nos locais de trabalho, pressões para não sair do armário, deslegitimação e outros variados tipos de violência, que nos acompanham desde a idade escolar até a vida adulta.

É por todas essas questões elencadas neste capítulo que não se pode reduzir “ser lésbica” apenas a uma prática de sexualidade, deslocada de nosso contexto cultural, social e político, bem como das diferenças de raça, classe e feminilização. “A lésbica”, como já argumentei nesta tese, não é uma categoria com definição estável e fixa. Assim, apoio-me em Swain (1999) na medida em que a autora argumenta que, não havendo um bloco hegemônico e coerente que se pode designar como “as lésbicas”, se houver uma identidade lésbica possível, esta seria uma identidade nômade, caracterizada por sua mobilidade e transitoriedade. Tanto as lésbicas quanto o foco de seu desejo (as mulheres) formam uma rede de diferentes relações, modos de ser e experiências.

Em direção semelhante, Batista e Souza (2019) defendem que a lesbianidade constitui uma posição que o sujeito assume, de forma a permear-se de uma dimensão subjetiva atrelada à sexualidade e ao gênero, sem se restringir ao desejo ou orientação sexual de uma pessoa. Swain (2002) argumenta que, nos discursos sobre as lésbicas, muitas vezes se faz referência às normas hegemônicas do gênero, assemelhando a lésbica à sensibilidade, a práticas sexuais com menos potencial

erótico e outras características que costumeiramente se associa às mulheres. Para a autora, outro discurso frequente acerca das lésbicas é o da configuração das relações *butch/femme* a partir de uma ótica binária e heteronormativa, lógica que pode ser problematizada, como já apontei anteriormente, a partir do pensamento de Butler.

Daniela Batista e Jane Felipe de Souza (2019) – em sua pesquisa acerca de publicações no Tumblr⁴⁴ de mulheres que se entendem enquanto lésbicas – também observam a existência de corpos lésbicos cujas performatividades estão atreladas à matriz heterossexual, vinculando a mulher à sensualidade e aos ideais de feminilidade. No entanto, as autoras chamam atenção para a existência de outras performances que desestabilizam o gênero e a heteronormatividade. Por exemplo, algumas imagens publicadas nos perfis do Tumblr analisados mostram corpos que não se adequam a nenhum dos padrões de gênero instituídos dentro do binário homem/mulher, propondo certa androginia que emerge enquanto possibilidade de resistência.

Outro elemento apontado pelas autoras é a presença do dílido nas publicações de usuárias lésbicas do Tumblr. Embora haja perspectivas que argumentam que o dílido seria uma imitação do pênis e, por isso, um reforço de práticas heteronormativas na sexualidade lésbica, Batista e Souza (2019) colocam que a presença de imagens de mulheres que usam o dílido (em cintas *strap on*) mostram o quanto a função sexual do pênis é substituível e desafiam o discurso de associação do pênis à masculinidade ou ao homem. Para as autoras, essa desestabilização do gênero e da heterossexualidade aparece enquanto potência dos corpos lésbicos na internet, na medida em que as publicações nas redes sociais podem evocar práticas sexuais lésbicas e formas não hegemônicas de ser mulher.

Ainda sobre a multiplicidade de formas de ser lésbica, eu gostaria de trazer o levantamento das produções acadêmicas acerca da lesbianidade no campo da educação, realizado por Keith Braga, Marcio Caetano e Arilda Ribeiro (2018). As autoras e o autor apontam que, ao passo que lésbicas cuja performance de gênero se aproxima da feminilidade “ideal” são invisibilizadas enquanto lésbicas, as mulheres ditas masculinas são hipervisibilizadas. Outros fatores que interferem nessa invisibilidade/hipervisibilidade seriam, por exemplo, as questões étnico-raciais e de classe social, visto que “negras, butchs, masculinas, trabalhadoras de classes baixas,

⁴⁴ Rede social que permite que os usuários e usuárias compartilhem imagens, vídeos e textos.

presidiárias, entre outras" (BRAGA; CAETANO; RIBEIRO, 2018, p. 132) são hipervisibilizadas e mais expostas a uma série de violências.

Braga, Caetano e Ribeiro (2018) destacam que a masculinidade experienciada por mulheres lésbicas é uma ameaça às normas hegemônicas de gênero. Assim,

A hipervisibilidade vivenciada por lésbicas masculinas também se torna evidente para nós, quando percebemos o maior rechaço e exposição a avaliações negativas, violência e isolamento que são direcionados para elas, advindo até mesmo de outras dissidentes que não desejam que essa visibilidade as afete e possa colocá-las forçosamente para fora do armário. (BRAGA; CAETANO; RIBEIRO, 2018, p. 133).

Conforme apontam as autoras e o autor, em diferentes espaços sociais, muitas lésbicas masculinas se sentem envergonhadas e expostas, além de solitárias por não conseguirem se encaixar nos padrões heteronormativos que conferem aceitabilidade aos sujeitos. Meninas e mulheres são cotidianamente zombadas, ridicularizadas e violentadas, justamente na medida em que constituem resistência ao discurso hegemônico daquilo que seria uma mulher.

A situação de violência vivenciada por várias lésbicas no Brasil é abordada na tese de Vanessa Blaudt Rocha (2021). Nessa pesquisa, a autora olhou para as narrativas de jovens lésbicas e bissexuais acerca de sua experiência e identificou, na fala das suas interlocutoras, a heterossexualidade funcionando como uma instituição, integrante das leis e das políticas estatais. Nesse sentido, a heterossexualidade aparece como uma regulação colocada por instituições como a família, o Estado e as igrejas.

Assim, também foi percebida a apreensão decorrente do fundamentalismo religioso. As interlocutoras narraram ter sido expostas na igreja em que frequentavam e/ou ter sofrido intervenção de outros membros da igreja no sentido de orientar sua sexualidade para a vivência heterossexual. Além dessa violência que culpabiliza as lésbicas, Rocha (2021) chamou atenção para as violências aliadas às questões raciais e de classe. Nesse sentido, a pesquisadora percebeu que mulheres lésbicas sem condições financeiras de conquistar sua autonomia acabam sendo coibidas por homens e colocadas em situações de abuso, desconforto e até mesmo de violência física.

No que diz respeito às questões raciais, muitas estudiosas brasileiras vêm investigando as vivências de lésbicas negras. Em minhas pesquisas nas plataformas Amazon e Wattpad, é nítido o quanto as personagens que protagonizam a história são

majoritariamente brancas. Por exemplo, ao olhar o *ranking*⁴⁵ dos 100 ebooks mais vendidos na categoria “Ficção Lésbica”, na Amazon, apenas sete livros trazem mulheres negras na capa – esse é um dado relevante, porque a maior parte dos ebooks trazem as personagens nas capas; nessa busca, apenas 10% dos ebooks do *ranking* não traziam imagens ou desenhos de mulheres nas capas. Sendo um deles um livro de poesias, os outros seis são histórias românticas entre casais inter-raciais.

Na minha observação no decorrer dos meses de novembro e dezembro de 2022 nos *rankings* da plataforma Amazon, encontrei apenas dois ebooks cujos casais eram formados por duas mulheres negras, de forma que a presença da lésbica negra na literatura virtual, além de menor do que a da lésbica branca, também se encontra majoritariamente em narrativas sobre casais inter-raciais. No Wattpad, a presença de mulheres negras nos romances lésbicos se deu de forma ainda mais diminuta e, por várias vezes, observei os 100 primeiros livros encontrados pelo mecanismo de busca da plataforma sem visibilizar nenhuma presença negra nas capas dos livros.

Essa constatação se insere em um contexto social racista, no qual mulheres negras são muitas vezes preteridas no campo afetivo, como aponta Ana Claudia Lemos Pacheco (2008). Conforme a autora, “ha afetividade, a raça é, recorrentemente, acionada como um signo de preferência afetiva por um ‘outro’ corpo, não-negro, cujas marcas raciais se dividiram entre mulher negra x mulher branca” (PACHECO, 2008, p. 293). Fátima Lima (2018) argumenta que existe pouco enfrentamento às violências sofridas por lésbicas negras e que opressões existem dentro dos próprios movimentos sociais. Paula Rita Baccellar Gonzaga (2019) aponta para a resistência do movimento negro em aceitar a lesbianidade de mulheres negras.

Além da dificuldade de encontrar lugar nos movimentos sociais, Gonzaga (2019) argumenta, ainda, que lésbicas negras passam por inúmeras experiências de violência, de apagamento, de acusações e humilhações e, assim como as mulheres negras heterossexuais, as lésbicas negras enfrentam a rejeição – sendo preteridas nas relações afetivas – ou a hiperssexualização. Gonzaga (2019) argumenta que, mesmo no contexto da lesbianidade, existe um lugar de abjeção vivido por lésbicas negras, sobretudo aquelas que não se encaixam nos padrões sociais de beleza, ou

⁴⁵ Os rankings da Amazon são atualizados de hora em hora, portanto, é importante ressaltar que cada verificação se dá de forma momentânea. Maiores explicações sobre o funcionamento da plataforma constam no quarto capítulo desta tese.

seja, as que não são magras, as que não são jovens, as que têm a pele mais retinta, etc.

Uma das entrevistadas por Gonzaga (2019), por exemplo, denuncia que seu primeiro contato afetivo-sexual com uma mulher se deu aos 26 anos de idade e que ela só foi ter outra relação aos 30, pautando, assim, sua solidão enquanto mulher negra e lésbica. Ao discutir a questão da solidão, a autora argumenta que, embora ela apareça na fala de algumas das entrevistadas como uma questão de escolha individual, essa decisão poderia ser vista também como “uma redução de danos frente a tentativas frustradas ou relações nocivas” (GONZAGA, 2019, p. 221).

No que diz respeito à inter-racialidade, as lésbicas negras entrevistadas por Gonzaga (2019) trouxeram alguns pontos para a discussão, como a dificuldade que sentiam de romper relacionamentos com mulheres brancas, mesmo quando essas relações não as satisfaziam ou as decepcionavam. Uma das entrevistadas afirmou ter sido difícil tomar a decisão de terminar com sua parceira branca, ainda que esta a tivesse traído. Outra argumentou ter ficado vários meses em um relacionamento aberto com uma mulher branca, ainda que preferisse estar em uma relação monogâmica. Pode se fazer presente, portanto, nas relações lésbicas, o sentimento de inferioridade e de não merecimento por parte das mulheres negras frente às suas parceiras brancas.

Outro aspecto denunciado pelas entrevistadas é que, ao mesmo tempo em que suas parceiras brancas ofereciam a elas certa estabilidade e segurança, pode haver uma espécie de “contrapartida”, na medida em que a lésbica negra é vista em uma perspectiva utilitarista. Assim, mulheres brancas podem se relacionar com mulheres negras “por prazer, numa perspectiva exotificada da sexualidade das mulheres negras” (GONZAGA, 2019, p. 233) ou pela “ratificação de uma identidade não racista” (GONZAGA, 2019, p. 233). Uma das interlocutoras da pesquisa contou à autora que sua namorada branca se colocava na posição de salvadora, argumentando que iria com ela ao shopping ou a uma viagem para que sua presença evitasse que a mulher negra fosse interpelada por seguranças ou parada na Alfândega.

As mulheres entrevistadas que estiveram em relacionamentos lésbicos afrocentrados também denunciaram desafios em sua experiência, decorrentes do racismo e da lesbofobia. Uma das interlocutoras apontou não ter conseguido lidar com toda a violência que sua parceira negra sofria no âmbito familiar. Outra entrevistada,

no entanto, pareceu pautar que sua experiência lésbica com outra mulher negra era cheia de trocas, apoio mútuo e possibilidades de “cura”.

Tendo me aprofundado, neste e no último subcapítulo, em teorizações e pesquisas sobre experiências lésbicas, sexualidade e gênero, considero que as autoras e autores que eu trouxe no decorrer desses subcapítulos me ajudam a pensar na polissemia das experiências lésbicas no Brasil, que podem estar inseridas em normas de gênero que instituem o binarismo e a heterossexualidade e, também, em outros momentos, emergir enquanto potência ética de desestabilização dessas mesmas normas.

Passo ao terceiro capítulo da tese, no qual abordarei questões relativas à literatura virtual, à cibercultura e aos textos literários como pedagogias culturais.

3. “Fiz, de palavras, onírica taça, para beber do resto dos meus dias”

Fiz, de palavras, onírica taça, / Para beber do resto dos meus dias, / Para saciar-me de alegrias / Gratuitas, uma emoção escassa. / Fiz, de palavras, bela sapatilha, / Para não cair fazendo o que faço, / Danço sem saber um único passo, / Sozinha, danço e sou minha ilha. / Fiz, de palavras, a única trança, / Que adorna meus cabelos de criança, / De quem herdei, também, não ter segredo. / Fiz, de palavras, em um verde gramado, / Mariposas voando ao meu agrado, / Pra eu rolar no chão sem nenhum medo. (Caderno de Poesias, 2013).

O poema com o qual abro este capítulo é outro dos meus escritos da adolescência. Com um forte teor metalingüístico, eu escrevo, em palavras, sobre o significado da leitura e da escrita em minha vida. Meu interesse pela leitura se desenvolveu desde a infância: recordo-me, com carinho, das noites que passei deitada na cama de minha mãe, que, depois de um longo dia de trabalho, arranjava um tempinho para ler para mim e para incentivar que eu lesse para ela. Iámos rezando, ela lia uma parte dos livros, eu lia outra e, assim, fui tomando gosto pelos livros.

Foi um encantamento tão arrebatador que, no decorrer da minha adolescência, esse foi se tornando o presente que eu mais gostava de ganhar. Na cidade onde eu residia – a saber, São José do Rio Preto, no interior do estado de São Paulo –, havia uma Saraiva *Mega Store* – enorme livraria, com dois andares e prateleiras abarrotadas de livros. Foi nas prateleiras de literatura juvenil que conheci Rick Riordan, Thalita Rebouças, John Flanagan, John Green, Meg Cabot, Stephanie Meyer e outros escritores e outras escritoras que meu “eu-adolescente” adorava. Seus livros me incentivaram aos primeiros exercícios de escrita em prosa, feitos na forma de *fanfics*.

Ao mesmo tempo, eu também me envolvia na escrita em versos, inspirada em poetas e poetisas que pude conhecer nas aulas de Literatura, na escola. Minha favorita era Florbela Espanca; lembro-me de me sentir tocada pelo soneto *Vaidade*, que iniciava dizendo “Sonho que sou a Poetisa eleita, / Aquela que diz tudo e tudo sabe, / Que tem a inspiração pura e perfeita, / Que reúne num verso a imensidade!” (ESPANCA, 2007, p. 4)⁴⁶. Então, no auge dos meus 17 anos, talvez sentindo-me a própria poetisa eleita, escrevi o poema que abriu este capítulo.

⁴⁶ A publicação original dessa poesia foi feita em obra intitulada *Livro de Mágicas*, cuja primeira tiragem ocorreu no ano de 1919.

“Fiz, de palavras, bela sapatilha”, disse eu, reconhecendo que essa era a minha principal forma de expressão. Situada em um contexto socioeconômico de classe média, minhas amizades tinham seus “talentos” artísticos estimulados: eu tinha amigas e amigos bailarinos, a que tive a oportunidade de assistir no palco do Teatro Municipal de São José do Rio Preto; tinha um amigo pianista, que também ouvi tocar inúmeras vezes; duas outras amigas já eram jovens atrizes, ambas decidindo pelo curso de Artes Cênicas, após o término do Ensino Médio. Eu? Eu escrevia. O lápis e o papel eram meu palco.

Mais do que expressar-me, a escrita (também a leitura) me permitia experienciar outros mundos, outras formas de ser, viver, por alguns momentos, uma vida onírica – beber de onírica taça, como digo na poesia do início deste capítulo. Não há exemplo maior disso do que os versos finais de tal poesia, nos quais afirmo: “Fiz, de palavras, em um verde gramado, / Mariposas voando ao meu agrado, / Pra eu rolar no chão sem nenhum medo”.

Durante a adolescência, desenvolvi um medo intenso da maioria dos tipos de insetos, sobretudo dos maiores, com corpos grossos, cheios de patas e asas para voar até mim, invadindo o meu espaço: como mariposas, por exemplo. Diagnosticada com insectofobia, ou fobia específica, a presença dos insetos (ou mesmo a ideia dessa presença) me despertava horríveis crises de pânico, nas quais eu chorava intensamente por vários minutos e arranhava meu corpo querendo arrancar alguma espécie de animal rastejante imaginário da minha pele.

Evidentemente, essa situação causava-me limitações no ambiente escolar, em passeios com amigas e amigos e, às vezes, atingia-me até no refúgio do apartamento onde eu morava, no quinto andar, cujas janelas todas tinham telas para impedir a entrada de insetos. Embora presente no meu cotidiano, nos livros que eu lia e nos textos que eu escrevia, eu não estava presa à minha fobia nem aos remédios psiquiátricos para controlá-la. A literatura era fuga da realidade? Não vejo dessa maneira. Entendo que os textos literários eram outras realidades, outras possibilidades para esse sujeito que era eu, sem essa distinção entre o real e o escrito.

Foi a partir de minha própria experiência com a literatura – manifestação artística e cultural que me é tão cara – que eu constituí esta tese e, mais especificamente, este capítulo. Assim, no subcapítulo intitulado *Literatura Virtual*, irei discorrer acerca do entendimento de literatura do qual estou partindo e da noção de

virtualidade que qualifica o termo literatura nesta tese. Em seguida, no subcapítulo *A literatura como Pedagogia Cultural*, farei algumas considerações sobre o conceito de Pedagogias Culturais, relacionando-o com os textos literários e explicitando o vínculo estreito entre esta tese e o campo da Educação.

3.1. Literatura Virtual

“Literatura Virtual”, coloco eu no título deste subcapítulo (e, também, no título desta tese). Mas como vejo isso, afinal? O que me levou a trazer esse termo para o meu problema e objetivos de pesquisa? Bem, essas não são perguntas respondidas tão facilmente, de forma que vi necessidade de reservar uma sessão inteira da tese para explicitá-la. Minhas explicações demandam um destrinchamento do termo literatura virtual para entender a composição de palavras que o forma: não se pode compreender “literatura virtual” se não houver uma compreensão do que é a “literatura” e do que é o “virtual”.

Começarei pela primeira palavra: literatura. Desde já, acredito ser importante explicitar que não tenho nenhuma intenção de definir literatura a partir de concepções da crítica literária e muito menos de defender uma “verdadeira literatura” pautada em uma suposta originalidade, qualidade linguística e outros critérios em detrimento de textos literários entendidos como inferiores.

Não me sinto, de nenhum modo, impelida a fazê-lo. Não me aproximo da crítica literária, minhas bases acadêmicas não têm relação com os estudos literários e esta é uma tese em Educação, não em Letras/Literatura. Desse modo, minha concepção de literatura é, antes de mais nada, uma concepção filosófica e educacional – esta última está vinculada à noção de pedagogias culturais que discutirei no próximo subcapítulo. No que diz respeito às discussões filosóficas acerca da literatura, partirei de algumas considerações feitas por Foucault, Deleuze e Guattari.

Conforme elucida Machado (2005), o tema da literatura é tratado por Foucault em textos esparsos, nos quais aborda o homem⁴⁷ moderno enquanto um sujeito que, inconformado com a ideia da morte, da sua própria finitude, encontra na literatura uma possibilidade para superação. A discussão que Foucault faz é de cunho filosófico, de

⁴⁷ O autor usa a terminologia “homem” para referir-se à humanidade de modo geral, como é comum no campo da Filosofia e das Ciências Humanas. Atualmente, as discussões de gênero já se ampliaram no meio acadêmico, de modo que não cabe generalizar os seres humanos a partir de um termo masculino. Porém, mantive a palavra “homem” aqui para respeitar a designação usada pelo autor.

modo que ele pauta não haver garantias da existência de um “referente” para as palavras, que se repetem, provocando desdobramentos, duplicações da linguagem. Porém, com a ausência de uma base, de algo que confira sentido fundamental às palavras, suas repetições são inexatas, podem negar-se entre si, de forma que Foucault traça um paralelo entre loucura e experiência literária.

Na conferência *Linguagem e literatura*⁴⁸, Foucault (2016a) se coloca a pergunta: o que é literatura? Como faz com outros conceitos e verdades ditas universais, ele argumenta em prol de uma concepção historicizada de literatura, afirmando que nosso entendimento do que é a literatura é relativamente recente. Isso significa dizer que, mesmo que consideremos textos antigos ou medievais como parte da literatura, consideramo-los desse modo a partir de nossa compreensão da linguagem e não das concepções circulantes nos contextos históricos em que tais obras foram escritas.

Ao tentar compreender o que é literatura – não de forma ontológica, mas enquanto acontecimento moderno –, o autor propõe, em primeiro lugar, estabelecer o que entende por linguagem e por obra. A linguagem seria “o murmúrio de tudo aquilo que é pronunciado” (FOUCAULT, 2016a, p. 78) enquanto a obra é um modo de dar forma à linguagem que “constitui um espaço que lhe é próprio e que retém nesse espaço o fluxo do murmúrio” (FOUCAULT, 2016a, p. 79).

A literatura, nesse sentido, não seria sinônimo de uma obra de linguagem, mas uma terceira coisa que se imbrica tanto na obra quanto na linguagem, sendo uma relação ativa entre elas. Para Foucault (2016a), a literatura seria uma espécie de distância presente na linguagem, um tipo de oscilação, uma ausência que não se pode atingir. As obras de linguagem, portanto, caminhariam na direção da literatura sem nunca sê-la, tendendo a ela e, ao mesmo tempo, subvertendo-a. Toda obra, portanto, vai ser um tipo de pedaço do que é literatura.

Os livros, para Foucault (2016a), são, ao mesmo tempo, transgressão – no sentido em que negam o que foi escrito anteriormente – e biblioteca, fazendo repetir a linguagem. A literatura seria um simulacro, ou seja, uma representação, mas não é uma representação no sentido de uma realidade prévia; de modo distinto, a literatura

⁴⁸ Proferida em dezembro de 1964, nas *Facultés Universitaires Saint-Louis*, em Bruxelas. Sua transcrição foi traduzida e publicada na obra *A grande estrangeira: sobre a literatura*, que é composta por três conferências de Foucault: *A linguagem da loucura*, *Linguagem e literatura* e *Conferência sobre Sade*.

seria representação do próprio livro, da linguagem que se repete e se duplica constantemente.

Assim, nessa espessura aberta e fechada do livro, nessas folhas que são, a uma só vez, brancas e cobertas de signos, nesse volume único – pois cada livro é único e semelhante a todos, pois todos os livros se assemelham –, o que se recolhe é algo como o próprio ser da literatura. A literatura que não deve ser compreendida como a linguagem do homem, nem como a Palavra de Deus, nem como a linguagem da natureza, nem como a linguagem do coração ou do silêncio; a literatura é uma linguagem transgressiva, é uma linguagem mortal, repetitiva, redobrada, a linguagem do próprio livro. Na literatura, há apenas um sujeito que fala, um só fala, e é o livro (FOUCAULT, 2016a, p. 102).

No entanto, a compreensão foucaultiana da literatura não permanece imóvel nos escritos do filósofo. Se, no começo de sua produção, Foucault se interessou bastante pelos textos literários, nos anos subsequentes, as menções à literatura vão se tornando mais esparsas, mas apontam para outros direcionamentos para além do que aparece em seus escritos iniciais. Roberto Machado (2005) constitui uma análise pertinente sobre a presença da temática da literatura nos livros, cursos, conferências e entrevistas que Foucault proferiu/escreveu ao longo de sua vida.

Conforme Machado (2005), ainda nos anos de 1960, quando Foucault publicou *A Arqueologia do Saber*, a literatura passou a ser compreendida como um tipo de discurso que, assim como os demais, seriam passíveis de uma análise arqueológica – ou seja, uma análise discursiva buscando compreender a emergência de enunciados em sua historicidade e seu funcionamento no interior dos discursos. Essa é uma perspectiva que muito me interessa e as discussões acerca do discurso serão tratadas com mais minúcia no capítulo metodológico desta tese.

Sobre esse entendimento de literatura como discurso, Rosa Fischer (2012), ao tratar dos escritos de Foucault, defende que esqueçamos essa dicotomia de que, na literatura – e nas outras formas de arte –, existe, de um lado, o sujeito que fala, dono da palavra, e, no lado oposto, os outros de quem ele fala. Essa dicotomia pauta-se em um “modelo representacional”, que eterniza através da linguagem a realidade tal como ela é; porém a autora ressalta que a relação entre a palavra e a coisa não é fixa. Em toda a arte e na literatura, há formas distintas de se falar sobre algo, os discursos se alteram, imbricados nas lógicas de poder de uma época, emergindo novos enunciados, produzindo outros modos de ser.

A noção de que a literatura, enquanto ficção, pode produzir formas de ser, de experienciar o mundo e de amar (como é o interesse da presente pesquisa) está ligada

a uma não contraposição entre o real e o ficcional. No artigo *Distância, Aspecto, Origem*⁴⁹, Foucault discute o fictício enquanto “nervura verbal do que não existe, tal como ele é” (FOUCAULT, 2015, p. 69). Para o autor, falar em ficção não é um processo dialético, a partir de uma oposição binária de existência/não existência ou realidade/imaginação; a ficção não marca um distanciamento entre “as palavras” e “as coisas”, em outro sentido, a linguagem constitui essa distância, faz avanços, construindo esse fictício.

Timothy O’Leary (2012) aponta que, em uma perspectiva foucaultiana, “é possível que a ficção induza efeitos de verdade, tanto quanto é possível para um discurso de verdade fabricar, ou ficcionalizar algo” (O’LEARY, 2012, p. 889). Isso se dá porque ficção e verdade não estão constituídas, no pensamento foucaultiano, em uma lógica de oposição. O autor argumenta que o processo de produzir, de operar uma transformação, de trazer algo a uma dimensão de existência, de experiência, é ficcional.

Se formos adiante, cronologicamente, na produção de Foucault, é possível encontrar breves referências que o filósofo faz sobre a literatura no que se convencionou chamar de sua fase genealógica⁵⁰. Sobre isso, Machado (2002) aponta que a literatura vai perdendo seu caráter transgressor nas teorizações foucaultianas, pois, em obras como *Vigiar e Punir e História da Sexualidade vol. 1*, o discurso literário é visto como um discurso de poder, ao lado de outros (por exemplo, os médicos, os científicos e os educacionais). Assim

[...] a literatura não é algo destinado, por sua natureza, a desmantelar os dispositivos de poder [...] para a genealogia de Foucault não há, de um lado, os discursos do poder e, de outro, discursos contra o poder, visto que os discursos formam campos estratégicos que tanto podem intensificar os controles quanto se constituir como pontos de resistência, focos de reação (MACHADO, 2005, p. 127).

Entendo, portanto, que a literatura pode ser, ao mesmo tempo, essa coisa que transgride e que repete; que cria lugares de resistência e que, também, insere-se na ordem do verdadeiro que faz proliferar certos discursos que circulam na sociedade atual, enquanto limitam e rarefazem outros. Literatura que permite práticas de liberdade e, ao mesmo tempo, faz funcionar mecanismos de poder.

⁴⁹ Texto publicado em 1963, no periódico *Critique*. Nesta tese, faço referência à tradução brasileira, publicada na coletânea *Ditos e Escritos, volume III*.

⁵⁰ Que seria, a grosso modo, as discussões do autor centradas no conceito de poder, presentes em livros como *A Ordem do Discurso*, *Vigiar e Punir e História da Sexualidade vol. 1*.

Para delinear a concepção de literatura da qual eu parto, no entanto, cabem, ainda, algumas outras considerações. Isso porque não se trata de definir literatura de forma geral, mas especificamente o tipo de literatura a ser investigada nesta pesquisa: uma literatura divulgada unicamente pelo meio digital, uma literatura que não possui qualquer reconhecimento acadêmico ou da crítica literária, uma literatura com autores e autoras que recaem no anonimato ou no desconhecimento, uma literatura sem valor ou de baixo valor de mercado e, além de tudo isso, uma literatura lésbica. Por todas essas razões, vejo-a enquanto um tipo de literatura menor.

Mas o que seria isso? Quando Deleuze e Guattari (2021) discutem a questão da literatura – a partir dos escritos de Kafka –, é feita uma diferenciação entre aquilo que é chamado de grande literatura e a literatura menor. Para os autores, "as três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato político, o agenciamento coletivo da enunciação" (DELEUZE; GUATTARI, 2021, p. 39).

Considero pertinente discutir cada um desses elementos e seus possíveis vínculos com minha proposta investigativa e o tipo de literatura que me proponho a estudar. Em primeiro lugar, os supracitados autores demarcam que falar em literatura menor passa pela desterritorialização do sistema linguístico, de modo que uma minoria faz seus usos de uma língua dita "maior". Para exemplificar a questão, eles citam a produção literária judaica em língua alemã e a literatura da população negra estadunidense em língua inglesa.

Assim, proponho pensar na literatura lésbica, produzida em língua portuguesa, como possibilidade de desterritorialização. É sabido que o Português – língua latina e europeia – se coloca no continente americano como idioma colonizador e se sobrepõe, imperativamente, sobre os demais idiomas e dialetos que circulavam e/ou circulam nessas terras que hoje configuram o território brasileiro. Além disso, faz-se também evidente o caráter masculinista do Português, fazendo com que os substantivos, pronomes e adjetivos sejam flexionados no masculino quando faz-se necessário referir-se às pessoas no geral.

Sendo assim, acredito ser pertinente pensar como literatura menor esses usos da língua que visibilizam mulheres e seus amores lésbicos, que tratam de casais no feminino, que estão sempre demarcando o que "elas" vivenciam, ao invés do generalizante "eles", que engloba mulheres sem mostrá-las. Entendo que a

desterritorialização também perpassa por esse uso pouco erudito e autorizado da língua que se faz no ambiente virtual, permitindo que sujeitos com poucos recursos para publicar seus livros o façam gratuitamente ou com baixos custos.

Outra característica da literatura menor, para Deleuze e Guattari (2021), é que qualquer caso individual abordado na narrativa não configura apenas um caso individual, ele abarca necessariamente questões socio-históricas de determinados grupos ou problemáticas vigentes na sociedade, o que significa que são obrigatoriamente políticos. Ao tratar de uma literatura lésbica, considerando a violência e o imperativo da heteronormatividade que se incidem sobre os corpos de mulheres lésbicas ou não heterossexuais, entendo ser inviável discutir tal literatura fora das questões políticas implicadas nela.

O terceiro elemento (a meu ver, muito vinculado a este segundo) é o valor coletivo presente na literatura menor. Deleuze e Guattari (2021) apontam que a literatura menor não é aquela de grandes nomes, de talentos profusos, dos "mestres", de destaques à figura do autor ou autora. As enunciações dessa literatura não estão marcadas pela individualidade de quem escreve, mas pela coletividade. Não se trata de um autor ou autora que são a causa das enunciações, mas de autores e autoras que são efeitos daquilo que é dito; e é aí que reside o potencial revolucionário da literatura menor.

No caso da literatura virtual publicada nas plataformas Amazon Kindle e Wattpad, não me interessa o talento dessas escritoras nem intencionalmente encontrar ali o próximo grande nome da literatura brasileira; aliás, muitas das pessoas que publicam seus textos virtualmente o fazem a partir de pseudônimos. É possível ressaltar, também, que, na medida em que não estão nas estantes das grandes livrarias, que não podem falar nos espaços ocupados por escritores e escritoras reconhecidos, esses sujeitos se localizam nas margens da produção literária. Estando nesse lugar, podem constituir uma potente literatura menor.

Para falar de uma literatura publicada no Amazon Kindle e no Wattpad, é preciso considerar o espaço no qual essa literatura emerge: o ciberespaço. Shirlei Rezende Sales (2014) argumenta que, para pesquisar no ciberespaço, o pesquisador precisa levar em conta as suas características, ou seja, sua desterritorialização, os tipos de linguagem que circulam, a estética, a tecnologia, as ferramentas disponíveis on-line, os comportamentos ditos apropriados, etc. Assim, para Sales, Ferreira e Vargas

(2014), o ciberespaço não deve ser visto como um espaço que serve estritamente à busca por informações, “mas também um espaço de compartilhamento de saberes, de produção de conhecimento, que formula novas formas de sociabilidade” (SALES; FERREIRA; VARGAS, 2014, p. 50).

Também sobre o ciberespaço, Lúcia Santaella (2019) afirma que ele não corresponde a um ou outro aparelho eletrônico que permite acesso à internet. De outro modo, “o ciberespaço é o espaço cada vez mais gigantesco nas redes, das informações e dados que nele crescem desmesuradamente, aliás, um espaço que hoje está nas nuvens, acessível ao toque dos dedos” (SANTAELLA, 2019, p. 49). Para pensar o ciberespaço, é preciso, também, pensar a cibercultura, já que essa corresponderia a “todas as formas de produção de linguagem e interações comunicativas que proliferam no ciberespaço” (SANTAELLA, 2019, p. 50).

Para Santaella (2003), no momento atual de nossa sociedade, a formação cultural está vinculada ao meio virtual. Como criações humanas, as tecnologias carregam nuances e problemáticas que são parte do ser humano. Nesse contexto, a arte (e aqui considero, também, a literatura) nos possibilita olhar para o aspecto humano da cibercultura, refletindo acerca de outras formas de ser no contexto das novas tecnologias. A partir disso, pude pensar que não se trata da cibercultura nos constituindo nem de nós constituindo a cibercultura, mas de um processo mútuo, no qual a literatura e as outras formas de arte que se manifestam no ciberespaço têm um papel central.

Isso me leva ao adjetivo com o qual venho qualificando literatura nesta tese: o termo “virtual”. Essa palavra, segundo Lévy (2010), possui, no mínimo, três significados. O primeiro deles é técnico, que se relaciona à informática – e, nesse sentido, os textos literários que analisei nesta tese são necessariamente virtuais, já que só podem ser acessados via aparelhos eletrônicos, como computadores, celulares e *tablets*.

No entanto, mais do que esse entendimento um tanto simplista do virtual, interessam-me os dois outros sentidos que Lévy (2010) aponta para o termo em questão. Um deles é o filosófico, que caracteriza como virtual algo que existe somente em potência. O autor argumenta que “a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência, não em ato” (LÉVY, 2011, p. 15). Ele ainda faz uma

problematização do que chama de “sentido corrente” do virtual, que é o que se opõe ao real.

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 2011, p. 16).

Assim, o autor argumenta que a virtualidade não é sinônimo de irrealidade, mas um modo distinto daquilo que é real. Para Lévy (2010), pode ser considerado virtual “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 2010, p. 49).

Ao tratar do conceito de texto, Lévy (2011) argumenta que todo texto é necessariamente virtual, mesmo que seu suporte não seja o ciberespaço e ele esteja, por exemplo, materializado nas páginas de um livro. Isso porque os textos estão em constante atualização, podendo ser copiados, traduzidos, comentados e adaptados. O sentido do texto, portanto, não é algo fixo e preexistente, mas fabricado em cada leitura, que por si só já constitui uma atualização.

No formato digital, a virtualização do texto é potencializada. Lévy (2011) argumenta que, ao não ter suporte físico, o texto não está preso a uma materialidade que antecede a leitura. Pensar na escrita/leitura a partir do celular, computador ou outros aparelhos eletrônicos não é meramente uma transposição do papel para a tela, mas significa forjar outras formas de escrever e ler. Essas formas estão pautadas, sobretudo, na interatividade, de modo que a leitura e a escrita se tornam coletivas e os textos vão se conectando uns aos outros – a partir de links, comentários e compartilhamentos – e se tornando hipertextos.

Para Lévy (2011), o hipertexto permite a existência de outras formas de produção de sentido, para além do texto em si; são essa multiplicação e essa atualização constante dos textos no ciberespaço que fazem do hipertexto uma virtualização. Assim, o autor afirma que as redes digitais fazem uma desterritorialização do texto a partir do hipertexto. Nesse sentido, a literatura publicada na internet pode se configurar enquanto o que Lévy chama de “obras-processo”, a partir da interatividade entre o escritor ou escritora com seus receptores e receptoras.

Para Cristiane Porto e Eméa Santos (2019), embora haja casos em que o ebook aparece como uma “versão digital” do texto impresso, tendo como mudança

significativa apenas o suporte, outras plataformas propiciam maior interatividade entre os(as) leitores(as) e os(as) escritores(as). Ao meu ver, esse é o caso do Wattpad. Na plataforma, escritores e escritoras podem publicar um capítulo de cada vez, recebendo comentários dos leitores que podem ser inseridos tanto ao final dos capítulos, como em cada parágrafo específico do texto. O escritor ou escritora, por sua vez, pode responder cada um desses comentários, dialogando com seus leitores. Sendo assim, o leitor ou leitora opina na obra ainda em andamento, muitas vezes, participando de forma ativa do processo de criação da história.

Além disso, a constância comumente presente no texto literário – que, ao ser publicado, não mais se modifica – não se dá nesse contexto virtual. O escritor do Wattpad pode, a qualquer momento, apagar capítulos, inserir novos e mesmo editar aquilo que já foi publicado, revisando, alterando, retirando trechos e incluindo outros. Isso faz com que a obra, nesse contexto virtual, possa ser categorizada como aquilo que Lévy (2010) chama de “obra-acontecimento”.

Já no caso do Amazon Kindle, o autor ou autora precisa publicar a obra completa. No entanto, ainda assim, o caráter de obra-processo e de obra-acontecimento ainda está presente, porque não se trata de textos acabados e imutáveis, como os impressos em papel. O Amazon Kindle possui um sistema de avaliações a partir do qual os leitores e leitoras podem dar a um livro uma nota que varia de 1 a 5, além de deixar comentários escritos que podem ser lidos por qualquer pessoa. Os leitores e leitoras também podem “grifar” trechos dos livros que acham interessantes e, com o tempo, os trechos mais grifados aparecem destacados para toda pessoa que ler o ebook em questão.

Vê-se, então, um nível de interatividade dos leitores e leitoras, ainda que não seja tão aprofundada como no Wattpad. A partir dessa interatividade, a pessoa que escreveu o livro pode ser levada a alterar o texto publicado. Se um novo arquivo de texto é submetido pela escritora ou escritor, as mudanças aparecerão não apenas nos ebooks vendidos a partir daquela data, mas também nos que foram vendidos anteriormente.

Assim, em outras palavras, os textos literários publicados no Wattpad e no Amazon Kindle podem ser entendidos como parte de uma literatura virtual por três motivos. O primeiro é pelo seu próprio estatuto de literatura ou de texto (literário) que – tanto nas teorizações foucaultianas quanto no pensamento de Lévy (2010, 2011) –

pode (des)continuamente se repetir, desdobrar, deslocar e atualizar. O segundo é por configurar uma literatura menor, que passa por uma desterritorização da língua; e a virtualidade está implicada e relacionada nos movimentos de desterritorialização. Por fim, ao estar no ciberespaço, trata-se de uma literatura virtual por sua potência de ser “obra-processo” e “obra-acontecimento”.

Não basta, no entanto, explicitar por onde entendo o conceito de literatura virtual e por que os textos literários publicados no Amazon Kindle e no Wattpad integrariam esse tipo de literatura. É necessário pensar de que modos a literatura (publicada na internet ou não) pode ser pedagógica. É nisso que me deterei no próximo subcapítulo.

3.2. A literatura como pedagogia cultural

Para pensar a literatura como pedagogia cultural, é preciso, em primeiro lugar, delinear esse conceito. A noção de pedagogia, por si só, já é um conceito móvel e que se modifica em distintos contextos socio-históricos. Para Viviane Camozzato (2012), a pedagogia “tem relação com as formas de conduzir os sujeitos, de atuar sobre eles de modo a obter determinadas ações, fomentando um governo de si e dos outros” (CAMOZZATO, 2012, p. 189).

Adjetivar a palavra pedagogia com o termo “cultural”, na visão de Paula Deporte de Andrade (2014), implica entender que “a cultura cria condições para que novas pedagogias, produzidas a partir de análises culturais, emergem a fim de dar conta das demandas do tempo presente” (ANDRADE, 2014, p. 1). Isso pois, atualmente, um número ilimitado de artefatos culturais faz parte dos modos como os sujeitos se compreendem, se comportam e se relacionam.

Em artigo escrito com Marisa Vorraber Costa, Andrade (2017) explicita que o termo “pedagogias culturais” vem aparecendo em pesquisas brasileiras há mais ou menos duas décadas e está inserido nas teorizações dos Estudos Culturais, que é um campo de conhecimento que abrange múltiplas áreas, incluindo a Educação, e tem como foco as discussões sobre cultura. Para as autoras, a noção de pedagogias culturais emerge a partir de “vários autores que se dedicaram a vislumbrar e analisar as pedagogias atuantes em uma multiplicidade de espaços, para além daqueles que delimitam territórios escolares ou escolarizados” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 3).

Andrade e Costa (2017) argumentam que, antes mesmo que o termo passasse a ser usado no cenário acadêmico, teorizações já vinham contribuindo para a compreensão das pedagogias culturais. É o caso dos escritos de Henry Giroux, que se alia às chamadas teorias críticas, cuja orientação costuma ser marxista. Para Andrade e Costa (2017), Giroux cunha o conceito de pedagogia pública ao compreender que o funcionamento da cultura é pedagógico e que as pedagogias existem, também, fora do espaço escolar.

É com os escritos de David Trend⁵¹, no entanto, que Andrade e Costa (2017) apontam que o termo “pedagogias culturais” passou a ser utilizado nas pesquisas acadêmicas. Cabe ressaltar que a emergência do conceito também ocorre no contexto das teorias críticas, bastante atrelado a um tom de denúncia ao capitalismo, às ditas ideologias dominantes e à mercantilização da arte e da cultura. Aproximando os conceitos de pedagogia e cultura, essa obra de Trend defendia determinado tipo de pedagogia cultural, no qual haveria uma preocupação política com a arte, os artistas e a cidadania dos sujeitos. No entanto, a partir desse marco inicial, o termo “pedagogias culturais” vai se ampliando e tem sido bastante usado para se referir às pedagogias de diferentes artefatos culturais e midiáticos. Trata-se de um conceito “flexível e produtivo para indicar processos educativos em marcha nas sociedades de hoje” (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 18).

Assim, o conceito de pedagogias culturais no qual me apoio não se fundamenta no referencial crítico supracitado, pois não intencionalmente denunciar pedagogias que reforçam opressões capitalistas ou defender pedagogias “cidadãs”, traçando um juízo de valor. Minha proposta de trabalho com o conceito de pedagogias culturais está embasada nos Estudos Culturais de perspectiva pós-estruturalista, que, segundo Viviane Camozzato e Marisa Vorraber Costa (2013), abarcam pesquisas acadêmicas preocupadas com o funcionamento e os efeitos de pedagogias em artefatos e espaços diversos, dentro e fora do contexto escolar.

Nesse sentido, as autoras falam em uma vontade de pedagogia, que considera que “as condições culturais contemporâneas exigem constantemente pedagogias que cruzam a esfera social e acionam um conjunto de forças para intensificar e refinar, por via das pedagogias, as aprendizagens necessárias a tornar-nos governáveis”

⁵¹ Andrade e Costa (2017) tratam da obra *Cultural Pedagogy: art, education, politics*, de David Trend, publicada em 1992.

(CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 23). O termo “governáveis”, aqui, não implica uma intencionalidade estatal (ou de uma classe dominante) de ludibriar ou oprimir um grupo destituído de poder; a partir das teorizações foucaultianas, a noção de governo implica uma condução de condutas de todos os sujeitos, na medida em que todos e todas somos parte da sociedade e, portanto, não escapamos dos mecanismos de poder que nela operam.

É na medida em que incidem sobre a vida de todas as pessoas que as pedagogias são parte das práticas de governamento que funcionam na contemporaneidade. As pedagogias, para Camozzato e Costa (2013), ensinam e fabricam formas de ser sujeito, de afirmar determinados discursos como sendo verdadeiros. Para as autoras

A pedagogia vai corresponder ao conjunto de saberes e práticas postas em funcionamento para produzir determinadas formas de ser sujeito. A pedagogia relaciona-se, assim, com o modo de conduzir os sujeitos, de operar sobre eles para obter determinadas ações, incitando a um governo de si e dos outros. Desde que irrompemos no mundo, estamos cercados por estratégias que visam nos educar, tornar-nos sujeitos ajustados aos saberes válidos e compartilhados nas culturas e contextos em que vivemos. A educação pode ser pensada, assim, como um modo de direcionar as pessoas com vistas a desenvolver determinados tipos de sujeitos. A educação está presente na família, nas redes de amizade, nas mídias, nas estratégias para fazer circular e perpetuar as histórias e valores de cada grupo, etc. Ela é, portanto, ampla e contínua. Não há, nesse sentido, um modelo único de educação e nem a escola é o espaço exclusivo para ela. A cada diferente contexto há a exigência de que a educação seja configurada para dar conta das especificidades que ele impõe (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 26).

É nesse sentido que entendo a literatura como pedagógica. As pessoas que escrevem e que leem nas plataformas on-line são direcionadas, conduzidas, incitadas a determinadas formas de ser. Quem escreve e lê no Wattpad ou no Amazon Kindle pode ser subjetivada/subjetivado pelos discursos que constituem os textos literários que lá se encontram, discursos nos quais funcionam estratégias de poder que afirmam determinados saberes e pressupostos enquanto verdades do nosso tempo.

As pedagogias, afirma Camozzato (2012), também têm como estratégia o incentivo a uma série de práticas de si, conceito a ser esmiuçado no próximo capítulo, mas que, desde já, demarco que está relacionado à análise de si mesmo, dos próprios comportamentos, atitudes, sentimentos, etc., para que seja possível ser aquilo que queremos ser. Para a autora, levando em conta que os sujeitos não elaboram a si mesmos sozinhos, as pedagogias atuam nessa elaboração – sejam aquelas que ocorrem em espaços de educação formal, sejam as pedagogias culturais.

As considerações feitas por Camozzato (2012) são importantes para pensarmos que as pedagogias culturais não atuam moldando os sujeitos todos da mesma forma, a partir dos discursos que veiculam. Os modos como elas incidem estão relacionados com as suas capacidades de mobilizar os marcadores que incidem nos sujeitos e os auxiliam em suas leituras do mundo. Como toda pedagogia, as pedagogias culturais implicam que o sujeito aja sobre si mesmo, nesse exercício de subjetivar-se. Ao mesmo tempo, pessoas são capturadas por determinadas pedagogias, vinculando-as às suas práticas de si enquanto resistem a outras pedagogias também em funcionamento em nossa sociedade.

Ou seja, não é porque um conjunto de mulheres leu determinado texto literário na internet, que todas essas mulheres irão constituir uma mesma forma de amar, pautada nos discursos do livro em questão. Cada pessoa entra em contato, diariamente, com uma série de discursos, a partir de um sem fim de artefatos culturais e pedagógicos. Alguns discursos, mais do que outros, farão parte dos exercícios dessa pessoa sobre si mesma, da sua própria constituição como sujeito. Essa literatura que me propus a estudar (virtual e lésbica) se constitui de discursos que são pedagógicos, que podem ensinar modos de ser, de viver, de se relacionar, de amar – e cada leitora será subjetivada de maneira diferente por ela.

Eu não sou a primeira a entender a literatura enquanto pedagógica. Outros pesquisadores e pesquisadoras já investigaram o potencial pedagógico dos textos literários, embora grande parte dos trabalhos acadêmicos que vinculam educação e literatura versem sobre o ensino de literatura nas escolas ou sobre o uso da literatura no processo de alfabetização e letramento.

Para Rogério de Almeida (2011) a literatura é formativa mesmo que não esteja em espaços de educação formal, “porque age sobre sensibilidades e prolifera modos de existir, de viver, por meio do diálogo constante e renovável entre leitor e texto” (ALMEIDA, 2011, p. 136) e ainda porque “transfigura os impulsos, as crenças, os sentimentos e as normas da sociedade” (ALMEIDA, 2011, p. 136).

Almeida (2011) também reforça como a literatura não tem um único sentido. As leituras são plurais, instáveis, sempre recriadas dependendo de quem lê e do contexto histórico e cultural em que a leitura é feita. Assim,

[...] a literatura, como experiência estética, portanto no âmbito da sensibilidade e das sensações, fornece-nos a possibilidade de dialogar com os modos de existência projetados no mundo do texto. A literatura propicia, dessa forma, mais que uma experiência acabada, em contato com uma obra

também acabada, já que está permanentemente aberta a um processo de (re)criação constante, sempre que alguém se põe a ler (ALMEIDA, 2011, p. 127).

No caso da literatura virtual, como apontei no subcapítulo anterior, essa ideia de que a literatura não apresenta uma experiência acabada é potencializada pelas próprias características do texto, que pode ser alterado e atualizado conforme quer o autor ou a autora. Nesse sentido, a literatura lésbica virtual que estudei nesta tese não apresenta uma pedagogia única e pronta, mas polissêmicas pedagogias possíveis.

Tendo delineado essa posição que tomo diante de meu objeto de pesquisa, trarei caminhos de ordem teórico-metodológica no capítulo a seguir, discutindo procedimentos que orientarão minhas futuras análises.

4. “Não disponho do bem e do mal, só da dor da palavra liberdade”

Minha alma, meu amor, minha vida / é somente finitude esquecida / porque não disponho da eternidade. / O que não é eterno é tão imoral, / também não disponho do bem e do mal, / só da dor da palavra liberdade (Cadernos de Poesia).

Abro este capítulo com um poema que escrevi há muitos anos, quando passei a me questionar acerca das prescrições morais e dos dogmas do catolicismo, religião na qual fui criada, como já mencionei anteriormente. Achei que cabia aqui, para dar início a este capítulo que traz os delineamentos e caminhos metodológicos que tomei na pesquisa, dado que tais caminhos se afastam de verdades instituídas, universais, dicotomias e maniqueísmos.

Não é minha intenção julgar moral ou politicamente livros de literatura lésbica, classificando-os entre aqueles que são bons e os que são ruins, aqueles que contribuem corretamente para uma representatividade lésbica e os que não o fazem, aqueles que evocam em suas páginas um dito verdadeiro amor lésbico e os que não são capazes de fazê-lo.

Não desejei encontrar a definição do que é o amor lésbico – de forma única, inquestionável e eterna. Nem o amor lésbico, nem nada nesse mundo dispõe da eternidade, não parto do pressuposto de que existem universais a-históricos. Pelo contrário, a historicidade foi parte integrante da minha análise, porque os discursos que analiso são acontecimentos históricos – abordagem que ampliarei ao longo do capítulo.

Antes de chegar lá, no entanto, cabe traçar algumas considerações sobre como operei na pesquisa. Para tanto, retomo aqui meu principal objetivo, que foi “*problematizar os discursos da literatura virtual, na medida em que são produtivos de modos de vivenciar amores lésbicos*”. A partir dele, constituí outros três objetivos (específicos) que promovem desdobramentos em relação a esse objetivo central. São eles: a) *Refletir* acerca das pedagogias da literatura virtual a partir de textos literários nacionais e lésbicos das plataformas Wattpad e Amazon Kindle; b) *Investigar* possíveis recorrências e dispersões que os discursos sobre o amor entre mulheres na literatura virtual apresentam (ou não) em relação à matriz heterossexual; c) *Compreender* as possibilidades do funcionamento de práticas de liberdade engendradas pelo amor lésbico nos discursos veiculados pela literatura virtual.

Para responder aos objetivos de pesquisa, iniciei com uma investigação das duas plataformas (Wattpad e Amazon Kindle) e com os modos como selecionei os

livros a partir delas. Esse será o assunto da primeira seção deste capítulo. Em seguida, abrirei uma segunda seção, para tratar dos livros selecionados para compor a materialidade de minha investigação. Posteriormente, um terceiro subcapítulo tratará dos modos como operei analiticamente, a partir das teorizações sobre o poder, a ética e o discurso.

4.1. Sobre as plataformas e a seleção dos textos literários

O Wattpad e o Amazon Kindle não são as únicas plataformas de leitura on-line existentes. Há inúmeros outros sites e aplicativos, gratuitos ou não, voltados para a publicação de diferentes tipos de textos literários. Algumas dessas plataformas são voltadas para um tipo de literatura específica, como os sites exclusivos para contos eróticos ou aqueles cujo foco está na publicação de *fanfics*.

No entanto, nesta tese, a fim de abranger diferentes gêneros literários e também por entender que essas são duas das plataformas digitais de leitura com maior visibilidade no Brasil – compreensão que tive a partir da minha própria vivência como escritora –, foi que decidi trabalhar com o Wattpad e o Amazon Kindle nesta pesquisa.

Nesse sentido, detalharei as especificidades de ambas as plataformas, para que seja possível explicar como os livros escolhidos para compor minha análise foram selecionados. Isso pois selecionar livros de plataformas on-line não é o mesmo que fazê-los em uma biblioteca ou livraria. Sales (2012) argumenta que o pesquisador ou a pesquisadora precisa levar em conta as características desse ciberespaço, ou seja, sua desterritorialização, os tipos de linguagem que circulam, a estética, a tecnologia, as ferramentas disponíveis on-line, os comportamentos ditos apropriados, entre outros fatores.

No mesmo sentido, Oliveira (2021) afirma que cada pesquisador e pesquisadora irá experimentar, imergir no ciberespaço à sua maneira; isso ocorre porque, em primeiro lugar, cada pesquisa que volta seu olhar para a internet tem seus objetivos próprios e, também, porque o ciberespaço, por si só, não é estável, mas está sempre se transformando.

Acrescento a isso que a própria transitoriedade e instabilidade constante do ciberespaço faz com que cada tempo escolhido para o fazer pesquisa seja único: com uma diferença de algumas horas (ou, por vezes, de minutos), o que se encontra em determinado perfil, rede social, site ou plataforma já pode ser completamente

diferente, visto que os usuários e usuárias podem retirar e/ou inserir publicações na rede. Nesse sentido, não operei fazendo capturas da imagem na tela, de forma a tornar estáticos os textos literários, mas aceitei a literatura virtual em sua dinamicidade, com alterações, acréscimos, apagamentos que as autoras e autores podem fazer a qualquer momento.

Desse modo, cabe dar conta do funcionamento das plataformas de leitura on-line nas quais estão os textos literários que estudei. Começo, assim, pelo Wattpad.

O Wattpad é uma plataforma on-line que pode ser acessada a partir do seu site ou do aplicativo baixado em aparelhos eletrônicos, como *smartphones*. O usuário ou usuária (*user*) faz seu cadastro, utilizando um e-mail e senha, podendo, assim, publicar suas histórias e/ou ler histórias publicadas por outras pessoas. Os escritores ou escritoras devem inserir o texto de cada capítulo separadamente, para publicação. Na inserção de uma nova história na plataforma, também é preciso informar o título, a sinopse, a imagem de capa do livro e se há ou não conteúdo adulto. São permitidas apenas obras cujos direitos autorais pertencem ao *user* que a está publicando, sendo vedado o plágio e/ou traduções não autorizadas.

A leitura das histórias é, majoritariamente, gratuita, embora a plataforma esteja experimentando um mecanismo para que os escritores e as escritoras possam classificar determinada história como paga, cobrando de leitores e leitoras que desejam lê-las. Essa opção está disponível em apenas 6 idiomas, que não incluem a Língua Portuguesa. Há, também, *users* que contribuem com um valor mensal em troca de alguns benefícios na plataforma, como ler off-line ou sem a interrupção por anúncios. No entanto, apesar da existência dessa versão paga, o Wattpad pode ser utilizado sem qualquer contribuição financeira, o que, de certa forma, expande seu alcance.

Outro diferencial do Wattpad é o grau de interatividade entre o escritor ou a escritora e as pessoas que leem suas histórias, informação que já mencionei no capítulo anterior, mas que desejo trazer com minúcia a seguir. O Wattpad expande a interatividade ao permitir comentários no decorrer de todos os capítulos, fazendo com que os leitores e leitoras possam comentar em excertos específicos e manifestar críticas, reações e pontos de vista sobre cada trecho lido. Para ilustrar essa questão, tomarei como exemplo a história *Loba Alfa*, de minha autoria, a qual já mencionei na

introdução desta tese. Atualmente, o livro não se encontra mais para leitura gratuita no Wattpad, tendo sido publicado no Amazon Kindle, com uma capa diferente.

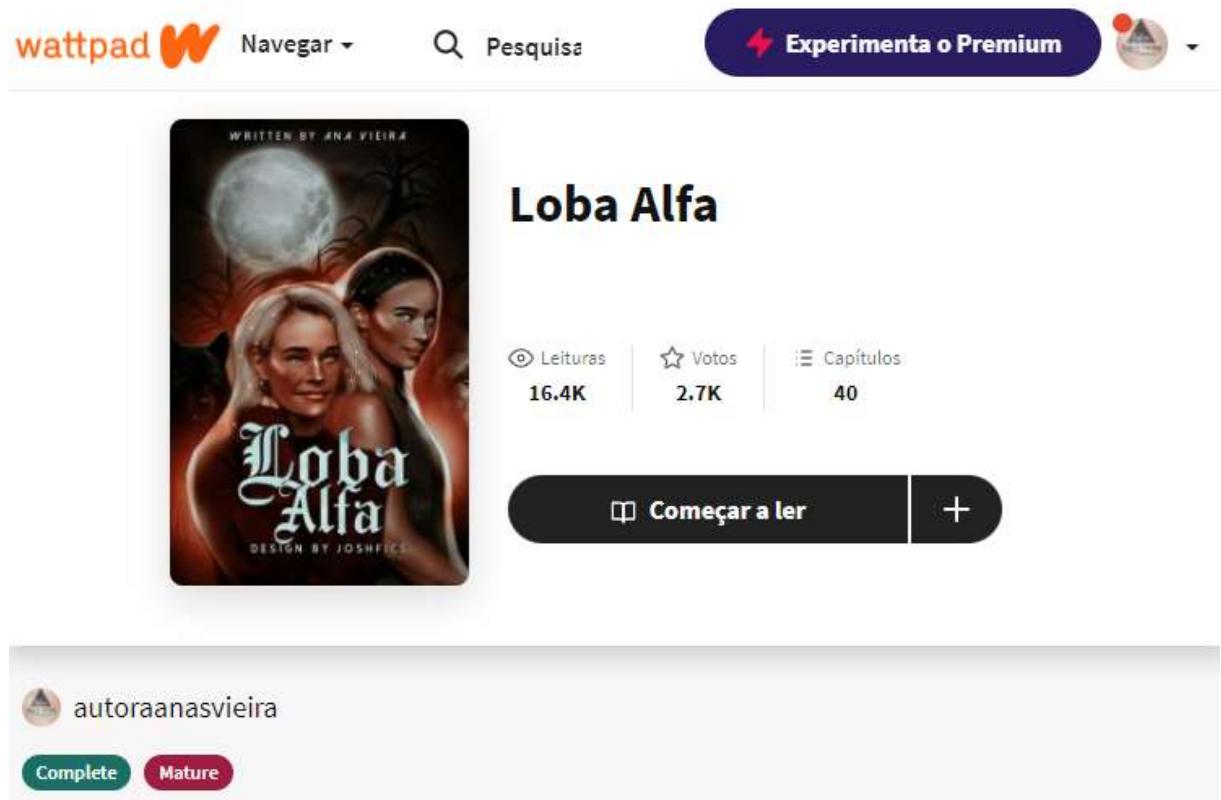


Figura 1 - Página inicial de uma história no Wattpad

Ao clicar em cada história, o leitor ou leitora do Wattpad encontra uma página como essa acima. Nela, é possível verificar o título da história, a quantidade de leituras, de votos e de capítulos. Abaixo da capa, encontra-se o nome do autor ou autora, seguido da informação de que a história está completa ou em andamento, além da classificação indicativa, que, nesse caso, está designada como *mature* por haver conteúdo adulto. Ao clicar em “começar a ler”, o indivíduo é levado ao primeiro capítulo da obra, a partir do qual já pode inserir seus comentários e até mesmo responder os comentários de outros leitores e leitoras.

Na imagem a seguir, vê-se um pequeno trecho do prólogo de *Loba Alfa*. Nos dois parágrafos selecionados, havia, no canto direito, balõezinhos com os números 6 e 11: esses números correspondem à quantidade total de comentários que o parágrafo em específico tinha naquele momento.

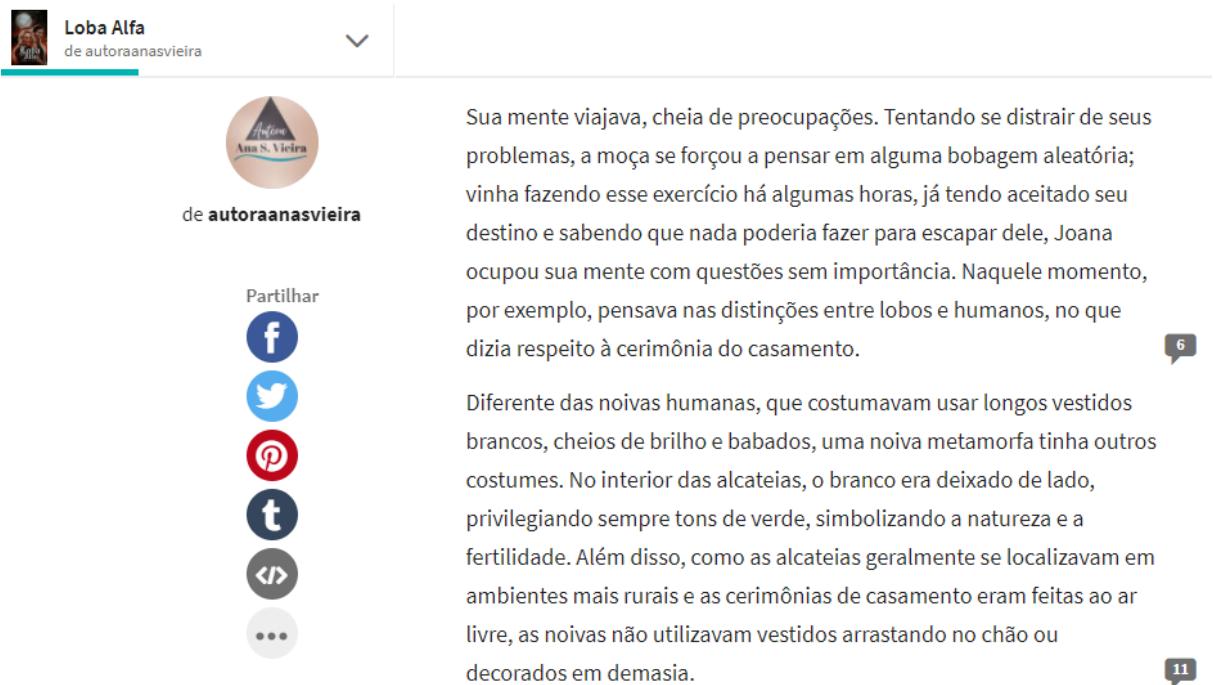


Figura 2 – Trecho do Prólogo de *Loba Alfa*

Fica evidente o funcionamento do hipertexto, visto que somente dessa página mostrada na figura é possível clicar nos comentários e acessar o perfil de cada usuário ou usuária que comentou, sendo possível clicar no nome do autor ou autora (no canto superior esquerdo) e acessar o seu perfil, retornar à página inicial da história (também no canto superior esquerdo) ou, também, compartilhar o texto em questão em outras redes sociais, como Facebook, Pinterest, Twitter e Tumblr, bem como no próprio perfil Wattpad da pessoa que está lendo. Além disso, na medida em que o Wattpad funciona ele mesmo como um tipo de rede social, permite que usuários e usuárias possam postar mensagens públicas em seu perfil ou no perfil de outrem – mensagens que podem ser respondidas por qualquer pessoa que tenha uma conta na plataforma.

Um último aspecto da plataforma que eu gostaria de frisar é como ela possibilita o crescimento de escritores e escritoras iniciantes que, após algum tempo, conseguem retribuição financeira por seu trabalho de escrita. É comum que indivíduos que começaram a escrever no Wattpad, conquistando certo público e visibilidade, transformem seus livros em ebooks ou até em mídias impressas e vendam em sites como a já citada Amazon e outros *Marketplaces*⁵².

⁵² Sites de venda de produtos variados, nos quais o vendedor ou vendedora pode se cadastrar e colocar um produto à venda. Exemplo é a própria Amazon, mas também as Lojas Americanas, Submarino, Magazine Luiza, etc.

Sendo assim, entendo que o Wattpad se configura enquanto plataforma de leitura on-line, de formação de redes de leitores, de lugar de sociabilização e possibilidade de amizades e, também, de lugar de emergência de escritores e escritoras independentes que, posteriormente, desejam se inserir no mercado literário. Por todas essas razões, acredito que não é possível desconsiderar o Wattpad enquanto potente rede social e literária. Também entendo que o ciberespaço e a emergência de uma literatura virtual e gratuita democratizam e ampliam a experiência com a literatura lésbica, não só pelo acesso das leitoras (ou leitores), mas também pela possibilidade de veiculação de textos literários cujas histórias de amor lésbico não seriam divulgadas de outra forma.

Sobre as desvantagens da plataforma como local de pesquisa acadêmica, está o fato de que o Wattpad pouco divulga informações sobre o próprio funcionamento. Nesse sentido, não há pesquisas divulgadas sobre o perfil dos usuários e usuárias da plataforma, sejam escritores/escritoras ou leitores/leitoras – não há, portanto, como montar um panorama acerca do gênero, faixa etária ou nacionalidade das pessoas que usam a plataforma.

Outro problema é quanto ao mecanismo de busca. Ao inserir uma palavra-chave para buscar livros sobre determinado assunto, o Wattpad não informa como ordena o material apresentado. A própria construção de *rankings* feitos a partir de temáticas e gêneros literários não informa como a plataforma leva em consideração as variáveis de quantidade de visualização, acesso à página da obra, inserções do livro nas bibliotecas on-line de cada *user*, frequência de atualização (postagem de novos capítulos) por parte da pessoa autora, entre outros critérios possíveis.

O mecanismo de busca permite que se pesquise em quatro categorias: história, perfil, lista de leitura ou *tags* (*hashtags*⁵³ inseridas pelo autor em sua história). Como não era minha intenção buscar perfis de usuários/usuárias ou listas de leitura e a categoria “história” era a única que permitia que eu inserisse filtros para refinar a busca, escolhi pesquisar a partir dela.

Assim, no que diz respeito à seleção dos textos literários do Wattpad que foram estudados em minha pesquisa, decidi pelo seguinte caminho: a busca foi feita pela palavra lésbica (que aparece no título, sinopse ou *tags*). Feito isso, notei que não havia

⁵³ Hashtags são palavras ou frases precedidas pelo símbolo da cerquilha (#), que usuários e usuárias de diversas redes sociais podem associar às suas publicações, a fim de relacioná-las a outros conteúdos que fazem uso da mesma hashtag.

nenhum padrão definido no ordenamento dos resultados – como ordem alfabética, tempo de atualização da história ou quantidade de visualizações. Sendo esse último o critério que me parecia mais pertinente, devido ao meu interesse de buscar histórias com maior repercussão na plataforma, fiz a triagem manualmente, selecionando apenas livros com 20.000 visualizações ou mais. Ressalto que as visualizações no Wattpad são contabilizadas cada vez que um capítulo do livro é lido por um usuário ou usuária.

Utilizei dois filtros para refinar a busca: o de histórias concluídas, para que buscasse livros com início, meio e fim; e o filtro que me permitia selecionar a quantidade de capítulos da história, o que me auxiliaria a manter um padrão de tamanho dos livros escolhidos. O Wattpad não classifica as obras por quantidade de páginas, palavras ou caracteres, mas sim pela quantidade de capítulos. Existe o filtro que limita histórias até dez capítulos, de dez a vinte, de vinte a cinquenta ou mais de cinquenta capítulos.

Inicialmente, pensei em realizar a seleção de livros de até 10 capítulos, pois escolher textos mais curtos me permitiria analisar um número maior de livros distintos, possibilitando um olhar mais múltiplo sobre a literatura lésbica virtual. Porém as histórias com as quais me deparei, em sua maioria, não desenvolviam satisfatoriamente a questão do amor, sendo breves construções sobre o momento de atração inicial entre duas mulheres. Por causa disso, motivada por meus objetivos de pesquisa, decidi por selecionar livros que tivessem entre 10 e 20 capítulos.

Tendo aplicado os filtros, olhei para os 100 primeiros resultados, observando títulos e sinopses para fazer uma triagem. Além do critério do número de visualizações, também foram excluídas as fanfics (devido à complexidade de trabalhar com um texto literário cujos personagens derivam de outro livro ou artefato cultural), as histórias cujo foco estava apenas no conteúdo sexual e outras que não eram histórias de romance ou que o romance estava secundarizado no enredo – por exemplo, um livro que há uma protagonista lésbica que tem um envolvimento com outra mulher, mas o foco da história é uma investigação policial.

Também selecionei apenas obras que, em seu perfil, a escritora se identificava como mulher, na intenção de abranger textos literários vinculados às experiências lésbicas que, por sua vez, ultrapassam a noção de experiência de uma mulher que se

identifica como lésbica (ou mesmo como não heterossexual) e se amplia para o entendimento de experiências que as mulheres vivenciam umas com as outras.

Esse processo me levou a oito livros. Desses oito, excluí aqueles cujo enredo não se passava no Brasil, ficando com cinco textos. O critério se deu pois julguei mais interessante para a pesquisa estudar discursos do amor lésbico em contexto brasileiro, como já apontado no segundo capítulo desta tese. Dos cinco livros selecionados, a partir da sua leitura na íntegra, selecionei três, devido a problemas de coesão, coerência e continuidade do enredo apresentados em dois deles, o que dificultaria a minha análise. As obras escolhidas se intitulam: *Acasos da vida*, *30 dias com ela* e *A Afilhada* e serão discutidas na próxima seção da tese.

Passo, então, à plataforma Amazon Kindle.

Em primeiro lugar, é importante destacar que o Amazon Kindle é um dos muitos braços da empresa estadunidense Amazon, que se multinacionalizou, especializando-se no comércio on-line e nos serviços de *streaming* – que é quando um catálogo de determinado material (filmes, séries, músicas, *podcasts*, etc.) é oferecido para assinantes em troca de um valor mensal de assinatura. Tendo nascido como uma livraria on-line, a Amazon se expandiu para a venda de produtos diversos e ilimitados, tornando-se o que Brad Stone (2019) chamou de “a loja de tudo”.

Além da venda de produtos, os serviços de *streaming* da Amazon têm crescido e, atualmente, a empresa conta com o Prime Vídeo (site semelhante à Netflix, no qual assinantes podem assistir a filmes e séries, inclusive aqueles exclusivos produzidos pela própria Amazon), o Amazon Music (a partir do qual assinantes podem ouvir músicas e *podcasts*, em uma proposta semelhante à do Spotify) e o Kindle Unlimited, que é um *streaming* de livros em formato *ebook* e, portanto, o que mais me interessa nesta tese.

Por meio do Kindle Unlimited, assinantes podem ler todos os *ebooks* que estão inscritos no programa. Ou seja, quando um autor ou autora coloca seu *ebook* na Amazon, ele pode escolher aderir ou não ao programa Kindle Unlimited. Se não o fizer, isso significa que seu *ebook* pode ser apenas comprado e não emprestado pelos assinantes do programa – essa é a opção que a maior parte das editoras faz ao inserir os livros em formato *ebook* para serem vendidos no site da Amazon.

Quando um autor ou autora inscreve seu *ebook* no Kindle Unlimited, a pessoa recebe uma receita mensal condizente com a quantidade de páginas lidas por

assinantes desse programa de *streaming*. Para escritores ou escritoras que se autopublicam, ou seja, publicam seus livros de forma independente, sem selo editorial, aderir ao Kindle Unlimited é a melhor alternativa para monetizar (ganhar dinheiro com) seus textos. Isso porque, mesmo no caso de uma pessoa desconhecida no mercado literário, assinantes do serviço de *streaming* podem pegar seu livro emprestado de forma descompromissada e devolverem caso não se agradem, sem nenhuma taxa extra em seu plano de assinatura.

Por exemplo, na imagem abaixo, na qual vê-se a página de venda do meu ebook *Loba Alfa* no site da Amazon, no canto direito há a possibilidade de o livro ser lido de graça pelo programa Kindle Unlimited ou comprado por R\$ 7,99 – os ebooks de autores ou autoras independentes costumam custar entre R\$ 1,99 (taxa mínima) e R\$ 10,00. Também há, logo abaixo, a opção de comprar o ebook para presentear outras pessoas; nesse caso, a pessoa compradora recebe um link que é disponibilizado para a pessoa presenteada.

A página de venda de um livro apresenta várias informações que podem despertar o interesse do leitor ou leitora. Para além do título, da capa e da sinopse, há também informações sobre o idioma, data de publicação e quantidade de páginas, como pode ser visto na parte inferior da imagem. Mais abaixo, na página, é possível também ver as avaliações recebidas pelo livro em questão.



Figura 3 – Página de venda de *Loba Alfa* no site da Amazon

Assim, todos os escritores e escritoras que conheço têm um ganho financeiro muito maior a partir do empréstimo de assinantes do Kindle Unlimited do que de pessoas que de fato compram o ebook. Por exemplo, em minha experiência, o valor

ganho através da leitura de assinantes chega a ser dez vezes o valor recebido pelas vendas dos meus livros.

Conheço muitos autores ou autoras cuja renda mensal advinda da Amazon servem de sustento ou complemento de renda para suas famílias. Entendo que a plataforma viabiliza a publicação e a monetização do trabalho de inúmeras mulheres escritoras, que não conseguiram fazê-lo de outra forma. Por isso, entendo que trabalhar com o Amazon Kindle nesta pesquisa foi de suma importância para visibilizar textos literários lésbicos, cuja publicação talvez não passasse pelo crivo do mercado editorial.

Do que estou falando, no entanto, quando falo de Amazon Kindle? O Amazon Kindle, como já mencionei, é um aplicativo por meio do qual a leitura de *ebooks* comprados no site da Amazon ou emprestados pelo programa Kindle Unlimited são lidos. Por meio do aplicativo, o usuário ou usuária pode navegar pelo catálogo de *ebooks* disponíveis para compra ou empréstimo e foi a partir dele que realizei minhas buscas para selecionar os livros analisados na pesquisa.

É importante destacar, no entanto, que a plataforma na qual os escritores e escritoras inserem seus textos para publicação é um site separado do aplicativo Amazon Kindle, embora vinculado a ele, dado que só é possível ler os textos por meio do aplicativo em questão. O site que permite que as pessoas se autopubliquem é uma plataforma denominada KDP – *Kindle Direct Publishing*. Por meio dela, é possível publicar não apenas *ebooks*, mas também livros físicos, que serão impressos sob demanda pela Amazon, sem qualquer necessidade de contrato com editoras. Na imagem a seguir, vê-se a página inicial do KDP.

Crie. Gerencie. Publique.

Publique um novo livro clicando em Criar. Ou gerencie seus livros existentes na lista de livros abaixo.

ATUALIZADO Crie um novo título ou série.

Alcance os leitores no formato que eles quiserem. Agora, você pode publicar um eBook, um livro com capa comum ou um livro de capa dura. Ao publicar uma série, você pode criar uma página de série da Amazon e adicionar seus livros.

+ Criar

Você é novo no KDP? Saiba mais sobre nossos recursos para ajudar você a começar!

[Criar um livro](#) | [Cronogramas de livros](#) | [ISBNs gratuitos](#) | [Ferramentas e recursos](#)

Seus livros

Classificar por:
Última modific...

Filtrar por:
Tudo

Livros em série

Título, status etc.

Pesquisar

Figura 4 – Página Inicial do KDP

É por meio do KDP que as escritoras e escritores não apenas inserem suas obras para publicação, mas também as editam caso seja necessário, alteram os preços, criam promoções e recebem informações quanto ao número de vendas, número de páginas lidas e valores a serem recebidos. Ao inserir um *ebook* para ser vendido ou emprestado no Amazon Kindle, é preciso inseri-lo em pelo menos duas categorias. A partir de cada categoria, é gerado um *ranking* que pode ser acessado pelos usuários e usuárias.

Assim, em minha seleção de materiais, fiz uso do *ranking* da categoria Romance Lésbico, analisando, como no caso do Wattpad, os 100 primeiros *ebooks* da lista. Os livros têm maior chance de figurar nos *rankings* dada a quantidade de vezes que são baixados e lidos, de forma que os 100 primeiros seriam aqueles com maior repercussão na plataforma no momento da pesquisa.

A partir dos resultados da categoria Romance Lésbico, fiz uma triagem manual que excluiu: livros que não estavam inscritos no programa Kindle Unlimited, livros pertencentes a selos editoriais e livros que fossem traduções de obras internacionais. Além disso, alguns dos critérios utilizados permanecem os mesmos da seleção feita no Wattpad, por razões já mencionadas anteriormente. Desse modo, escolhi livros cujo enredo se passa no Brasil, livros que foram escritos por mulheres, livros que tinham como foco o romance e o desenvolvimento afetivo entre mulheres e, também, obras cuja extensão permanecesse dentro de um intervalo delimitado.

No caso do Amazon Kindle, como a informação fornecida aos usuários e usuárias quanto ao tamanho dos livros está ligada ao número de páginas, escolhi manter a seleção no intervalo entre 100 e 200 páginas. A partir da minha experiência de publicação de textos na plataforma, calculei que, em média, cada página teria entre 180 e 200 palavras, de forma que, ao fixar um teto em 200 páginas, estabeleci que os textos literários selecionados teriam um máximo de 40.000 palavras. Dessa forma, fazendo uso de todos esses critérios de seleção, cheguei a quatro livros: *Apague a luz*, *Algo a mais*, *A garota dos meus sonhos* e *Noturnas e Natalinas*.

Dessas obras e também daquelas selecionadas na plataforma Wattpad, eu tratarei a seguir.

4.2. Textos escolhidos

Comecei minhas pesquisas por livros lésbicos no Wattpad. O primeiro livro selecionado para esta investigação foi *Acasos da vida*, da autora M. R. Fernandes. A autora não dá definições de si mesma em seu perfil na plataforma, mas, na rede social Instagram, ela se denomina “autora sáfica”⁵⁴. M. R. Fernandes tem 22 livros (todos lésbicos) publicados no Wattpad, estando 10 deles completos. A autora também tem sete livros lésbicos já publicados como *ebook* no Amazon Kindle (esses ficam disponíveis apenas parcialmente no Wattpad, para serem “chamarizes” para que as leitoras se interessem pela história e desejem continuar a leitura de forma paga na outra plataforma).

Acasos da vida é um romance com 89,5 mil visualizações⁵⁵ e doze capítulos. O enredo conta a história de amor entre duas mulheres: uma médica chamada Ivana e uma enfermeira mais jovem chamada Pâmela. Ivana é uma mulher viúva, que perdeu sua esposa e que se sente insegura para encontrar novamente o amor. Ela se vê interessada por Pâmela, mas duvida que a jovem enfermeira vá retribuir seus sentimentos.

Ao mesmo tempo, Pâmela sempre teve um olhar de admiração para a Dra. Ivana e, na medida em que descobre que esta se interessa por mulheres, resolve tentar conquistá-la, mesmo tendo suas próprias inseguranças. Com ajuda de uma

⁵⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/autora_mrfernandess/. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/182742923-acasos-da-vida-completo>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

paciente intrometida e de um amigo em comum, as duas acabam conseguindo ser sinceras uma com a outra e dar início a um relacionamento. Aos poucos, o namoro das duas vai se fortificando, tornando-se cada vez mais firme, unido e cheio de sentimentos.

Acasos da vida trata de temas como a diferença de idade e a insegurança por parte da mulher mais velha ao se comparar à mais jovem, sobretudo no que diz respeito às características físicas. Também abarca como o companheirismo e o diálogo no relacionamento contribui para que cada uma das mulheres se sinta bem consigo mesma.

O segundo livro selecionado na plataforma Wattpad foi *A afilhada*, de N. Lorak, que se define como “escritora de literatura lésbica”⁵⁶ em seu perfil na plataforma. A autora tem 11 livros publicados no Wattpad, sendo sete romances e quatro livros de contos eróticos lésbicos. Um desses romances está incompleto na plataforma, podendo ser lido inteiro apenas no Amazon Kindle. *A afilhada* é um livro com 79,7 mil⁵⁷ visualizações e dez capítulos.

O romance conta a história de Jaqueline, que, após se divorciar de um casamento de duas décadas, depara-se com sua afilhada Júlia, filha de um casal de amigos. A moça tinha ido estudar no exterior e Jaqueline não a via há muitos anos. Em uma viagem de final de semana na praia, Jaqueline e Júlia se conectam, sentindo forte atração uma pela outra e se deixando levar por esses sentimentos. Arrependida e culpada, Jaqueline se afasta da afilhada e tenta retomar sua vida.

A história, então, se desloca para alguns anos mais tarde, quando Jaqueline engatou em um namoro com um homem. Júlia volta ao Brasil para visitar os pais, e ela e Jaqueline se reencontram. A atração que existe entre as duas reacende, apesar de Júlia estar prestes a se casar com outra mulher.

Como madrinha, Jaqueline é convidada para o casamento e embarca em uma viagem para a Europa para não desapontar os pais de Júlia, que são seus grandes amigos. Apesar do casamento de Júlia estar próximo e de Jaqueline ter viajado com o namorado, as duas se deixam levar pelo que sentem e acabam se beijando. O namorado de Jaque vê as duas e, desgostoso, termina a relação e volta para o Brasil.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.wattpad.com/user/NLorak>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/244975970-a-afilhada>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

Jaqueleline faz mais uma tentativa de convencer Júlia de que uma relação amorosa entre elas seria loucura, mas a moça insiste que a ama e termina o relacionamento com sua noiva, Anita. Nesse contexto, Júlia e Jaqueline se declaram uma para a outra e Jaqueline promete dar uma chance à afilhada. Ao final, as duas acabam fazendo uma viagem que dá início a sua vida juntas, como um casal.

A história traz um epílogo que se passa 30 anos depois, quando Jaqueline está internada em um hospital e com Alzheimer. Em um dia em que Jaque está lúcida, ela conta a história das duas na presença de Júlia e de familiares – incluindo Zaki, o filho adotivo do casal. Nesse momento, a leitora ou leitor fica sabendo que o casal teve dificuldades com a aceitação da família de Júlia em um primeiro momento, mas que a união familiar veio com a chegada do filho delas.

O enredo termina com a morte de Jaqueline e uma perspectiva de que as duas se reencontrariam no além vida.

O último romance selecionado no Wattpad foi *30 dias com ela*, da autora cujo nome de usuária é *crntsens*, mas se identifica como Vienna Larsen. Ela explicita, na descrição de seu perfil⁵⁸: “brinco de escrever nas horas vagas sobre livros que eu gostaria de ler e viver. E principalmente sobre garotas se apaixonando uma pela outra”. A obra *30 dias com ela* é a única publicada pela autora e tem 24,2 mil⁵⁹ visualizações e 14 capítulos (sendo os dois primeiros uma apresentação da obra e a dedicatória e o último, os agradecimentos da autora).

O referido livro conta a história da adolescente Lívia, que se torna amiga virtual de outra garota, chamada Mônica. Em meio à pandemia de COVID-19, os pais de ambas as adolescentes organizam um encontro entre as duas, ainda que Lívia tenha medo de ver Mônica pessoalmente, pois já percebeu seus sentimentos pela amiga. A proposta é que Mônica passe um mês na casa de Lívia, por isso o livro é intitulado *30 dias com ela*.

Quando as duas se encontram, vê-se a conexão da amizade que ambas têm uma pela outra, também aliada a uma atração que nenhuma delas sabe exatamente como demonstrar. As duas jovens conversam e compartilham seus medos sobre o futuro, sobre o cenário pandêmico em que vivem e também sobre suas vivências. Em

⁵⁸ Disponível em: <https://www.wattpad.com/user/crntsens>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.wattpad.com/story/317726336-30-dias-com-ela-%E2%9A%A2-%E2%9C%93>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

determinado momento do enredo, ambas têm acesso à primeira dose de vacinação contra a COVID-19, o que lhes causa bastante alívio compartilhado.

Em parte do enredo, Mônica demonstra seu ciúme do melhor amigo de Lívia, Carlos, sem querer dividir a “amiga” em momentos que acha que deveriam ser exclusivos das duas, além de desconfiar de que o interesse de Carlos em Lívia iria além da amizade. Essa situação acaba levando à declaração de sentimentos por parte das duas, que engatam um relacionamento ainda durante a viagem.

Antes de Mônica retornar à sua cidade natal, as duas ainda compartilham um show musical de uma banda da qual ambas são fãs. No momento do show, Lívia leva uma caixa com alianças e pede Mônica em namoro. Definitivamente juntas, as duas passam a ter receio da separação que ocorrerá em seguida, visto que elas moram distantes uma da outra, porém decidem que irão enfrentar esse problema e lutar para permanecerem juntas.

Ao final, a autora constrói um epílogo, seis anos depois, que mostra a cerimônia de casamento e os votos e promessas de amor compartilhados entre Mônica e Lívia. Na ocasião, Mônica está grávida e as duas estão oficializando sua família.

Quanto aos livros do Amazon Kindle, como já foi dito, foram selecionadas quatro obras – *Apague a luz*, *Algo a mais*, *A garota dos meus sonhos* e *Noturnas e Natalinas* – das quais tratarei a seguir.

Começo, portanto, pela primeira da lista, o romance *Apague a luz*, da autora Lara Azevedo. Lara é uma autora de livros lésbicos, tendo 22 obras publicadas no Amazon Kindle. Em seu perfil da plataforma, ela se define como uma “escritora que gosta de se arriscar nas palavras, é completamente apaixonada pelo romance e pela fantasia. Com mais de 40 livros escritos, está sempre presa às telas com uma ideia nova para escrever”⁶⁰. Em seu Instagram, Lara se coloca como “escritora de romances com amor e representatividade”⁶¹.

Autores e autoras de publicações independentes, muitas vezes, se conhecem, pois circulamos nas redes sociais, em grupos de leitura e nos engajamos em projetos literários em comum. Conheci a Lara em um grupo de leitura coletiva, no qual semanalmente lemos o livro de um escritor ou escritora independente que publica

⁶⁰ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Lara-Azevedo/e/B08RXQHJ9C>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/laraazevedoescritora/>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

conteúdo LGBTI+. Na época, ela trouxe para o grupo um outro título, mas, quando eu estava fazendo a seleção de livros para esta tese, deparei-me com *Apague a luz*.

Com 142 páginas⁶², o romance traz uma história de amor inter-racial entre duas mulheres que já estão casadas há alguns anos: Alex e Pilar. Esta última tem um ex-marido manipulador, que usa o filho adolescente que os dois têm juntos para se manter interferindo na vida pessoal dela. Pilar é uma mulher que esconde muitos segredos de seu passado e nunca dividiu com a esposa as situações degradantes que passou ao lado do ex-marido, que por vezes a drogou para abusar dela enquanto estava inconsciente. Devido a essa história dolorosa, ela dedica todo o seu tempo ao seu trabalho, como dona de uma marca de roupas de reconhecimento internacional, e acaba por se afastar da esposa.

Alex, por sua vez, está cansada dos segredos que a esposa esconde, das horas extras que Pilar passa diariamente dedicando-se ao trabalho e do contato excessivo que Pilar tem com o ex-marido. Para além disso, o casal passou por outra situação difícil quando a barriga de aluguel⁶³ que ambas contrataram fugiu antes de o bebê nascer.

Em uma noite, quando Pilar não volta para casa e Alex descobre que a esposa estava no apartamento do ex-marido, esta última se sente traída e resolve colocar fim ao casamento, viajando para uma cidade interiorana onde morava antes de se casar. Lá, Alex reencontra uma ex-namorada e acaba saindo com ela como amiga. Quando Pilar vê uma foto das duas nas redes sociais de Alex, vai atrás da esposa. Pilar não aceita a perspectiva do término e começa a fazer algumas mudanças para reconquistar a esposa. Alex volta para casa, mas ainda está incerta quanto ao futuro do casamento e as duas ficam dormindo em quartos separados.

A situação piora quando Pilar se sente mal e é levada para o atendimento emergencial de um hospital, onde faz um exame de gravidez. Ela confessa para a esposa que pode estar grávida do ex-marido. Alex novamente fala em terminar o casamento e só então Pilar resolve se abrir e contar que, na noite em que esteve no apartamento do ex-marido, ele a drogou e ela não tem lembranças do que aconteceu. Ela também conta à esposa que o ex-marido fez isso outras vezes no decorrer do

⁶² Disponível em: https://www.amazon.com.br/Apague-luz-Lara-Azevedo-ebook/dp/B0BBLC27LJ/ref=sr_1_2. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁶³ Embora a prática de “barriga de aluguel” seja ilegal no Brasil, o livro de Lara Azevedo não considera dessa forma e parte de uma realidade em que a prática seria permitida em nosso país.

casamento. O compartilhamento das informações colabora para unir o casal, na medida em que Alex passa a entender o quanto abusivo é o ex-marido de Pilar e que a esposa foi e continua a ser uma vítima dos crimes do homem em questão.

Em seguida, Pilar e Alex, ao mesmo tempo em que se reaproximam e reconstroem seu relacionamento, lutam para conseguir na justiça a condenação do ex-marido de Pilar, que também está sendo denunciado por outras mulheres por abuso sexual. A melhora na situação do casal é potencializada quando a mulher contratada por ambas para ser barriga de aluguel se arrepende da fuga e retorna à narrativa para lhes devolver os dois bebês gêmeos que acabaram de nascer. Assim, o enredo se encerra com Pilar e Alex unidas e realizando seu sonho de serem mães juntas.

O segundo livro da lista dos selecionados no Amazon Kindle é *A garota dos meus sonhos*, de Léo Gumz. No site da Amazon, o perfil da autora aparece com a seguinte descrição:

Léo Gumz cresceu lendo suspense e romances e sempre sentiu falta de se encontrar nas páginas de vários de seus livros preferidos, imaginando como cada um deles seria com duas mocinhas no lugar do casal principal. Por isso, quer colocar no mundo palavras que contemplam mulheres lésbicas e bissexuais que, assim como ela, sentem falta dessa identificação⁶⁴.

Também acabei por conhecer Léo quando a convidei para um projeto de lançamento coletivo de livros lésbicos a ocorrer em agosto de 2023, no Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. Porém, quando entrei pela primeira vez em contato com essa autora, já havia selecionado seu livro e trabalhado com ele nesta tese. *A garota dos meus sonhos* é o livro de estreia de Léo e, com exceção dele, a autora tem apenas mais um romance publicado no Amazon Kindle.

A garota dos meus sonhos é um romance de 141 páginas⁶⁵ que conta a história de duas jovens de 17 anos em seu último ano do Ensino Médio: Bianca e Alice. Ambas estiveram envolvidas em um mesmo acidente de carro, embora não saibam disso, e as duas estão lidando com perdas de entes queridos no referido acidente. Enquanto Bianca perdeu o pai e o irmão, Alice perdeu a mãe. Após sua internação no hospital,

⁶⁴ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/L%C3%A9o-Gumz/e/B09N1NQGYK>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁶⁵ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Garota-dos-meus-Sonhos-ebook/dp/B0BG34MJZJ/ref=sr_1_2. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

Bianca começou a ter sonhos diários com Alice e as duas se envolveram e iniciaram um romance que só acontece durante os sonhos.

O problema é que, quando estão acordadas, embora Bianca se lembre dos sonhos e de seu “namoro”, Alice não se recorda de nada. Em um dado momento, a vida as une e, por meio de amigos em comum, Alice e Bianca acabam passando um feriado na mesma casa, que é de uma amiga de Bianca, também lésbica, que recebe em sua casa em Campos do Jordão uma colega de faculdade de São Paulo. Essa moça traz consigo sua prima, que é justamente Alice, quem Bianca namora em seus sonhos.

Os desafios aparecem para o casal, pois, enquanto Bianca conhece Alice, a outra não faz ideia de quem ela seja. Apesar disso, com o passar dos dias (e noites, durante os sonhos), as duas vão se conectando. Durante a noite, nos sonhos, Alice sugere a Bianca que a chame de “abelhinha”, apelido pelo qual sua falecida mãe a chamava. A ideia de Alice é que isso poderia fazê-la se lembrar dos sonhos com Bianca. No entanto, quando a moça a chama pelo apelido em questão, Alice continua sem se lembrar de nada.

Sentindo-se insegura e incerta da veracidade de seu namoro, Bianca briga com Alice durante um dos sonhos e tenta encerrar o relacionamento, que ela pensa existir apenas em seu imaginário. No entanto, ao final desse sonho, Alice tem um *insight* e percebe que o que conecta as duas é terem perdido familiares no mesmo acidente e avisa a outra. No dia seguinte, Bianca procura pela primeira vez notícias sobre o acidente ocorrido há um ano (o que não tinha feito até então, para não sofrer lendo as matérias on-line) e descobre que, de fato, ela e Alice estiveram no mesmo acidente.

As duas continuam a se conectar na vida real e têm o seu primeiro beijo. No dia seguinte, Alice acorda finalmente com as memórias dos sonhos e sabendo que Bianca é sua namorada. A história termina com Alice voltando para a capital, mas fazendo planos com Bianca para as duas morarem juntas no ano seguinte, quando já terão terminado a escola.

O próximo livro é *Noturnas e Natalinas*, da autora Luisa Landre, que, em sua página da Amazon, define-se como “fanfiqueira de raiz, canceriana, sul-mato-grossense e foi criada entre o campo e a cidade. Atualmente, mora em

Florianópolis/SC e alterna entre ser escritora, professora de português e booktuber”⁶⁶. Luisa tem um canal no YouTube chamado Luisaleituras⁶⁷, com 2,14 mil inscritos e 97 vídeos publicados, nos quais trata de escrita, publicação e livros majoritariamente LGBTI+.

Noturnas e Natalinas – único livro de Luisa publicado no Amazon Kindle – é uma obra de 101 páginas⁶⁸ que traz a história de duas vampiras imortais que vivem em uma casa para vampiras e vampiros no Brasil. Essa residência, chamada Casa Oliveira, tem três líderes, sendo Geraldina a mais jovem delas. A principal líder é Anelise, uma vampira mais velha, mãe de Lucíola. Embora Geraldina seja muito próxima de Anelise, não se dá muito bem com a sua filha Lucíola. Ambas trocam muitas farpas e provocações, pois Lucíola é uma vampira mais alegre e expansiva enquanto Geraldina tem uma personalidade reservada e gosta de manter um aspecto “sombrio”, que, para ela, seria condizente à sua condição de vampira.

No final de ano, as casas brasileiras de vampiros e vampiras se envolvem em concursos de decoração natalina e Geraldina é encarregada da decoração da Casa Oliveira. Segundo Anelise, essa é uma oportunidade que Geraldina tem para se provar e mostrar como pode ser uma das lideranças da casa. Porém Geraldina e Lucíola entram em desacordo, pois, enquanto a primeira odeia as tradições natalinas, a segunda as ama.

Em um jantar na Casa Oliveira, os vampiros e vampiras residentes no local recebem a visita dos(as) habitantes da Casa Monteiro, liderada por Helga, a ex-namorada de Geraldina. Lucíola, então, sugere a Geraldina um acordo: fingirem que estão juntas para que Geraldina possa recuperar a atenção de sua ex-namorada ou se livrar dela de uma vez por todas. Geraldina aceita o acordo, pensando que gostaria de que Helga não fizesse mais tentativas de reatar a relação e não a distraísse de seus propósitos na Casa Oliveira. Porém, visivelmente, Lucíola teme que esse acordo seja para causar ciúmes em Helga.

Ao darem início ao acordo, Geraldina fica cada vez mais envolvida pela sua namorada “de mentirinha”. No entanto, ao descobrir que Helga solicitou uma reunião com Anelise para que Geraldina fosse transferida para a casa liderada pela ex-

⁶⁶ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Luisa-Landre/e/B09MDTH1SK>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@Luisaleituras>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁶⁸ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Noturnas-natalinas-Luisa-Landreebook/dp/B09MDNW788/ref=sr_1_1. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

namorada, a protagonista passa a questionar se o afeto de Lucíola é genuíno ou se não passa de uma tramoia orquestrada por Anelise para mantê-la na Casa Oliveira. Em conversa com a líder vampira, Geraldina descobre que Lucíola, na realidade, sempre esteve interessada nela.

Ao final, Lucíola e Geraldina acabam confessando seus sentimentos uma pela outra e engatam em um verdadeiro namoro. Ressalto que esse livro traz uma proposta inter-racial já na capa, ao ilustrar Lucíola como uma mulher negra e Geraldina como uma mulher branca. Porém essa questão só é mencionada no texto em uma frase curta, que descreve Lucíola como alguém cuja pele teria um tom “marrom”. Há também uma breve quebra de um padrão estético magro na obra quando Geraldina observa a si mesma com “coxas grossas” e “barriga se sobressaindo nas roupas”.

Por fim, o último romance selecionado no Amazon Kindle foi *Algo a mais*, da Isabel Meziat, também com um casal lésbico inter-racial. Em sua página na Amazon, a autora coloca: “Isabel Meziat é apaixonada por histórias, reais ou fictícias, e as escreve para que ela e outras pessoas consigam se ver nelas. Descobri seu amor por escrita com fanfics, e hoje escreve histórias autorais”⁶⁹. *Algo a mais* é o seu primeiro e único livro e é um romance com 124 páginas⁷⁰.

Trata-se de um livro que aborda o final da adolescência e o início da vida adulta, contando a história de duas melhores amigas – Aysha e Mariana – que estão apaixonadas uma pela outra, embora não confessem esses sentimentos por medo de não serem correspondidas. Logo no início, a leitura traz a cena do primeiro beijo entre Mariana e Aysha, que acontece em uma festa na qual as duas fizeram consumo de álcool e da qual fingem não se recordar.

Dois anos depois, as duas garotas se tornam maiores de idade. Mariana é assumidamente lésbica e já teve outras relações com mulheres, inclusive um namoro bastante conturbado. Aysha, por sua vez, está em um relacionamento com um homem, cujo comportamento mostra-se abusivo. O namoro abala Aysha psicologicamente na medida em que ela sente que precisa apoiar seu namorado mesmo quando ele não a trata adequadamente, pensando que ele não teria feito por mal e que poderia mudar sua forma de agir.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Isabel-Meziat/e/B0BC6LGT26>. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

⁷⁰ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Algo-Mais-Isabel-Meziat-ebook/dp/B0BC6CQ83W/ref=sr_1_1. Acesso em: 20 de dezembro de 2022.

Sendo narrada como lésbica – mesmo que a personagem ainda não tenha percebido isso –, Aysha não sente vontade de trocar beijos e toques com o namorado. Porém, em determinado momento, o garoto força uma situação e a agarra contra a sua vontade. Mariana interfere no momento e protege Aysha da situação, tirando-a dali. Após esse acontecimento, Aysha enfrenta um período difícil e cheio de sentimento de culpa quanto ao seu namoro, mas acaba tomando a decisão de terminar. Mariana é seu suporte, apoiando-a e ajudando-a a passar por esse momento.

Nesse processo, os sentimentos e a atração que Mariana e Aysha têm uma pela outra vão aparecendo até que ambas acabam por confessar que se gostam e a relembrar aquele beijo de dois anos atrás. Assim, começam um namoro, que, além de todo o desejo e afeto, está muito pautado na cumplicidade que ambas já tinham anteriormente, enquanto amigas. Elas continuam a apoiar uma à outra em seus planos e objetivos, como a faculdade que pretendem fazer, seus relacionamentos familiares e outros interesses e gostos – como a vontade que Aysha tem de começar a escrever textos literários e a realização que Mariana tem ao participar de competições amadoras de futebol feminino.

Um fator interessante de *Algo a mais* é que é um dos dois livros analisados nesta tese que rompem com o padrão do corpo magro, trazendo uma protagonista gorda. Aysha é descrita explicitamente como gorda e isso é visto como uma característica positiva da aparência física da personagem. Não se trata de ser bonita “apesar de” ser gorda, mas de ser gorda e isso fazer parte da beleza da protagonista.

Quero ressaltar que, com exceção de Aysha e de Geraldina (de *Noturnas e Natalinas*), todas as protagonistas dos sete livros listados neste subcapítulo são mulheres magras e que correspondem às normas de “beleza” que nossa sociedade institui para as mulheres. Inclusive, todas as protagonistas de todos os livros, sem exceção, são mulheres feminilizadas, havendo constantemente menções a vestidos, maquiagem, cabelos longos e outros atributos culturalmente vinculados à feminilidade. É possível perceber, nesse sentido, uma invisibilização das mulheres desfem, que não costumam aparecer nos romances lésbicos do Wattpad ou Amazon Kindle – não apenas nos que analisei, mas, de forma geral, nos livros publicados nas duas plataformas.

Outra consideração que vale a pena fazer acerca dos romances lésbicos selecionados é que, em todos eles, o casal tem um final feliz e, de forma geral, as personagens não enfrentam grandes crises existenciais quanto à sua própria sexualidade. Ser lésbica (ou não heterossexual) é tratado nas narrativas como algo para se orgulhar, e se as personagens lutam contra o seu desejo é por outros motivos que não o fato deste ser um desejo lésbico.

Por exemplo, em *Noturnas e Natalinas*, Geraldina luta contra a sua atração por Lucíola por ser alguém com quem tem uma inimizade; em *Algo a mais*, o receio das protagonistas é de serem rejeitadas uma pela outra, ou de causar um entrave na amizade que vivenciam; em *A Afilhada*, o que atrapalha as personagens é o fato de serem afilhada e madrinha; e em *Acasos da vida* a hesitação de Ivana advém, sobretudo, da diferença de idade.

Amar outra mulher não constitui um problema moral para nenhuma das personagens dos livros estudados, e elas não estão envergonhadas de seus relacionamentos, ao contrário. Assumem seu amor lésbico com orgulho. A lesbofobia, inclusive, não ganha muito espaço em nenhuma das obras. Poderia-se dizer, portanto, que os textos literários analisados nessa pesquisa fariam parte de uma literatura *Lesbian Pride*.

Por fim, antes de encerrar esse subcapítulo, gostaria de sistematizar as principais informações trazidas aqui em um quadro cujo objetivo é auxiliar o leitor ou a leitora desta Tese na compreensão do quinto capítulo, no qual discutirei as pedagogias do amor lésbico presentes nos discursos dos referidos textos literários.

Quadro 1: Livros analisados na Tese

TÍTULO	AUTORA	ANO	PLATAFORMA	CASAL	PREMISSA
Algo a mais	Isabel Meziat	2022	Amazon Kindle	Aysha e Mariana	Adolescentes que são amigas e se apaixonam.
Apague a luz	Lara Azevedo	2022	Amazon Kindle	Alex e Pilar	Duas mulheres cujo casamento está em crise.
A garota dos meus sonhos	Leo Gumz	2022	Amazon Kindle	Bianca e Alice	Duas jovens que se encontram em sonhos, mas nunca se viram na vida real.
Noturnas e Natalinas	Luisa Landre	2021	Amazon Kindle	Geraldina e Lucíola	Duas vampiras inimigas que disputam sobre a decoração de Natal.
A Afilhada	N. Lorak	2020	Wattpad	Júlia e Jaqueline	Romance entre madrinha e afilhada.
Acasos da Vida	M. R. Fernandes	2019	Wattpad	Ivana e Pâmela	Romance entre médica mais velha e enfermeira mais jovem.

30 dias com ela	Vienna Larsen	2022	Wattpad	Lívia e Mônica	Duas jovens que se conhecem pela internet, durante a pandemia.
-----------------	---------------	------	---------	----------------	--

Antes de passar à análise, porém, cabe abrir ainda um tópico neste quarto capítulo com a finalidade de elucidar as formas como orientei meu exercício analítico.

4.3. Entre o discurso, o poder e a ética

A análise dos textos literários levou em conta procedimentos de análise discursiva inspirada pelo pensamento foucaultiano. A partir dessa perspectiva teórico-metodológica, entendo que os textos literários lésbicos – as histórias de ficção que me propus estudar – estão permeados de positividades⁷¹ e produzem modos de ser sujeito e de se relacionar com o mundo. Tais textos estão constituídos por discursos imbricados nas vivências das mulheres e seus modos de amar, em suas relações afetivas, românticas e/ou sexuais umas com as outras.

Nesse contexto, ao olhar para a escrita contemporânea, para uma obra literária ou até mesmo para um conjunto de textos literários publicados em uma plataforma on-line (como é o caso desta pesquisa), importa preocupar-se com os discursos que os constituem, os enunciados que permitem sua existência. Nesse sentido, para Foucault (2015)⁷², o texto escrito não é compreendido como manifestação de um sujeito autor, original e criativo, que se eterniza através da linguagem. Ao contrário, para Foucault (2009), o indivíduo que escreve opera com os elementos textuais, dá a eles um tratamento, procede de uma das formas possíveis de acordo com a racionalidade de um contexto histórico e social, dizendo não aquilo que cria, mas o que tem condições de dizer.

Assim, ao tomar a literatura virtual lésbica enquanto pedagogia cultural, eu não quis pensá-la enquanto uma criação original de suas autoras, mas no modo como veiculam discursos sobre o amor lésbico que circulam em nosso contexto social, subjetivando mulheres.

Analisei os textos literários em sua dimensão discursiva, operando com procedimentos de análise do discurso abordados por Michel Foucault, sobretudo em

⁷¹ No sentido foucaultiano do termo, ou seja, referindo-se ao potencial produtivo.

⁷² Texto *O que é um autor?*, originalmente publicado em 1969, mas que integra a compilação *Ditos e Escritos volume III*.

*A Arqueologia do Saber*⁷³. A respeito dessa obra, Veiga-Neto explicita que ela “não afirma uma teoria. Não se trata de um livro teórico e, nem mesmo, todo afirmativo, mas tão somente uma exploração de possibilidades” (VEIGA-NETO, 2017, p. 44).

Além de não se tratar de um livro que define uma teoria, tampouco é um livro que define um método, no sentido estrito em que as ciências humanas historicamente compreendem esse termo, como uma espécie de conjunto de passos que o pesquisador ou a pesquisadora podem seguir, independentemente de seu objeto de estudo. O próprio Foucault (2015)⁷⁴ explica: “*A Arqueologia do Saber* não é um livro metodológico. Não tenho um método que aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes” (FOUCAULT, 2015, p. 222). Ao meu ver, esse livro não oferece exatamente um “método”, mas caminhos que podem auxiliar cada pesquisador ou pesquisadora a forjar seus próprios instrumentos de análise e construir seus próprios procedimentos metodológicos.

Ao longo de *A Arqueologia do Saber*, Foucault (1972) explica que a arqueologia nada mais é do que a descrição dos acontecimentos discursivos. É preciso demarcar, nessa definição, a importância da palavra acontecimento: os discursos não são algo contínuo, que tem uma origem secreta a ser encontrada, mas emergem como acontecimento social e histórico. Os discursos, para Foucault (1972), constituem conjuntos inumeráveis, embora finitos, de enunciados, e a análise dos acontecimentos discursivos olhará para o enunciado perguntando de que modo ele emergiu, o porquê da emergência desse enunciado, e não de outro.

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 1972, p. 39).

Desse modo, estabelecendo que sua proposta de análise discursiva parte da descrição dos enunciados, Foucault (1972) argumenta que um enunciado não é sinônimo de uma frase, de uma unidade linguística. A língua é um dos sistemas utilizados para que esses enunciados se materializem, mas um enunciado não está sujeito às regras gramaticais de uma língua. Assim, ao olhar para os textos literários de temática lésbica que estudei nesta pesquisa, minha forma de operar não ocorreu

⁷³ A publicação original é de 1969. Nesta tese, faço referência à tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, publicada pela Editora Vozes, em 1972, em coedição com o Centro do Livro Brasileiro, em Lisboa.

⁷⁴ Entrevista *Poder e Saber*, com S. Hasumi, realizada em 1977. Esse texto integra a coletânea *Ditos e Escritos, volume IV*.

tomando cada excerto, cada estrutura linguística, como um enunciado; de outro modo, os enunciados são funções enunciativas que possibilitam a existência dessas unidades.

Os enunciados que funcionam na literatura virtual de temática lésbica não funcionam lá, somente. Não são uma criação das autoras (ou autores) de tais textos, mas se materializam de muitas outras maneiras, em vários outros espaços. Assim, Foucault (1972) argumenta que os diversos textos produzidos em uma época possuem relações entre si, trazendo significações próprias de seu contexto histórico e social. Em *A Ordem do Discurso*⁷⁵, Foucault (2014b) argumenta que não se deve pensar o discurso na perspectiva da criação ou da originalidade individual, mas na perspectiva do acontecimento e da regularidade enunciativa.

A análise do discurso, nessa perspectiva, não é uma análise do pensamento do sujeito que fala ou escreve, mas trata-se de buscar entender o enunciado como acontecimento, estudando as condições de aparecimento e as relações estabelecidas com outros enunciados. Foi deste modo que operei. Não me interessaram os pensamentos daquelas que escreveram os textos literários selecionados para análise nem, tampouco, quais intenções estariam por trás de determinado trecho. Não me interessou buscar algo oculto, implícito nas entrelinhas do texto literário – mesmo porque Foucault (1972) argumenta que não há nada escondido por baixo, “o domínio enunciativo está, inteiro, em sua própria superfície” (FOUCAULT, 1972, p. 178). A essa proposta de investigação, importa analisar o que está dito, olhar para o discurso em sua exterioridade, pensar seus efeitos.

Outro ponto que é relevante ressaltar é que os discursos estão implicados nas relações de poder que funcionam na sociedade. Comentadores da obra de Foucault já trataram de uma suposta divisão dos escritos do autor entre uma primeira fase arqueológica, uma segunda fase genealógica e uma terceira fase ética. Nesse sentido, Veiga-Neto (2017) aponta para as problemáticas de dividir a obra de Foucault dessa forma, argumentando não haver rupturas e abandonos, mas sim deslocamentos entre as diferentes análises feitas por Foucault.

Assim, para Veiga-Neto (2017), se a arqueologia corresponde à descrição de discursos, à compreensão do funcionamento das regularidades discursivas e das dispersões dos enunciados que constituem os discursos; os estudos genealógicos

⁷⁵ Aula Inaugural de Michel Foucault no Collége de France, em 1970.

não se opõem ou eliminam a análise do discurso como é proposta em *A Arqueologia do Saber*, mas propõem pensar a análise discursiva de forma a investigar os tensionamentos dos discursos com as práticas de poder. A dimensão do poder foi relevante para esta pesquisa na medida em que levei em consideração não apenas os discursos da literatura virtual lésbica, mas também o funcionamento das tecnologias de poder em tais discursos.

Como aponta Foucault (2014b), os discursos têm sua circulação limitada, suas aparições dominadas pelos mecanismos de poder que agem em toda sociedade, demarcando o que entra e o que não entra no jogo do verdadeiro. Se, a partir das teorizações foucautianas, podemos entender o poder como algo do qual nunca se está fora, algo que não é unicamente repressivo, mas produtivo, não vejo como seria possível compreender os efeitos do discurso de forma deslocada dos efeitos de poder.

Ao pensar a emergência de determinados discursos e os mecanismos de poder a que estão atrelados, Foucault olha para a história; afinal, se os enunciados são acontecimentos históricos, não se pode ignorar o contexto que deu possibilidade à sua irrupção. No entanto, o autor argumenta que a genealogia não objetiva buscar origens, mas “se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos” (FOUCAULT, 2018, p. 61)⁷⁶.

De modo semelhante, não foi minha intenção buscar a origem do amor, da lésbica, da mulher ou do amor lésbico. Não tomei esses conceitos como categorias universais, que possuiriam uma continuidade evolutiva no decorrer da história das sociedades ocidentais. Tratou-se de pensar os contextos, os deslocamentos históricos e sociais que permitiram a emergência de determinados discursos sobre o amor lésbico que hoje circulam, entre outros locais, na literatura virtual lésbica.

Junto ao pensamento de Foucault sobre o discurso e o poder, construí minha análise, também, a partir dos estudos sobre o poder feitos por Butler (2020b). Em *A vida psíquica do poder*⁷⁷, a autora argumenta que pensar a maneira como os sujeitos se constituem não é uma tarefa que pode ser deslocada da compreensão dos regimes de verdade, que instituem normas que determinam modos de ser considerados socialmente legíveis e reconhecíveis. Isso não significa que tudo o que fazemos é

⁷⁶ Aqui, faço referência ao texto *Nietzsche, a genealogia, a história*, de 1971. Ele constitui um dos capítulos de *Microfísica do Poder*.

⁷⁷ A publicação original é de 2005.

ditado pelas normas, mas que não se pode desconsiderar que as normas são um constante ponto de referência para nossa ação.

A filósofa aponta que o sujeito não é apenas efeito do poder, mas que atua em sua manutenção. O sujeito não é meramente efeito dos discursos que entram na ordem do verdadeiro, embora tais discursos, sem dúvida, façam parte dos modos como nos constituímos. Há um outro componente na subjetivação, que é a reflexibilidade do sujeito sobre si, na medida em que buscamos dizer a verdade sobre nós mesmos. Assim, em Butler (2020b), quando falamos o que entendemos como “verdade”, essa verdade não é algo inerente em nós a ser manifestado, e sim algo constituído a partir das relações de poder. Dessa forma, há o poder que se exerce sobre nós para que digamos determinada verdade e para que possamos entender algo como verdade; ao mesmo tempo, ao passo que veiculamos esse discurso, fazemos com que o poder se exerça, tornando-se o meio pelo qual o discurso é replicado.

Dizer a verdade também pode ser pensado enquanto um exercício ético. Ao tratar da ética, o que faz em seus últimos livros e cursos, Foucault não pauta um abandono de suas análises anteriores. Em uma entrevista⁷⁸, o autor explicou que, no decorrer de seus escritos, o que teria procurado fazer seria “a história das relações que o pensamento mantém com a verdade; a história do pensamento, uma vez que ele é o pensamento sobre a verdade” (FOUCAULT, 2017c, p. 235). Ele argumentou que fez isso, por exemplo, em *Vigiar e Punir* e também em seus escritos mais recentes sobre a ética no contexto da Antiguidade Clássica.

Em uma outra entrevista⁷⁹ ocorrida no mesmo ano, Foucault (2017c) argumentou que tratou, em suas análises, da relação entre o sujeito e os jogos de verdade. Se, em textos como *História da Loucura* e *Vigiar e Punir*, ele teria discutido práticas coercitivas da psiquiatria e das instituições disciplinares, em seus últimos trabalhos, teria discutido as chamadas práticas de si – que eram mais autônomas entre os gregos e romanos antigos, mas que, no decorrer da história, foram sendo “investidas pelas instituições pedagógicas, religiosas ou de tipo médico/psiquiátrico” (FOUCAULT, 2017c, p. 259). Entendendo as práticas de si como uma questão ética, de forma que

⁷⁸ Trata-se da entrevista *O cuidado com a verdade*, com F. Ewald, realizada em 1984. A tradução está presente na obra *Ditos e Escritos, volume V*.

⁷⁹ Trata-se da entrevista *A Ética do Cuidado de Si como Prática de Liberdade*, com H. Becker, realizada em 1984. A tradução está presente na obra *Ditos e Escritos, volume V*.

o sujeito é subjetivado em suas relações consigo mesmo, o autor aponta para a possibilidade de pensar práticas de liberdade enquanto um problema ético.

Nesse movimento, Foucault retorna aos gregos antigos – sobretudo os dos primeiros séculos da nossa era. No curso *Subjetividade e Verdade*, ministrado entre os anos de 1980 e 1981, Foucault (2016b) chama a atenção para as ditas “técnicas de si”, que existiriam em qualquer sociedade e estão ligadas aos modos como uma pessoa irá constituir-se no processo de conhecer-se e dominar-se. Isso passaria por uma reflexividade que o sujeito faz a respeito de si, sobre as formas de existência que lhe são possíveis e o que gostaria de alcançar em termos não apenas de conduta, mas de modo de vida.

Na antiguidade, como aponta Foucault (2016b), figurava a noção de “arte de viver” – o que, de certa forma, já esbocei no terceiro capítulo desta tese, no qual tratei do conceito de amor. No contexto grego antigo, essa arte de viver abrangia modos de se comportar em momentos específicos (como a morte de uma pessoa, por exemplo), envolvia o desenvolvimento de atividades (como a retórica e a memorização) e mesmo questões diárias da existência do sujeito, que envolviam desde um regime médico e fisiológico até o controle de si mesmo e de suas paixões.

Nessas artes de viver, o que a pessoa faz – suas ações, seu comportamento – é importante, mas o que fundamenta a relação ética que o sujeito tem consigo é a forma como o indivíduo aprende “a qualificar ou moldar seu ser e a obter determinado tipo de experiência que seja absolutamente específico” (FOUCAULT, 2016b, p. 30). As qualidades que o sujeito molda em si não corresponderiam a comportamentos controlados orientados por uma moral virtuosa, mas qualidades da sua própria existência e de suas experiências. Isso é alcançado, como aponta o filósofo, a partir da relação com os outros (por meio do ensino) e da relação consigo mesmo e com a verdade. As artes de viver, nesse sentido, são uma “técnica pela qual o indivíduo, não sem relação com outrem mas no fim das contas por si mesmo, exercitando a si mesmo e agindo sobre si mesmo, tenta adquirir determinada qualidade de ser” (FOUCAULT, 2016b, p. 34).

Foucault (2010) adensa seus estudos a esse respeito no curso *A Hermenêutica do Sujeito*, ministrado no ano seguinte ao *Subjetividade e Verdade*. A relação ética que o sujeito tinha consigo, no contexto da Antiguidade Ocidental, perpassa um cuidado para consigo próprio, um ocupar-se consigo – algo que só podia ser levado a

cabo por homens de certa posição social privilegiada, que não precisavam servir a outros homens ou ocupar-se de um trabalho que lhe gerasse sustento.

O cuidado de si abarca, como argumenta o filósofo, uma forma de vida. O sujeito que cuida de si a toda hora retorna às suas práticas, examina a si mesmo, não para julgar-se em uma relação de culpa (como ocorre na moral cristã), mas para orientar sua conduta a partir de uma visão crítica de si. Há, aí, uma reflexividade do sujeito sobre si e seria tarefa filosófica dar conta das reflexividades, “na medida em que são elas que constituem o sujeito como tal” (FOUCAULT, 2010, p. 415).

O interesse foucaultiano não está estritamente vinculado aos modos como se davam essas relações éticas na antiga Grécia, mas em pensar a ética do cuidado de si enquanto parte da história filosófica do Ocidente e enquanto movimento diferenciado do que se estabeleceu na tradição da filosofia, que seria o conhecimento de si.

Ao analisar esse “conhecer a si mesmo” por si só, na opinião de Foucault (2010), corre-se o risco de entender que há uma continuidade histórica na forma como o sujeito se conhece, porque se conhecer seria desvelar uma verdade inerente. De outro modo, em aliança com o que chamamos de “cuidado de si”, o “conhecimento de si” ganha um caráter de exercício, de práticas que sustentam a reflexividade e de uma relação com a verdade que é necessariamente descontínua, na medida em que a verdade é, por si só, histórica e, assim, variável.

É perceptível, portanto, que, ao chamar os gregos antigos para o debate, Foucault não está postulando um retorno à ética grega. Pelo contrário, em entrevista dada em 1983⁸⁰, ele tece uma crítica significativa a essa ética na medida em que estava contextualizada em uma “sociedade essencialmente viril, na qual as mulheres eram oprimidas, na qual o prazer das mulheres não tinha importância” (FOUCAULT, 2014c, p. 218) e, ainda, ao garantir que “não há valor exemplar em um período que não é o nosso... não se trata de voltar a um estado anterior” (FOUCAULT, 2014c, p. 220).

Então por que falar sobre essa ética se ela não corresponde à nossa atualidade? Foucault, ressalto, não faz uma simples análise do passado sem imperativos para a

⁸⁰ Entrevista intitulada *Sobre a Genealogia da Ética: um Resumo do Trabalho em curso*, dada a H. Dreyfus e P. Rabinow e publicada originalmente na obra *Michel Foucault: un parcours philosophique*. Traduzida para o português, a entrevista foi publicada no Brasil na coletânea *Ditos e Escritos, volume IX*.

filosofia do presente. Ele chama atenção para o fato de que, em nossa sociedade, mantivemos uma ideia de que a moral seria algo imposto e inquestionável e a possibilidade de uma ética da existência nos ajudaria a “nos livrar da ideia de um elo analítico e necessário entre a moral e as outras estruturas sociais, econômicas ou políticas” (FOUCAULT, 2014c, p. 222), de forma a ser possível pensar hoje uma ética que, embora não seja livre das normas vigentes, tem potencial de criação.

É nesse sentido que a ética nos ajuda a pensar em como as relações que estabelecemos conosco podem vincular-se a práticas de liberdade. Essas práticas de liberdade, explica Foucault (2017c), são diferentes daquilo que se entende por práticas de liberação, nas quais um indivíduo ou um grupo se liberta de determinado estado de dominação e/ou coerção por outro indivíduo, outro grupo, um governo, etc. As práticas de liberdade enquanto práticas que a pessoa tem consigo, a partir da sua reflexividade, constituiriam a própria ética. Não se trata de dissolver as relações de poder (mesmo porque não há sociedade sem elas), mas de possibilitar práticas que permitam negociar, mudar algumas regras, desestabilizar algumas normas e participar dos jogos inevitáveis de poder de forma a reduzir relações de dominação.

Butler (2020b) estuda esse pensamento foucaultiano de forma a argumentar que

[...] a ética requer que nos arrisquemos precisamente nos momentos de desconhecimento, quando aquilo que nos forma diverge do que está diante de nós, quando nossa disposição para nos desfazer em relação aos outros constitui nossa chance de nos tornarmos humanos. [...] Sermos desfeitos pelo outro é uma necessidade primária, uma angústia, sem dúvida, mas também uma oportunidade de sermos interpelados, reivindicados, vinculados ao que não somos, mas também de sermos movidos, impelidos a agir, interpelarmos a nós mesmos em outro lugar e, assim, abandonarmos o “eu” autossuficiente como um tipo de posse (BUTLER, 2020, p. 171).

Butler (2020b), portanto, chama atenção para as possibilidades de pensar a ética no presente e, ao meu ver, aproxima a lógica da liberdade das relações que temos com os outros. Para ela, Foucault, ao tratar da ética, não abarcou suficientemente a questão do outro nos modos como os sujeitos se constituem. Nesse sentido, a autora chama atenção para o quanto sociais são as normas, visto que “as normas pelas quais eu reconheço o outro ou a mim mesma não são só minhas” (BUTLER, 2020b, p. 37). Assim, quando se desafia os regimes de verdade, não se faz apenas na relação do sujeito consigo, na medida em que esse sujeito não consegue se reconhecer nas

normas vigentes, mas se faz também devido à relação com o outro, no desejo “de reconhecer o outro ou de ser reconhecido pelo outro” (BUTLER, 2020b, p. 38).

Essa dimensão da relação ética com o outro foi, para mim, basilar, dado meu interesse analítico ligado ao conceito de amor. Assim, é possível dizer que, na análise que empreendi nesta tese, embasei-me em direcionamentos metodológicos feitos pela filosofia foucaultiana no campo do discurso e do poder – como foram abordados pelo filósofo em seus primeiros livros e cursos – e nos estudos posteriores do autor sobre a ética, em diálogo com as teorizações de Judith Butler.

Essa aproximação entre os escritos arqueológicos/genealógicos de Foucault e seus últimos escritos sobre a ética – ou talvez fosse melhor dizer, a aproximação entre a análise do discurso, bem como dos mecanismos de poder que funcionam através dele, e as discussões sobre a subjetivação enquanto um exercício ético do sujeito consigo – já foi posta em prática em investigações científicas.

Para exemplificar essa questão, chamo atenção para o trabalho de Maciel e Garcia (2018), que trata das experiências de professoras lésbicas. As autoras partem dos estudos pós-estruturalistas que compreendem “o sexo e o gênero como discursos de poder, convenções culturais e normas que são construídas socialmente” (MACIEL; GARCIA, 2018, p. 4). Ao mesmo tempo em que tratam das relações de poder e dos discursos heteronormativos presentes no espaço da escola, as autoras também tratam de “um trabalho ético e/ou uma elaboração que as professoras pesquisadas realizaram sobre si próprias e sobre os outros, na mediação que fizeram entre si e os discursos de gênero (o que está fora, exterior) para atuarem como docentes” (MACIEL; GARCIA, 2018, p. 8).

Desse modo, ao pensar o amor lésbico enquanto conceito central de minha pesquisa, não o entendi apenas pela perspectiva do assujeitamento a partir de verdades instituídas ligadas a práticas coercitivas, mas também enquanto um exercício ético a partir do qual mulheres vivem suas experiências e se subjetivam. Nesse sentido, comprehendo que o amor lésbico, ao mesmo tempo em que está atravessado e constituído por relações de poder (vinculadas ou não à matriz heterossexual), apresenta possibilidades, em instâncias locais, para práticas de liberdade.

Foi a partir dessa compreensão que orientei o capítulo a seguir.

5. “Coisas que eu ainda não sabia nomear”

Svetlana não perguntou como eu estava, porque sabia que a resposta não poderia ser boa. Em vez disso, ela disse apenas:

— Eu estou aqui para você, Ariane. Você não está sozinha.

Lágrimas quentes chegaram aos meus olhos mais uma vez, mesmo que eu pudesse jurar que não havia mais líquido em mim para que eu chorasse. A gentileza na voz daquela mulher, o jeito que suas mãos me seguravam... tudo me fez sentir um enorme alívio. Proteção. Segurança. E outras coisas que eu ainda não sabia nomear (VIEIRA, 2022c).

Para introduzir este que é o capítulo mais importante de minha tese, não trago uma poesia, como fiz nos anteriores, mas um texto em prosa. Trata-se de um pequeno excerto retirado de meu já mencionado livro *O mal não tem flores*, no qual conto a história de Ariane, uma jovem do século XIX que é traída por um membro de sua família, que arma para arruinar sua reputação na sociedade, o que faz com que ela esteja prestes a ser enviada para um hospital psiquiátrico.

É Svetlana – lésbica e vampira – que a salva daqueles que foram os destinos de várias mulheres no período histórico supracitado: a tutela de um homem, fantasiada de proteção em troca de serviços sexuais e reprodutivos, ou a psiquiatrização (com seus requintes de crueldade) quando há recusa dessa tutela por parte da mulher.

Aí, há duas subversões que eu gostaria de apontar. A primeira é que a construção da imagem da vampira lésbica como aquela que leva a mulher à degeneração é revertida em prol de um ato que salva, ao invés de matar – já falei disso anteriormente. Isso me leva ao segundo ponto, que é uma mulher ser colocada no lugar de protetora, salvadora e heroína de uma outra mulher.

Aqui reside uma ambiguidade que percebi em todos os livros que li para a análise nesta tese, que é a seguinte: se, por um lado, uma mulher continua na posição de ser salva por outrem, de ter sua segurança garantida por outrem e não por ela mesma; ao mesmo tempo, há uma mudança de paradigma na medida em que esse ato heróico, esse lugar seguro, não é oferecido por um homem.

Nas relações de gênero instituídas em nossa sociedade, a heterossexualidade garante à mulher que aceita o julgo do homem a partir do matrimônio certa segurança. Trata-se, porém, de uma segurança em relação ao homem “outro”, o homem estranho, o homem “de fora”, e não às violências (físicas ou não) perpetradas pelo homem “de dentro”, o de casa, o marido. É uma proteção no nível da propriedade, o homem

protege a esposa como protege um bem que possui e que não quer que outro roube ou danifique.

Porém, quando falamos do relacionamento lésbico, quando essa que protege é outra mulher, teria ela condições de possuir? Seria irreal afirmar que não existem, em casais de mulheres, manutenção de posições heteronormativas, possessividade, abuso ou violência. Nesse trecho de *O mal não tem flores*, bem como nos livros que formaram o corpo analítico desta tese, vigora uma ambivalência. Há momentos em que o amor lésbico parece posse e, ao mesmo tempo, entrega mútua, parece disparidade de forças e, ao mesmo tempo, troca de forças para atingir um equilíbrio.

Svetlana, em *O mal não tem flores*, é aquela que salva. Aquela sem a qual Ariane estaria perdida, porque não podia salvar a si mesma na condição de sub-humanidade que lhe foi imposta. Aí, talvez não haja exercício ético por parte de Ariane, que não pode ainda nomear o que sente, o que pensa, o que é, nessa condição de dependência. No entanto, a personagem não caminha para a perpetuação dessa condição, mas para uma prática de liberdade, um reposicionamento dessa mulher que, tornando-se ela mesma vampiresca, não está mais à mercê de ninguém. Torna-se forte e imortal – e, mesmo que tal força e imortalidade tenha sido concedida por outra pessoa, não é uma concessão que possa ser retirada, de forma que se desfaz a dependência.

Em lugar de liberdade – que não é liberdade total, pois esta não existe, como já exaustivamente repeti –, Ariane pôde dar nome ao que antes não se podia nomear, a partir de uma relação ética estabelecida não apenas com Svetlana, mas com ela mesma. E o que são essas coisas que ela nomeia? Reconhecer-se como lésbica, reconhecer sua atração por essa outra mulher, reconhecer que, por toda a vida, lutou não contra uma essência do mal dentro de si, mas contra um discurso do que é “bem” e o que é “mal” que a subjetivou.

A partir disso, pode-se ver o amor lésbico se enunciando de maneiras diferentes – falar de amor lésbico é falar de desejo, da dificuldade da luta contra a moral heterossexualizadora, da construção de uma relação ética consigo e com outra mulher. Na análise empreendida nesta tese, pude ver essas discursividades veicularem-se nos livros que analisei.

Ao ler e reler os textos literários, excertos saltaram-me aos olhos, mostrando-me recorrências discursivas. Percebi, nesse sentido, o funcionamento de quatro

enunciados, cuja materialidade repetível faz com que funcionem em muitas das cenas dos sete livros analisados (além de, obviamente, funcionarem fora desses mesmos livros, que não estão deslocados da sociedade como um todo). Tais enunciados são funções que permitem a existência de uma série de atos de linguagem – escrita, nesse caso – e que podem ser continuamente repetidos não tão somente pelas personagens literárias, mas também pelas mulheres que ocupam a posição de sujeito “lésbica” ou, em alguns casos, “não-heterossexual”.

Esses enunciados chamei de amor-erótico, amor-guerra, amor-trabalho e amor-de-si.

5.1. Amor lésbico, amor-erótico

Nessa seção, tratarei do primeiro enunciado, que discute o amor lésbico como amor-erótico. É conhecimento já muito difundido que a palavra “erótico” tem sua origem no grego antigo e se refere ao deus Eros, que nada mais é do que o deus do amor. A partir disso, já é possível pautar a vinculação entre “amor” e “erótico” na construção linguística desses dois termos. Posteriormente, no entanto, na dinamicidade da língua, as palavras foram se tornando carregadas de significados distintos.

No Dicionário Online Priberam, a primeira definição da palavra amor é “sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa”⁸¹. Somente na terceira definição é que aparece alguma vinculação com a prática sexual e, mesmo assim, relativizando a ligação entre amor e sexo ao apontar que a ligação afetiva do amor “geralmente” inclui o sexo. Já a palavra “erótico”, no mesmo dicionário, é entendida como “adjetivo do amor sensual”, além de sinônimo para as palavras “libidinoso” e “licencioso”⁸². Na contemporaneidade, portanto, a palavra “erótico” – quando se associa ao amor – parece se vincular a um tipo específico de amor, voltado à sensualidade, à sexualidade.

Eu gostaria, no entanto, de retornar ao sentido antigo da palavra “erótico”, ou melhor, à erótica enquanto uma forma de ética posta em prática por homens da Antiguidade Clássica. Como aponta Foucault (2014a), a erótica (como forma ética de

⁸¹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/amor>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

⁸² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/erótico>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

amar), que vai emergir nos primeiros séculos da Era Comum, no contexto greco-romano, está embasada no vínculo heterossexual entre um homem e uma mulher, por meio do casamento. Ainda que, em boa parte da Antiguidade Clássica, as técnicas de si próprias da erótica tenham sido voltadas aos vínculos de amor/amizade entre os homens, quando os textos filosóficos passam a dar foco à erótica do casamento com as mulheres, não há uma compreensão da mulher como sujeito equiparado ao homem. A erótica, portanto, enquanto um exercício ético, continua a ser fundamentalmente masculina.

Como já mencionado no capítulo segundo desta tese, uma das características da erótica greco-romana está no papel da temperança e da limitação dos prazeres sexuais, enquanto exercício ético de virilidade. Posteriormente, com a pastoral cristã, a questão do sexo também é colocada em um jogo de veridicação que estabelece determinadas práticas como não aceitáveis e limita o ato sexual (a frequência, o que pode ser feito, com quem, etc.). Foucault (2020) se debruça mais nessa discussão em *História da Sexualidade, volume 4*, ao tratar da Europa nos primeiros séculos do cristianismo.

Percebi, em minhas leituras de Foucault e também de autoras feministas, que uma coisa em comum que os medievais têm com os antigos (no Ocidente) é a responsabilidade do homem em limitar o sexo, em restringir o erótico das mulheres. Quando avançamos para a Modernidade, passa a vigorar menos um poder pastoral e mais um poder disciplinar e biopolítico sobre os corpos. O avanço da medicina e da psiquiatria faz com que se continue (embora de outras maneiras) a colocar homens no papel de limitadores do sexual e também do erótico nas mulheres.

Nesse sentido, algumas autoras vêm questionar a ação masculina sobre o nosso erótico e chamar as mulheres para valorizar em si esse recurso – exemplos disso são Lorde (2021)⁸³ e Rich (2019). Para a primeira, o erótico é um recurso que faz parte da experiência das mulheres e tem sido historicamente combatido e desvalorizado – não somente pelos homens, mas por nós mesmas, que fomos educadas para ver o erótico como inferior ou indigno. Frequentemente, portanto, os discursos misturam o “erótico” com o “pornográfico”, aproximando duas noções que, para a autora, são contrárias.

⁸³ Em artigo *Usos do erótico: o erótico como poder*, publicado originalmente em 1978. O texto está presente no livro *Irmã outsider*, de Audre Lorde.

Isso pois Lorde (2021) define o erótico como “sentimento íntimo de satisfação” (LORDE, 2021, p. 68) e algo que “diz respeito à intensidade e à completude do que sentimos no fazer” (LORDE, 2021, p. 69). Assim, o erótico, mesmo quando atrelado ao sexual, difere do pornográfico na medida em que a base da pornografia estaria justamente na ausência de sentimentos. A autora argumenta, também, que, embora o erótico possa ser pensado na experiência sexual, ele pode ser pensado em outras áreas e aspectos de nossas vidas.

O erótico seria, nesse sentido, um compartilhamento íntimo do gozo (que pode ou não ser físico). É uma conexão não apenas com outra pessoa, mas consigo mesma – com as capacidades que temos de sentir. Se, historicamente, fomos ensinadas a não compartilhar o erótico com outras mulheres, Lorde (2021) irá chamar atenção justamente para a potência de fazê-lo. No mesmo sentido, Rich (2019) argumenta que a paixão entre as mulheres, que, historicamente, resistiu ao julgo dos homens, é basilar para a existência lésbica e inclui uma sensualidade erótica que foi continuamente apagada.

A partir das discussões das duas autoras, parece-me que o erótico da mulher só é visibilizado quando inclui o homem. A literatura virtual lésbica que analisei vai na contramão desse discurso, fazendo circular outros enunciados, dentre eles o de que o amor lésbico é, sim, um amor-erótico. Aqui, ao falar de erótico, falo não apenas de uma manifestação sexual do amor, mas também desta. O amor lésbico aparece nos excertos deste subcapítulo como um amor que é arrebatamento, que é enamoramento, que é irrefreável, que é fantasia, que é desejo e que é, também, sexo.

Dos sete livros lidos, quatro deles têm conteúdo sexual mais descritivo, com as relações sexuais sendo narradas com minúcias: *A Afiliada*, de Lorak (2020), *30 dias com ela*, de Larsen (2022), *Acasos da vida*, de Fernandes (2019) e *Apague a luz*, de Azevedo (2022). Nesses, o ato sexual entre o casal protagonista se dá na forma de um tesão incontrolável, como se as personagens não pudessem resistir uma à outra. A seguir, trago quatro excertos nessa perspectiva – um de cada livro:

— Estou louca pra sentir teu gosto...

Ao ouvir aquela frase lasciva, senti meu corpo tremer de tesão e minha respiração ficou cada vez mais arfante. Não lembrava de já ter sentido tanto tesão assim na minha vida. Júlia passou a beijar toda a extensão da minha barriga, enquanto apalpava minhas coxas. Em seguida, desceu a boca até elas e deu vários beijos molhados na parte interna de cada coxa, me encarando com o olhar inflamado. Eu sustentei seu olhar e isso me deixou com mais tesão ainda. Se ela continuasse me excitando daquele jeito, era capaz de gozar sem que ela precisasse me tocar a intimidade... Era uma

loucura o que estava acontecendo ali! Sua boca finalmente chegou aonde eu desejava e, bem devagar, ela lambeu cada uma das minhas virilhas. Devido ao toque sensual, arqueei minha cabeça para trás e apertei o corrimão da escada com força. No momento em que ela afastou a calcinha do meu biquíni para o lado e sua língua quente e molhada começou a deslizar pelo meu sexo, pensei que fosse gozar de imediato, contudo consegui segurar, porque queria perdurar aquelas sensações por mais tempo. Timidamente, comecei a movimentar o quadril, enquanto Júlia, sem tirar os olhos dos meus, me chupava com a maestria de quem sabia exatamente o que estava fazendo. Aquela simbiose de olhar me deixava muito mais excitada, se é que fosse possível (LORAK, 2020, cap. 1)⁸⁴.

Ela sentiu a garganta secar e, antes que pudesse falar alguma coisa, os lábios de Pilar desceram por seu pescoço, em um baixo quente e faminto, o queimar dela era de baixo para cima. Sentiu o estômago contrair, a pele arrepiou e a fome deu lugar ao desejo e à necessidade de juntar seu corpo ao dela. Uma das mãos de Pilar deslizou por seu ombro puxando o fino casaco para baixo, enquanto ela depositava leves beijos em seu pescoço e logo no ombro também. Alex arfava de olhos fechados enquanto sentia o toque dela se tornar mais forte e a sua respiração mais descompassada. Apertava os braços dela enquanto seu desejo era chupar Pilar sobre a ilha da cozinha (AZEVEDO, 2022, p. 103).

— Meu Deus. — Rangi os dentes com esforço pra não deixar meu gemido estridente escapulir.

Empurrando meu quadril contra sua boca, arfei sentindo minha umidade se transferir para o seu rosto retorcido pela satisfação e escorrer ao redor dos seus lábios. Emitindo um som incompreensível e apertando mais o meu quadril, ela empurrou minhas pernas contra seus ombros, seu dedo brincando com minhas dobras lubrificadas habilmente, me penetrando de forma lenta e forte.

Minhas costas arquearam contra o movimento como incentivo e uma respiração trêmula abandonou meu corpo, antecipando a onda de estremecimento que se seguiu alertando a vinda precoce do orgasmo (LARSEN, 2022, cap. 8).

E então, com as mãos espalmadas sobre os seios, antes de começar a se movimentar, a garota buscou o olhar da mulher e sorriu de modo provocativo. Sem pestanejar, Ivana deu alguns tapas no bumbum da moça, o suficiente para deixá-lo avermelhado e levemente dolorido. Pâmela adorou aquilo e, então, começou a rebolar devagar, e aos poucos, tornou-se mais intenso. Mais forte. Mais rápido. Era possível ouvir gemidos altos provirem do quarto. Naquele momento, Ivana agradeceu pela moça morar sozinha. Enquanto massageava seu clítoris extremamente sensível, a garota continuava remexendo o quadril rapidamente e não demorou para que alcançasse o clímax daquele momento tão erótico, gostoso e sensual. Estava tão trêmula, com as pernas bamba, que a médica a segurou pela cintura deixando que ela deitasse sobre seu corpo. Fechou os olhos, lábios entreabertos, respiração enérgica. Estava se sentindo a mulher mais gostosa do universo nos braços da doutora (FERNANDES, 2019, cap. 11).

⁸⁴ Os excertos dos livros analisados ao longo deste capítulo são trazidos da seguinte maneira: em itálico, fonte Arial 10, espaçamento simples, recuo de 4 cm. O uso do itálico foi uma escolha que visa a diferenciação entre os excertos dos livros e as citações bibliográficas. Na referência, no caso das obras do Wattpad, foi referido o número do capítulo, já que a plataforma não fornece a informação relativa ao número da página.

No primeiro excerto, temos a protagonista de Lorak (2020) não conseguindo resistir à sedução da própria afilhada, que a leva para a cama e a excita profundamente. Os toques, os olhares, a conexão, tudo cria um contexto tão estimulante para Jaqueline que ela se vê completamente envolvida pelo prazer que sente junto à outra mulher. Essa mesma perspectiva de inevitabilidade aparece em *Apague a luz*, quando Pilar seduz a esposa e a leva a sentir tanto prazer e excitação que Alex já não se importa com o cômodo da casa em que estão, querendo tocar e sentir sua esposa de qualquer maneira. Cabe ressaltar, inclusive, que, em várias passagens do romance de Azevedo (2022), o desejo de Alex por Pilar é tão latente que, mesmo estando chateada ou brigando com a esposa, a personagem se deixa levar e as duas acabam fazendo sexo.

Em *30 dias com ela*, o ato sexual também é descrito como um momento de extremo prazer e satisfação que, a partir da habilidade de Mônica em tocar o corpo feminino e do apelo que ela causa em sua parceira, leva Lídia ao orgasmo. A habilidade sexual e a chegada ao clímax também aparecem no excerto supracitado de *Acasos da vida*, no qual Pâmela se entrega ao ato sexual, geme audivelmente e experimenta um prazer intenso com a sua parceira.

Em todos os excertos, é perceptível o quanto o ato sexual lésbico é satisfatório para as mulheres envolvidas, com um prazer sempre descrito em uma profundidade que faz ofegar, gemer e gozar. A narrativa, portanto, contraria um discurso socialmente difundido de que o sexo lésbico seria insuficiente ou até insosso devido à ausência do pênis.

A lógica de que o prazer lésbico seria clitoriano, infantil e menor do que o prazer que uma mulher poderia ter com um homem se fortificou muito a partir das teorias freudianas. A lésbica Vange Leonel (2001), em um de seus ensaios, argumenta que, a partir de Freud, passou a se argumentar que existiria uma superioridade do orgasmo vaginal em relação ao clitoriano. Essa é uma ideia que foi bastante aceita e que corrobora, inclusive, a visão de Beauvoir (1967), trazida no capítulo dois desta tese, de que a sexualidade lésbica seria imatura, tal qual o orgasmo clitoriano.

O argumento de Leonel (2001) acerca disso é que tal superioridade do orgasmo vaginal é mitológica e refutada, entre outros fatores, pelo fato de que o chamado “gozo vaginal nada mais é do que o clitóris sendo estimulado por dentro” (LEONEL, 2001, p. 65). A autora argumenta ainda que as tentativas masculinas de desvalorizar o gozo

clitoriano ocorrem pois existe um receio frente ao prazer da mulher que se manifesta. O gozo clitoriano, nesse sentido, seria um gozo “ativo”, “visível”, “para fora” e, portanto, um gozo considerado próprio do masculino e impróprio para as mulheres.

Em direção semelhante, Rich (2019) argumenta como se difunde em nossa sociedade um pensamento de que a lésbica é apenas lésbica porque sofreu uma experiência abusiva com um homem e não porque de fato sente, ama e goza com outras mulheres. Trata-se de um discurso que retira da experiência lésbica o seu potencial erótico e é justamente a retomada desse potencial que é feita pela literatura virtual lésbica (não só nela, evidentemente, mas também nela).

Isso pois não só o sexo lésbico aparece como algo prazeroso, intenso e suficiente nos discursos desses textos literários, mas como, inclusive, algo superior ao sexo heterossexual. Parte das personagens mencionam já ter se envolvido com homens anteriormente e, ainda assim, quando descrevem o ato sexual vivenciado com seu par romântico no livro, deixam nítido que a experiência lhes causou sensações profundas e que não foram vivenciadas anteriormente em outras relações sexuais.

Em *A Afilhada*, Jaqueline – que, antes de Júlia, só teve relações com homens – diz, no contexto de uma relação sexual, que a afilhada a faz sentir coisas nunca antes sentidas e que o jeito como a outra a penetra é algo bom e que apenas Júlia sabe fazer, ou seja, explicita que a parceira lhe dá prazer de forma que os homens não deram.

- *E você me faz perder a razão!*
- *É mesmo? Por quê?* — ela perguntou e depois mordeu o lóbulo da minha orelha.
- *Você me faz... sentir coisas que eu... nunca senti antes...* (LORAK, 2020, cap. 3).

- *Nossa, menina, você continua insaciável, hein?!*
- *Não consigo me cansar de te comer!* — O sorrisinho brotou outra vez em sua boca.
Por óbvio que fiz o solicitado e me posicionei de quatro na cama. Ela veio por trás e roçou seu sexo em minhas nádegas. Ato contínuo, levou seus dedos até meu clitóris e, fazendo movimentos circulares, sussurrou:
- *Pede pra eu te foder, pede...*
- *Me fode gostoso, como só você sabe fazer!* (LORAK, 2020, cap. 3).

Não apenas o ato sexual é recorrentemente narrado como melhor do que qualquer coisa já experienciada pelas personagens, como também é narrado como melhor do que qualquer fantasia que elas já tiveram. Nas cenas a seguir, em *Acasos*

da vida, o sexo entre Ivana e Pâmela é avaliado pela última como algo que excedeu às expectativas.

- Isso foi incrível! — Ivana sussurrou, ainda abraçada à enfermeira.
- Foi melhor do que imaginei... Muito melhor! — Pam confessou.
- Ué, então a senhorita andou fantasiando? — As duas riram.
- Perdi as contas de quantas vezes me toquei pensando em você, amor — as duas se beijaram.
- Ainda bem que nossa química na cama é tão intensa como qualquer outra que exista entre nós.
- Mais beijos. Carícias. Abraços.
- Então, me diz... — a doutora sussurrou sustentando os olhos castanhos de sua Pâmela. — Vai me deixar sentir seu gosto?
- Mas é claro... — O sorrisinho devasso estava presente. Aquele sorriso que a médica tanto amava.
- Então vem... — Ivana provocou, roçando seus lábios nos da enfermeira. — Senta na minha boca... — sussurrou do modo mais sensual possível, deixando Pâmela enlouquecida (FERNANDES, 2019, cap. 9).

Vê-se, portanto, nesses excertos que citei até aqui (e nos que ainda citarei) que a literatura virtual lésbica vem engendrando resistências ao que Rich (2019) designa como forças sociais que “arrancam as energias emocionais e eróticas” (RICH, 2019, p. 43). Mesmo nos livros que não descrevem cenas de sexo (ou o fazem de maneira breve e sem muitas descrições), essa perspectiva de sentimentos de prazer e excitação também aparecem para falar de toques e beijos.

É uma estratégia adotada por Gumz (2022) e Meziat (2022), que lidam com personagens ainda em idade escolar e, nesse sentido, não constroem uma narrativa que acentue o ato sexual, colocado nos livros de forma mais subjetiva. A função enunciativa de um amor lésbico como amor-erótico, no entanto, funciona ainda que não se esteja falando de uma relação sexual em si, como, por exemplo, nas cenas a seguir de *A Garota dos meus sonhos*, na qual Bianca sente todas as faíscas e o prazer do contato físico, causando-lhe suspiros, estremecimentos e sensação de urgência em tocar Alice:

Alcanço sua cintura e a aperto ao mesmo tempo em que abro a boca para deixar a minha língua encontrar a dela. É como se as faíscas dos últimos dias ganhassem vida em uma explosão de sentimentos que nunca, jamais chegaria aos pés dos beijos dos sonhos. Aqui, consigo sentir Alice em cada canto do meu corpo. Suas mãos deixam minha nuca e passeiam pelos ombros, costas, coxas, barriga. Estão em todos os lugares, e as minhas também. Ela morde o meu lábio e o puxa com os dentes, antes de apertar a boca contra a minha mais uma vez para encerrar o beijo, me fazendo suspirar.
— Você já conseguiu gastar toda a cota de romance da noite, mas quero deixar claro que também quis fazer isso desde a primeira vez que te vi — sussurra, com a testa ainda colada na minha e as mãos de volta à minha bochecha (GUMZ, 2022, p. 127).

Deixo seus dedos me puxarem em sua direção e nossos lábios se encontram em um beijo lento, calmo, que me faz estremecer. Sua boca tem um sabor de

gloss e afasta todas as preocupações de mim. Neste momento, não duvido que só exista eu e ela no universo. Alice deixa o corpo escorregar para trás até estar deitada e me puxa junto, de modo que preciso apoiar as mãos na cama, ao lado de sua cabeça, para me sustentar. Os nossos corpos se encaixam como se tivessem sido criados sob medida e ela desce os dedos pelas minhas costas, até a cintura, onde me aperta e me pressiona contra ela. Faíscas explodem em cada pedaço de mim que ela toca e busco sua boca com maior urgência, pouco antes de interromper o beijo dando uma mordidinha em seu lábio inferior, apenas para conseguir respirar (GUMZ, 2022, p. 45).

É possível ver, nesse sentido, a função enunciativa do amor lésbico como amor-erótico funcionar em excertos que falam de toques, de um contato entre duas mulheres que ainda não é exatamente sexual, mas que já fantasia sobre o ato porvir. Toques que excitam, que são prazerosos também, que seduzem e levam as personagens a estarem excitadas uma pela outra. É o que ocorre nos quatro excertos a seguir, pertencentes aos livros de Larsen (2022), Fernandes (2019), Meziat (2022) e Landre (2021).

Com o livro já esquecido, seu olhar atento analisava cada movimento do meu corpo, me fazendo engolir em seco com a atenção e me forçando a acelerar o processo. Sua mão sobre meu joelho testava a minha sanidade e o meu autocontrole de forma petulante desde que me acomodei sobre seu tórax com a única e exclusiva intenção de ajudá-la com a dor. Respirando fundo, tento ignorar o fato de que seus dedos começaram a subir e descer pela extensão da minha coxa, hora ou outra dando um leve e imperceptível aperto (LARSEN, 2022, cap. 6).

Sob o olhar curioso da jovem, a médica levou o baseado até os lábios, sugando-o intensamente. Engoliu a fumaça e, em seguida, colocou as mãos sobre os ombros da enfermeira, inclinando-se em sua direção. Abriu os lábios, permitindo que a fumaça esbranquiçada escapulisse lentamente, beijando o rosto moreno de Pâmela. A menina fechou os olhos, sorriu e, com as mãos na cintura da médica, a beijou nos lábios. Ali, em um cantinho da praça, sob a penumbra da noite, recostadas no capô do carro de Ivana, as mulheres beijaram-se calmamente. Ao fim do beijo, ambas permaneceram abraçadas, com os olhos fechados. O coração de Pâmela batia frenético, acompanhando o ritmo cardíaco da médica.

— Pam... — Ivana sussurrou, desvincilhando-se dos braços da jovem.
— E-eu... Foi mal, doutora Ivana! — A menina afastou-se, passando as mãos freneticamente pelos cabelos, denunciando seu nervosismo. — Foi impensado... Acho que fiquei meio viajada' por causa da maconha e tal... — forçou um risinho ao ver a tez clara da mulher levemente ruborizada (FERNANDES, 2019, cap. 5).

Aysha trincou o maxilar quando sentiu o pincel em sua pele, dessa vez em sua bochecha, puxando o blush mais para cima. Pra destacar a maçã do rosto, Mariana já lhe dissera tantas vezes, repetindo o mesmo movimento. Ela observou enquanto Mariana pintava sua pele. Aysha evitava se mover ou respirar muito forte, como se qualquer ação pudesse estragar aquele momento sensível. Sua garganta estava seca. Por um segundo, pôde jurar que viu Mariana passando o olhar por sua boca. Mariana sorriu quando terminou. — Tá linda — Mariana disse. Ao se afastar, Aysha voltou a respirar normalmente. — Mais ainda, né. (MEZIAT, 2022, p. 33).

Elas se afastaram apenas um milímetro, ambas de olhos abertos, até que Lucíola fechou os dela e tentou de novo. Dessa vez, não foi nada repulsivo. A boca de Lucíola não era quente (como seria?), mas seus lábios eram cheios e... bem, era uma boca. Uma boa boca. Uma boca excelente. E ela sabia muito bem como movimentá-la de uma forma que provocasse Geraldina a buscar por mais, a entreabrir os lábios, fechar os olhos e segurar a nuca dela. Elas estavam pressionadas uma contra a outra e havia algo perigoso, tão quente quanto fogo, alastrando-se entre as duas. Fogo era fatal para vampiros. Era o que o tornava tão inebriante (LANDRE, 2021, p. 45).

Pode se ver, assim, um envolvimento entre as personagens que é pautado pelo contato físico, mas que não corresponde a uma relação sexual. Entendo, porém, que a ideia de um amor-erótico ultrapassa a noção de sexo – e que o próprio conceito do que é ou não é sexo não é um universal pré-estabelecido. Por muito tempo – e, para algumas pessoas, até hoje – a própria relação sexual lésbica não foi considerada sexo.

Ainda que os discursos sobre o erótico e sobre o sexo venham sendo vinculados a concepções genitalistas de que só existe prazer sexual se há troca de toques físicos nas genitálias, Foucault (2014c) argumenta que nosso corpo abre possibilidade para criações e experimentações múltiplas de prazer, para além de uma visão limitada das partes do corpo que são sexuais (ou eróticas) enquanto outras não. Toques e conexões vivenciadas por nossos corpos – mesmo que não sejam aquilo que tradicionalmente chamamos de “sexo” – carregam grande potencial erótico.

Cabe ressaltar, também, que esses excertos dos livros baseados em conexões físicas e/ou prazer sexual estão diretamente vinculados ao amor. É um enunciado do amor lésbico como amor-erótico em vigência. Ao longo dos livros analisados, esses casais de mulheres não estão apenas fazendo sexo casual, pelo contrário, elas estão se apaixonando uma pela outra. Construindo um amor juntas, um relacionamento.

A separação entre amor e sexo, discurso que por vezes circula em nossa sociedade, não se dá nessas obras literárias. Essa distinção, imortalizada por Rita Lee na música *Amor e Sexo*, na qual o sexo “vem dos outros” e o “amor vem de nós”, não corresponde a essa função enunciativa, que entende o amor em sua potência erótica e – por que não? – sexual.

Assim, o amor lésbico aparece como amor-erótico na medida em que os toques, a excitação, o interesse sexual, o prazer, tudo isso aparece vinculado ao amor que as personagens sentem uma pela outra. A seguir, por exemplo, temos dois

exertos de *A Afilhada*, nos quais, respectivamente, as personagens Júlia e Jaqueline declaram seu amor durante uma relação sexual:

Logo depois que relaxei na cama, arfante, após o gozo enérgico, Júlia me acarinhou o rosto com seus dedos finos e sorriu, me olhando no fundo dos olhos. Poderia ler-se o mundo naquele olhar encantador. Em seguida, sua boca pousou no canto da minha boca num beijo suave e, ao se afastar, ela declarou:

— Eu te amo mesmo...

Sem esperar resposta — talvez ela tivesse tido medo do que eu poderia lhe dizer, Júlia pousou seu corpo sobre o meu, juntou sua boca na minha e me deu um beijo, que começou com docura, mas rapidamente se intensificou. Logo em seguida, virei-me por cima dela e foi a minha vez de desbravá-la com minha boca e minhas mãos. Tudo o que eu mais queria naquele momento era prová-la bem devagar, saboreando cada parte do seu corpo (LORAK, 2020, cap. 7).

Nossa sintonia era tão forte que eu conseguia sentir a energia emanada de Júlia. Cada vez mais, percebia que o que eu sentia pela minha afilhada não era apenas tesão, era amor. E não podia e nem queria mais fugir desse sentimento. Ao deitar ao seu lado, ela se aninhou em meu ombro, pondo seu braço sobre a minha barriga, e eu lhe beijei a têmpora suada. Sentindo meu coração pulsar de alegria e ansiedade, tomei coragem e, dessa vez, declarei enquanto ela estava acordada:

— Eu te amo, Júlia (LORAK, 2020, cap. 9).

Em *30 dias com ela*, também é vivendo um ato sexual que Lídia reflete sobre seu amor por Mônica. No excerto a seguir, a entrega e o envolvimento da personagem no sexo parecem ser diretamente proporcionais a sua própria percepção de quanto Mônica é importante para ela, o quanto ela ama a outra garota.

Seu rosto e boca ainda estavam mergulhados na minha fenda encharcada, seus olhos semicerrados como se estivessem se esforçando para não perder cada lampejo de reação que cruzava o meu rosto. A simples visão fez meu coração saltar contra meu peito e minhas pernas tremarem. Não me preocupei em censurar o gemido dessa vez, permiti que ele soasse por todo o cômodo, me ocupando unicamente em me desfazer montada na boca da garota que abalou todo o meu mundo e despiu todas as certezas que achei que possuía. A garota que agora sei que amo mais do que deveria (LARSEN, 2022, cap. 8).

A mesma lógica evidencia-se nos excertos que trago adiante, pertencentes aos livros de Fernandes (2019) e de Meziat (2019).

Em um movimento rápido, após se beijaram, a médica retirou a camiseta da enfermeira e colocou uma das mãos espalmadas sobre os seios de Pâmela, seguindo o contorno do sutiã com a ponta do dedo. O calor era crescente em ambas, assim como o desejo, a excitação. Todos os sentimentos iam ganhando uma proporção tão forte, que poderiam ser palpados. As respirações eram arrítmicas, enérgicas, agitadas. Os corações batiam acelerados. E o tão familiar calafrio surgia no alto da região torácica e descia vorazmente pelo abdome, alcançando o baixo ventre. Os músculos vaginais contraíam-se tão forte, tornando os sexos molhados, que chegava a doer. Era aquilo o encontro de almas apaixonadas? Os dedos ágeis de Pâmela alcançaram o fecho do sutiã da médica, deixando-a despida. Seus lábios

úmidos pela saliva da mulher percorreram as bochechas dela, escorregaram pelo pescoço — ouviu-se um suspiro que a enfermeira podia jurar que foi arrancado do fundo da alma de Ivana (FERNANDES, 2019, cap. 9).

Mariana repetiu os movimentos que Aysha fazia há uns minutos e a olhava, de vez em quando, para ver se estava tudo bem, se havia algum sinal de que ela queria parar. Tudo que via era Aysha de olhos fechados e a sentia puxando suavemente a raiz de seu cabelo como sinal de aprovação. Aysha também já tinha transado com outras pessoas, mas nada como aquilo. Naquele dia, ela e Mariana não foram muito longe. Onde elas chegaram, porém, já era um grande avanço. Aysha nunca se sentira tão confortável com alguém. Ao contrário do que imaginava, não se sentiu mal quando as alças de seu vestido deslizaram, revelando apenas uma parte de suas inseguranças. O jeito que Mariana a olhava era tão revelador que ela não sentiu um pingo de incômodo. Apenas calor — não só do jeito sexual, mas humano. Porque ela finalmente se sentia reconhecida como mais do que um corpo. Isso era uma coisa que ela sabia, e esperava, que teria com alguém. Ela só não sabia que poderia ter agora (MEZIAT, 2022, p. 89).

Naquela hora, Aysha conheceu o beijo carinhoso de Mariana. Tão suave que Aysha quase podia sentir a maresia de Arraial se estendendo como um pano debaixo delas, o salgado bagunçando seu cabelo — como ela sempre imaginou que seria beijar alguém que se importava, mas ainda melhor. Aysha se sentiu com tanto amor dentro de si, que queria entrar dentro dela. Não de forma sexual. Só... entrar. Era uma coisa doida de se pensar, na verdade. Amar tanto alguém que você deseja entrar na pessoa e não sair (MEZIAT, 2022, p. 99).

Em *Acasos da vida*, portanto, a protagonista narra o sexo como sendo mais que sexo em si, mas sendo um “encontro de almas”, uma conexão que iria além da parte física. Já em *Algo a mais*, comparando sua relação com Mariana com seu relacionamento anterior com um garoto, Aysha argumenta que o ato sexual com Mariana a fez sentir um “calor humano” e que estava sendo tratada e vista como “mais do que um corpo”. Nessa lógica, a personagem sente que o amor (e o sexo) lésbico é um amor que não a objetifica sexualmente.

De forma geral, na lógica do amor heterossexual, existe uma exploração do erótico das mulheres por parte dos homens. Jónasdóttir (2011), autora já mencionada, explica que o poder do amor das mulheres, enquanto capacidade humana, é explorado no aspecto erótico e no aspecto do cuidado, ambos presentes no amor heterossexual. Em uma tradução livre, a autora afirma que “a mulher é forçada a comprometer-se com o cuidado amoroso para que o homem possa ser capaz de viver e experimentar o êxtase” (JÓNASDÓTTIR, 2011, p. 265). A mulher, então, vai se ver privada do êxtase erótico.

Pensar essa questão, em minha visão, é nos permitir compreender a função utilitária que a mulher parece ter para o homem na experiência sexual. Mais objeto do que ser humano – como dá a entender Aysha, em *Algo a mais*. O sexo assume um

caráter de serviço prestado e, enquanto serviço, retira da mulher a potência do erótico. O sexo lésbico, de outra forma, devolve à personagem essa potência.

Outro ponto que cabe demarcar quando se fala da questão sexual nos livros analisados é o fato de que no narrar da relação sexual pode aparecer um discurso de posse – uma lógica de pertencimento, de possuir ou de ser possuída pela outra mulher. Entrarei nessa discussão de forma mais acentuada no subcapítulo a seguir, mas, ainda assim, é preciso ressaltar o quanto esse discurso de posse se entremeia no enunciado do amor-erótico.

Sabemos que nenhum enunciado funciona sozinho – sempre há outros enunciados em relação com ele, no que Foucault (1972) chama de domínio associado (uma propriedade da função enunciativa). Assim, falas como “eu desejo você”, “eu tenho prazer com você” e mesmo “eu amo você” são recorrentemente associadas à expressão: “você é minha”.

Em *A Afilhada*, ao transar com Júlia e sentir tanto prazer com ela, Jaqueline vai chamá-la de “dona do seu prazer”. Causar prazer na outra pessoa, nesse sentido, entra na lógica de possuir esse prazer causado, como é narrado no trecho:

Não tive mais como fugir. Estava entregue às carícias de Júlia e o que me restou foi fechar os olhos e me deleitar com a sensação indescritível de tê-la me tocando a intimidade. Permaneceu com o contato íntimo e libidinoso o tempo necessário para me arrancar do ventre um orgasmo enérgico e demorado. Depois que soube do casamento de Júlia, jamais imaginei que fosse sentir prazer daquela intensidade outra vez, porque somente ela me fazia senti-lo daquela forma e eu pensava que nunca mais nos envolveríamos de novo. Cheguei a uma péssima conclusão: Júlia era a verdadeira dona do meu prazer e isso me angustiou posto que tinha um relacionamento com Fernando e não com ela. Pensei que nunca mais fosse senti-la em mim novamente (LORAK, 2020, cap. 5).

O romance de Azevedo (2022) é aquele no qual o sexo é utilizado de forma mais significativa para indicar posse, de todos os livros analisados nesta tese. No decorrer de *Apague a Luz*, a protagonista Pilar usa constantemente o sexo para garantir que sua esposa Alex não termine o casamento. Sabendo que Alex está insatisfeita e que as duas estão brigando constantemente, Pilar tenta, por várias vezes, “fazer as pazes” usando o apelo sexual que tem em sua parceira, para, desse modo, não perdê-la. Em um dado momento, quando Alex tenta terminar a relação e sai com uma ex-namorada, desenvolve-se a cena a seguir:

— Você está bêbada, Pilar! Veio dirigindo? — a fala era de preocupação.
— Não vim, e estou sim, mas não o suficiente pra não te beijar, não te amar, eu te quero! Eu amo você, Alex, eu te quero! Quero minha mulher — ela falou beijando Alex sem dar tempo para que ela falasse nada.

A porta foi fechada e Alex foi empurrada contra ela, um suspiro saiu de seus lábios enquanto a mão de Pilar descia para acariciar um de seus seios, arrancando um gemido dela, a mão desceu e parou entre as pernas de seu amor, não demorou para avançar contra a calcinha e mover os dedos delicadamente sobre seu clitóris (AZEVEDO, 2022, p. 65).

Nesse excerto, Pilar vê a amiga (e ex-namorada) de Alex entrar em uma casa junto com sua esposa. Alcoolizada, Pilar está seguindo e vigiando a própria esposa e, no meio da madrugada, bate à porta do local onde Alex está, propondo de imediato um ato sexual, que visa garantir que a esposa continue com ela. “Quero a minha mulher”, ela chega a argumentar, dando ênfase ao pronome possessivo, antes de iniciar uma relação sexual com a esposa.

Tendo tratado até aqui do contato físico e/ou sexual e suas relações com o amor lésbico, eu gostaria de passar a uma outra dimensão da função enunciativa do amor lésbico como amor-erótico, que não passa necessariamente por esse aspecto físico, mas que se relaciona com o conceito de “erótico” que debati no início deste subcapítulo.

Entendo, nesse sentido, que uma das características dessa função enunciativa é a ideia de que o amor lésbico é erótico na medida em que passa por um enamoramento, um arrebatamento irresistível que uma mulher sente quando conhece outra. Um interesse, uma atração que envolve um despertar para o amor. Logo que conhece Júlia, por exemplo, Jaqueline se sente perturbada pela sedução da afilhada, pelas sensações que a moça lhe causa e que são incontroláveis.

Rapidamente, ela se levantou e foi buscar uma toalha para mim. Ao invés de entregá-la em minhas mãos, ela pôs a toalha grande e felpuda em meus ombros, esfregou suas mãos em meus braços e sussurrou em meu ouvido: — Espero que ela sirva para te aquecer...

Sentir aquele hálito quente, aquela voz feminina e macia ao pé do meu ouvido me fez estremecer ainda mais. Os pelos do meu corpo se arrepriaram mais ainda e meu coração saltitou dentro do peito. Era uma loucura o que ela me fez sentir. Aquilo me deixou bastante perturbada (LORAK, 2020, cap. 1).

Da mesma forma, Lídia (de *30 dias com ela*), ao assistir a sua amiga Mônica pela câmera – sem nem mesmo tê-la visto pessoalmente ainda –, sente-se tão arrebatada e impactada pelos próprios sentimentos que chega a cair da cadeira.

Não foi em um lugar especial, não foi observando-a entrar em um lugar lotado em um vestido super chique e percebendo que a queria para sempre em minha vida, nada disso. Ela estava linda, mesmo com seu pijama de berinjelas e suas olheiras pesadas abaixo dos olhos. Não que isso a fizesse menos bela ou que ela nunca estivesse bonita... Naquele dia, algo estava diferente, eu a estava percebendo de uma maneira distinta, eu podia sentir isso. E por isso tentei buscar miseravelmente por um piercing novo ou uma mecha colorida, algo que justificasse a nova sensação que se agitava no pé da minha barriga. Seu cabelo rebelde, longo e flamejante, tinha vida própria

e tomava todo o enquadramento da câmera, exibindo majestosamente os cachos que ela tanto se esforçava em tentar inutilmente domá-los da forma que queria. Assim que ela me visualizou naquele dia, também tomando sua tela por inteiro, Mônica expôs para quem quisesse apreciar um sorriso, um lindo sorriso cheio de dentes, que naquele dia me fez desabar da cadeira (LARSEN, 2022, cap. 2).

Mariana, do livro *Algo a mais*, sente-se destinada a se apaixonar por sua amiga Aysha, sem ter escolhas quanto a esse sentimento carregado de inevitabilidade.

Depois daquele beijo, Mariana percebeu que o poder de escolha era um mito. Ela nunca teve uma escolha. Estava fadada a se apaixonar por Aysha desde o momento em que a viu, sentada na sala de aula enquanto fazia anotações, com os óculos levemente caídos no nariz (MEZIAT, 2022, p. 51).

Essa mesma inevitabilidade aparece nos excertos de *A garota dos meus sonhos*, quando Bianca narra ser impossível desviar seu olhar de Alice e, só de vê-la, nota a grande paixão que sente pela outra personagem.

Acho impossível não olhar para Alice. O sol ilumina seu rosto e torna seus olhos tão claros quanto mel diluído, suas bochechas ainda estão vermelhas e há uma expressão pacífica em seu rosto redondo, cheio de pintinhas (GUMZ, 2022, p. 60).

Tenho um sorriso bobo nos lábios enquanto observo Alice de longe, seu rosto corado de prazer e a testa começando a ficar vermelha por conta do sol do meio-dia. Seu cabelo está preso em um rabo-de-cavalo firme, que balança em suas costas conforme corre. Sabe quando você vê uma pessoa e pensa puta merda, eu tô tão apaixonada e parece que vai derreter de tanto amor? É essa a minha situação (GUMZ, 2022, p. 85).

É possível compreender, portanto, que esse amor-erótico entra em discurso nos livros de literatura virtual lésbica como um amor arrebatador, que chega tomando as personagens por completo, e sobre o qual elas não têm qualquer poder de decisão. Nesse ponto, não vejo um distanciamento significativo entre o amor lésbico e o amor heterossexual, pois ambos estão atrelados a essa lógica do arrebatamento e de que o amor chega a nós sem que nós queiramos. A autora bell hooks (2020) aborda esse discurso argumentando que ver o amor como algo sobre o que não temos a capacidade de escolher seria problemático e ilusório.

A autora aponta, ainda, que essa ideia de que “caímos de amor ao nos apaixonarmos, de que não temos escolha e decisão quando escolhemos um parceiro porque, quando existe química, quando há um clique, simplesmente acontece – somos subjugados – perdemos o controle” (HOOKS, 2020, p. 201) é um discurso que muito beneficia os homens, que garantem um amor incondicional das mulheres e não precisam refletir sobre os próprios sentimentos.

Em um contexto de amor lésbico, no entanto, talvez isso assuma uma característica diferente, pois não me parece que essas sensações de arrebatamento levam a um amor sem esforço – na terceira seção deste capítulo, inclusive, detenho-me em como o amor lésbico aparece na literatura virtual lésbica como um amor-trabalho, ou seja, um amor que demanda esforço e reflexão.

Entendo que esse arrebatamento faça parte do amor-erótico na medida em que se atrela às sensações múltiplas e intensas que as personagens causam umas nas outras. A expectativa do contato, a expectativa do prazer, da conexão, tem sua potência erótica que não necessariamente vincula-se a uma prática irrefletida.

Pela questão da “expectativa”, esse amor-erótico que chega e causa sensações irrefreáveis de atração e apaixonamento está vinculado a sentimentos de nervosismo, aquele dito “frio na barriga”, as tais “borboletas no estômago”, certa ansiedade quando nos encontramos com a pessoa amada. Esse é um discurso muito recorrente, que aparece em quase todos os livros analisados. Em *30 dias com ela*, por exemplo, Lídia narra, logo que conhece pessoalmente Mônica, que até então era sua amiga virtual:

A mesma sensação que agora é devidamente identificada como frio na barriga e que me acompanha nesse exato momento, enquanto meus ouvidos apuram cada chamada de embarque, buscando atentamente um anúncio que indique a chegada dela. Respirando fundo, esfrego uma mão na outra, tentando abafar meu nervosismo com a recapitulação dos acontecimentos recentes (LARSEN, 2022, cap. 2).

O mesmo ocorre com Pamela, que, logo que reencontra a médica com quem já trabalhou anteriormente e inicia a troca de flertes com ela, não para de pensar em Ivana e tem a sensação de “borboletas no estômago” que viria do ato de se apaixonar.

— E a propósito, obrigada pelo elogio. Fazia um bom tempo que não ouvia algo do tipo — ambas se encararam. — Agora preciso ir. Tenho muita tarefa a ser feita, mas se precisar de algo, pode me procurar, ok?

A moça assentiu com a cabeça e ficou na porta, observando a médica adentrar o quarto do lado. Ficou ali, por alguns segundos, com um sorriso idiota estampando seu rosto. Por fim, balançou a cabeça em negação e voltou ao seu posto de trabalho. Ao sentar-se na poltrona, imersa novamente no silêncio daquele quarto, suspirou. Pensava consigo mesma no quanto Ivana estava atraente, bonita e questionou-se como nunca sequer havia reparado na mulher em sua época de estágio.

E lá estavam com a moça aquelas sensações estranhas de quando nos apaixonamos: sorriso idiota no rosto, a impressão de borboletas dançando no estômago, suspiros escapulindo por entre os lábios e, claro, relembrando cada palavra trocada com a médica (FERNANDES, 2019, cap. 1).

Na mesma obra, vemos Ivana sentindo o mesmo por Pamela. Após dar uma carona para a enfermeira, vê-se atônita e trêmula a partir da interação com ela.

Sem dizer nada, Pâmela soltou o cinto de segurança e inclinou-se na direção da mulher, dando um beijo rápido e estalado em sua bochecha.

— Tchauzinho, doutora largo sorriso — sussurrou.

Ivana estava tão admirada com o gesto, que mal conseguiu responder. Estava atônita sentindo o perfume sutil da garota em suas narinas, as mãos tremiam e os olhos estavam arregalados. Ficou ali, observando-a adentrar o interior do edifício.

Que merda é essa, meu Jesus?! indagou a si mesma, ligando o carro (FERNANDES, 2019, cap. 3).

Em *Algo a mais*, Aysha se encontra receosa de perder o controle sobre si mesma ao ver Mariana dançar. Seu estômago “dá voltas” ao admirar sua beleza, mostrando o nervosismo que sente ao se ver apaixonada pela melhor amiga.

Ela se sentia no controle, mas, ao mesmo tempo, com medo de perdê-lo, o que era uma interseção que sentia com certa frequência. Em algum momento da noite, quando Mariana começou a dançar e rebolar junto a outras pessoas, Aysha sentiu seu estômago dar uma volta engraçada. Ela é muito linda (MEZIAT, 2022, p. 70).

A sensação de nervosismo e perda de controle, causada pelo enamoramento, também fica visível em *A garota dos meus sonhos*. Nesse livro, quando Bianca narra seus sentimentos ao se encontrar com Alice, ela elenca “borboletas no estômago”, “o resto do mundo perdendo a relevância”, “pânico”, “deslumbrado” e “tremores”.

— Tava com saudade, gatinha — Alice me abraça e sussurra de um jeito que me faz arrepiar. As pessoas superestimam os primeiros beijos, aquele velho clichê que sempre está aparecendo nos filmes e livros: Borboletas voando no estômago, o resto do mundo perdendo a relevância e tal. É o que acontece comigo toda vez em que ela me abraça (GUMZ, 2022, p. 5).

Um par de olhos cor de mel encontram os meus e meu sangue gela. Mesmo à distância, não tem como confundir. Estou encarando a garota dos meus sonhos. [...] Começo a tremer em um misto de pânico, deslumbrado e mais pânico. Essa é uma colisão de dois universos paralelos para a qual não estou preparada. Já diria a maior que temos no Brasil: “Pane no sistema, alguém me desconfigurou” (GUMZ, 2022, p. 20-21).

Nos excertos deste subcapítulo, não se está falando de um amor calmo, um amor que traz paz, tranquilidade ou segurança – o que não significa que discursividades nesse sentido não apareçam nos livros analisados, elas também estão lá e serão discutidas posteriormente. Porém, aqui, nesses trechos relacionados à função enunciativa do amor lésbico como amor-erótico, se está falando de um amor que pode desestabilizar, que evoca sensações intensas capazes de levar ao prazer profundo e, ao mesmo tempo, pode levar ao pânico e à ansiedade.

O amor-erótico, por vezes, pode ser agitado, inquieto. Ele desassossega, desequilibra, desorganiza e desestrutura o sujeito. Não vejo esse desequilíbrio como bom ou mal, cabe demarcar. O desequilíbrio faz parte da vida, das nossas construções

enquanto sujeitos. O amor-erótico é um amor que abala, e essa desorganização possibilita inúmeras reorganizações posteriores, na potência criativa do erótico.

Esse amor-erótico também está vinculado a certo jogo de sedução, de se dizer aquilo que se deseja de forma indireta, de aticar uma na outra a excitação, a vontade e a expectativa pelo que está por vir. Na cena a seguir, retirada do romance *A Afilhada*, não somente as falas de Júlia, mas também a maneira como ela olha para sua madrinha constituem essa sedução.

Sorri e coloquei o canudo da minha caipirinha entre os lábios e suguei o líquido, fitando-lhe os olhos. Ela me lançou um olhar tão penetrante, que me deixou bastante desconcertada. Então, desviei os olhos para o mar e ela continuou:

— Souve que você se separou do meu padrinho.

— Foi. Faz mais ou menos um ano — respondi, voltando meu olhar em sua direção.

— Uma pena... — ela comentou aparentando sinceridade.

— Foi melhor assim. Não estava mais dando certo.

— É. Tem homem que não sabe dar valor à mulher que tem... — Júlia comentou e bebeu outro gole da cerveja sem tirar os olhos dos meus (LORAK, 2020, cap. 1).

De forma semelhante, em *Noturnas e Natalinas*, Lucíola seduz a outra vampira Ihe lançando olhares, sorrindo para ela, beijando-a levemente para aticar o desejo de beijos mais intensos.

Lucíola sorria de modo provocativo, seus olhos desviando-se o tempo todo na direção de Geraldina (LANDRE, 2021, p. 22).

— Eu meio que quero te beijar o tempo todo — confessou Luce. — Então faça o favor de me beijar o tempo todo.

Luce ficou de joelhos no sofá, olhando-a de cima. Passou a mão que estava no rosto de Geraldina para a nuca dela e puxou-a para mais perto, o que arrancou dela um sorriso sombrio, cheio de promessas. Chegando ainda mais perto e com uma lentidão deliberada, Luce depositou um beijo casto na ponta do nariz (LANDRE, 2021, p. 87).

A promessa de toques que virão mais tarde, a criação de expectativas, também faz parte da sedução feita por Mariana quando provoca o desejo de Aysha.

— Sabe o que eu quero falar? — Aysha perguntou, e Mariana fez que não.
— Você é a mais bonita daqui.

Mariana sentiu seu rosto ficando mais quente e chegou mais perto de Aysha.

— Eu quero te dar um beijo mais tarde — sussurrou em seu ouvido.

Aysha olhou para trás, e sua mãe não estava mais lá.

— A gente pode fazer isso agora (MEZIAT, 2022, p. 88).

Nesses últimos excertos, que tratam da questão da sedução, fala-se de um amor-erótico que ainda não se efetivou na forma de beijos, toques ou de um ato sexual, mas que já existe no nível da fantasia, do desejo.

Antes de encerrar este subcapítulo, eu gostaria de tratar de uma questão recorrente em todos os livros lidos: o fato de que o amor-erótico está diretamente atrelado a um desejo pela feminilidade. Eu já mencionei, no capítulo anterior, que todas as personagens dos sete livros analisados são mulheres feminilizadas e apontei para a significativa invisibilidade desfem na literatura virtual lésbica.

Os excertos que trago a seguir pretendem servir de base para essa discussão. No primeiro deles, temos uma cena ocorrida logo no início do livro *A Afilhada*, na qual Jaqueline se vê atraída por Júlia. Seu desejo se dá ao ver a moça de biquíni – a peça de banho feminina envolvendo o corpo da jovem desperta em Jaqueline o que ela classifica como “desejo incontrolável” e que culminou em várias “cenas eróticas” aparecendo em seus pensamentos.

Ocorre que observar o corpo de Júlia vestida em um biquíni minúsculo me fez sentir vontade de prová-lo! A verdade era essa: um desejo intenso, quase incontrolável, de senti-la em meu corpo tomou conta de mim! Foi inevitável começar a fantasiar com isso. Se Ana tivesse o poder de ler pensamentos, me afogaria ali mesmo naquele mar pelo que eu estava imaginando em fazer com a sua filha. Para de pensar isso, Jaque, pelo amor de Deus! A razão, às vezes, tentava me alertar. Entretanto, não adiantava, eu não conseguia parar de pensar em cenas eróticas tendo minha afilhada como atriz principal. Instantes depois, Júlia voltou do mar, toda molhada, com os pingos d’água escorrendo pelo corpo. Aquela imagem fez meu tesão se intensificar ainda mais. De propósito, eu tinha certeza disso, ela começou a se secar e ajeitar o biquíni na minha frente e eu tentava, totalmente em vão, desviar o meu olhar de sua direção (LORAK, 2020, cap. 2).

Também falando sobre peças íntimas, Lídia, de *30 dias com ela*, vê Mônica só de *lingerie* de renda branca. As peças seriam pouco usuais, se comparadas às roupas utilizadas normalmente pela jovem. O tecido rendado e transparente faz com que Lídia repare nos quadris, nos seios e mamilos de Mônica, achando-a sensual.

Seu corpo abraçado por peças íntimas e nada mais, como sempre a via fazer, mas hoje, as roupas eram diferentes. A renda branca prendia delicadamente e contornava seus seios e quadris com maestria, dando-lhe ainda mais sensualidade. Reparando a minha presença e inspeção nada discreta, ela gritou tentando tapar as partes expostas do corpo, ganhando minha risada rouca em troca.

— Não há nada aí que eu já não tenha visto, você sabe... — As palavras escapuliram pela minha boca, antes que eu pudesse detê-las, cortando o som ambiente e nos acercando, seus braços se cruzaram sobre o peito instantaneamente na defensiva, meu olhar foi atraído para os mamilos, que se eriçaram de imediato contra o tecido transparente do sutiã (LARSEN, 2022, cap. 6).

Em *Acasos da vida*, é a própria Pâmela quem presenteia Ivana com uma *lingerie*, indicando que deseja ver a parceira utilizando esse tipo de peça íntima. Ao ver Ivana tirar a roupa e expor seu corpo adornado pelo presente, Pâmela vê a outra

mujer como “uma flor delicada”, que lhe desperta enorme desejo e “intensa energia sexual”. A feminilização de Ivana aparece não apenas no uso da referida *lingerie*, mas também nos cabelos longos nos quais Pâmela pode emaranhar os dedos, no vestido de zíper lateral e outros detalhes que aparecem na narrativa.

A mulher aproximou-se de sua garota com um sorriso devasso nos lábios. A troca de olhares manteve-se intensa.

— *Pensei que você gostaria de ver como ficou o seu presente em meu corpo... — arqueou uma sobrancelha.*

Os lábios delicadamente volumosos de Pâmela tremiam, como se a moça pensasse em algo para murmurar. Sustentando os olhos castanhos da enfermeira, Ivana deslizou os dedos pelo tecido escuro do vestido, alcançando o zíper lateral, puxando-o para baixo, fazendo com que a vestimenta se afrouxasse em seu corpo e viesse ao chão. Os olhos da jovem faiscaram naquele momento. Enxergou Ivana como se a mulher fosse uma flor delicada se desabrochando, um presente tão almejado sendo desembrulhado. E de fato, ela era. Pâmela havia perdido as contas de quantas vezes havia se tocado pensando na médica, fantasiando minimamente cada detalhe do corpo bonito da mulher. Ivana inclinou-se na direção da garota, roçando seus lábios cuidadosamente nos dela e as mulheres puderam sentir uma dose da intensa energia sexual que percorria ambos os corpos, ficando cada vez mais exorbitante. Emaranhando seus dedos nos cabelos amendoados da médica, Pâmela a beijou de uma maneira quase selvagem, impudica. E aquilo despertou um calor sutil por entre as pernas da doutora (FERNANDES, 2019, cap. 9).

Em *Algo a mais*, também é um vestido roxo de seda que faz com que Aysha ache sua namorada Mariana uma “grande gostosa”.

— *O que cé acha desse? — perguntou Mariana, olhando-se mais uma vez no espelho do quarto da mesma.*

O vestido roxo de seda ressaltava seu corpo, o qual Aysha encarou sem vergonha. Ela desceu o olhar até suas panturrilhas definidas e o seu tênis da Fila branco.

— *Acho que você ficou uma grande gostosa (MEZIAT, 2022, p. 116).*

Ao narrar seus beijos com Alice (cuja feminilidade é demarcada por vários fatores na obra, incluindo sua constante vinculação e comparação com a cantora Taylor Swift), Bianca reforça em mais de uma passagem a presença do gloss labial usado pela namorada e o “sabor” que isso daria ao beijo. O uso da maquiagem, artefato socialmente vinculado à feminilidade, é algo que potencializa o desejo de Bianca, tornando melhor a troca de beijos com Alice.

Estamos muito perto agora e a vejo morder o lábio inferior, cheio de gloss, de um jeito que me faz lembrar de outra coisa. O beijo do amor verdadeiro. Foi o que Alice disse que deveríamos tentar e, embora tenha sido uma brincadeira, agora que sei que estamos conectadas por algum tipo de mágica, destino ou qualquer outra coisa que não pode ser explicada, parece um bom plano (GUMZ, 2022, p. 124).

Não consigo parar de beijá-la. O sabor de gloss de seus lábios fica mais gostoso a cada instante. O calor que me envolve, o fogo nas minhas veias e o corpo dela pressionado contra o meu em uma noite gelada se tornam muito

mais importantes do que o fato de que esses beijos deveriam tê-la feito lembrar. Não importa mais, porque Alice está aqui. Estamos juntas e isso é tudo o que preciso (GUMZ, 2022, p. 129).

Não só o uso de roupas, maquiagens, sapatos de salto alto e cabelos compridos são reforçados em várias passagens dos livros como sendo características que tornam as mulheres mais bonitas e desejáveis, mas também a própria forma de descrever o corpo e o apelo sexual causado pela outra mulher é recorrentemente atrelado a elementos hegemonicamente vistos como femininos, como as curvas acentuadas do corpo, a delicadeza, a suavidade, certa vulnerabilidade e “entrega” no momento da relação sexual, entre outros.

Talvez a razão pela qual as personagens da literatura virtual lésbica estejam marcadas pela feminilidade venha de uma discriminação contra lésbicas desfem por parte das populações lésbicas. Não quero dizer que as autoras lidas são pessoalmente contrárias às desfem, mas que talvez elas não encontrem o nicho literário para publicação de romances com mulheres desfeminilizadas. Não podemos esquecer que o que permite que as autoras continuem escrevendo – sobretudo aquelas que publicam no Amazon Kindle – é o retorno financeiro. Conheço muitas mulheres que vivem de seus ebooks e pode não fazer sentido para elas publicar livros que não convergem às propostas mais lidas e consumidas nas plataformas on-line.

Mas questionar o porquê de haver poucos livros com protagonistas desfem nas plataformas on-line e o porquê de eles não alcançarem números mais expressivos de leitura é questionar a própria invisibilidade e opressão contra mulheres desfeminilizadas que ocorre não apenas na sociedade em geral, mas entre as lésbicas. Nesse sentido, eu gostaria de retomar a pesquisa de Facchini (2008), na qual parte das lésbicas com as quais a autora conversou demonstra preocupação em orientar seu comportamento e sua estética de forma a não deixar explícita a sua sexualidade e/ou não ser vinculada à sexualidade. Ser feminina e discreta é colocado como uma conduta importante por muitas mulheres, dada a maior aceitação gerada. Nesse sentido, a autora chama atenção, por exemplo, para o fato de que os casais de mulheres que aparecem na TV aberta são quase sempre compostos por mulheres feminilizadas.

Porém, o trabalho de Facchini (2008) também evidenciou a predileção de parte das lésbicas por mulheres a que a autora se refere, a partir de suas interlocutoras, como “masculinizadas” (e que aqui eu chamo desfem). Algumas das mulheres

entrevistadas apontam para a atração e o apelo que as desfeminilizadas lhes causam. A partir do trabalho de Facchini (2008), penso que há um esforço significativo por parte das lésbicas em construir a imagem de mulheres desfem fora do estereótipo da lésbica desleixada, agressiva, feia e/ou pouco desejável. Assim, fazendo uso do termo “masculinidade feminina”, Halberstam (2008) propõe um entendimento que se afasta das masculinidades convencionais, pautadas no homem, na virilidade e na heterossexualidade. Nesse sentido, penso que importaria abarcar, na literatura virtual lésbica, o desejo e o erótico do qual essas mulheres desfem participam, seja com outras desfem, seja com mulheres feminilizadas, assim como a visão das lésbicas desfem como desejáveis, não somente por um viés sexual, mas amoroso.

Cabe ressaltar, ainda, que, nesses textos literários analisados, não apenas o desejo está orientado para a feminilidade, como também está orientado para uma estética corporal específica – magra e com características dentro do padrão mais aceito na sociedade (seios firmes e empinados, bumbum durinho e arrebitado, cintura fina e outras características comuns na descrição das personagens da literatura virtual lésbica). Como já mencionei anteriormente, entre as obras analisadas, as únicas duas personagens que fogem ao padrão estético da magreza são Aysha (de *Algo a mais*) e Geraldina (de *Noturnas e Natalinas*). Além disso, somente em *Algo a mais* há a construção de uma cena na qual o desejo está orientado para a admiração de um corpo fora dos padrões.

Mariana fez questão de memorizar todos os seus traços, detalhes, sardas. Fez questão de apreciar tudo aquilo que Aysha mostrou, desde a sua pele macia e sua clavícula não exposta, até o seu peito caído com os mamilos não definidos. Uma das partes que, um dia, Aysha já quis tanto esconder. Aos olhos de Mariana, apenas uma de suas partes mais lindas. Ela beijou esse lugar em específico e foi convencida de que o som abafado que escapou da boca da outra foi um dos melhores que já tinha ouvido (MEZIAT, 2022, p. 90).

No excerto anterior, “peitos caídos” e “mamilos não definidos” são narrados como características bonitas, desejáveis, e não como defeitos – embora isso só seja feito por Mariana, pois a própria Aysha não tem o mesmo conforto em relação ao seu corpo. Quando Despentes (2016) comenta sobre a escrita literária, argumenta que a escrita masculina costuma descrever as mulheres a partir da feminilidade e de um modelo de mulher que atrai sexualmente os homens. Porém, mesmo na escrita de mulheres, as personagens costumam ser descritas como adequadas à feminilidade e aos padrões estéticos, em posição de serem desejadas.

Em meu ponto de vista, cabe problematizar, então, por que as mulheres desejáveis para nós, lésbicas, muitas vezes, mantêm características desejáveis para os homens. Os livros de literatura virtual lésbica estão cheios de mulheres sedutoras, com seios empinados, bumbuns durinhos, barrigas chapadas, bocas vermelhas, *lingeries* de renda, bucetas lisinhas cor de rosa, longos cabelos e sapatos altos.

Só posso pensar que o mito da beleza também incide sobre nós, lésbicas. Esse mito de que a beleza está pautada em características universais a serem atingidas, o mito sobre o qual Naomi Wolf (2021)⁸⁵ disserta e defende ser o aspecto da feminilidade que mais resiste na contemporaneidade, atuando no controle social dos nossos corpos. Ainda que a literatura lésbica – diferente do olhar masculinista – não construa uma visão da mulher como alguém que não é nada além de bonita, dando outras dimensões às personagens, mesmo assim, penso que esse mito, essa ficção subjetiva a nós, lésbicas, orienta nosso desejo, limita a nossa potência erótica – a potência erótica do nosso amor.

5.2. Amor lésbico, amor-guerra

Nesta seção, proponho uma análise de excertos da literatura virtual lésbica nos quais funcionam um enunciado que nomeei como enunciado do amor lésbico enquanto um amor-guerra. Quem nunca ouviu falar no ditado popular “vale tudo no amor e na guerra”? A aproximação entre o sentimento do amor e um dos mais vis aspectos da história humana não é incomum ou novidade. Na década de 80, por exemplo, a canção *Love Is a Battlefield* (O amor é um campo de batalha), da cantora estadunidense Pat Benatar, fez grande sucesso, foi regravada por outras e outros artistas e chegou até a ser tema do filme *De Repente 30*, clássico da comédia romântica dos anos 2000.

É possível encontrar essa concepção em muitos lugares. “Na guerra do amor, a fuga é uma vitória”, escreveu Francesco Petrarca, poeta renascentista italiano. “O amor é uma guerra”, disse James Baldwin, escritor estadunidense do século XX. Na famosa série *Gossip Girl*, temos a frase: “Em matéria de amor e guerra, todas as armas machucam. A pergunta é, quem viverá para lutar mais um dia?”; e, no recente sucesso *La casa de papel*: “É preciso ter muito mais coragem pro amor do que pra guerra”.

⁸⁵ Obra original publicada em 1991.

O vínculo entre o amor e a guerra no Ocidente remonta à Antiguidade. Veja bem, não se trata de pautar a origem de um discurso que permaneceu contínuo desde os greco-romanos antigos, mas de apontar que essas aproximações entre amor e guerra vêm sendo feitas há muitos séculos. Não das mesmas maneiras, com seus deslocamentos e transformações históricas, mas, ainda assim, tais discursividades não são propriamente uma novidade do nosso tempo.

Márcia Regina de Faria da Silva (2012) aponta que, nos mitos gregos, foi da relação entre Afrodite (deusa do amor) e Ares (deus da guerra) que nasceu Eros – deus já mencionado no capítulo anterior, que era deus do amor, assim como sua mãe, mas de uma versão do amor menos domável e civilizada. Posteriormente, com a helenização da mitologia romana, os deuses romanos Vênus e Marte foram aproximados dos gregos Afrodite e Ares, mas estabelecendo uma conexão entre amor e guerra ainda mais demarcada do que existia na mitologia grega. Os poetas romanos, nesse sentido, frequentemente relacionavam guerra e amor, vendo o ato de conquistar a pessoa amada como um ato guerreiro.

Segundo a autora, o vínculo entre amor e guerra na poesia romana também se relaciona à noção de que o amor pode machucar, destruir e fazer sofrer. Em um poema de Tibúlio, Silva (2012) aponta que a figura da mulher aparece ferida e vencida pelo homem, que, por sua vez, mesmo na posição de “vencedor”, também sofre por ter feito sofrer a esposa. Em um outro poema, de Propério, destaca-se como a caracterização do Cupido (deus romano associado ao grego Eros) é a de um Amor guerreiro, carregando flechas de ponta para alvejar os amantes. A relação entre amante e inimigo também é outra característica que já aparece nos poemas romanos da antiguidade clássica.

Esse amor que faz sofrer e que tende ao trágico se reconfigura e continua a ser veiculado em séculos posteriores. Nascimento (2019), ao tratar da concepção de amor de Schopenhauer, fala de um amor apaixonado, que tende ao trágico e corresponde a um delírio, um sonho que inspira vida e morte. Entendo que esse amor apaixonado vinculado à tragédia, ao drama e ao sacrifício apareceu em várias obras literárias do século XIX e continua a ser parte de discursividades atuais, com os seus deslocamentos. No caso do amor lésbico, há embargos sociais para a felicidade entre duas mulheres no Ocidente moderno, o que fez com que a literatura de temática

lésbica, muitas vezes, tratasse desse amor apaixonado entre duas mulheres e seu desfecho trágico.

É o que ocorre no já citado livro de Radclyffe Hall, *O Poço da Solidão*. Em um excerto do romance, evidencia-se a paixão intensa e desmedida entre a protagonista e sua amada:

Stephen pôs de lado o trabalho e a seguir puxou violentamente a moça:
– Você me ama muito mesmo? Até onde? Vamos, responda, depressa, depressa! – sua voz estava um pouco trêmula, como que temerosa.
– Stephen, você está me machucando... Não faça assim... Está me machucando! Sabe muito bem que eu a amo... mais do que à vida.
– Você sim – balbuciou Stephen – é que é a minha vida... A minha vida inteira e única... (HALL, 1972, p. 532).

É justamente esse amor louco e apaixonado, esse amor capaz de tudo, que leva à desunião entre elas, visto que a protagonista acaba por sacrificar a si mesma em um plano para que Mary pense que ela a traiu com outra mulher e, então, a abandone. A dor de Stephen pelo preconceito sofrido pela mulher que ela ama é pungente e evidencia-se na narrativa: em um trecho no qual a protagonista está trabalhando e pensando na situação entre ela e Mary, é dito que Stephen “tinha a sensação de estar mergulhando a pena em sangue e que cada palavra que escrevia sangrava” (HALL, 1972, p. 543). Vê-se aí algumas das características do amor-guerra, dado que, assim como na guerra, também no amor, há sangue, dor, luta e sacrifício.

Portanto, ainda que, no decorrer da história, nas palavras de poetas, escritores(as), artistas, pensadores(as), a relação do amor e da guerra tenha incluído a presença do homem; na relação lésbica, o amor também pode funcionar como amor-guerra em vários sentidos – tal enunciado do amor lésbico como amor-guerra, portanto, encontra-se funcionando na literatura virtual lésbica analisada nesta tese.

Quando se pensa em guerra, pensamos em dois lados, dois exércitos inimigos que se encontram em um campo de batalha para, se não eliminar, ao menos enfraquecer um ao outro. Falar de guerra é falar de conquista, de tomar posse sobre algo, de vencer – enquanto, invariavelmente, um “outro” perde. Falar de guerra também é falar de estratégia: analisar o inimigo, angariar informações sobre ele, sem permitir que o mesmo seja feito conosco, proteger-nos desse inimigo, desconfiar dele, saber a hora de bater em retirada e a hora de avançar.

Essas estratégias de guerra podem ser facilmente vistas em obras de romance enquanto estratégias de amor – quase como se o amor e a guerra falassem uma

mesma linguagem, tal qual Afrodite e Ares de mãos dadas, como nos antigos mitos greco-romanos.

De todos os livros analisados nesta tese, talvez o que as estratégias de amor mais se aproximem das estratégias de guerra é *Noturnas* e *Natalinas*. O livro de Landre (2021) parte de uma premissa de enredo que faz tanto sucesso que ganhou até uma espécie de “nome” nas redes sociais de autores, *bookstagrammers*, *booktubers* ou *bookbloggers*: *enemies to lovers* (de inimigos a amantes) ou *hate to love* (do ódio ao amor). Tratam-se de narrativas que começam com os ou as personagens protagonistas se detestando e, posteriormente, se apaixonando.

É o caso de Geraldina, de *Noturnas* e *Natalinas*, que começa o livro reclamando de Lucíola, apontando vários defeitos em seu comportamento e tendo-a como uma inimiga dentro da residência vampírica onde ambas vivem junto de várias outras vampiras e vampiros. Durante boa parte do livro, Geraldina está convencida de que Lucíola gostaria de lhe puxar o tapete, tirá-la do trio que lidera a residência e interferir em suas escolhas para a decoração de Natal. No decorrer da história, a personagem a todo tempo busca se proteger de Lucíola e evitar ao máximo não se mostrar vulnerável para essa vampira a quem considera um desafeto.

No excerto a seguir, por exemplo, Lucíola tenta uma aproximação com Geraldina, oferecendo-se para deixar a outra vampira tomar seu sangue, mas Geraldina nega e a expulsa do quarto, dizendo querer ficar sozinha. Nada mais é do que um gesto de autoproteção, pois a personagem não entende por que sua “inimiga” está lhe oferecendo sangue e não deseja expor seus sentimentos confusos a ela.

— *Eu vim aqui, pessoalmente, te alimentar. Eu só não ofereci quando estávamos na garagem porque sabia que você ia dizer não na frente dos outros.*

— *Você... — As palavras morreram na garganta de Geraldina quando ela se deu conta do que Lucíola estava oferecendo com aquela casualidade toda.*

— *Por que eu iria... — De novo, ela não foi capaz de expressar a sua confusão.*

Com a garganta seca, uma sensação com que ela já devia estar se acostumando, mas não estava, segurou as mãos de Lucíola que estavam sobre seus ombros e as afastou.

— *Sai daqui. Eu preciso de um momento para me recompor e depois vou descer (LANDRE, 2021, p. 52).*

Em um outro trecho, o vínculo entre “amor” e “guerra” fica ainda mais declarado, com Geraldina e Lucíola querendo manter o seu orgulho, querendo vencer a batalha, misturando o sentimento de ódio com o próprio sentimento do amor.

Em alguns minutos, teria que se afastar e retomar aquela dança de palavras afiadas entre as duas, cada uma brigando para cortar mais fundo, para rir por

último, e ela se deleitaria na chance de odiar Lucíola, porque aquele ódio, aquele sentimento que queimava o seu peito e arranhava sua garganta, era o suficiente para fazê-la querer continuar viva pelas décadas por vir (LANDRE, 2021, p. 57).

O amor e o ódio, se discutidos filosoficamente, embora muitas vezes sejam colocados em lugar de oposição, também podem aparecer sobrepostos. Spinoza (2020), em meados do século XVII, quando escreve sua Ética, coloca que “o amor nada mais é do que a alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é do que a tristeza, acompanhada da ideia de uma causa exterior” (SPINOZA, 2020, p. 108), concebendo tanto o amor quanto o ódio como afetos – que, para os filósofos, seriam como variações em nossa vontade, em nossas formas de viver e de sermos afetados.

Para Spinoza (2020), alguns afetos são alegres e outros são tristes, mas, ainda que o amor seja considerado afeto alegre e o ódio, um afeto triste, a definição de ambos ainda é bastante semelhante. Em uma de suas proposições, o autor afirma: “o ódio que é inteiramente vencido pelo amor converte-se em amor; e o amor é, por isso, maior do que se o ódio não o tivesse precedido” (SPINOZA, 2020, p. 127). Nessa lógica, o ódio que sentimos por algo ou alguém pode se tornar amor e, se isso ocorre, será um amor maior, ou seja, um ódio transformado em amor resultará em um grande amor. Ao mesmo tempo, o inverso também seria verdadeiro: um amor vencido pelo ódio também resultará em um grande ódio, um ódio maior do que se o amor não tivesse existido anteriormente.

Essa filosofia ainda circula em nossa atualidade, com suas mudanças. Já diria a canção de Os Paralamas do Sucesso, lançada no final da década de 80: “Às vezes te odeio por quase um segundo, depois te amo mais”⁸⁶ ou então o poema declamado pela personagem de Julia Stiles no filme *10 coisas que eu odeio em você*, sucesso de minha adolescência e a que eu assistia vezes seguidas, quando o alugava em uma vídeo-locadora. Após listar todas as coisas que odeia em seu par romântico no filme, a protagonista termina seu poema afirmando: “Mas eu odeio principalmente não conseguir te odiar. Nem um pouco. Nem mesmo por um segundo. Nem mesmo só por te odiar”⁸⁷.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/paralamas-do-sucesso/quase-um-segundo.html>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2023.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kzu0c0CDPXo>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2023.

Talvez por causa disso o *trope* literário⁸⁸ “hate to love” seja tão bem aceito, pois a noção de que de um grande ódio pode nascer um grande amor faz parte de estratégias discursivas de subjetivação ainda hoje. Nos outros livros, embora a ideia de “ódio” não apareça, aquela de se autoproteger e não se mostrar vulnerável, não dizer demais de si e de seus próprios sentimentos torna a aparecer – ainda que de formas menos incisivas que em *Noturnas e Natalinas*.

Outro exemplo é o que acontece em *Apague a Luz*. Depois do sofrimento vivido no romance com seu ex-marido, Pilar ainda tenta se proteger de Alex, ainda que esteja casada com ela, e evita contar detalhes sobre o seu passado. Na visão de Pilar, é como se, ao se expor à esposa, ela fosse perder o seu próprio orgulho.

[...] ela jamais se sentira pronta para abrir tanto o coração a ponto de mostrar todas as suas feridas. Sabia que Alex lamberia cada uma delas, sabia que a mulher estava disposta a curar cada uma de suas dores e costurar os enormes rasgos que o homem havia deixado, mas ela era orgulhosa demais para se mostrar frágil assim perante a outra, mesmo a amando (AZEVEDO, 2022, p. 25).

O medo de se expor e o ímpeto de se proteger também aparecem em *Algo a mais*, livro no qual a protagonista Mariana fica anos amando sua amiga Aysha em segredo, sem confessar seus sentimentos com medo de ser ferida por uma rejeição. No excerto, a personagem conversa com um amigo, afirmando seus medos de deixar-se compreender por Aysha.

- Ai, cara. Não tem muito o que fazer. Conversar sobre isso de novo não vai fazer ela gostar de mim.
- Você nunca pensou em, tipo, falar pra ela? — Mariana fez uma careta, como se a sugestão fosse a pior do mundo.
- Eu não vou falar pra ela.
- Você sabe que ela também gosta de você, né — falou, e a frase até pareceu meio banal.
- Não gosta, não, mano. Tá maluco?
- Gosta, sim. Pelo amor de Deus, Mariana, tá na sua cara. Todo mundo percebe, menos vocês duas, é impressionante. E, mesmo se não gostasse, essa situação não seria justa. Nem com ela, nem com você.
- Eu sei — confessou, magoada consigo mesma. — Mas eu tenho medo. E se eu falar o que sinto, e ela me deixar ou me ver de uma forma diferente? E se ela não retribuir? — Ela deu uma pausa, respirando fundo. — Doeria demais.

⁸⁸ As expressões “trope literário”, “book trope” ou “clichê literário” referem-se a temas que são recorrentes em obras de literatura, principalmente romances voltados ao entretenimento. Além do mencionado *Enemies to lovers/Hate to love*, há vários outros *tropes*. Por exemplo: *Friends to lovers* (quando o casal protagonista começa amigo e depois vive um romance), *Grumpy x Sunshine* (quando uma pessoa do casal é mal-humorada e a outra é de bem com a vida), *Insta-love* (amor à primeira vista), *Second Chance* (casal que já esteve junto no passado e retoma o relacionamento), *Fake Dating* (o casal começa um namoro de mentirinha e acaba se apaixonando de verdade), *Love Triangle* (uma pessoa apaixonada por outras duas, precisando escolher entre elas), e muitos outros.

— Você não acha que já dói demais? — Aquela pergunta pegou Mariana de vez (MEZIAT, 2022, p. 64).

Em *A garota dos meus sonhos*, também é possível perceber uma discursividade semelhante. No livro de Gumz (2022), no qual as duas protagonistas se apaixonam em sonhos, somente uma se lembra de tudo quando está acordada. Isso faz com que Bianca se sinta vulnerável e chegue ao ponto de tentar se afastar de Alice para não sofrer. A personagem, em dado momento, afirma:

A frustração de lidar com todas as dúvidas é insuportável, só quero me esconder e não falar com ninguém hoje ou nunca mais (GUMZ, 2022, p. 102).

E também:

Ela também não tem culpa e é errado tratá-la desse jeito, mas, de verdade, não consigo lidar com sua doçura e olhares gentis agora. Sumo de sua vista, entro no quarto, me enfiô no banheiro e tranco a porta. Me deixo escorregar até o chão e as lágrimas enfim começam a rolar sem nenhum controle (GUMZ, 2022, p. 102).

Proteger-se da outra para não sofrer, para não ser preterida ou rejeitada, para evitar se mostrar demais e ter essa confiança traída é parte dessa noção de amor-guerra presente na literatura virtual lésbica. Essa perspectiva está diretamente ligada ao sentimento de desconfiança quanto aos sentimentos da outra mulher e insegurança frente aos seus próprios atributos para atrair essa mulher. Entendo essa lógica como uma lógica de guerra. Como um general estrategista diante do inimigo, as personagens se perguntam: posso confiar no que diz essa outra mulher? Até que ponto ela é capaz de ferir-me? Tenho o que é preciso para vencê-la? Conquistá-la?

Novamente, percebo a questão de forma mais latente em *Noturnas e Natalinas*. Em determinado momento, a mãe de Lucíola (que também é a principal liderança da casa vampírica onde as personagens moram) tem uma conversa com Geraldina. Nesse diálogo, a protagonista deixa explícita a sua desconfiança e a sensação de que Lucíola e sua mãe estão de alguma forma tramando contra ela.

— Ela começou a demonstrar interesse por mim só quando percebeu que a Helga estava observando. — Geraldina cruzou uma perna sobre a outra e passou a erguer um dedo da mão para cada argumento que conseguia reunir que explicasse a conclusão em que tinha chegado meras horas atrás. — Ela bebeu do meu sangue e me induziu a beber do dela, o que só vai tornar mais difícil eu me afastar nas próximas semanas por causa do veneno dela no meu corpo. E, por último, ela me avisou que eu nunca deveria confiar nela, então sei que vocês só podem estar planejando algo (LANDRE, 2021, p. 64).

Quando a mãe de Lucíola diz a Geraldina que sua filha gosta dela, a protagonista resiste em acreditar. Ela não apenas não confia em Lucíola, como

também não confia no amor em si, pelo potencial que esse tem de machucá-la emocionalmente.

Lucíola... gostava dela? Não, isso era juvenil demais. Lucíola se interessava por ela há pelo menos dois anos. E ela nem sequer tinha notado isso, interpretara as provocações como simples atos de desprezo e tédio, como se ela fosse o brinquedinho da vez, e ainda não sabia se esse não era o caso. Verdade fosse dita, a única pessoa por quem ela tinha se apaixonado antes era Helga. E Geraldina não confiava no amor, porque ela vivia para sempre e o amor acabava (LANDRE, 2021, p. 67).

Em *Apague a Luz*, também podemos ver a existência da desconfiança, ainda que seja um livro que trate da história de duas mulheres que já são casadas há anos. Em um excerto logo nas primeiras páginas do livro, Pilar culpa seu ex-marido por não conseguir confiar em ninguém, nem mesmo na própria esposa e em seu amor.

Dirigindo para sua empresa, pensava na esposa, na breve desavença, o casamento há tempos andava sobre o muro a um passo de ter o seu fim, mas ela não sabia o que fazer. Jogar a culpa em Martim também não era o correto, ele não era o culpado por ela ser uma esposa ruim, por deixar a mulher de lado por tanto tempo, essa culpa Pilar carregava sozinha, ainda que muitas vezes não admitisse. Mas podia culpá-lo por deixar seu coração em pedaços, por fazer com que ela não confiasse mais em ninguém e tornar o seu peito um lugar frio demais para o amor e mesmo com os esforços incessantes de Alex para amá-la (AZEVEDO, 2022, p. 12).

Alex, por sua vez, tendo confiado muito em Pilar, sente-se traída pela esposa, suas mentiras e sua indiferença. Alex acredita que Pilar está tendo um caso – ora com outras mulheres, ora com seu ex-marido –, embora a esposa lhe diga que isso não está acontecendo. A desconfiança da traição faz parte do relacionamento das duas e encontra base nas inseguranças de Alex.

Seu corpo foi jogado na cama enquanto as lágrimas escorriam incessantemente por seu rosto sem que pudesse controlar. Pior do que imaginar ser traída é confirmar tal fato. Em momentos como aquele ela se sentia como uma criança decepcionada, confiar em alguém e ser traída é intenso e doloroso demais, muito mais do que ela gostaria e desejaria aceitar (AZEVEDO, 2022, p. 22).

Outro ponto que causa insegurança em Alex e, consequentemente, faz com que ela acabe por desconfiar da sua esposa (e da possibilidade de Pilar a estar traendo com um homem) é o fato de Pilar ser bissexual e Alex ter sido a primeira mulher com quem ela se relacionou.

Pilar não era a primeira mulher que Alex tinha namorado, mas Alex era a primeira namorada de Pilar e por esse motivo que Alex ficava tão tensa e tão nervosa (AZEVEDO, 2022, p. 34).

Retomo aqui a pesquisa de Facchini (2008), que, ao conversar com mulheres lésbicas, notou ser recorrente a preferência por se relacionar com outras lésbicas em

vez de com mulheres bissexuais, pois essas seriam menos dignas de confiança. Em minha vivência como lésbica, noto ser comum entre lésbicas a percepção de que a mulher bisexual estaria, de certa forma, “contaminada” pela atração pelo homem, de modo que há certa insegurança e receio em se envolver com uma bisexual.

Insegurança e desconfiança também integram a relação de Bianca e Alice no romance *A garota dos meus sonhos*. Logo que vê Alice pessoalmente pela primeira vez, Bianca se sente insuficiente e incapaz de conquistá-la. A personagem estabelece uma comparação entre si mesma e Alice, chegando à conclusão de que haveria uma superioridade da garota em relação a ela. Bianca, desse modo, hesita diante de Alice, como um exército menos numeroso ou enfraquecido que hesita diante daquele que considera mais forte.

Quando estamos só nós duas em um ambiente controlado, posso relaxar e ser eu mesma. Na vida real, não sei se consigo ser tão cool quanto os seus amigos, tão bonita quanto as pessoas que ela segue na internet ou tão interessante quanto a sua vida de influencer (GUMZ, 2022, p. 30).

Em *A Afilhada*, quando Júlia diz à sua madrinha que irá terminar o noivado para ficar com ela, Jaqueline também tem sentimento de insegurança e desconfiança. No excerto a seguir, a protagonista do livro de Lorak (2020) acredita que a afilhada, na verdade, estaria mentindo e a veria como uma aventura. O amor que Júlia lhe devota é colocado em questão enquanto Jaqueline sente que a afilhada deseja prejudicá-la, enlouquecê-la.

— Chega, Júlia! — eu a interrompi em um tom mais alto.

Não estava acreditando que ela estava me dizendo tudo aquilo. Como ela era muito sedutora, não tive certeza de que sua declaração condizia com a verdade. Talvez ela só quisesse ter mais uma aventura antes de se casar. Ela só pode estar querendo me enlouquecer!

— Você não tem direito de me dizer esse tipo de coisa!

— Por quê?! Tenho direito sim de abrir meu coração! Aliás, nunca fui tão sincera com alguém antes! (LORAK, 2020, cap. 5).

Nessa obra, há ainda uma questão que não aparece nas demais, que é o fato de que as duas personagens estão se envolvendo em um amor proibido – de madrinha e afilhada. Pode-se dizer que, no sentido espiritual/religioso, até mesmo vigoraria o tabu do incesto em casos como esse, ainda que não haja laços consanguíneos entre as personagens. Inclusive, embora atualmente o Código de Direito Canônico da Igreja Católica não impeça casamento entre padrinho/madrinha e afilhada/afilhado, anteriormente, o dito “parentesco espiritual” gerado pelo sacramento do batismo era considerado um impedimento.

A premissa de amor proibido que aparece no enredo de *A Afilhada* faz com que Jaqueline – a madrinha, que se sente no lugar de mulher mais velha, a quem sua amiga querida confiou a responsabilidade para com a filha, Júlia – sinta uma enorme culpa. Nesse sentido, a batalha empregada por Jaqueline não é apenas contra Júlia, mas contra si mesma, na medida em que a personagem passa boa parte do livro lutando contra os próprios sentimentos.

Em um excerto logo no segundo capítulo da obra, a protagonista aparece brigando com a afilhada, tentando convencer Júlia a se afastar dela enquanto, ao mesmo tempo, faz esforço para resistir à jovem.

Minhas pernas tremeram no mesmo instante e meu peito começou a subir e descer de um jeito descontrolado. Percebendo minha agitação, Júlia sorriu e perguntou:

— Estou te deixando nervosa?

Virei-me de uma vez, fazendo com que ela se afastasse um pouco. Notei que a tentação em forma de mulher se divertia com o meu nervosismo. Então, eu disse:

— Pra falar a verdade, está sim, Júlia! Você tem que parar com isso! O que aconteceu entre a gente... — passei a mão no rosto. — Não poderia ter acontecido! Você é filha da minha melhor amiga e, ainda por cima, minha afilhada! Meu Deus, você tem idade pra ser minha filha!

— Quanto a ser sua afilhada, não se preocupe! Não sou religiosa! E, pelo que sei, você também não é. Então...

— Mesmo assim, Júlia! Se a Ana souber o que aconteceu, ela vai me matar!

— Ela não precisa saber.. ninguém precisa saber! A gente pode só curtir o feriado de um jeito mais prazeroso.— ela falou me abraçando contra a pia.

— Está na sua cara que você também quer... — ela sussurrou roçando os lábios nos meus (LORAK, 2020, cap. 2).

A afilhada, no entanto, não desiste da conquista. Júlia está na guerra para vencer e usa todos os atributos possíveis para ganhar o coração e manter aceso o interesse e o desejo da madrinha.

Chegando lá, Ana e Júlia se sentaram lado a lado e Fernando puxou para mim a cadeira que estava disposta de frente para Júlia. Em seguida, pegamos o cardápio e fizemos nossos pedidos. Durante a conversa, tentei a todo custo não pousar o olhar em minha afilhada. Ocorre que ela parecia possuir uma espécie de magnetismo que me movia para ela. Quando, vez ou outra, nós nos entreolhávamos, eu desviava meu olhar o mais rápido possível e notava que na boca dela brotava um sorrisinho bastante cafajeste. Tenho certeza de que Júlia adorou ver que ainda me deixava agitada (LORAK, 2020, cap. 3).

Sem deixar o sorrisinho fugir da sua boca, ela se afastou um pouco, me deixando apenas um pequeno espaço, que não dava para ultrapassar sem deixar de roçar em seu corpo. Mesmo sendo breve, aquele contato me fez eletrizar por inteiro e, portanto, mais que depressa, retornei à sala de estar, mais ansiosa do que antes (LORAK, 2020, cap. 4).

Júlia usa de um jogo de sedução que pode ser pensado enquanto uma estratégia de amor-guerra. Usar subterfúgios, falas indiretas, manipular situações,

lançar sinais, provocações, tudo isso faz parte de um aspecto comum entre o amor e a guerra: a conquista. É muito comum vermos, nos discursos do amor romântico, a dimensão da conquista, sobretudo se estamos falando do modelo heterossexual de amor, no qual, em tese, a mulher deve estar na posição de “ser conquistada”. A mulher que se coloca na posição de conquistadora pode ser vista como não feminina, o que frequentemente faz com que as lésbicas (principalmente desfemininizadas) sejam vistas como predadoras sexuais. O que não significa que, mesmo as mulheres que jogam o jogo das relações heterossexuais a partir da feminilidade, não conquistem: elas também buscam fazê-lo, mas muitas o fazem sem deixar de tentar mostrar-se como a parte conquistada.

A relação lésbica subverte essa dinâmica da conquista, na medida em que não há um homem para ser o conquistador, mas esse aspecto do amor-guerra ainda se faz presente. Ele aparece em *Noturnas* e *Natalinas* quando Lucíola tenta conquistar Geraldina. A vampira tem receio das intenções de sua “inimiga”, mas não deixa de se sentir cativada por ela. Para se aproximar de Geraldina, em vez de ser sincera sobre seus sentimentos e prezar por um diálogo franco e direto, Lucíola utiliza-se de um subterfúgio: propõe à vampira um acordo, fingir que estão em um relacionamento para impactar a ex-namorada de Geraldina, Helga.

Uma sensação estranha no rosto de Geraldina a levou a erguer a mão até as próprias bochechas. Notou, com um choque, que sorria também. Deu um passo para trás e o sorriso desapareceu, mas Lucíola não a deixaria ir tão facilmente. Num borrão de movimento, ela se adiantou e segurou seus ombros, enterrando os dedos em sua pele. Inclinou-se para sussurrar-lhe ao ouvido:

— Vamos fazer um acordo?

— Um acordo? — repetiu Geraldina, paralisada pela proximidade de Lucíola e pela ousadia dela, mas também começando a pensar se não deveria lutar, se aquele instante não era onde culminava um plano de assassinato minuciosamente orquestrado (LANDRE, 2021, p. 29).

Em *Acasos da vida*, Pâmela também não opta pela sinceridade imediata, optando por um flerte indireto com Ivana. Mesmo quando a médica lhe pergunta o que a enfermeira quis dizer com sua fala, Pâmela foge da resposta e afirma que tentaria conquistar Ivana caso fosse um homem. No entanto, a própria interação que as duas estão tendo no momento já faz parte da tentativa de Pâmela de conquistar a outra mulher.

— Ah, pode parar, Ivana! Quem disse que você é velha?

— Ninguém. Tenho consciência disso.

Pâmela deu um risinho

— Ah, pelo amor de Cristo! Um mulherão desses? Ah, se Deus desse asas a cobra... — suspirou.

— O quê? O que você quis dizer com isso, Pâmela?

A menina desviou o olhar e sorveu um gole generoso do refrigerante, pensando no que diria. Aquilo havia escapado de uma forma espontânea. Precisava se controlar.

— Nada de mais. Mas se eu fosse um rapaz, certamente tentaria te conquistar...— A menina queria enfiar a cabeça no copo de refrigerante e sumir dali (FERNANDES, 2019, cap. 3).

É importante destacar que, embora, nos excertos trazidos ao longo deste capítulo, as personagens muitas vezes optem por não falar diretamente o que sentem ou pensam – para proteger a si mesmas da vulnerabilidade, por desconfiança ou por estratégia de conquista –, isso não significa que diálogos sinceros não façam parte dos livros analisados. Eles também estão lá, em outros momentos, e serão discutidos no próximo subcapítulo.

Antes, no entanto, de passar ao enunciado seguinte, eu ainda gostaria de tratar de mais uma questão vinculada ao enunciado do amor lésbico como amor-guerra, que é a questão da posse. A maioria das guerras ocorridas ao longo da história da humanidade tiveram um objetivo em comum: a posse. Frequentemente, dois ou mais grupos de pessoas lutaram/lutam pela posse de um território, de uma riqueza material ou mesmo para possuir domínio econômico, religioso ou cultural sobre uma sociedade.

A posse, sabemos, também faz parte dos discursos sobre o amor. Em um aforismo presente em *A Gaia Ciência*⁸⁹ que problematiza aquilo que se chama costumeiramente de amor, Nietzsche (2017) aproxima o amor da cobiça, colocando que o que frequentemente chamamos de amor é um desejo de posse que só se atenua quando já se possui o objeto desse amor.

Essa reflexão não é apenas pertinente no caso do amor sexual, mas também ao amor pelas coisas e ao amor como compaixão, no sentido de fazer bem ao próximo; no entanto, o filósofo explicita que a noção de desejo de posse se evidencia de forma mais acentuada no caso do amor sexual. Assim,

[...] aquele que ama quer possuir, somente para ele, a pessoa que deseja, quer ter um poder absoluto tanto sobre sua alma como sobre seu corpo, quer ser amado unicamente e instalar-se na outra alma, nela dominar como o que há de mais elevado e mais admirável (NIETZSCHE, 2017, p. 49).

O autor assemelha o amor sexual à relação de um dragão com o seu tesouro, que ele possui e protege da cobiça de outrem.

⁸⁹ *A Gaia Ciência* foi publicada em 1882.

Essa noção de amor enquanto desejo de posse não se restringe ao tempo-espacó no qual Nietzsche estava inserido, mas propaga-se, de algum modo, na atualidade, capturando sujeitos e reverberando nos discursos que proferimos cotidianamente – e aqui incluo a nós, lésbicas.

O ciúme e o desejo de possuir estão muito implicados em dois dos livros analisados: *30 dias com ela* e *Apague a luz*. Isso não significa que não haja discursos de posse nas outras obras, apenas que, nessas duas, a posse integra o enredo de forma muito incisiva e faz parte dos conflitos centrais presentes na narrativa. Mas há menções à posse mais breves nos demais livros, como esse exemplo presente em *Acasos da vida*, no qual Ivana considera Pâmela a sua garota e deseja firmar essa posse por meio do casamento:

— Ué, mas a senhorita já está pensando em um casório, doutora? — caçoou sorrindo alegremente.
A tez delicada da mulher assumiu um tom rubro.
— Hm... Pode ser... — olhou a garota de soslaio rapidamente. — Até porque se eu estiver te namorando sem a intenção de casarmos, estou namorando a garota de outra pessoa (FERNANDES, 2019, cap. 12).

Gostaria de me deter, no entanto, nos dois textos que citei anteriormente, nos quais a posse é um discurso mais fortalecido. Em *30 dias com ela*, quando Mônica e Lídia ainda são apenas amigas, Lídia deseja apresentar Mônica ao seu melhor amigo. A garota, no entanto, acredita que Lídia está interessada nesse amigo e permanece arredia diante da ideia de encontrá-lo. Quando as duas planejam ir a um show de uma banda de que gostam, Lídia sugere convidar o amigo para ir com elas. Mônica, por sua vez, desgosta explicitamente da ideia e demonstra não querer dividir a companhia de Lídia com outra pessoa.

Mônica me encarava como se um terceiro braço houvesse crescido na minha testa.
— Achei que nós fôssemos juntas. — Murmurou com uma careta esquisita.
— Mas nós vamos vê-lo, não vou deixar você sozinha aqui. — Franzi o cenho, confusão se fazendo presente na minha mente.
— Não estou falando disso, estou me referindo ao show. Achei que isso fosse o nosso lance. — Sua voz deu uma ênfase impossível de se passar despercebida na palavra "nossa", me fazendo arquear a sobrancelha assimilando suas palavras.
— É sim o nosso lance, mas eu realmente não sei se entendi a razão que me impede de levar um amigo junto. — Enruguei o nariz, tudo o que queríamos antigamente era que a banda fosse conhecida e agora que estamos conseguindo isso ela decide que não quer mais, porque é um lance exclusivamente nosso?
— Não tem nada impedindo, eu só... — Suas palavras morreram na sua garganta, antes mesmo de serem pronunciadas. — Esquece, pode levá-lo se é isso que você quer. — Acrescentou indiferente, passando a decisão para mim.
— Ok (LARSEN, 2022, cap. 5).

Em um dos poucos capítulos do livro de Larsen (2022) que é narrado por Mônica, em vez de Lídia, a personagem narra seu desconforto e irritação pela presença do amigo de sua amada:

— ATIRA! VAI, CARAMBA, ACERTA DIREITO. — Grito em uma torcida desesperada, acompanhando nervosamente através das luzes coloridas do fliperama, tiros sendo disparados e gritinhos comemorativos sendo emitidos das duas coisinhas competitivas prostradas a minha frente.

— Droga! — Lídia praguejou visivelmente irritada por sua última jogada ter falhado. As pontas dos seus dedos estavam brancas e se movimentavam com ainda mais dedicação em uma rapidez impressionante, seus olhos não deixavam o visor, assim como os meus não ousaram deixar de encarar a movimentação hipnotizante que se desenrolava bem ali na minha frente.

— A vida não é justa, querida. — Ele tombou sua cabeça, seu nariz próximo demais do dela e um sorriso zombeteiro se formando nos seus lábios. Agarro a borda da mesa, de repente sentindo minhas pernas moles demais para sustentar meu próprio peso, meu peito se comprimiu, como se algo ou alguém estivesse pressionando por puro prazer, e um gosto amargo dominou minha boca.

— Tá tudo bem, Mônica? — Lidy questionou visivelmente preocupada, mas meus olhos só conseguiam focar na mão masculina tocando ela, a mesma cintura que toquei tão inconscientemente dias atrás.

A raiva borbulhava dentro de mim. Agora era questão de tempo.

— Não, podemos, por favor, ir assistir ao filme? Quero ir para casa o mais rápido possível depois. — Confidenciei em um suspiro trêmulo, abraçando meu próprio corpo. Ainda sem entender, a morena se afastou do amigo e apanhou seu celular.

— Tudo bem, vou avisar meus pais e aí podemos ir. — Sorriu docemente, meu estômago pesou ainda mais.

Ela sorria assim para ele também? Eu não queria que ela o fizesse. Engolindo em seco, me deixo ser guiada pelos dois, à medida que minha mente doía com cada diálogo que absorvi nesse meio tempo (LARSEN, 2022, cap. 8).

[Mônica] Não viemos aqui para assistirmos ao filme? Para completarmos a minha lista? Então, por que diabos eu me sinto coadjuvante em uma história ruim? E por que meu estômago dói quando eles se olham assim e se acariciam como se fizessem isso há anos? Nossso beijo não significou nada pra ela? Ao menos significou algo a mais para mim? Estou tão confusa, mas ao mesmo tempo não estou. Tenho consciência de todos os sentimentos borbulhando, agindo juntos, no pé da minha barriga. E tenho conhecimento de algo ainda mais revelador que isso, eu estou com muito, muito ciúmes da minha melhor amiga. Melhores amigas se beijam? (LARSEN, 2022, cap. 8).

Em um dado momento, as duas personagens chegam a entrar em conflito, pois Lídia se incomoda com a maneira com que Mônica tratou o seu amigo. Porém o ciúme não parece ser algo contrário ao amor ou à relação amorosa, e sim fazer parte dela. No instante em que Lídia se dá conta de que Mônica está com ciúmes dela, isso não parece incomodar a personagem, ao contrário. A confissão de Mônica de que deseja mostrar a Lídia que a garota lhe pertence é instigante e até excitante para a sua parceira.

— Você está sendo infantil, Mônica. Ele não fez nada além de ser gentil e receptivo conosco. — Rebateu irritada, uma gargalhada alta jorrou prazerosamente dos meus lábios em resposta.

— Essa é boa... Ele está sendo gentil, atencioso e receptivo com você. — Frisei, chegando cada vez mais perto. Minha fúria sendo direcionada apenas para ela. E baseado em seu semblante, ela nunca me viu desse jeito, nem eu, mas não é como se pudesse voltar atrás agora, por isso continuei. — Ele só tem me provocado, desde o momento em que colocou os olhos em mim, você não percebe isso ou está cega demais com essa maldita paixonitezinha?

— Escute o que você está dizendo! Você está completamente louca, por que você se importa tanto com isso, afinal? Ele é meu melhor amigo. — Arregalou os olhos, exasperada com a discussão acalorada e repentina.

— Que razões eu teria para não me importar? Eu também sou sua melhor amiga e olha só onde viemos parar. Eu sempre me importei. Você só estava imersa demais na sua própria bolha para perceber isso. — Retruquei a sentindo cada vez mais tensa com as minhas palavras. Dei dois passos na sua direção, observando o seu corpo se afastar instintivamente até tocar a ponta da cama.

— Não... — Engolindo em seco, as palavras sumiram dos seus lábios, ela estava ocupada demais se deixando ser consumida pela minha própria ira.

— Você... Você está com ciúmes? — Seu corpo estremeceu com a possibilidade.

— Você não faz ideia do quanto. — Grunhi agoniada. As imagens desta tarde pipocando na minha mente, cada toque, cada flerte, cada interação dos dois inflamando meus nervos e se espalhando feito um vírus pelo meu sistema, como um combustível me incentivando a explodir tudo pelos ares. E foi isso que eu fiz.

— O que você está fazendo, Mônica? — Sua voz se tornou apenas um sussurro distante na minha mente. Minhas mãos guiaram o seu corpo vagarosamente pelo colchão, para que eu pudesse enfim me concentrar em engatinhar pelo seu corpo, descansando minhas pernas em cada lado do seu quadril.

— Te mostrando. — Ronronei, nossos seios roçaram um no outro e a ponta do meu nariz traçava sua pele trêmula. Minha língua envolveu suavemente sua pulsação acelerada, meus dentes arranhando o lugar sensível, à medida que eu desabotoava sua camiseta.

— Me mostrando o que? — Voltou a perguntar em um ganido estrangulado e estridente, ao sentir meus dedos tocarem superficialmente a sua pele, através da renda costurada no seu sutiã simples de pano.

— Que você é minha, assim como o seu coração. Sempre foi e sempre será. E que nada será capaz de mudar isso. — Respondi sem rodeios, absorvendo um pouco o espanto que embebeu seus lindos traços, antes de engolir o seu gemido atordoado com um beijo (LARSEN, 2022, cap. 8).

“Você é minha” se mistura facilmente com “eu te amo”, de forma que, entre amor e posse, não parece haver afastamento, na ordem do discurso. Ao final da história, já no epílogo, quando, um pouco mais velhas, Mônica e Lídia se casam, Lídia demonstra pela esposa o mesmo sentimento de posse. Ao ouvir Mônica usar seu sobrenome – o que historicamente tem simbolizado a pertença da mulher à família do marido, no Ocidente –, Lídia declara sua posse sobre a outra, afirmindo que, por meio do casamento, Mônica estaria “presa a ela”. Isso não parece ser problema para Mônica, que logo declara estar feliz por estar “presa” à esposa.

— Mônica Cesarini De Castro, hein? — Ela sussurrou lentamente, testando como seu novo sobrenome soava junto dos outros. Mô segurava a calda de seu vestido, à medida que subíamos até o espaço aberto onde a festa foi organizada e o buffet montado.

— Agora você está presa a mim. — Balbucio contra seu ombro, abraçando seu corpo parcialmente. — Vocês duas. — Dou um beijo no seu pescoço, recebendo um sorriso explicitamente satisfeito em troca.

— Nada me deixa mais feliz que isso — Ela riu, encaixando-se em meus braços (LARSEN, 2022, cap. 11).

O casamento como estratégia de amor-guerra para efetivar ou manter a posse também aparece acentuadamente nos discursos de *Apague a luz*, o único dos livros analisados que já se inicia com as personagens principais casadas. Enquanto Alex reflete sobre a possibilidade de terminar o casamento, Pilar faz de tudo para manter sua posse sobre aquela que ela declara a todo tempo ser sua. As estratégias da personagem são muitas. Pilar persegue Alex quando esta vai para uma fazenda no interior desejando passar algum tempo a sós:

Não deveria ter me seguido até aqui! — a fala era fria e Pilar suspirou a olhando e querendo que as coisas não fossem daquele modo. — Você é minha mulher, eu não podia deixar você vir sem falar com você! (AZEVEDO, 2022, p. 30).

A motivação da personagem para ir atrás da esposa é o fato de tê-la visto em uma foto nas redes sociais com uma ex-namorada. As intenções territorialistas da esposa são logo percebidas por Alex, de modo que a seguinte conversa se desenvolve:

— Então você não veio até aqui porque se deu conta do seu erro, você veio por que me viu com outra mulher e sendo quem é, teve uma crise de ciúmes e veio marcar território. — ela se virou rindo para Pilar. — Você é inacreditável, Pilar, inacreditável.

— Alex, eu te amo...

— Me ama tanto que só teve coragem de vir até aqui no momento em que viu que me perdia... (AZEVEDO, 2022, p. 53).

Após essa discussão, Alex manda Pilar embora e mantém sua intenção de se separar da esposa. A personagem continua na fazenda, situada na cidadezinha interiorana onde vive sua família e também a ex-namorada, com quem reata uma amizade. Alex, então, resolve sair novamente com a mulher. Enquanto isso, Pilar está parada do lado de fora da casa, espiando-a:

Um carro se aproximou parando e buzinando e a porta da casa abriu, Alex saiu linda, um vestido vermelho, os cabelos soltos e ela se encheu de ciúme, da onde estava o seu carro ela não podia vê-la, mas Pilar tinha a visão completa (AZEVEDO, 2022, p. 58).

Mais do que preparada, Pilar ligou o carro para ir atrás dela, onde quer que fosse, ela saberia e iria querer explicações sobre aquilo, Alex era sua mulher e não ia aceitar aquela situação de modo algum (AZEVEDO, 2022, p. 59).

A possessão que ela sentia era realmente uma coisa inexplicável. Mesmo com coisas não ditas, ela não aceitava que Alex estivesse ali saindo com outra mulher. Em muitos aspectos Alex realmente estava certa, pensar que estava perdendo alguém ou algo era uma coisa que Pilar jamais aceitava (AZEVEDO, 2022, p. 59).

A própria Pilar assume, em sua narrativa, que o que sentia por Alex é “possessão” e que ela não conseguia aceitar perder qualquer coisa que fosse. No meio da noite, a personagem bate à porta da casa da fazenda onde Alex está, em mais uma tentativa de reconquistar a esposa e afirmar sua posse sobre ela. Pilar diz com todas as letras que Alex não é livre, pois é sua.

— *Quem veio até minha casa a essa hora da madrugada foi você, Pilar! Eu sou uma mulher livre.*

— *Livre uma ova! Você é minha mulher, Alex! Minha mulher!* — Alex suspirou passando as mãos nos cabelos e foi até o bar pegando uma bebida.

— *Sabe, Pilar! Durante anos eu disse essa mesma frase, que você era a minha mulher, reclamei, exclamei e você jamais me ouviu ou me deu crédito e continuou se encontrando com aquele desgraçado (AZEVEDO, 2022, p. 70).*

Alex, nessa cena, não manifesta incômodo pela esposa afirmar possuí-la, apenas manifesta seu descontentamento por sua própria posse sobre Pilar não ter sido efetivada, dado que Pilar manteve “encontrando-se” com o ex-marido. Cabe ressaltar que esses encontros não eram de cunho romântico/sexual, mas fruto de manipulações do ex-marido abusador de Pilar utilizando o filho menor de idade que os dois têm juntos.

O ciúme e o desejo de possuir a outra mulher, portanto, não fazem parte de um discurso unilateral de Pilar, também se fazendo presentes nas estratégias de amor-guerra empregadas por Alex. Porém a narrativa de Azevedo (2022) evidencia que, por parte de Pilar, a posse é uma discursividade muito mais fortalecida e chega a se configurar enquanto tentativa de controle sobre a esposa.

Em determinado momento, quando Alex é questionada pela esposa sobre o número de taças de vinho que já teria tomado, argumenta:

— *Agora além de tudo quer mandar em quantas taças de vinho eu bebo? — a encarou mais e depois desviou em um riso amargo, estava ferida. — Você pode coordenar suas modelos, sua empresa, seus amantes, mas a mim.... A mim não!* (AZEVEDO, 2022, p. 21).

Mais à frente, em outra das discussões entre as personagens, há recorrências nas falas de Alex que indicam o quanto ela se sente controlada, dominada e possuída pela esposa. Alex diz explicitamente que o amor que Pilar sente por ela se chama

posse e que ela se sente uma empregada, uma governanta na casa da esposa. Alguém que está ali para servi-la.

— *Eu não sou uma empregada sua. Você sempre saiu, sumiu durante as noites, esteve com Martim e nunca fez questão de me dizer, ou então fingia que nada tinha acontecido e agora vem me cobrar? O que quer me cobrar, Pilar? — Olhou para a mulher em sua frente. — Ande, me diga! Fale, o que quer de mim? Quer uma mulher que fique em casa, parada à sua espera, vendo você ir e vir aonde quiser e que fique calada* (AZEVEDO, 2022, p. 53).

Pilar me responda, fale para mim que tipo de amor é esse? Que amor é esse que não te fez me procurar até hoje quando me viu com outra mulher? O nome dele é posse, é posse, você não me ama como eu te amo, você me ama porque acha que pertenço a você (AZEVEDO, 2022, p. 54).

— *Você acha que eu sou sua e quando pensa que alguém pode me tirar de você, então você vem e fala meia dúzia de palavras bonitas para me reconquistar, e assim que me tem de volta, tudo volta a ser igual e eu passo a ser a mera governanta de sua casa e a mulher que divide a cama com você quando não está em outra* (AZEVEDO, 2022, p. 54).

Não posso deixar de traçar um paralelo entre essa narrativa – sobretudo pela forma como Alex diz se sentir – e os fundamentos do amor heterossexual, sobretudo no contexto do matrimônio. Apesar de o discurso de posse se vincular ao enunciado do amor lésbico como amor-guerra, seria a mulher socialmente capaz de possuir? Graham, Rawlings e Rigsby (2021) argumentam que, enquanto grupo social, as mulheres são chamadas a adotar o ponto de vista masculino como correto e a se submeter a uma forma de amar que aceita o domínio dos homens. Os homens, como aponta Jónasdóttir (2011), vêm historicamente e continuamente tomando posse de nós e dos nossos recursos amorosos e sexuais.

Neves (2007), de forma semelhante, argumenta que o amor romântico é socialmente estabelecido como um objetivo da mulher, mas quem aparece como ativo na efetivação de um relacionamento (propondo o início de uma paquera, de um namoro, de um casamento ou mesmo apenas de uma relação sexual) deve ser o homem. A mulher deve apenas se preocupar em manter esse homem, aceitando sua posição enfraquecida nas relações de poder existentes no envolvimento amoroso.

Muito foi falado, no capítulo segundo desta tese, sobre como o amor romântico tem sua base em um pensamento genderizado, estabelecendo uma relação heterossexual na qual a mulher é o lado mais fraco. Se pensarmos o amor-guerra no contexto da heterossexualidade, a partir dos aspectos socioculturais e das normativas dessa heterossexualidade, para a mulher, resta a posição de vencida. No amor-guerra, a mulher é a conquistada, aquela cujo corpo foi possuído e virou território de

outra pessoa, aquela cujos recursos econômicos e sociais passaram a servir o vencedor, aquela para a qual nada resta além de assinar o pacto de paz que não a favorece e manter feliz o conquistador.

Isso não quer dizer, no entanto, que o amor lésbico não possa ser violento, territorialista ou possessivo. Isso iria na contramão das evidências sociais e estudos que vêm sendo feitos sobre o tema, como os já citados trabalhos de Amat (2013) e Costa (2013), que citam a existência de abuso e violência em relacionamentos lésbicos. A heteronormatividade subjetiva lésbicas e suas formas de amar, isso é fato. Do contrário, é possível que o enunciado do amor lésbico como amor-guerra nem mesmo circulasse, não tivesse tido condições de emergir, não pudesse ter entrado na ordem do discurso.

Apesar disso, no entanto, insisto: a guerra, no amor lésbico, seria a mesma guerra do amor heterossexual? Ou uma guerra outra? Se a mulher, tão somente por ser mulher, não tem o privilégio social do conquistador, daquele que toma posse e usufrui como dono do corpo alheio e de seus recursos; esse amor-guerra não pode ser o mesmo. O amor-guerra do amor lésbico é uma guerra modificada, ou melhor, que já emerge de maneira distinta, dada a ausência da mesma disparidade de forças que subjuga as mulheres na relação heterossexual.

Quando falo de ausência de disparidade de forças, não estou querendo dizer que não existam relações de poder entre um casal de mulheres, que não existam momentos nos quais uma dessas mulheres está do lado mais fraco – sobretudo se uma delas carrega outros marcadores sociais que a colocam em um lugar de opressão (como a raça, a classe, a deficiência). Destaco, portanto, que tais marcadores colocariam uma das mulheres em situação de vantagem para derrotar a outra no amor-guerra.

Porém não se pode deixar de considerar que, em uma relação lésbica (ainda que seja uma relação desigual devido à questões de raça e classe, por exemplo), nenhuma das partes envolvidas possui o mesmo recurso social do homem para possuir, para vencer o amor-guerra. Sendo assim, constitui-se, talvez, o que poderíamos chamar de uma guerra mais equilibrada, menos unilateral, do que seria a guerra do amor heterossexual.

5.3. Amor lésbico, amor-trabalho

Nesta seção, discuto o funcionamento do enunciado do amor lésbico enquanto um amor-trabalho. A palavra “trabalho” foi discutida por distintos referenciais teóricos no campo das ciências humanas, mas aqui me filio à compreensão de bell hooks de um “trabalho do amor” (HOOKS, 2021, p. 160). Para a autora, o amor precisa ser ação, não apenas sentimento.

Minhas leituras de hooks, junto aos textos acerca da ética de Foucault e Stephan, levaram-me a compreender o funcionamento de um enunciado no qual as práticas de amor envolvem reflexão, esforço e um trabalho que é ético na medida em que constrói no dia a dia uma forma de amar – que não é natural, instintiva ou ideal. Somos frequentemente bombardeados com discursos que defendem que o amor simplesmente chega às nossas vidas e transforma tudo, enquanto somos passivas diante dele; hooks (2021), em outra direção, vem mostrar que a potência que o amor tem de transformar exige ação e responsabilidade. Um trabalho do amor.

A noção de trabalho do amor passa, portanto, por uma série de condutas praticadas pelas personagens dos livros analisados nesta tese. No trabalho para um amor pleno de reciprocidade e cumplicidade, o diálogo franco e sincero parece ser um dos mais significativos pilares. Em todos os livros analisados – alguns de forma mais acentuada do que outros –, o momento em que uma das personagens (ou ambas) resolvem compartilhar abertamente suas experiências ou dizer explicitamente, sem subterfúgios, o que pensam e sentem é um ponto de virada para o enredo e um passo na direção da construção de um relacionamento mais sólido entre o casal protagonista.

Nesse sentido, hooks (2021) aponta que “a confiança é o fundamento da intimidade. Quando as mentiras erodem a confiança, conexões verdadeiras não podem se estabelecer” (HOOKS, 2021, p. 83-84). A autora argumenta que, no relacionamento heterossexual, homens muitas vezes mentem e a mentira está ligada à afirmação da sua masculinidade, visto que a honestidade quanto aos sentimentos frequentemente é vista como pouco viril. Ao mesmo tempo, as mulheres também seriam socializadas a mentir nas relações amorosas, visando agradar o homem, atraí-lo e massagear o seu ego.

Na relação lésbica, não está ausente a mentira ou as omissões – já verificamos isso no subcapítulo anterior. No entanto, nesta seção, vemos que as personagens

buscam a construção de um relacionamento pautado na confiança e no diálogo. Se hooks (2021) afirma que atualmente somos conduzidos a ter medo da verdade e a enxergá-la como algo doloroso, as personagens da literatura virtual lésbica, em atos de coragem, dizem às suas parceiras a verdade – verdade, aqui, em um sentido ético.

Aqui cabe um adendo, para pensar o conceito de verdade no campo da ética, como é discutido por Foucault (2011) no curso *A coragem da verdade*. Diferente dos escritos anteriores do filósofo, que pensou a verdade considerando o que faz com que determinado discurso possa emergir e entrar na ordem do verdadeiro; em seus últimos cursos, o pensador falou da verdade como parte da ética dos sujeitos, em uma concepção muito presente em filósofos da Antiguidade Clássica.

Dos gregos antigos, Foucault (2011) retoma o conceito de parresía – que seria dizer a verdade. Pensar verdade como ética, portanto, seria pensar “de que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como um sujeito que pronuncia um discurso de verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 4). O que o autor faz é um estudo das formas alitúrgicas, ou seja, das manifestações de verdade; e, no contexto dos antigos, o dizer a verdade “foi uma atividade conjunta, uma atividade com o outro e, mais precisamente, uma atividade com um outro, uma prática a dois” (FOUCAULT, 2011, p. 6).

A parresía irá se referir a esse ato de dizer a verdade e também irá qualificar esse “outro” que é fundamental para que se diga a verdade. Parresía tem a ver com dizer tudo, com uma verdade não dissimulada ou modificada pela retórica. A parresía é “a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade de que pensa, mas também a coragem do interlocutor que aceita à receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, 2011, p. 13).

Sobre isso, quero fazer duas considerações. A primeira é que essa verdade ética da qual estamos falando não tem qualquer pretensão universalista. A verdade aqui é aquilo que o sujeito, em seu exercício ético de dizer a verdade, entende como verdadeiro. A outra consideração é quanto ao contexto social e histórico. Evidentemente, a maneira como pensavam e viviam os gregos antigos não é algo que possa ou deva ser transposto para o Brasil atual, porém a discussão ética do dizer a verdade pode ser potente para se pensar as características do amor lésbico como um amor-trabalho.

A parresia como um trabalho a dois – neste caso, a duas – é um “dizer a verdade” diferente do que propõem os gregos ou a interpretação foucaultiana dos gregos, mas há características em comum. Dizer a verdade, sem tentar mascará-la, e fazê-lo com coragem, ainda que haja riscos – no contexto em que analisamos, risco sobretudo de rejeição ou não aceitação por parte da parceira –, é um exercício ético que as personagens literárias empregam em prol de um trabalho do amor.

Em *A Afilhada*, por exemplo, Jaqueline passa quase todo o livro acreditando que os sentimentos que ela tem por Júlia são um erro moral que a enche de culpa e que a afilhada se comporta com certa leviandade, querendo apenas seduzi-la, provocá-la e brincar com ela. Porém, nos capítulos finais, após Jaqueline tentar mais uma vez argumentar contra uma possível relação entre ela e Júlia, a fala franca da moça muda tudo e faz com que Jaqueline mude de perspectiva.

— *Das seis razões que você enumerou, não vi nenhuma que se relacionasse diretamente com você! Com o que você quer! Bastava você ter me dito assim: "Júlia, eu não quero ficar com você". Pronto! Esse motivo seria suficiente para eu ter me levantado na boa e ido embora, porque contra isso eu não poderia fazer mais nada.*

— *Mas eu..*

Naquele momento ela quem me interrompeu na minha tentativa de argumentação.

— *Agora você vai me ouvir! Todos os motivos que você falou parecem muito importantes. Eu até entendo sua preocupação. — ela silenciou poucos segundos. — Mas não sei se é porque eu sempre pensei que a vida era curta demais pra nós agirmos de acordo com o que as pessoas vão pensar ou vão dizer de nós, que, para mim, o único motivo para nós não ficarmos juntas é se alguma de nós não quiser. Não quero é deixar de estar com quem eu amo, porque minha mãe ou o seu filho vão achar ruim ou porque a sociedade é imbecil e escrota ao ponto de discriminhar duas pessoas que se amam por elas serem do mesmo sexo! Ou, ainda, porque eu sou mais nova do que você! Sinceramente, não consigo compreender! E eu não quero que o medo me paralise e me faça perder a oportunidade de viver um grande amor! Com você, Jaque! Ainda mais por coisas que podem ser contornadas! Não estou dizendo que elas seriam facilmente contornadas, estou dizendo que é possível... e que pode ser maravilhoso! Mas pra isso acontecer nós precisamos nos dar uma chance...*

Observei-a durante toda a sua fala e percebi quanta sinceridade havia em seu olhar. Isso me deixou paralisada. O que dizer diante de tudo o que ela tinha acabado de falar? Acabei não conseguindo formular nenhuma questão na minha mente para rebater nada do que ela tinha dito. Por isso, fiquei por alguns instantes inerte admirando com pleno encantamento aquela mulher destemida que estava ali na minha frente, disposta a me dar amor mesmo que, para isso, ela precisasse ir contra tudo e contra todos. Fui tomada por um turbilhão de sentimentos, que me affligiram mais ainda. Uma frase enfim saiu da minha boca e, com certeza, não foi enviada pela minha racionalidade. O coração era quem ordenava dessa vez:

— *Me leva pra algum lugar...*

Depois de dar um sorriso esplêndido, ela mais que depressa pegou sua bolsa, tirou duas notas de euros e as pôs embaixo da pequena xícara do café expresso que eu tinha tomado. Em seguida, levantou-se, ofereceu-me a mão e disse, com os olhos brilhantes:

— Vem comigo!

Praticamente corremos até seu carro, entramos nele e ela me levou para um hotel mais próximo, onde solicitou um quarto. Tive a oportunidade, durante todo o tempo da saída da livraria até a entrada no quarto do hotel, que durou por volta de meia hora, de desistir e evitar cair em tentação de novo. No entanto, obedeci outra vez a minha vontade (LORAK, 2020, cap. 7).

Perceber que Júlia a ama e que estaria disposta a enfrentar qualquer problema para estar com ela é um divisor de águas para Jaqueline. Notando a sinceridade da afilhada, sua coragem de amar, Jaqueline resolve, pela primeira vez, dar uma chance ao relacionamento. Nesse momento, a relação familiar desloca-se do afeto e rito católico do batismo em que está previsto o cuidado e encontra-se com o desejo afetivo-sexual.

O diálogo também é aspecto importante de *30 dias com ela*. Após Mônica e Lídia ficarem tratando uma a outra como se fossem apenas amigas, tentando não falar do fato de estarem atraídas uma pela outra, é a coragem para a confissão desses sentimentos que muda tudo.

— Sim. Tantas vezes eu tentei me afastar, mudar esse sentimento, porque algo não parecia certo. — Seus dedos tocaram delicadamente minha mandíbula. — Agora eu sei que a única coisa que não me parecia certa, era o fato de eu não enxergar o que estava bem na minha frente. Você apaixonada por mim. — Acrescentou ainda, incrédula, era difícil acreditar que tudo aquilo acontecera em apenas um mês.

— Perdidamente. Não muito tempo depois que nós nos conhecemos. Eu me culpei tanto quando percebi. — Ri baixinho, me lembrando da tormenta que foi descobrir que eu gostava de meninas e que havia me apaixonado à primeira vista por uma completa desconhecida.

— É uma história tão louca e inesperada. Tinha tudo pra dar errado, até que não deu. — Sussurrou a sombra de um sorriso pairando sobre seu rosto tomado pela melancolia.

— Estou feliz por não termos dado errado.

— Eu também. Esse mês foi a melhor coisa que me aconteceu... — Suas mãos me puxaram lentamente pra perto do seu rosto, em uma espécie desastrosa de abraço. Ambas sentindo o tempo escorrendo por entre os nossos dedos (LARSEN, 2022, cap. 10).

O mesmo ocorre entre Mariana e Aysha no romance de Meziat (2022). Assim como Lídia e Mônica, de *30 dias com ela*, as personagens de *Algo a mais* ficam anos tratando-se como amigas quando, na verdade, queriam estar namorando uma a outra. No enredo do livro, as duas se beijaram enquanto estavam bêbadas uma vez e depois ficaram um longo tempo fingindo que não se lembravam de isso ter acontecido. É quando elas tomam a coragem de falar sobre o beijo ocorrido que conseguem compartilhar seus sentimentos, reconhecer a reciprocidade do amor entre as duas e

dar início a um outro tipo de relacionamento, não mais baseado unicamente em laços de amizade.

— *Algo a mais* — explicou, desviando o olhar. — *Eu sentia algo a mais que amizade por você. E foi esse um dos motivos do beijo, e o motivo da mentira. A gente se beijou, e eu beijei outra pessoa depois pra tentar me convencer que aquele beijo tinha sido só um beijo, quando não foi. E eu menti, porque tinha medo de te perder.* — Deu uma pausa. — *Ainda tenho, na verdade. Mariana já sabia que contar a verdade seria torturante, mas nada a preparou para isso.*

— *Eu achei que você quisesse, tá? E a gente tava bêbada. Eu confundi as coisas, só isso. Realmente, não tem nada demais, já passou.* Alguns minutos se passaram, sem nenhuma resposta. “*Merda*”, Mariana pensou, “*eu odeio silêncio*”. Depois do que pareceram horas, Aysha se aproximou dela e roçou sua mão na de Mariana. Mais um passo, e seus rostos quase se encostariam.

— *Talvez, eu quisesse que você me beijasse* — ela disse. — *Talvez, fosse recíproco.*

Realmente, nada a havia preparado para isso. Mariana a fitou, sem entender de verdade. Será que ela estava alucinando? Não. Aysha a olhava de volta, daquele jeito que Mariana amava. Ah. Lá estava ele. Aquele olhar. Tão único, tão lindo, tão precioso. Só delas. Um olhar que Aysha apenas dirigia a ela. Como Mariana nunca percebeu?

— *Se fosse recíproco... então, você nunca saberia. Porque você manteve isso em segredo, e eu nunca disse. Desculpa. Eu devia ter falado* — disse Aysha (MEZIAT, 2022, p. 76).

Um pouco mais adiante na história, quando as duas já estão namorando, há uma fala de Aysha (na verdade, escrita, pois é um momento em que a personagem escreve uma carta para a namorada) que demonstra o quanto o diálogo franco é basilar para seu amor com Mariana.

Eu digo essas coisas, porque preciso botar elas pra fora. Preciso falar o que eu sinto, o que eu penso, o que eu sou. Para mim, honestidade é uma virtude, e eu espero poder compartilhar a minha verdade com você (MEZIAT, 2022, p. 110).

Falar sobre si mesma sinceramente, essa proposta de “compartilhar a sua verdade” com a outra pessoa, também aparece ao final de *Noturnas e Natalinas*. Geraldina passa boa parte da obra em conflito com Lucíola, achando que a outra vampira queria enganá-la e, também, sentindo-se incomodada com o comportamento sempre otimista de Luce, que lhe parece exacerbado. É como se Geraldina não conseguisse ver a humanidade e as vulnerabilidades da outra mulher. É um discurso feito por Lucíola na casa vampírica onde ambas vivem que muda isso e faz com que Geraldina possa compreender e conhecer melhor a mulher com quem está começando um relacionamento amoroso.

— *Ah, eu sei. Lembra daquele discurso que você fez semana passada na sacada deste mesmo salão?* — As duas olharam na direção da sacada, e Luce sentiu de novo a onda de alívio e orgulho que a percorreria ao se aproximar de Geraldina naquele lugar, todo o seu corpo vibrando em sintonia

com a noite e com os próprios desejos. Depois daquilo, ninguém nunca poderia acusá-la de não correr riscos. — Sobre o Natal ser como você sobrevive...

— Hm, lembro. Te impressionou?

— Foi bem deprimente.

Luce fechou os olhos, rindo baixo, e apoiou a cabeça no ombro dela.

— Não estou criticando — Geraldina se apressou em dizer. Ela deslizou uma mão por entre os cachos verdes de Luce e passou a fazer um carinho lento, despreocupado. — Só dizendo que eu sei que você não é esse poço de otimismo o tempo todo (LANDRE, 2021, p. 85-86).

Falar sinceramente sobre si, portanto, não significa apenas compartilhar ditos “bons sentimentos”. O diálogo franco passa, também, por falar de tristezas, de problemas, de más experiências. Nos textos analisados, permitir que a outra mulher saiba de aspectos sobre si que não são agradáveis de se compartilhar com o mundo; mostrar para a mulher amada o quanto se é vulnerável e falha faz parte de um trabalho para o amor.

Talvez *Apague a luz* seja o livro em que isso é mais expressivo. No texto de Azevedo (2022), Alex e Pilar estavam em vias de se divorciar, apesar dos esforços da última em manter a esposa ao seu lado. Alex não entende as ações de Pilar, a forma como a esposa constantemente a afasta e evita falar de determinados assuntos, principalmente aqueles envolvendo o passado de Pilar com o ex-marido. Sentindo-se distante emocionalmente da esposa, Alex desconfia do seu amor e de sua fidelidade.

É quando, enfim, Pilar decide compartilhar seu passado com Alex, ainda que falar sobre isso a deixe desconfortável e fira o seu orgulho, que os problemas do casamento são solucionados. Os três excertos a seguir são retirados do livro *Apague a luz* e mostram como a decisão de Pilar de ser honesta e franca com a sua esposa alteram o rumo do relacionamento das duas, que já se encaminhava para o fim.

— Aquele desgraçado estava te dopando e você não achou que eu devesse saber? — a voz de Alex era de raiva.

— Você pode não entender, mas... Eu me sentia uma estúpida! — ela fez menção de choro, mas as lágrimas pareciam não sair. — Eu passei quase toda minha vida ao lado dele, Alex. Anos vivendo desse modo, eu... Eu apenas me acostumei.

— Pilar... — Alex suspirou e fechou os olhos.

Ela era uma vítima e naquele momento ela se sentia culpada por suas reações, mesmo que não pudesse sequer suspeitar de tudo aquilo (AZEVEDO, 2022, p. 86).

— Eu também amo você! Muito. — as mãos de Alex percorreram pelas costas de Pilar com calma enquanto parecia investigá-la com cuidado. — Eu quero me desculpar com você...

— Pelo que? — a outra respondeu parecendo não entender o rumo da conversa.

— Por ter duvidado.

— *Duvidado?* — Pilar arqueou uma sobrancelha ainda parada no mesmo lugar.

— *Duvidado de você, de que me amava. Eu fui dura demais, eu estava magoada, mas não era justificativa para o que eu te disse.* — Alex suspirou se afastando um pouco (AZEVEDO, 2022, p. 92).

— *Você estava com raiva e eu também estava, falamos bobagens sem pensar, eu sei disso. Eu devia ter te contado desde o princípio e muito do que vivemos seria mais fácil para nós duas. Você saberia a verdade e não ficaria pensando coisas e eu teria com quem dividir minhas feridas* (AZEVEDO, 2022, p. 93).

Descobrir que a esposa foi uma vítima de seu ex-marido, que foi uma mulher que sofreu violência e que teve consequências psicológicas desse abuso, faz com que Alex consiga olhar com outros olhos para algumas das atitudes da esposa, principalmente no que diz respeito à relação que Pilar mantém com o pai de seu filho. Antes de saber o que tinha ocorrido no primeiro casamento da esposa, Alex pensava que Pilar poderia ainda ter sentimentos pelo ex-marido e, por isso, permitia que ele se aproximasse em determinadas situações, porém, após a confissão de Pilar, Alex descobre que as atitudes da esposa estão ainda baseadas no medo do que o homem pode fazer com ela e com o filho adolescente que os dois têm juntos.

Entender todas as experiências horríveis pelas quais a esposa passou faz com que Alex reveja suas próprias ações e se proponha a um novo comportamento. Ao mesmo tempo, Pilar também revê suas condutas, passando a compreender que esconder informações tão relevantes de sua esposa teria sido um erro que prejudicou o casamento das duas e se decidindo pela manutenção do diálogo franco dali em diante.

O trabalho para o amor, como aparece nos trechos dos romances lésbicos analisados, também perpassa por falar desse amor, dizer sobre ele, declará-lo e demonstrá-lo, permitindo que as personagens se sintam amadas. Por vezes, isso é feito a partir da palavra, mas, em outros momentos, o ato de mostrar à outra mulher o quanto ela é amada ocorre de outras formas.

Na cena a seguir, por exemplo, Júlia, do romance *A afilhada*, diz que se sente amada mesmo que Jaqueline ainda não tenha confessado tais sentimentos. A segurança quanto ao amor de Jaqueline vem da própria conduta da personagem, que mostra esse amor por meio de gestos.

— *Por quê?!* — *ela se aproximou ainda mais e tomou meu rosto entre suas mãos.* — *Me diz por que duas pessoas que se amam não podem ficar juntas?*

— *E quem disse que eu amo você?* — *perguntei tentando transparecer uma indiferença que não existia.*

— Ninguém, mas eu sei.. — ela falou e depois deslizou a língua levemente pelos meus lábios. — Eu sinto... (LORAK, 2020, cap. 6).

Júlia sente o amor de Jaqueline, confia nele amplamente, em uma segurança de ser amada que só aumenta na medida em que o tempo passa e o relacionamento das duas se fortifica. No capítulo final, quando Jaqueline está morrendo e esforça-se para dizer a Júlia sobre o grande amor que sente por ela, a primeira coisa que a moça responde é que já sabe disso. Júlia reconheceu esse amor, sentiu-o, durante décadas; portanto, a declaração final de Jaqueline, no leito de morte, nada mais é do que uma confirmação do que foi cotidianamente demonstrado e dito pelas duas mulheres.

— Júlia...

— Oi, meu amor...

— Quero que... que você saiba... que... você foi... — Jaque tossiu. — O grande amor... da minha vida! E eu te amo! Muito... Vou te amar... até... — outras tossidas fortes. — Depois da morte...

Com os olhos marejados de emoção, Júlia sorriu, enxugando as lágrimas, e enunciou:

— Eu sei, amor! Eu também te amo tanto! — Júlia lhe acariciava o rosto, enquanto se declarava para a esposa. — E você foi e sempre será o grande amor da minha vida! (LORAK, 2020, cap. 10).

Para ampliar essa discussão, a seguir, trago outros dois excertos, um retirado do livro *30 dias com ela* e o outro do livro *Acasos da vida*:

O rosto de Môni estava tomado pela vermelhidão, suas bochechas totalmente molhadas, mas ainda assim o sorriso enorme e instável não deixou de estampar seus lábios.

— Você ainda tem dúvidas, sua boba? Mil vezes sim, eternamente sim! — Gritou entusiasmada, agitando as mãos. Mais lágrimas jorraram dos meus olhos, ao mesmo tempo em que eu acolhia seu corpo trêmulo em meus braços abertos.

O suficiente. Apenas o suficiente pra te tornar minha... Minha eterna namorada.

— Eu te amo. Sempre te amei. — Sussurro em seu ouvido, sentindo sua respiração vacilar e os gritos continuarem firmes em nosso entorno, tal como os aplausos.

— Eu também te amo, Lídia. E eu estou surpresa por você ter demorado tanto tempo para perceber (LARSEN, 2022, cap. 9).

— Estou tão apaixonada por você, Pâmela! Você tem me feito tão bem! — o olhar da médica a condenava. Havia muito amor nas entrelinhas de seus olhos.

E era notável o quanto a presença da garota em sua vida havia transformado para melhor. Sua pele estava mais bonita, seu rosto mais jovial, seus cabelos mais sedosos e sentia uma enorme motivação em tudo o que fazia. A garota beijou os cabelos amendoados da mulher carinhosamente (FERNANDES, 2019, cap. 11).

Nos dois casos acima, tratam-se de relacionamentos amorosos que ainda estão no seu início, nos quais a insegurança quanto aos sentimentos da outra ainda estava presente, causando certos receios nas personagens. No caso de *30 dias com*

ela, Lídia se envolve com sua amiga Mônica e, quando a pede em namoro, ainda sente algum nervosismo com a resposta. A declaração de amor de Mônica, que aparece tanto na reação emocionada e entusiasmada ao pedido de namoro quanto na própria confissão verbal dos seus sentimentos, tranquiliza Lídia e a faz se sentir segura de que é amada.

Na situação de Pâmela e Ivana, do livro *Acasos da vida*, Ivana permanece boa parte da história incomodada com a diferença de idade entre as duas, que, em sua perspectiva, poderia fazer com que a moça mais jovem perdesse o interesse por ela. No entanto, Pâmela responde a essas demonstrações de insegurança dizendo e demonstrando o tempo todo o quanto quer estar com Ivana. Assim, em um dado momento, a personagem é convencida e começa a de fato se sentir amada, manifestando no excerto acima o quanto se sente bem e feliz ao lado de Pâmela.

Essa felicidade por ser amada, por se sentir amada, também aparece em *Algo a mais* e em *A garota dos meus sonhos*.

— *Eu tô feliz só por estar contigo, e não preciso de mais nada* — afirmou, torcendo para que aquelas palavras grudassem na cabeça de Aysha. — *Te amo, cara.* — Elas sorriram juntas, bobas e felizes (MEZIAT, 2022, p. 90).

— *No mundo inteiro só existe a gente* — sussurra. — *O que sinto por você também me assusta, mas acho que nunca amei alguém como amo você, gatinha.* E sei que é real, aqui ou lá. *Eu escolheria você em qualquer realidade, entende?* Suas palavras preenchem meu peito com tanto calor que queima, parece que vou me desintegrar, desaparecer, tamanha é a felicidade que me invade (GUMZ, 2022, p. 45).

No primeiro excerto, Mariana diz o quanto está feliz por estar com Aysha e deseja que aquelas palavras “grudem na cabeça de Aysha”, que teria ainda suas inseguranças. Essa intenção de fazer com que Aysha compreenda e tome como verdade a declaração de Mariana nada mais é do que um desejo da personagem de que Aysha possa de fato sentir o seu amor, sentir-se amada por ela. O mesmo acontece em *A garota dos meus sonhos* quando Bianca está insegura devido ao fato de que Alice não lembra dela na vida real, namorando-a apenas nos sonhos que uma tem com a outra. Diante da hesitação e do medo de Bianca, Alice se esforça para oferecer garantias de seus sentimentos, demarcando que seu amor é verdadeiro e, embora só se manifeste no cenário onírico dos sonhos, também existiria na vida real.

Em *Apague a luz*, a narrativa se dá de forma um pouco diferente, porque existe um relacionamento já mais ou menos consolidado desde o início do livro. Porém, ainda que as duas protagonistas sejam casadas e digam que amam uma a outra logo nas

primeiras páginas, Alex passa parte da narrativa sentindo dificuldade de sentir o amor de Pilar e, portanto, desconfiando das suas relações.

Quando Pilar deixa de apenas dizer a Alex que ama e modifica sua conduta de forma a demonstrar esse amor, compartilhando sua vida e suas experiências com a esposa, permitindo que Alex se aproxime dela e a conheça de fato, a personagem passa a se sentir amada (e feliz por ser amada).

- Você está feliz? — perguntou, precisava dessa resposta.
— Muito, muito, meu amor. E você? — Sorriu passando as mãos de modo leve sobre o rosto de Pilar.
— Estou, estou muito feliz, Alex! — A beijou com calma e se afastaram sorrindo.
— Então vamos dormir que logo ouviremos duas pessoainhas chorando.
— Sim, vamos! — Sorriu. — Apague a luz! (AZEVEDO, 2022, p. 136).

Portanto, trabalhar para que o amor seja sentido, para que a outra mulher se sinta amada, faz parte dos discursos que constituem a narrativa dos livros analisados. A prática do amor, como pensa hooks (2011), envolve tempo, dedicação, atenção. Para que ambas as partes se sintam amadas, faz-se necessária a reciprocidade no compartilhamento do tempo, que é vivenciado conjuntamente pelas duas pessoas; também o compartilhamento da atenção uma para com a outra, o que envolve cuidar e ouvir. Na perspectiva da autora, “o amor é uma ação, uma emoção participativa” (hooks, 2021, p. 197).

Na literatura virtual lésbica, não apenas vigora o pressuposto de que é preciso demonstrar (verbalmente ou não) o amor, mas também uma ideia de que se faz necessário dizer o quão admirável é a outra mulher, ressaltando constantemente as qualidades da amada. O enunciado do amor-trabalho, portanto, perpassa por oferecer garantias não apenas do amor sentido, mas também do quanto a mulher amada é especial e merecedora desse amor.

No início de *A Afilhada*, por exemplo, Júlia garante a Jaqueline o quão especial ela é, deixando explícito que o ex-marido de Jaqueline teria cometido um erro ao se divorciar dela, já que ela seria uma mulher para a qual se deve “dar valor” e fazer o possível para não perder.

- Não consegui evitar! Aquela situação e aqueles olhos que exalavam desejo estavam me deixando atordoada, não o bastante para que eu fugisse dali. Por alguns instantes, o único barulho que se ouviu foi o das ondas do mar. Criei coragem e perguntei, quebrando o silêncio:*
— O que você quis dizer naquela hora, Júlia?
— Que hora? — ela me questionou apesar de eu saber que ela sabia do que se tratava.
— Quando comentei que havia me divorciado...

— Ah! Que tem homem que não sabe dar valor à mulher que tem? — ela perguntou e depois abriu um sorriso no canto da boca. — Sim.. Bom, quis dizer que o Tio Roberto só pode ser burro por ter deixado você se separar dele..

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza! Se eu tivesse no lugar dele, não perderia uma mulher como você..

Fitei-a por alguns segundos e, tomado mais um gole da minha caipirinha — era como se eu quisesse beber o mais depressa possível para que a bebida ajudasse a me soltar, perguntei:

— Nossa! Você me acha assim.. tão especial? (LORAK, 2020, cap. 1).

É possível problematizar essa discursividade que coloca determinada mulher no lugar de “especial” ou de diferente. Faz parte das estratégias do machismo classificar determinadas mulheres como merecedoras de afeto, por sua conduta, enquanto outras não o são – todo mundo já ouviu a famosa fala de que “fulana é mulher para casar”, dita como se isso fosse um grande elogio à mulher em questão quando, na base de tal proposição, está o fato de que, para o homem que profere esse ato de linguagem, há uma série de outras mulheres que ele não considera como aptas ao casamento, objetificando-as apenas para seu prazer sexual. Porém, aqui, a narrativa não parece corroborar com esse pensamento de que as demais mulheres, em comparação com a protagonista, não teriam o mesmo valor. A proposta de Júlia parece ser muito mais fazer com que Jaqueline entenda que ela a admira, que enxerga suas qualidades e que gostaria de uma oportunidade de se aproximar.

Existe uma felicidade em ser vista, notada, admirada e elogiada; portanto, manifestar esses pensamentos de admiração das qualidades da mulher amada faz parte das estratégias de amor-trabalho das personagens das obras de literatura virtual lésbica analisadas.

Em *30 dias com ela*, após Mônica contar sobre como tomou coragem para se assumir para os pais, Lídia faz questão de garantir à amiga que sente orgulho da pessoa que ela é, o que causa uma reação alegre na personagem.

— Você nunca vai parar de me dar orgulho não? — Questiono sorridente cutucando suas costelas com os meus dois dedos indicadores, ela soltou um grito abafado pelo travesseiro.

Sua risada cortou o céu estrelado acima de nós, enquanto ela rolava por cima de mim, tentando fugir das cócegas, me puxando para si em um emaranhado de cabelos, lençóis e braços (LARSEN, 2022, cap. 4).

Ivana (personagem de *Acasos da vida*) também tem uma reação alegre ao receber um elogio de Pâmela, sentindo-se bem consigo mesma por ser admirada por uma mulher que ela considera atraente. Em uma estratégia mútua de amor-trabalho, Ivana não guarda a felicidade sentida pelo elogio para si mesma, mas a compartilha

com Pâmela, oferecendo ela mesma seus elogios e manifestando sua própria admiração pela outra mulher:

- *Você não faz ideia do quanto aquele elogio me fez bem, Pâmela! — os olhos dela fiscaram. — Me senti lisonjeada em ouvir algo do tipo, vindo de uma moça tão atraente como você... — conteve um sorriso no canto dos lábios*
- *Uau! — as sobrancelhas da menina se elevaram e ela deu uma risada fraca. Suas bochechas começaram a formigar. Sabia que a pele morena estava assumindo uma tonalidade rubra, condenando seu desconcerto. — Valeu doutora! — deu uma piscadela (FERNANDES, 2019, cap. 3).*

Além de fazer com que a outra mulher se sinta amada e admirada, outra estratégia do amor-trabalho é oferecer à mulher amada conforto e segurança. Se nos dois subcapítulos anteriores falamos de um amor-erótico que desestabiliza, que causa nervosismo e certo “frio na barriga” e de um amor-guerra permeado de desconfiança e de tentativas de autoproteção; os excertos deste subcapítulo mostram outro aspecto do amor lésbico. O funcionamento do enunciado do amor lésbico como um amor-trabalho perpassa pela construção de um vínculo amoroso no qual as mulheres envolvidas podem sentir tranquilidade, calma e conforto.

Em *A Afilhada*, por exemplo, depois de tantas idas e vindas e conflitos enfrentados por Júlia e Jacqueline, quando as duas finalmente conseguem se comprometer com um relacionamento e assumir seus sentimentos uma pela outra, alcançam um nível de conforto que antes não existia. Diferente das cenas de sexo anteriores, das quais Jacqueline saía um tanto abalada e até culpada, no excerto a seguir, existe uma narrativa pós-relação sexual na qual a personagem cochila ao lado de Júlia e, depois, quando acorda, passa um tempo admirando sua amada, aproveitando a sensação de confiança no amor de Júlia.

Em seguida, eu me deitei ao seu lado, aninhando minha cabeça em seu braço e permanecemos ali, estáticas, sem nada dizer, apenas recuperando nossas respirações ofegantes. Estávamos tão embevecidas com aquele momento de esquecimento de tudo e de todos, que acabamos dormindo por quase uma hora. Fui a primeira a acordar e fiquei, por alguns momentos, admirando Júlia dormir. Instantes depois, toquei-lhe levemente o rosto, abri um sorriso e sussurrei tentando não a despertar:

— *Eu também te amo (LORAK, 2020, cap. 7).*

Em *30 dias com ela*, há um excerto pequeno, porém significativo, no qual Mônica narra o quanto o simples gesto de Lídia segurar a sua mão, demonstrando seu apoio, faz com que a personagem se sinta reconfortada e calma:

[Mônica] *Ter sua mão sobre a minha era reconfortante e ao mesmo tempo estabilizante, aquilo acalmou as batidas descompassadas do meu coração (LARSEN, 2022, cap. 6).*

Levando em conta a dimensão de reciprocidade, recorrente no enunciado do amor-trabalho, percebo que, em outros momentos da narrativa, é Mônica quem irá oferecer a Lídia o conforto de que ela precisa. Ao final do livro, quando Lídia está preocupada sobre ser uma “boa mãe”, é Mônica quem a acalma.

— Sim, mas eu também quero tirar essa preocupação do seu coração, eu sei que você anda sofrendo com antecedência. Nós duas seremos ótimas mães e eu não diria isso se não tivesse certeza, Lídia. — Me abraçou tirando o grampo que mantinha meu cabelo preso no penteado. — A vida é feita de aprendizados e eu estou feliz por estarmos desbravando esse mundinho novo juntas, você não está? — Jogando meu cabelo por trás dos ombros, ela segurou meu rosto com as duas mãos, olhando no fundo dos meus olhos.

— É claro que estou, vocês duas são meus maiores presentes. Eu amo vocês, meu amor, jamais duvide disso — sussurro através dos seus lábios, sentindo a sua respiração fraca atingindo o meu rosto. — Eu não sei o que seria sem você. — Acaricio seu pescoço com a ponta do nariz, colocando o seu cabelo atrás da orelha (LARSEN, 2022, cap. 11).

Mesmo em *Noturnas e Natalinas*, que é um “hate to love”, o casal protagonista consegue chegar ao ponto de oferecer conforto uma à outra. Ao final, a narrativa mostra Geraldina (que outrora desconfiou muito de Lucíola e de suas intenções) sentir a calma advinda de estar com a outra vampira.

Não era nem meia-noite ainda, mas Geraldina podia se dar ao luxo de se precipitar sabendo que a eternidade toda estava adiante. E, ao mesmo tempo, também existia a benevolência da calma, de um beijo demorado, de mãos que se agarravam no escuro, de momentos que paravam o tempo (LANDRE, 2021, p. 78).

Bianca e Alice, de *A garota dos meus sonhos*, também experimentam sentimentos de conforto advindos da relação que têm uma com a outra. Nos três excertos a seguir, há momentos da narrativa em que Bianca busca oferecer esse conforto a Alice – por exemplo, ao segurar a mão da jovem em forma de apoio quando ela está chorando – e, também, quando a própria Bianca sente esse conforto. Uma calma que vem da presença de Alice, dos gestos e falas que ela lhe oferece.

Seus olhos encontram os meus, o tom castanho deles muito mais claro agora que estão cheios de lágrimas, que ela tenta conter mordendo o lábio com força. Por impulso, repouso a mão sobre a dela, que está apoiada na cama. Seus dedos estão gelados quando os aperto, usando o polegar para lhe fazer um carinho suave (GUMZ, 2022, p. 38).

Seu cabelo está espalhado pelo travesseiro, próximo o suficiente para que eu possa inspirar e ser atingida pelo cheiro do shampoo que usa. Um cheiro familiar, conectado às melhores memórias do meu último ano, que enfim começa a me acalmar e a me guiar na direção dos sonhos (GUMZ, 2022, p. 41).

Com as pernas balançando para fora do deque, nossos braços se tocam e me sinto mais uma vez feliz e em paz. Gostaria de poder me prender a esses momentos, em que quase esqueço - ou pelo menos faço as pazes com - os

fantasmas da minha família, para sempre. Neste instante, não preciso que ela lembre de nossos sonhos, porque a amo e adoro sua presença, com ou sem memórias. Há muito tempo não me divertia tanto quanto no dia de hoje e agora que estamos aqui, sentadas, com as mãos apoiadas no deque e os dedinhos quase se tocando, não quero mais nada no mundo. Mesmo que ela não entenda metade do que temos, para mim é o suficiente estar aqui, ao seu lado. Mas a Alice da realidade não cansa de me surpreender:

— Poderia ficar aqui com você para sempre, sabe?

— Eu também, Ali.

— Não sei se vai parecer estranho, mas tenho a sensação de que te conheço há uma eternidade, não um dia apenas (GUMZ, 2022, p. 67).

Às vezes, quando pensamos em amor, pensamos naquele apaixonamento eletrizante abordado no subcapítulo que trata do amor-erótico. Porém, nos discursos da literatura virtual lésbica, o amor é também calma e suavidade. O amor também é feito de momentos tranquilos, momentos de paz para os quais o casal trabalha junto para experienciar – pois sentir uma suave paz com a mulher amada exige um trabalho para o amor. Essa suavidade de que falo é carregada de potência.

Para Anne Dufourmantelle (2022), a suavidade está “inserida em um duplo movimento de recepção e doação” (DUFOURMANTELLE, 2022, p. 11) e está em constante aproximação com o amor. Suavidade, para a autora, não é algo que alguém possui ou é, mas uma certa arte de viver. Uma ética que tem sua potência, ainda que aquelas pessoas que se aproximam da suavidade sejam frequentemente vistas como inferiores.

Quando estava lendo a obra de Dufourmantelle, não deixei de pensar em como a suavidade foi historicamente associada às mulheres e, talvez por isso, vista sempre pela ótica negativa do “menos poder”. A autora faz pensar na suavidade em outro sentido, não como uma característica de determinadas pessoas e não de outras, mas como uma espécie de “passividade ativa” que todos e todas podemos experienciar e que pode configurar uma existência ética.

Nos textos literários analisados, refletir sobre mulheres vivendo a calma e a paz uma com a outra, momentos de suavidade, nos quais se entende que as duas têm vulnerabilidades e querem compartilhar isso com confiança, é uma forma de resistência. Para nós, mulheres, podermos ser suaves umas com as outras, sem sermos vistas como a única parte possivelmente frágil daquela relação (como frequentemente somos vistas ao nos relacionarmos com homens), pode ser libertador. Na potência da suavidade, a compreensão da fragilidade é sempre uma via de mão dupla, pois para “aprender a vulnerabilidade do outro é preciso que o sujeito reconheça a própria fragilidade. Essa aceitação é uma força, faz da suavidade um

grau mais alto na compaixão que o simples cuidado” (DUFOURMANTELLE, 2022, p. 19).

O cuidado, porém, também pode entrar na potência da suavidade, na medida em que esta implica a responsabilidade com a outra pessoa. Entendo, assim, que o cuidado faça parte do trabalho do amor na literatura virtual lésbica – por mais enquadrado em uma lógica heteronormativa que o cuidado das mulheres tenha sido. Nas relações de poder em funcionamento em nossa sociedade, é comum que as mulheres sejam subjetivadas para o cuidado. No entanto, cabe ressaltar que, no contexto da heteronormatividade, esse cuidado é um cuidado destinado aos homens, não a outras mulheres. Margarita Pisano (2004) argumenta que a misoginia nos conduz a ver umas às outras como inimigas e não nos ensina a nos amar – somos instigadas a devotar nosso amor aos homens.

Nos discursos da literatura virtual lésbica, o cuidado de uma mulher para com a outra se faz presente enquanto uma estratégia do amor-trabalho. Cuidar da mulher amada parece ser sinônimo de demonstrar amor, de fazer o amor ser sentido, de construir um amor baseado em apoio mútuo.

Em *30 dias com ela*, por exemplo, quando Mônica vai passar um mês na casa de Lídia, ela está sofrendo devido a um relacionamento anterior com outra garota. Lídia, ao ver a tristeza e o choro da amiga por quem ela está apaixonada, garante que quer fazê-la esquecer, que quer ajudá-la a se curar.

— *Eu sei sim e admiro a força que está tendo pra suportar tudo isso em silêncio, essa não é uma situação nada fácil. Mas, eu fico feliz que esteja melhorando...* — *Seguro a sua mão, pressionando meus lábios suavemente no dorso da sua mão, notando seus ombros trêmulos pelo choro reprimido.*

— *Prometo que te farei esquecer tudo isso, enquanto estiver comigo. Essa viagem vai acelerar o processo de cura de cada ferida que está aberta aí dentro.* — *Afirmo com convicção, meu semblante sério entrando em contraste com a feição chorosa e agradecida da ruiva.*

— *Estou contando com isso, Lídia. Apostando todas as minhas fichas nesse mês.* — *Sorriu de lábios fechados, se inclinando para perto, depositando seu rosto na curva do meu pescoço e se acomodando direito na cama (LARSEN, 2022, cap. 3).*

Em *Apague a luz*, de forma semelhante, Alex cuida de Pilar e estimula a esposa a ser mais gentil consigo mesma. Devido à situação complicada com o ex-marido quando Pilar depõe contra ele na justiça, ela e Alex saem da cidade e vão para uma fazenda tirar um tempo para si mesmas e se afastar do confronto com o homem. Pilar sente que está fugindo da situação, o que lhe causa certa culpa e, em um gesto de

cuidado, Alex a ajuda a ver a situação por um outro ângulo, que respeite mais o bem estar emocional de Pilar:

- Eu acho que devemos voltar para casa. — Pilar falou após um longo gole de vinho e Alex a olhou. — Temos que voltar para nossa vida normal, Italo tem que estudar e nós duas temos que trabalhar.
- Você tem todo o tempo que precisar. — Alex falou baixo para ela, estavam há bastante tempo nisso e realmente o trabalho das duas estava em muita falta, mas não era nada que ela não soubesse que poderiam fazer depois.
- Não. Eu sou uma mulher adulta, tenho que ser responsável e cuidar das minhas coisas, não posso agir como uma criança fugindo, me escondendo de tudo.
- Você não está fugindo e nem se escondendo.
- Não? O que estamos fazendo aqui? — ela fez um sinal com os braços.
- Respeitando o seu tempo. Tentando ter uma vida normal, o que não conseguimos fazer na capital (AZEVEDO, 2022, p. 127).

- Se você quiser voltar para casa voltamos, isso não é um problema. As coisas seguirão normais, mas eu acho que não deveria voltar ao trabalho agora. — a olhou com calma. — Você deveria procurar ajuda, fazer sessões com psicólogo, Martim não tem que ser uma sombra em sua vida para sempre (AZEVEDO, 2022, p. 128).

Em *Algo a mais*, também fica evidente o cuidado que Aysha e Mariana têm uma com a outra. Esse cuidado aparece em vários momentos da narrativa, mas eu trouxe aqui três exemplos. No primeiro, Aysha ainda está namorando Bruno e o garoto segura seu braço com certa agressividade. Mariana, então, intervém de imediato, na intenção de proteger Aysha.

- Isso não é justo. — Bruno segurou o pulso de Aysha quando elas saíram da biblioteca.
- Mariana se aproximou dele, até ficarem cara a cara. Eles tinham quase a mesma altura, e Mariana era mais forte por conta do futebol. Ele recuou e as deixou ir (MEZIAT, 2022, p. 43).

Em outra cena, quando Mariana está se preparando para um jogo de futebol, Aysha demonstra preocupação com a saúde física da garota e fala sobre alimentação e ingestão de água. Trata-se de uma forma de cuidado, uma demonstração de que Aysha está pensando no bem-estar de Mariana.

- Calor do caralho — Mariana reclamou.
- Tá mesmo. Aliás, cê tomou café direito? E não esquece de se hidratar. Sua pressão pode abaixar se não comer ou... (MEZIAT, 2022, p. 57).

No momento em que as duas começam a se envolver sexualmente, o cuidado também está presente no modo como Mariana lida com Aysha. Sabendo que a namorada já viveu um relacionamento abusivo, no qual se sentia pressionada e coagida a aceitar toques físicos que não desejava, Mariana redobra os cuidados com a amada, querendo garantir que qualquer ato sexual não irá afetar negativamente Aysha.

Mariana já tinha beijado outras pessoas antes. Com algumas meninas, tinha até mesmo feito outras coisas. Sexo nunca foi algo complicado para ela. Mas ela sabia que, com Aysha, o histórico era outro.

— Você não precisa fazer nada disso se não quiser — Mariana disse baixo, para ninguém ouvir.

— Você não tá gostando? — Aysha perguntou.

— Eu tô — Mariana afirmou. — Eu só não quero que você se sinta pressionada a fazer algo que não queira ou não esteja pronta.

Aysha sorriu. Ninguém nunca havia falado isso para ela.

— Eu não me sinto pressionada.

— Tá bom. Mas, qualquer coisa, é só falar que eu paro.

Aysha assentiu e voltou a beijá-la. Quando elas voltaram ao beijo, foi mais suave. Os toques de Mariana eram lentos, pacientes, calmos. Aysha ia, aos poucos, sentindo coisas diferentes, que nunca havia sentido com mais ninguém (MEZIAT, 2022, p. 88).

A afirmação de Aysha de que seria a primeira vez em que alguém tinha a preocupação de não pressioná-la a fazer algo para o qual não estava pronta mostra um contraste entre o amor lésbico vivenciado com Mariana e seu relacionamento heterossexual anterior, no qual o cuidado não fazia parte das experiências envolvendo contato físico/sexual.

Tanto em *Algo a mais* quanto em *Apague a luz*, há dois exemplos de mulheres que foram abusadas por homens e que encontram no relacionamento lésbico um tipo de cuidado e proteção até então desconhecidos. Embora saibamos — como já mencionei em outros momentos desta tese — que as relações lésbicas, de modo geral, não estão livres de violência, é preciso demarcar que a literatura virtual lésbica analisada não vai nessa direção. Mesmo quando se fala em construção de uma relação lésbica abusiva — o que é feito em *30 dias com ela* ao mencionar o relacionamento anterior da personagem Mariana —, isso não ocorre no viés da violência física e/ou sexual, como as sofridas por Pilar (*Apague a luz*) e Aysha (*Algo a mais*) por homens com quem as personagens se relacionaram.

O enunciado do amor lésbico como amor-trabalho também implica a construção de uma relação amorosa pautada em amizade e companheirismo. Essa perspectiva vai na contramão da subjetivação das mulheres para a rivalidade umas com as outras. Vê-se então a possibilidade de laços éticos de amizade, constituídos a partir do querer bem, do compartilhamento de fardos e vitórias. Uma amizade diferente da que é pensada até então, a partir do apoio e admiração mútuos entre os homens, que emerge já na ética antiga, como apontado por Foucault em *História da Sexualidade, volume 2* e que, mesmo em seus deslocamentos e transformações históricas, permanece masculinista.

Quem nunca ouviu dizer que amizade verdadeira só existe entre homens? Que as amigas mulheres são falsas e se traem? Homens são socializados para protegerem a si mesmos, seus privilégios enquanto homens e para admirar uns aos outros. As mulheres, colocadas em uma posição inferior da categoria “ser humano”, não são vistas como dignas de amizade (ou como aptas a ela). A construção de amores lésbicos como relações pautadas, também, na amizade vai na contramão dessa perspectiva.

Em dois dos livros analisados, a amizade entre as protagonistas veio antes do amor – trata-se de uma proposta de enredo bastante comum na literatura virtual de romance, inclusive recebendo com frequência a denominação de livro “*Friends to lovers*”. É o caso de *30 dias com ela* e *Algo a mais*, nos quais Lídia e Mônica e Mariana e Aysha foram amigas por anos antes de se tornarem namoradas. Quando modificam sua relação da amizade para o namoro, é importante destacar, o companheirismo já desenvolvido entre os casais não desaparece, pelo contrário, fortifica-se.

No excerto a seguir, Lídia narra como a paixão dela por Mônica não surgiu de imediato, mas se construiu aos poucos, junto ao desenvolvimento de sua amizade.

Não me apaixonei de imediato, muito pelo contrário, inicialmente o que mais me importava era a empolgação que eu mal podia conter por ter uma nova amiga. Nunca tive facilidade pra fazer amigos, sempre acabava afastando quem quer que se atrevesse a se aproximar, assim como ela, e por essa razão a nossa aproximação e amizade repentina foi uma surpresa para nós duas. Apesar de termos nos identificado bastante não imaginávamos que uma simples conversa, após anos da aguardada vídeo chamada entre fãs selecionados a dedo, tomaria outras proporções. Qual é, mantivemos isso por cinco anos (LARSEN, 2022, cap. 1).

Em *Algo a mais* também há várias manifestações da importância de Aysha na vida de Mariana e vice-versa. Mais do que a pessoa por quem Mariana está apaixonada e atraída, Aysha é sua melhor amiga, a pessoa com quem ela divide suas vitórias e conquistas, com quem compartilha suas experiências. Uma companheira. Isso evidencia-se na cena adiante, que mostra a reação de Mariana ao ver Aysha após vencer um jogo de futebol.

A felicidade só aumentou quando, após o apito indicando o fim, viu a primeira pessoa que mais queria. Aysha, colada na grade, pulou e correu ao seu alcance, sem ligar para os seguranças, para a treinadora ou nem mesmo para sua mãe. Elas se abraçaram, e foi como se o mundo se fechasse ao redor delas. A única coisa que importava era que Aysha ainda estava lá, com ela, com as mãos ao redor de sua cintura e a cabeça encostada em seu pescoço, mesmo com o suor (MEZIAT, 2022, p. 62).

Em *Acasos da vida*, não há uma relação prévia de amizade, como nos dois livros supracitados. No entanto, a narrativa evidencia a relação de companheirismo desenvolvida pelo casal Pâmela e Ivana na medida em que ambas trabalham juntas pelo amor.

Havia se passado alguns dias desde a intensa aproximação de Pâmela e Ivana. As mulheres conversavam muitas vezes por aplicativo de mensagens de celular e se viam quase que diariamente no hospital. O sentimento entre elas era recíproco e gostoso. Aquilo fez com que uma nova chama de esperança ardesse dentro de ambas, proporcionou uma nova visão de vida que faltava nelas (FERNANDES, 2019, cap. 6).

Alguns dias haviam se passado desde a aproximação intensa de Pâmela e Ivana. Viam-se quase que diariamente no hospital e encontravam-se por diversas vezes, em passeios que resumiam-se em barzinhos, cinemas, caminhadas e evidentemente, sempre conversavam bastante e abertamente sobre inúmeros assuntos (FERNANDES, 2019, cap. 7).

— Aí, Pamy — murmurou em meio aos risinhos. — Pior que estou.. Faz um tempão que não venho em um lugar assim — seus olhos acastanhados observaram rapidamente alguns brinquedos sexuais expostos nas prateleiras ao lado.

— Eu viria aqui sozinha, pensei em fazer uma surpresa depois, mas. — a garota de cabelos ondulados arqueou as sobrancelhas. — Entretanto, todavia, achei que seria mais gostosinho a gente escolher juntas — deu um selinho rápido na médica.

Sob um clima descontraído, repleto de risadas, descobertas e brincadeiras, as mulheres efetuaram a compra de alguns brinquedos性uais com a vendedora simpática (FERNANDES, 2019, cap. 9).

Os trechos referidos falam de conversas diárias, de reciprocidade, de passeios, de brincadeiras e de descontração. É, portanto, um trabalho para o amor que se faz com constância, na aproximação cotidiana entre as duas mulheres.

Em *Apague a luz*, por se tratar da história de duas mulheres já casadas, esse companheirismo se reflete também no dia a dia das protagonistas como casal, mas de forma mais focada na vida a duas, na divisão de uma casa e em um cotidiano compartilhado. No excerto que trago, há menções a atitudes comuns em um casal que vive junto: avisar que está indo para casa, fazer o jantar para duas e querer saber sobre o dia uma da outra. Na narrativa, em sua chegada, Pilar parece encontrar um lar não só no espaço compartilhado da casa, mas na mulher que ama.

Pilar enviou uma mensagem dizendo que não demoraria e que estava levando um vinho para tomarem juntas. Enquanto isso ela foi fazer o jantar, macarrão a carbonara era o prato escolhido, não mais do que meia hora depois o prato estava pronto e Pilar passava pela porta de casa sorrindo. — Boa noite, meu amor. — ela passou a mão pelo rosto de Alex para segurar seus cabelos e então a beijou. Um beijo longo e cheio de saudade. Ficaram alguns segundos se olhando nos olhos ainda com os lábios unidos e depois se afastaram sorrindo de maneira discreta. — Boa noite, como foi o dia? — Alex perguntou pegando o vinho e logo depois abrindo-o (AZEVEDO, 2022, p. 102).

O companheirismo e amizade também fazem parte do trabalho para o amor de Bianca e Alice em *A garota dos meus sonhos*. Bianca chega a mencionar que a paixão foi uma espécie de “efeito colateral” para a amizade construída entre ela e Alice quando ambas começaram a se encontrar por meio dos sonhos.

Alice se tornou o meu porto seguro, a minha melhor amiga e a pessoa com quem posso conversar sobre tudo. No processo, me tornei o mesmo para ela e a paixão acabou se mostrando um efeito colateral impossível de ser evitado (GUMZ, 2022, p. 43).

O companheirismo e a união entre as personagens dos livros de literatura virtual lésbica também se dão no enfrentamento dos problemas e entraves que aparecem em suas vidas (tanto individualmente quanto enquanto casal). Falar em trabalhar para o amor é, também, considerar que nenhum casal vive isolado do restante do mundo. Essas mulheres estão em constante contato com outras pessoas e há conflitos e dificuldades que serão vivenciados. O trabalho do amor, no entanto, implica em garantir que a mulher amada não enfrente esses problemas sozinha, mas que os fardos possam ser divididos.

Esse enfrentamento pode ser desde problemas mais simples, como medo de altura, até questões mais complexas. Há duas cenas – uma em *30 dias com ela* e a outra em *A garota dos meus sonhos* – nas quais Mônica (do primeiro livro mencionado) e Alice (do segundo) estão com medo de cair de um local alto e são ajudadas a enfrentar esse medo por Lídia e Bianca, respectivamente.

As cenas às quais me refiro estão presentes nos excertos:

— Por um momento achei que você ia mesmo desistir.

— Eu ia mesmo e só voltei atrás, porque não quero te deixar sozinha aqui fora. — Rebateu, alisando os braços desnudos, o vento frio a arrepiando dos pés à cabeça.

Mordendo um sorriso que ameaçou desenhar os meus lábios, me preocupo em firmar um dos meus pés na aba de uma das telhas velhas, usando-a de apoio para o meu corpo, para sair pela claraboia, o outro permanecia sobre a cômoda.

Ser alta e ter as pernas compridas teriam que servir pra alguma coisa um dia, afinal.

— Segura a minha mão. — Tento transmitir segurança, mesmo sentindo uma certa instabilidade vindo do telhado que me sustentava, e que a sustentará quando eu puxar seu peso para fora (LARSEN, 2022, cap. 4).

— Não é tudo obrigatório, Ali. O importante é se divertir. Se não vai ser uma experiência legal, não deveria fazer.

— Mas a minha mãe...

— Acha que a sua mãe ia querer que você fizesse algo que não gosta só porque ela já fez? — corto sua fala, mas tento manter o tom suíl. Seus olhos

brilham, cheios de lágrimas, e seu lábio inferior treme um pouco. Ela o morde, tensa, e dá uma espiadinha lá pra baixo.

— *Mas eu queria tanto*

— *Você confia em mim? — pergunto.*

— *U-hum.*

— Se você quer mesmo ter a experiência, vou ao seu lado e estarei segurando a sua mão o tempo inteiro — ao falar, desço as mãos por seus braços até entrelaçar os dedos aos dela. — Mas se estiver só um pouquinho em dúvida, tiramos esses equipamentos agora mesmo e voltamos de escada. Te levo nas costas, se quiser (GUMZ, 2022, p. 89).

A garota dos meus sonhos e *30 dias com ela* também têm outro enfrentamento em comum feito pelas protagonistas, que é a distância. Em ambos os casos, trata-se de garotas jovens que ainda estão finalizando a educação escolar em cidades diferentes uma da outra. Em situação de dependência dos adultos e das adultas responsáveis por elas, as garotas ainda não têm autonomia para transporem o problema da distância e tomarem a decisão de viverem juntas. Esse enfrentamento é feito, nos dois casos, com promessas para o futuro.

Em *30 dias com ela*, a narrativa é mais explícita quanto ao enfrentamento da distância, trazendo uma cena em que Mônica se sente muito instável emocionalmente com a perspectiva de ficar longe de Lídia e a garota lhe oferece garantias e juramentos de amor, auxiliando-a a passar pelo tempo que ambas terão de ficar fisicamente separadas.

— *Me ligue todos os dias, por vídeo chamada ou o que quer que seja, só... Lute por nós, tudo bem? Por essa nova etapa na nossa vida e no mundo todo. Sei que não é fácil manter um relacionamento assim, mas... — Sussurrou contra minha boca, as lágrimas invadindo nossa pequena e simples troca de afeto.*

— *Shhh.. Mônica, tá tudo bem. Vai ficar tudo bem. Nada entre nós vai mudar, eu nunca desistiria de você. A distância não vai mudar nada. — Silenciei-a com um beijo rápido nos lábios por um momento. Abraçando fortemente seu corpo frágil. — Eu não desisti quando meus sentimentos estavam confusos, não vou desistir agora. Não quando eu tenho a garota que sempre sonhei como namorada.*

Sentindo seu peito tremer contra o meu eu aumento o aperto do abraço, acariciando suas costas.

— *Desculpa, eu só... Estou com medo (LARSEN, 2022, cap. 10).*

Logo depois, no mesmo capítulo, Lídia reflete:

Com nossas mãos grudadas, ainda nada preparadas para os novos obstáculos que virão a seguir, nós sorrimos uma para outra conscientes de que o que quer que aconteça, se estivermos juntas, estaremos prontas pra enfrentar qualquer coisa que o universo nos impor (LARSEN, 2022, cap. 10).

Esses enfrentamentos compartilhados também aparecem em momentos da narrativa nos quais as mulheres precisam lidar com conflitos (ou com a possibilidade de conflitos) com outras pessoas. É o caso de uma das cenas finais de *Acasos da*

vida, quando Pâmela está muito nervosa com a perspectiva de conhecer as filhas de Ivana, com medo de não ser aceita por elas. Embora Ivana admita que pode haver alguma hesitação por parte das filhas em receberem suas vidas a nova namorada da mãe, a personagem se coloca ao lado de Pâmela para enfrentar a situação e tenta tranquilizá-la.

As duas uniram as mãos. A jovem ficou pensativa por alguns segundos. Completaria quase quatro meses que ela e a médica estavam se envolvendo e já era hora de dar um passo um pouco maior no relacionamento. Família.

— Como acha que elas vão agir?

— Ah, eu não sei... Até porque você é muito nova, tem quase a idade delas, né? Pode ser que elas fiquem meio desconfiadas por isso...

— Ái, Ivana.. Estou com medo! De verdade! — ela buscou o olhar acolhedor da médica enquanto a apreensão lhe fazia companhia.

— E se elas não me aprovarem? Não quero ser motivo de atrito entre vocês, entende?

Ivana sorriu. Um sorriso doce e afagou os cabelos da menina, na tentativa de tranquilizá-la.

— Relaxe, Pam... Não é a primeira vez que passarei por essa situação, lembra? — a moça concordou após suspirar. — Vai dar tudo certo...

— Tomara.

— Não quero que se sinta pressionada, mas tenho vontade de conhecer a sua família algum dia (FERNANDES, 2019, cap. 11).

O enfrentamento em relação ao homem – e à violência e opressão que a figura do masculino carrega – aparece em dois dos romances analisados: *Algo a mais* e *Apague a luz*. Em ambos os livros, para enfrentar homens abusivos com os quais as personagens se relacionaram anteriormente, Pilar e Aysha contam com ajuda de Alex e Mariana. Para exemplificar a questão, trago o excerto retirado da obra *Algo a mais*, no qual é somente com o apoio e a presença de Mariana que Aysha toma coragem de enfrentar Bruno e encerrar o relacionamento com ele.

— Eu vou terminar com o Bruno. Eu já devia ter feito isso há muito tempo. — Aysha voltava a olhar para os pés o tempo todo

— Você vai fazer agora. Isso é o mais importante. — Mariana deu um sorrisinho, esperando parecer acolhedora. — O que você precisa?

— Eu queria que você ficasse do meu lado. Eu não quero fazer isso sozinha. Mariana levou uns segundos para responder, processando o pedido.

— Tudo bem. — Mariana apertou a mão dela. — Pode contar comigo.

Aysha já sabia disso. Mas era bom ser relembrada de vez em quando (MEZIAT, 2022, p. 40).

Por fim, um último ponto em que eu gostaria de abordar neste subcapítulo é que pensar no funcionamento de um enunciado do amor lésbico como um amor-trabalho também significa pensar nas estratégias que as mulheres colocam em prática para tornar esse amor socialmente validado. Trabalhar para o amor também parece ser, pelos discursos recorrentes nos livros analisados, trabalhar para que esse amor lésbico seja reconhecido.

Essa validação, nas obras analisadas, passa pelo reconhecimento do casal lésbico enquanto família, o que se efetiva através do casamento. Das sete obras analisadas, três terminam com as personagens casadas e com filhos/filhas e uma com o casal já prevendo a possibilidade de casamento e até escolhendo os padrinhos. Dos três que não mencionam casamento nem filhos/filhas, um é uma fantasia com uma sociedade cuja cultura criada é diferenciada (a das vampiras e vampiros) e os outros dois terminam com as personagens ainda adolescentes – e nesse caso é preciso considerar que a validação social de um namoro adolescente não está atravessada pelos mesmos discursos que a validação de um relacionamento entre pessoas adultas.

Em *A Afilhada*, a aceitação da mãe de Júlia do relacionamento da filha com Jaqueline só se dá quando o casal adota um filho. Adotar uma criança dá certa legitimidade para a união de Júlia e Jaqueline como família, o que faz com que a mãe da personagem deixe de considerar o relacionamento da filha como algo sujo ou problemático e passe a vê-lo como algo positivo.

Quando fez um ano que Jaqueline estava morando em Madri, elas se casaram e entraram com o processo de adoção de Zaki. No dia da ida definitiva do filho para a casa de suas novas mães, elas foram surpreendidas por Ana e Oscar, que os esperavam em frente à casa delas. E o momento, que já era de grande alegria tornou-se ainda mais emocionante, devido à reconciliação de Ana com Júlia e Jaqueline (LORAK, 2020, cap. 10).

— No início, foi bem sofrido para nós... — Jaqueline continuou olhando com carinho para Júlia e oferecendo-lhe a mão enrugada e manchada devido à velhice. Júlia a pegou e a beijou, sentando-se ao lado dela na cama, — Porque Júlia perdeu o contato com a mãe e eu perdi a minha melhor amiga por dois longos anos e isso nos deixou muito tristes. Éramos felizes, mas a felicidade não estava completa, entendem? — ela tossiu. — Mas você, meu amor, ajudou a nos aproximar... — Ela acarinhou o queixo de Zaki, que estava do outro lado da cama. — Foram muitas as tentativas de aproximação, porém Ana só nos perdoou depois que soube que adotaríamos você! Ela foi sábia! Não podia deixar de se aproximar do seu único neto... (LORAK, 2020, cap. 10).

Em *30 dias com ela*, embora durante todo o livro as personagens sejam adolescentes, a autora dá um salto de alguns anos ao final da história para mostrar o casamento das protagonistas (que já ocorreu com uma delas grávida). A narrativa inclui a cerimônia do casamento, com tradições como o vestido de noiva, a troca de alianças e a mudança de sobrenome, todo o ritual ocorrendo na frente da família e dos conhecidos de Mônica e Lídia, mostrando o reconhecimento social dessa união, validada por todos e todas ali presentes.

Mônica se equilibrava em seu salto agulha orgulhosamente, ignorando a canseira que a nossa filha tem lhe dado ultimamente. Mas ela não podia se importar menos, o fato de estar carregando o fruto do nosso amor a deixava anestesiada, Palavras dela e não minhas. Oferecendo um olhar afetado para minha sogra ao vê-la nos deixar a sós, depois de um breve aceno educado, estendo a palma da mão na direção da lágrima solitária que escorreu pelo rosto da minha noiva (LARSEN, 2022, cap. 11).

— Eu, Mônica Cesarini, agora Mônica Cesarini De Castro, prometo honrar e respeitá-la até o fim dos meus dias. Prometo amá-la até que a nossa única adversidade seja a morte. — E então deslizou o anel pelo meu dedo anelar esquerdo, me direcionando seus olhos brilhantes e avermelhados através dos seus cílios longos, quando deixou um beijo casto no meu dedo que agora portava o símbolo de uma relação inabalável (LARSEN, 2022, cap. 11).

A presença de filhos ou filhas também é significativa em *Apague a luz*. No decorrer da narrativa, o fato de Alex e Pilar não terem conseguido ter um filho juntas é um dos problemas que prejudicam o casamento. Ao final, quando o casal adota bebês gêmeos, o discurso é de que, a partir de então, elas serão uma família completa e terão uma felicidade mais plena, ainda que problemas continuem a existir.

Claro, que a rotina era muito corrida e por muitas vezes cansativa, mas no final do dia quando se deitavam exaustas, tudo tinha valido a pena. O casamento das duas estava como nunca fora antes, entre as duas agora não existiam mais segredos e estavam na terapia, conversavam com frequência e tinham diminuído o horário de trabalho para dar atenção aos filhos (AZEVEDO, 2022, p. 138).

Em *Acasos da vida*, não apenas Pâmela e Ivana terminam o livro cogitando a possibilidade de se casarem, como também as duas são convidadas a integrar-se uma à família da outra. Após conhecer as filhas de Ivana, Pâmela leva a namorada para uma reunião de família, que culmina em uma inclusão de Ivana na dinâmica familiar – o que é parte de um processo de validação de Ivana como companheira de Pâmela. Há na narrativa um esforço, um trabalho, para que as famílias de ambas reconheçam o relacionamento, o que é parte da construção do amor entre as personagens.

*— Me senti muito bem com a sua família! Fazia um tempão que não me sentia assim! — exclamou eufórica, dando partida no veículo.
— Nossas festas são sempre assim! Que bom que se acostumou, minha paixão... — as duas trocaram um afago de mãos.
— Estive pensando uma coisa... — Ivana comentou após dar partida no carro.
— Imagina a sua família na nossa festa de casamento, hein?!*
Pâmela deu um risinho e pousou a mão sobre a coxa da mulher (FERNANDES, 2019, cap. 12).

Pensar o casamento e a construção de uma família com filhos ou filhas como condutas que validam o casamento – frente a outras pessoas e também para o próprio casal – é parte de uma discussão que amplia as noções de família e parentesco para

incluir a homossexualidade. Butler (2022) argumenta em prol de um redimensionamento do parentesco para além da heterossexualidade, porém, ao mesmo tempo coloca que “a proposição de que um casamento deva se tornar a única maneira de sancionar ou legitimar a sexualidade é inaceitavelmente conservadora” (BUTLER, 2022, p. 187).

O que a filósofa defende, desse modo, não é que lésbicas e gays não devam ou não possam se casar, adotar crianças ou mesmo gestá-las lançando mão das intervenções médicas existentes na atualidade. O problema, na visão de Butler (2022) – e que eu gostaria de trazer para este subcapítulo –, é que a demanda por reconhecimento por parte de casais gays ou lésbicos leve a uma única forma considerada legítima de vivenciar essas relações.

Ao meu ver, esse é um limitante para o trabalho do amor, pois este é feito dentro de certas regulações e hierarquias sociais que fazem com que o casamento seja sempre considerado a opção que traz maior legitimidade e reconhecimento para nós, lésbicas. Trabalhar para viver um matrimônio, para construir uma família dentro de certos moldes, ter filhos e filhas, cuidar deles, com esse sendo o único caminho que faz com que os casais lésbicos sejam reconhecidos socialmente – seja em nossas vidas ou na literatura – faz do trabalho do amor algo mais restrito.

5.4. Amor lésbico, amor-de-si

Nesta seção, eu gostaria de discutir um enunciado que funciona em alguns excertos dos livros analisados nesta tese. Não é uma função enunciativa tão recorrente quanto as anteriores, mas a considerei potente e significativa, na medida em que vê o amor lésbico como um amor-de-si. Esse amor-de-si do qual falo é um amor ético. Não que os enunciados anteriores não tratem da ética – eles tratam, sobretudo o do amor lésbico como amor-trabalho, que discuti na seção anterior. Afinal, a ética está implicada na forma como nos relacionamos com outras pessoas.

Na história da filosofia ocidental, a ética, de forma geral, foi pensada por e para homens; sobretudo se pensarmos nas vertentes da Antiguidade Clássica e suas transformações e deslocamentos na Era Comum, a partir de uma moral cristã. Se a ética está ligada a um exercício de reflexões e práticas em nossas vidas, frequentemente tal exercício foi visto como exclusivo dos homens, pois somente os

homens seriam capazes de regular a si mesmos – as mulheres, em contrapartida, teriam suas condutas reguladas pela ética masculina.

Quando falo a respeito disso, não me limito aos filósofos greco-romanos antigos ou aos pensadores do ocidente medieval – alguns dos quais abordados por Foucault para discutir a questão da ética nos volumes um ao quatro de *História da Sexualidade*, bem como em alguns de seus últimos cursos no Collége de France. Quando falo da existência de um discurso que fixa a ética à masculinidade, não me restrinjo a séculos distantes e a enunciados que não mais operam na atualidade.

Eu quero falar – talvez a partir da discussão foucaultiana dos antigos, mas também dialogando com autoras contemporâneas – de como a ética é, ainda hoje, considerada masculina. Frequentemente, ouvimos por aí que a mulher é “emoção” enquanto o homem é “razão”, que a feminilidade dita inerente a cada uma de nós traz certa sensibilidade, um instinto de amar que estaria na essência da mulher. Tomada por emoções, a mulher é muitas vezes associada ao descontrole – louca e histérica são adjetivos comumente usados para nos desqualificar. Nessa posição a que somos subjetivadas, a ética não nos pertence.

Evidente que esse discurso não é único e sem dissonâncias. Nós reivindicamos a ética, e não é de hoje. Ao longo de toda a história, inúmeras mulheres vêm construindo formas de existência ética para si mesmas, criando tecnologias de si ou utilizando-se daquelas que foram ditas como sendo “dos homens”, mas que, existindo em exercício, não lhes pertencem. Mesmo os nossos desejos, amores e vínculos podem ser pensados e praticados a partir de uma ética.

Nesse sentido, aqui, trato de trechos dos livros nos quais a relação lésbica colabora para o estabelecimento de uma ética da personagem consigo mesma. Parece-me que é como se estar ali, naquele relacionamento, fizesse com que aquela mulher fosse verdadeira consigo, conseguisse constituir uma arte de viver para si mesma.

Gostaria, assim, de mostrar, livro por livro, como enxergo o funcionamento dessa função enunciativa do amor lésbico enquanto um amor-de-si. Começo, desse modo, pelo *Noturnas e Natalinas*. Nele, a personagem Geraldina, em uma conversa com a sogra na qual esta última interpela se Geraldina estaria usando sua filha, responde:

— Pode ser que eu use a sua filha e ela me use de volta enquanto isso fizer bem para a gente. E pode ser que, no momento em que eu perceber que

esse não é mais o caso, eu escolha ficar com uma memória dela, uma lembrança, e escolha abrir mão do resto (LANDRE, 2021, p. 63).

Pode-se perceber aqui que o relacionamento que Geraldina começou a construir com Lucíola, longe de estar pautado em ideais do amor romântico de eternidade e incondicionalidade, parte de uma relação ética de Geraldina consigo: ela ficará com Lucíola, sim, enquanto isso fizer bem para ambas e, se um dia esse não for mais o caso, ela guardará a lembrança do que experienciou, mas sem manter-se em um relacionamento que a machuca de alguma forma.

Geraldina, portanto, propõe-se a ser leal a si mesma e a respeitar-se. Também é possível ver aqui o que Stephan (2022) chama de amor medúsico, que aceita a morte e a finitude. Não há pretensões de eternidade, como na utopia narcísica. O amor-de-si, do qual falo, é uma ética de arriscar-se, de disponibilizar-se para o que é finito, soltando-se das amarras de um amor idealizado.

Outra cena em que percebo a relação ética que Geraldina construiu consigo, a partir de seu amor lésbico por Lucíola, é um dos excertos finais do livro, no qual a namorada sugere que, se continuarem seu “relacionamento de mentirinha” (que nesse momento já se efetiva, com sentimentos amorosos reconhecidos por ambas as partes, e já não é mais uma farsa), a ex-namorada de Geraldina não a quererá mais. A vampira, então, afirma que ao lado de Lucíola é o seu lugar.

[...] a boca de Lucíola se esticou em um sorriso e ela chegou mais perto.

— Mas a gente vai ter que se comprometer com esta farsa se não quisermos ninguém desconfiando — disse ela, tão perto que Geraldina só precisou se inclinar um pouco para frente até que suas testas se tocaram. Lucíola fechou os olhos e completou, num tom muito mais baixo: — E isso pode arruinar quaisquer chances suas de voltar para Helga e conseguir um lugar na Casa Monteiro.

— Ótimo. — Geraldina fechou os olhos também e, com a mão que não estava segurando a de Lucíola, tocou bem de leve na cintura dela. — Porque o meu lugar é aqui (LANDRE, 2021, p. 75).

A ideia de ter “um lugar no mundo” e de estar no lugar que deveria estar, no lugar “correto”, levar a vida de uma determinada forma que causa a sensação de que está no caminho certo, parece-me uma forma de exercício ético do sujeito consigo, uma outra forma de ser leal a si mesmo(a). Constituir a vida que se quer viver é aquilo que Foucault (2016b) chama de “técnicas de si”.

Ao tratar do conceito retomado dos antigos, o filósofo entende que as técnicas de si implicam na possibilidade que o sujeito tem de refletir acerca da vida que quer viver. Há diferentes opções de existência, ela não é pré-determinada, mas perpassa por escolhas, por regulações de nossas condutas enquanto sujeitos éticos. Geraldina,

portanto, não é levada por forças maiores a reconhecer-se como parte da casa vampírica em que mora, mas, de outra forma, escolhe esse lugar. Assume-o, em uma prática ética, a partir do apoio e das trocas estabelecidas com as outras pessoas que ali moram, incluindo sua namorada Lucíola.

A relação entre Lucíola e Geraldina também implica em uma ética de Lucíola consigo na medida em que a personagem aprende a olhar para dentro, a se ver. Ao mesmo tempo em que vê e conhece a sua parceira, Lucíola faz um movimento de conhecer a si mesma, como é descrito nos excertos a seguir.

Luce teve um momento para admirar o contraste entre a pessoa por quem ela ficou, talvez, um tanto quanto obcecada por anos — a femme fatale emo que às vezes a fazia dar graças a Deus por não ter o tipo de corpo que se arrepiava, enquanto em outros momentos a fazia desejar justamente isso, o arrepio, os tremores, as batidas frenéticas em um coração estático — e a mulher diante de si, capaz de um tipo de honestidade e foco diante dos quais Luce não queria ser nada além de ela mesma (LANDRE, 2021, p. 87).

Começou devagar, elas ainda estavam experimentando muito uma da outra, cada toque era uma pergunta ou uma resposta, e elas ainda estavam conhecendo a si mesmas no processo. Quem era aquela Luce que agarrava a nuca de Geraldina e guiava os movimentos dela? Quem era a Luce que subia no colo dela e apertava-a entre as coxas, sentindo que o controle não era algo pelo qual ela precisava lutar, mas que podia ser concedido livremente? Quem era a Luce que sentia, mesmo quando o beijo se tornou mais profundo e desesperado, como se estivesse sendo cuidada? Quem era aquela Luce que, nos braços de Geraldina, era tratada não só como uma vampira capaz de destruir uma cidade inteira, mas também como se fosse frágil? Quem era aquela Luce que era frágil, e por que, em vez de ser aterrorizador, era tão bom ser assim? (LANDRE, 2021, p. 87).

No primeiro trecho, Lucíola vê Geraldina abaixar suas barreiras, mostrar-se vulnerável para sua parceira. Esse ato de coragem de Geraldina causa em Lucíola a vontade de “não ser nada além dela mesma”. Ou seja, fica evidente o quanto o seu amor lésbico construído com Geraldina implicou em uma relação ética de Lucíola consigo, que passa a desejar ser verdadeira e leal a si mesma.

A relação ética que o sujeito desenvolve consigo também está vinculada ao desenvolvimento de determinados comportamentos e realizações. A relação com “o outro” não fica de fora disso – a ética, embora presuma uma relação com nós mesmos, não é individual, pois orienta também nossas condutas com os outros (FOUCAULT, 2016b). Percebo essa questão no excerto a seguir, no qual Geraldina e Lucíola falam de suas ambições individuais, seu desejo de deixar “sua marca no mundo”. Na ocasião, enquanto Lucíola questiona a si mesma sobre se foi capaz de realizar algo significativo em sua vida, Geraldina diz à namorada:

Não vou pedir para isso ser o suficiente porque eu respeito a sua ambição, então só te peço isso: no dia em que você decidir deixar a sua marca no mundo, já que isso é tão importante para você, não esquece de me chamar para eu ir junto (LANDRE, 2021, p. 89).

Há, assim, um respeito pela ambição da outra, um desejo de ser companheira e apoiar, mas sem diminuir ou restringir as possibilidades da outra mulher de desenvolver seus interesses pessoais, suas realizações. O amor lésbico, assim, aparece como aquele que dá suporte à arte de viver que cada mulher quer construir, ao invés de impedir ou dificultar esse exercício ético.

Em *Apague a Luz*, algumas dessas questões também aparecem, embora em contexto diferente. No romance de Azevedo (2022), a personagem de Pilar sofreu um relacionamento abusivo com seu ex-marido e a relação lésbica com sua atual esposa faz com que ela consiga perceber o quanto abusivo foi seu relacionamento anterior e permite que ela se coloque de forma diferente nesse outro casamento.

A maneira como Pilar agirá no casamento com Alex (sobretudo após as duas começarem a dialogar com sinceridade sobre o passado de Pilar) parte de uma ética de compreender que não merece a violência sofrida, abandonando sentimentos de autoaversão e culpa vivenciados por inúmeras mulheres que passam por relações abusivas. Isso é afirmado explicitamente pela própria Pilar quando ela diz à esposa:

— Quando eu te conheci, quando eu me apaixonei por você, eu entendi que não merecia o que ele me fez (AZEVEDO, 2022, p. 86).

Ao relembrar seu próprio passado, Pilar faz um exercício de análise de si. Foucault (2014c)⁹⁰ argumenta que os modos como o sujeito examina e analisa a sua própria conduta fazem parte do exercício ético. As técnicas de si não são apenas comportamentos ou atividades, mas a reflexão sobre eles. Assim, a personagem de *Apague a Luz* reflete:

[...] maldito homem controlava sua vida, seus passos, até suas glórias e ela aceitava aquele controle por um amor que dizia sentir por ele e que nunca fora retribuído. Martim não sabia amar ninguém, nem ela, nem o filho, quiçá não amasse nem a si mesmo, mas isso não era mais um problema dela há muito tempo. Agora ela cuidaria apenas dela mesma, do filho e de sua esposa, que jamais faria o que Martim lhe fez (AZEVEDO, 2022, p. 108).

O exercício de reflexão da personagem permite que ela analise sua conduta anterior e reoriente suas condutas futuras em prol de um modo de existência que ela

⁹⁰ Entrevista publicada em 1984. Consta na coletânea *Ditos e Escritos*, vol. IX.

deseja atingir. Pilar, portanto, busca uma arte de viver na qual seu amor lésbico é prioridade, não apenas por amar a esposa, mas por um amor a si mesma.

A percepção que Pilar consegue ter de seu ex-marido e a diferenciação que consegue fazer entre seu relacionamento com Martim e seu relacionamento com Alex lhe permite estabelecer e compreender o que deseja para si mesma, que tipo de amor deseja vivenciar, o amor que “serve” para ela.

O apontamento feito por hooks (2020) de que “o amor próprio não pode florescer em isolamento” (HOOKS, 2020, p. 94) leva-me a refletir o quanto o enunciado de que o amor lésbico pode ser um amor-de-si funciona de forma aliada aos discursos do amor próprio. Para a autora, conhecer o amor, entender que do amor fazem parte a responsabilidade, o respeito e o cuidado, é necessário para que seja possível pensar o amor direcionado a nós mesmas(os). O amor próprio tem, assim, em sua base, a nossa capacidade de assumir a responsabilidade sobre nossas vidas, podendo, de forma mais incisiva, fazer enfrentamentos e criar formas de vida que nos façam felizes.

O amor-de-si (que, em certo sentido, é amor próprio, além de ser amor pela outra mulher) é amor que permite que nos defendamos, que lutemos pelo que consideramos felicidade. Assim, ao final do livro, Pilar e Alex têm o seguinte diálogo:

— *O que tanto pensa, meu amor?* — Alex sorriu parando em frente a ela.
Pilar se aproximou pegando a filha que ria e beijou sua cabeça com amor, depois a olhou com atenção.
— *Em nossa vida! Como sou feliz* (AZEVEDO, 2022, p. 138).

Esse amor que Pilar constrói ao lado de Alex é um amor capaz de trazer a ela (e a sua parceira) a felicidade, um amor que faz bem, um amor que Pilar quer manter. A manutenção desse amor faz parte da relação ética que Pilar passa a estabelecer, não só com a parceira, mas com ela mesma.

Um outro ponto que eu gostaria de tratar e que é mencionado com muita brevidade no livro é o momento em que Pilar reflete acerca de sua relação ética consigo enquanto uma mulher negra e na relação que Alex (que é branca) assume ao lidar com o componente racial presente no relacionamento das duas. Na cena a seguir, lê-se uma curta passagem sobre o condomínio residencial de classe alta onde Pilar e Alex moram e de que modos Pilar lida com o preconceito que vivencia nesse local.

[...] a residência das duas era em um condomínio de Alphaville, um bairro nobre da cidade, o que era muito bom pela segurança das duas e o que trouxe diversas “confusões” para Pilar, já que como uma mulher negra muitas vezes fora confundida com a empregada de alguma coisa ou acusada de estar

tentando entrar em uma casa que não era sua. As duas pensaram em se mudar de lá depois dos acontecimentos, mas Pilar batera o pé dizendo que não (AZEVEDO, 2022, p. 19).

Assim, percebe-se que é significativo para Pilar o apoio recebido de sua parceira, que se dispõe a mudar de condomínio pensando em seu bem-estar, mas ao mesmo tempo não impõe essa mudança, deixando que Pilar – enquanto pessoa que sofre o racismo – tenha o protagonismo quanto à decisão de viver ou não no condomínio de luxo. Pilar decide pelo enfrentamento e por ocupar o espaço que a sociedade racista afirma não pertencer a ela. Nesse posicionamento, é possível ver uma ética, no sentido de que a personagem reflete e se decide pela conduta que para ela é mais adequada ao modo de vida que deseja viver. Pilar cria sua arte de viver e, nesse momento, o faz a partir do enfrentamento.

Ao tratar da vivência de lésbicas negras, Audre Lorde (2021)⁹¹ argumenta que essas mulheres são colocadas nesse lugar descartável de *outsiders*. Se, nos grupos feministas, mulheres brancas ignoram a experiência das mulheres negras, que se tornam *outsiders*; entre as mulheres negras, são as lésbicas negras as *outsiders*. Clarke (1988) argumenta que existe um enfrentamento ao patriarcado quando uma mulher se relaciona amorosamente com outra mulher, de forma a ser exposta a violências sociais que são intensificadas no caso de relacionamentos inter-raciais.

Para a autora

O tabu contra as relações entre gente negra e branca fora da relação amo-escravo, superior-inferior, se propagou na América para evitar que as negras e negros, brancas e brancos, que compartilham uma opressão comum nas mãos do homem branco da classe predominante, se organizem contra essa opressão comum (CLARKE, 1988, p. 6).

Mesmo que Clarke (1988) esteja discutindo outro contexto social diferente do brasileiro, no qual o racismo e as relações inter-raciais assumiram uma lógica distinta da estadunidense, há nessa citação um fator a ser destacado: em uma relação inter-racial lésbica, há duas pessoas que sofrem com a opressão patriarcal do homem branco, embora não na mesma proporção ou da mesma maneira. Assim, a inter-racialidade nas relações lésbicas, em Clarke (1988), é pautada em uma perspectiva de união entre mulheres negras e mulheres brancas e de desafio frente aos tabus contra as relações inter-raciais. Para a autora, as lesbofeministas começaram “a

⁹¹ O artigo é originalmente de 1980. Foi inserido na obra *Irmã Outsider*, que traz um compilado de textos e entrevistas de Audre Lorde.

transformar a história das relações entre as negras e as brancas" (CLARKE, 1988, p. 6).

Comentando o texto de Clarke, Gonzaga (2019) argumenta que, no caso brasileiro, embora não haja o mesmo tipo de tabu quanto às relações inter-raciais, essas relações estiveram pautadas pela lógica da miscigenação e sustentadas pelo mito da democracia racial, de forma que são aceitas apenas na perspectiva heterossexual e com a mulher negra em um lugar não oficial. No entanto, as potências de contestação do *status quo* empregadas pelas relações inter-raciais lésbicas não significam dizer que não haja problemas nessas relações, causados pelas hierarquias raciais vigentes em nossa sociedade. Vejo tensionamentos colocados de maneira muito explícita no silêncio que os livros analisados apresentam em relação à vivência das personagens lésbicas negras.

De forma geral, os livros analisados não abordam a questão racial de forma aprofundada, resumindo a pauta à caracterização física das personagens negras – com exceção do excerto supracitado sobre Pilar. Eu gostaria de considerar uma questão: ainda que o enfrentamento às opressões seja uma conduta ética que Pilar tem a escolha de assumir como parte de seu modo de vida, é preciso considerar o quanto as mulheres negras são subjetivadas para essa conduta. Sempre enfrentar. Serem guerreiras, fortes, inabaláveis – não é à toa que Pilar se vê dessa forma e, dentro de seu relacionamento amoroso (com uma mulher branca, cabe reafirmar), tem medo de demonstrar sua vulnerabilidade.

Esse discurso da mulher negra como excepcionalmente forte, embora fantasiado de elogio, pode ser bastante desumanizador e restringir os exercícios éticos a serem escolhidos ou almejados por essas mulheres. Isso ocorre com Pilar (*Apague a luz*) e, de forma menos explícita, com Mariana (*Algo a mais*), a quem a narrativa estabelece como uma personagem de força física superior ao garoto com quem Aysha namora e, portanto, capaz de proteger a amiga (posteriormente, namorada) branca das iniciativas abusivas do rapaz.

Contudo, ao mesmo tempo em que Mariana e Pilar começam os livros caracterizadas enquanto "mulheres fortes", ambas, na medida em que vivenciam o amor lésbico com as suas parceiras, vão deixando-se sentir e mostrar à outra as suas vulnerabilidades. Pilar se abre para a esposa Alex, contando sobre seu passado com o ex-marido e dividindo seus medos e dores; Mariana, por sua vez, também confessa

a Aysha seus receios que a tinham impedido de compartilhar seus sentimentos pela amiga. O amor lésbico, portanto, constituiu-se como amor-de-si para as duas personagens na medida em que puderam examinar a si mesmas e buscar um modo de vida que as fizesse mais felizes, em detrimento do discurso da “força inabalável”.

Também se pode perceber que a narrativa desenvolvida em *Algo a mais* coloca o amor lésbico como amor-de-si na medida em que é a relação que Aysha estabelece com Mariana, que a auxilia a sair de um relacionamento abusivo. No romance de Meziat (2022), após ser forçada pelo namorado a beijá-lo, Aysha toma a decisão de terminar o relacionamento. Porém, sentindo que lhe falta coragem para fazer isso sozinha, a personagem busca o apoio de sua amiga Mariana, por quem está apaixonada. Essa cena já foi trazida no capítulo anterior para tratar do companheirismo e suporte mútuo no enfrentamento de problemas, em um amor lésbico enquanto amor-trabalho.

Aqui, há uma relação entre o enunciado do amor-de-si com o do amor-trabalho, no sentido de que é possível perceber como o acolhimento e a segurança que Mariana oferece a Aysha é o apoio de que ela precisa para enfrentar o homem que lhe abusou. A partir de seu vínculo com Mariana, Aysha encontra forças para viver a vida que quer viver, para defender a si mesma e construir uma relação de respeito consigo. Aqui, ao meu ver, o enunciado funciona de forma parecida com o caso de Pilar (*Apague a luz*), na medida em que a vivência que Aysha tem com o amor de Mariana a ajuda a construir um amor por si mesma, defender-se, construir junto de sua namorada uma existência que lhe faça mais feliz do que aquela vivenciada anteriormente com um homem.

Quando Mariana e Aysha começam um relacionamento, Aysha reforça, em uma conversa com um amigo, o quanto seu amor lésbico construído com Mariana lhe deu uma nova percepção do que ela pode esperar de um relacionamento pautado em segurança e tranquilidade, diferente do que ela vivenciava anteriormente em seu namoro com um homem. Nesse excerto, a personagem diz:

— Antes da Mariana, em outros relacionamentos... eu achava que era normal me sentir insegura o tempo todo. Que tranquilidade era sinônimo de tédio. Que as brigas existiam pra animar o namoro, não deixar cair na rotina — explicou. — Mas com a Mariana, é tudo diferente. — Ela passou os dedos pelos cachos bagunçados e deu um riso nervoso. — Faz um mês disso, e a gente ainda não brigou (MEZIAT, 2022, p. 102).

Em outra passagem, Aysha chega a dizer como Mariana “a iluminou”, ajudou-a a enxergar a si mesma e as coisas do mundo com mais nitidez.

É difícil estar com você e, em alguns momentos, ter uma enxurrada de memórias me visitando sem a minha permissão. Elas vêm devagarinho e, quando eu menos percebo, não consigo pensar em mais nada, senão em toda a ansiedade que me permeia, toda a insegurança que me deixa sem ar. É difícil conseguir imaginar um futuro bom, quando as minhas primeiras referências de amor foram as piores possíveis. Eu passei tanto tempo no escuro que, quando você me mostrou a luz, eu quase fiquei cega. Essa é uma alusão comum que pessoas apaixonadas fazem, e um tanto clichê. Mas é a verdade. Você me ilumina, Mariana Campos. Você ilumina os meus lugares mais sombrios, onde ninguém nunca pensou em olhar. Você ilumina o meu passado, o meu sótão no fundo da alma, onde eu faço questão de guardar tudo só para mim — você me ajuda a limpar esse lugar, tirar toda a sujeira, jogar fora o que não é mais necessário. Você foi a única pessoa que viu tudo isso e, mesmo assim, escolheu ficar. Só você (MEZIAT, 2022, p. 111).

Não vejo aqui uma perspectiva de “descobrir” uma verdade pré-estabelecida e que estaria obscurecida pela opressão. Ao falar de verdade, gostaria de retomar o conceito de parresía, que já mencionei no subcapítulo anterior. Em Foucault (2011), no jogo da parresía, a verdade dita pelo indivíduo é a sua opinião, seu pensamento. Trata-se de uma verdade assinada com o nome da pessoa que fala.

Sendo a parresía uma forma ética de dizer a verdade, eu gostaria de refletir acerca da carta escrita por Aysha a partir desse conceito. Não com o intuito de dizer que temos aqui, nesse texto literário brasileiro e contemporâneo, a reprodução de uma parresía grega, mas no sentido de considerar a verdade em seu aspecto ético, de modo que as coisas que Aysha chama de “verdades” não são algo pronto e inquestionável que Mariana desvelou para a namorada, mas são aquilo que a personagem de fato pensa e entende como verdade. Verdade que Aysha constituiu a partir de sua subjetivação.

O romance de Meziat (2022), cabe ressaltar, é o que discute com mais veemência a questão da heterossexualidade compulsória, trazendo isso explicitamente para os diálogos, em uma cena de Aysha com sua psicoterapeuta. A questão é discutida nos excertos a seguir.

— *Eu pensei nisso quando vi um tweet sobre heterossexualidade compulsória. Aí a revelação veio na minha cabeça. Eu comecei a pensar sobre tudo o que já vivi, e... — suspirou, passando as mãos na coxa. — Fez sentido (MEZIAT, 2022, p. 113).*

— *Eu realmente achava que gostava deles. Parecia bem real na época. Tanto que eu me dizia bissexual. — Deu uma pausa. — Isso faz de mim uma pessoa ruim? Ter falado que eu era algo que não era?*

— *De jeito nenhum — Ceci afirmou. — Descobrir a sua própria sexualidade é um processo. Seria incorreto dizer que você mudou de sexualidade, por*

exemplo. Mas não foi isso. Você sempre foi lésbica, só não aceitava isso antes (MEZIAT, 2022, p. 114).

É comum que pessoas lésbicas já tenham tido algum tipo de relação romântica ou sexual com homens. Isso pode levar a muitas situações desconfortáveis e traumatizantes.

— Como lésbicas descobrem se passaram por isso?

— Tem alguns sintomas que devem ser analisados — respondeu. — Se atrair apenas por homens irreais, fictícios ou difíceis de serem alcançados são alguns deles. Pode acontecer de a pessoa até pensar que realmente tem interesse, mas, na hora H, se sentir incomodada e sentir perda de desejo. Porque a ideia de se relacionar com um homem faz sentido em sua cabeça, mas não na realidade. — Aysha devia estar com um olhar assustado, porque Ceci mudou a postura. — Você já sentiu algo parecido?

Aysha respirou fundo antes de responder:

— Sim (MEZIAT, 2022, p. 115).

Ainda que as falas de Aysha e da psicóloga deem a entender que ser lésbica é algo que faz parte da “natureza” de determinada mulher, como uma condição inerente e imutável, o que contraria as teorizações lesbofeministas sobre a compulsoriedade da heterossexualidade e a própria concepção de sujeito da qual parto nesta tese; ainda há, em *Algo a mais*, um debate significativo sobre lesbianidade como resistência, que pode ser pensado a partir de práticas éticas de liberdade.

Já mencionei anteriormente a diferença de liberdade e liberação. Para Foucault (2017c), quando falamos em liberação, falamos no rompimento com determinado mecanismo de repressão, de forma que uma pessoa ou um grupo sai de determinada situação opressora. Assim, sair de um relacionamento abusivo, como fez Aysha, por exemplo, se visto de modo estrito (apenas o término do relacionamento por si só), seria um tipo de liberação.

No entanto, o autor menciona que as práticas de liberdade vão além da liberação. As práticas de liberdade são formas pelas quais as pessoas conseguem criar e definir modos de vida e de existência para si. A liberdade, nesse sentido, é parte inseparável da ética. A crítica que Aysha faz à heterossexualidade compulsória, em minha visão, faz parte de um exercício ético da personagem no qual ela irá engendrar práticas de liberdade e constituir um modo de vida lésbico para si.

Se retomarmos autoras como Wittig (2006), Rich (2019) e outras lesbofeministas, vemos como a experiência lésbica deixa de ser vista como manifestação de sexualidade sobre a qual não temos nenhum controle, para ser entendida como um modo de vida que, como mulheres, podemos buscar para nós mesmas – um modo de vida que entendo como ético, na medida em que a experiência lésbica pode ser uma prática desejada, almejada, pensada, refletida e exercitada.

Ao mesmo tempo, cabe ressaltar que a discussão feita em *Algo a mais* evoca certa “essencialidade” para a experiência lésbica, quando a personagem fala em “se descobrir” ou quando a psicóloga afirma que ela “sempre foi lésbica”. O discurso da sexualidade como inerente, como algo que sempre esteve ali, como se não fosse constituída em nosso processo de subjetivação é muito comum ainda na atualidade e integra a militância e os argumentos em defesa das reivindicações de direitos LGBTs.

Portanto, também é preciso considerar que, mesmo que tal discurso não vá ao encontro de um exercício ético de sexualidade (que é sempre constituído na relação do sujeito consigo e com outrem, e não uma condição irreversível de nascença), esse também é um discurso posto em circulação como estratégia de resistência, para afirmar que a sexualidade lésbica (ou gay) seria tão “natural” quanto se afirma ser a heterossexualidade.

A aceitabilidade social desse discurso foi importante na garantia de direitos sociopolíticos, que se fizeram necessários enquanto mecanismos de liberação, servindo, por exemplo, à despatologização da homossexualidade. As liberações, embora não correspondam às práticas éticas de liberdade, frequentemente são necessárias para a emergência de novas relações que possibilitem as práticas de liberdade.

Passando ao próximo livro, em *A garota dos meus sonhos*, também funciona o enunciado do amor lésbico enquanto um amor ético. O romance de Gumz (2022) conta a história de um casal que se conhece por meio de sonhos, mas que se efetiva em uma relação na “vida real”. Na narrativa, a protagonista demonstra que conhecer Alice e estabelecer com ela um vínculo afetivo é algo que lhe traz paz. É aquela mesma ideia de estar “em seu lugar no mundo” que já foi mencionada nesta seção.

No excerto a seguir, a protagonista narra:

Todo o cenário, a companhia, a sensação morna do sol tocando minhas bochechas e o silêncio compartilhado me deixam em paz de verdade, pela primeira vez no dia. Me fazem refletir sobre o quanto desejei fazer algo assim com Alice - algo normal, e o quanto é gostoso apenas estar aqui com ela. É difícil ficar presa entre amar estar com ela e odiar o fato dela não se lembrar, mas, neste momento, nada no mundo poderia me perturbar (GUMZ, 2022, p. 83).

O amor lésbico, assim, aparece como um amor que traz à mulher um senso de certeza, uma tranquilidade frente à vida que caminha da forma que se deseja. Pensando a esse respeito a partir das discussões éticas, quando Foucault (2016b) fala da vida (através do conceito grego de bíos), ele está falando de uma subjetividade.

Assim, a vida não é aquilo que fazemos, os objetivos que temos, ou nosso status. A vida é a maneira como escolhemos nos relacionar com as coisas e com as pessoas. A ética é como constituímos essa vida que queremos viver, que Bianca constitui através do amor lésbico, em seu amor com Bianca. A calma, a sensação de imperturbabilidade provêm da construção de uma existência conjunta entre as personagens, que, amando uma à outra, puderam vivenciar um amor-de-si e criar uma forma de existência que as faz feliz.

Essas questões que mencionei até aqui, neste subcapítulo, também aparecem nos livros da plataforma Wattpad. Em *A Afilhada*, romance de Lorak (2020), também é veiculado o discurso de que o amor lésbico resiste à heterossexualidade compulsória e de que a mulher que vive o amor lésbico constitui uma relação ética de lealdade consigo mesma. Ao falar de sua própria experiência, a protagonista argumenta:

Durante os últimos cinco anos, nunca tive coragem de me envolver com outra mulher. Conheci vários homens, entretanto, com nenhum deles engatei um relacionamento sério até conhecer o Fernando. Embora não sentisse por ele indício algum de paixão, nosso namoro, que tinha apenas seis meses, me trazia tranquilidade, estabilidade, visto que ele era um homem inteligente, gentil, maduro e descomplicado. Pensava que isso bastaria para mim naquela altura da vida. De todos os homens com os quais fiz sexo nesses cinco anos, nenhum deles me fez ter sensações tão prazerosas quanto Júlia me fez sentir em poucos dias. Somente conseguia ter orgasmos com eles quando pensava nela, que continuou permeando meus pensamentos mais eróticos, inclusive, durante o sexo com meu namorado (LORAK, 2020, cap. 3).

Ou seja, o relacionamento com o homem, para essa mulher, é algo desprovido de paixão e desejo, algo que só se efetivou pelo conforto social dado pela heterossexualidade. Porém não é um amor leal dessa mulher para consigo, não é uma prática de liberdade vívida pela personagem. Diferente do amor lésbico, que é o amor desejado, o que se efetivamente quer, a arte de viver que corresponde à felicidade. O amor lésbico, no entanto, exige coragem para efetivar-se. Uma coragem da verdade, como já mencionei – de uma verdade ética, que se diz apesar dos riscos (FOUCAULT, 2011).

Quando chega o momento de decidir ficar com Júlia é que esse ato de coragem se efetiva. Para ser ética consigo, para pôr em prática a liberdade, Jaqueline se dispõe a correr o risco e a enfrentar as consequências do relacionamento com Júlia. Assim, desenrola-se a cena:

Era chegado o momento de tomar uma difícil decisão. Talvez a mais difícil de toda a minha vida: viver ou não viver um romance com minha afilhada? Teria coragem de arriscar minha vida pacata por uma vida que eu não tinha a

menor ideia de como seria? De trocar o certo pelo duvidoso? De arriscar uma amizade de muitos anos com Ana? De pôr em risco a relação com meu filho? Tudo isso para viver esse amor arrebatador que me incendiava a alma? A minha vida tinha sido sempre muito comum, muito convencional.

Eu sempre fizera o que a sociedade impõe a uma mulher: casar com um homem, ter filho e constituir uma família. Como se somente isso fosse sinônimo de felicidade plena. Não era. Eu sabia que não, porque não foi para mim. Meu casamento não fora um dos piores e meu filho foi a melhor coisa que me aconteceu. No entanto, minha vida inteira foi uma mesmice sem tamanho. Sem emoção, sem vivacidade. Percebi isso somente quando Júlia reapareceu na minha vida.

E, naquele momento, olhando para ela, uma linda jovem cheia de vida, que estava ali na minha frente me oferecendo uma vida mais agitada, mais cheia de vigor, mais versátil, talvez até mais turbulenta, mas que seria uma vida em que eu pudesse me sentir plenamente eu, me fez repensar em tudo e me fez querer mesmo experimentar algo novo, algo excitante. Então, no auge dos meus cinquenta e um anos, finalmente, resolvi arriscar em um relacionamento bem revolucionário:

— Vou! — eu sorri. — Vou sim nos dar uma chance.

Imediatamente, Júlia me abraçou forte, me beijando o pescoço e, depois, me beijando a boca. Ao se afastar, percebi que seus olhos brilhavam. Eram lágrimas de felicidade que queriam escorrer. Uma teimosamente escorreu e ela tratou de limpá-la depressa, enquanto falava:

— Que bom, meu amor! Você não vai se arrepender de ter-nos dado essa oportunidade!

Ouvi-la me chamar de amor fez meu coração transbordar de alegria e de força, dando-me mais motivação e mais coragem para enfrentar o que viesse pela frente. Eu lhe ofereci meu melhor sorriso, tomei-lhe o rosto entre minhas mãos e disse, com meu olhar encravado no dela:

— Sei que não vou! (LORAK, 2020, cap. 8).

Na narrativa, a protagonista reconhece que o modo como agiu até esse momento não era leal consigo mesma, na medida em que ela estava fazendo aquilo que a sociedade esperava dela. A relação com Júlia é uma saída da zona de conforto, mas é uma possibilidade de Jaqueline ser o que ela de fato quer ser. Uma outra arte de viver – mais turbulenta e excitante, como descreve a personagem –, mas uma vida que a possibilita ser “plenamente ela mesma”.

Se pensarmos nessa noção de “ser eu mesma” em um sentido ético, o que estou buscando constituir no decorrer deste capítulo, é preciso considerar que não se trata de estabelecer relação “com uma autenticidade oculta que fosse preciso descobrir na própria trajetória” (FOUCAULT, 2016b, p. 227), como se houvesse um “eu” pronto para ser descoberto dentro de cada uma ou cada um de nós. De outro modo, ser “quem somos” perpassa pelo que Foucault (2016b) chama de técnicas de vida, enquanto formas de se criar uma subjetividade. Esse ser “ela mesma” de que Jaqueline fala, portanto, pode ser pensado como forma de viver constituída por ela em sua relação com Júlia. Modo de vida que a faz feliz e, portanto, é visto como algo a se almejar cotidianamente.

Discussão semelhante pode ser feita a respeito de *30 dias com ela*. Ao final do referido livro, o enunciado do amor lésbico como amor-de-si também se evidencia. No epílogo, Lídia e Mônica já estão mais velhas e já viveram o seu relacionamento juntas por alguns anos, essa experiência permitiu o distanciamento de determinadas inseguranças e o entendimento do que de fato as duas mulheres querem da vida e da relação uma com a outra. No momento do casamento, Lídia narra:

— A nossa realidade supera todas as minhas idealizações mais profundas. Sou feliz por ter percebido a tempo, sou feliz principalmente por estar aqui hoje a um passo de te fazer eternamente minha. — Sorri de lado em meio às lágrimas, beijando suas mãos antes de voltar a recuperar o fio final do discurso. — Eu, Lídia De Castro, te aceito como minha esposa e prometo amá-la e respeitá-la na saúde e na doença. Até que a morte nos separe. — Deslizo a aliança pelo seu dedo, escutando um assobio estalar pelo recinto ao longe, nos fazendo rir e esquecer por um momento as lágrimas de felicidade que escorriam pelos nossos rostos sem que percebêssemos (LARSEN, 2022, cap. 11).

Sobre a recém-intitulada esposa, a protagonista ainda reflete:

Nessa vida, é raro encontrar pessoas que realmente se sintam completas e realizadas. Hoje, felizmente, eu me sinto as duas coisas, não só nesse dia em especial, mas como em todos os outros em que tive a minha esposa ao meu lado. Mônica havia afirmado que não mudaria nada na nossa história e eu também não. Uma vez que, por mais que tenha existido atrasos e imprevistos, a vida não deixou de nos unir à sua maneira. E se hoje eu estou aqui acariciando os seus braços arrepiados por conta do último discurso, foi porque o universo nos colocou onde sempre deveríamos estar. E eu sou eternamente grata por isso (LARSEN, 2022, cap. 11).

E também:

30 dias jamais seriam o bastante. Nem mesmo a eternidade parecia longa o suficiente para se passar com ela. Por isso, eu soube naquele instante que com ou sem meus pais, eu teria de alguma forma reivindicado Mônica. Porque por mais brega que isso soe, quando duas pessoas realmente se amam e querem ficar juntas, não há força maior que as separe. Nem mesmo a insegurança. Nem mesmo o tempo a mais que eu teria levado. Eu teria dado um jeito. Os meus sentimentos teriam encontrado uma alternativa para chegar até ela. Afinal, o amor dela me tornou mais ousada. E eu me tornei extrema pra caralho, desde que me vi apaixonada por uma ruiva, ainda fascinada pela vida, que agora me orgulho em chamar de esposa e mãe da minha filha (LARSEN, 2022, cap. 11).

Nos três supracitados excertos, Lídia afirma como estar com Mônica lhe traz felicidade e realização e como a história das duas fez de Lídia quem ela é, como ela pôde ser mais ousada, mais assertiva, mais atuante na busca da efetivação de seus objetivos a partir do relacionamento com Mônica. O amor lésbico, portanto, aparece como um amor que possibilita a autotransformação, a autorrealização.

Para encerrar a seção (e o capítulo), falo de *Acasos da vida*. No romance de Fernandes (2019), a autora demarca o quanto a protagonista Pâmela, embora se

identifique como bissexual, acaba por se afastar da relação com os homens por não ser paciente para o “drama masculino”.

Embora a enfermeira possuísse uma aparência atraente, Pâmela era solteira. Seu último relacionamento havia sido com um rapaz e não durou mais que um mês. Aparentava ser calma, porém não era paciente para muitas coisas, dentre elas, o drama masculino. Então, logo que viu que o namorado era desse jeito, tratou de findar a relação (FERNANDES, 2019, cap. 2).

Embora a questão seja colocada com brevidade e de forma um tanto displicente, é possível fazer uma reflexão a esse respeito a partir do feminismo lésbico. Independente da atração ou não por homens, a personagem se posiciona de forma a se aproximar da experiência lésbica enquanto forma de vida que não se vincula e até resiste às problemáticas do amor heterossexual. O amor lésbico, portanto, aparece como escolha de um modo de vida que a personagem quer para si.

Quando falam sobre a questão sexual, Pâmela e Ivana também falam sobre o fato de já terem se relacionado sexualmente com homens e compararam a vivência à experiência sexual vivida com outras mulheres.

— *E quanto ao sexo com outra mulher? O que achou disso?*
— *Foi o melhor da minha vida! Sem comparação! — a sinceridade estava estampada em seu tom de voz (FERNANDES, 2019, cap. 8).*

No sexo, é importante demarcar, também pode estar implicado um exercício ético. Foucault (2016b) reflete sobre os *aphrodisia*, que seriam atos sexuais a partir dos quais o indivíduo se relaciona com outros (ou outras). Com base nos filósofos antigos, portanto, os *aphrodisia* fazem parte das relações que estabelecemos conosco. Assim, a subjetivação da atividade sexual constitui-se como uma “subjetivação em forma de relação permanente de si consigo” (FOUCAULT, 2016b, p. 256).

O sexo, portanto, faz parte da ética dos sujeitos e, na medida em que as personagens de *Acasos da vida* defendem seu prazer vivenciado no sexo lésbico, ambas reivindicam esse tipo de relação sexual para suas vidas – em uma espécie de *aphrodisia* lésbica, que apresenta usos de uma ética sexual feitos por nós e para nós, mulheres.

Apesar disso, quero ressaltar que, mesmo que se evidencie nos livros analisados o funcionamento do enunciado do amor lésbico como amor-de-si, há atravessamentos entre o modo de vida lésbico assumido pelas personagens e os discursos essencialistas, que se afastam de uma discussão ética. A ideia de uma “essência”, como já mencionei, é frequente em nossa sociedade e não fica fora de

Acasos da vida, assim como apareceu em outros dos livros analisados. Em um excerto, a narrativa trata dos sentimentos de Ivana e afirma:

Descompassado, batia o coração da médica, como se recebesse a carga emocional de suas sensações mais profundas adormecidas por anos em seu interior e agora, a presença tão afável de sua garota, despertava sua melhor essência. Sentia-se viva, amada e completa. Encontrou em Pâmela tudo o que algum dia imaginou que havia perdido, mas no fim das contas, nunca havia encontrado (FERNANDES, 2019, cap. 9).

Penso que aqui não se trata exclusivamente do funcionamento do enunciado do amor-de-si, mas também não é um trecho que pode ser resumido a partir da lógica da essencialidade. Há de fato o reforço de uma lógica de encontrar uma verdade perdida e essencial em si mesma, mas também é fortificado o discurso ético de ser o melhor possível, de se sentir bem consigo mesma e de poder se conhecer e perceber as próprias sensações. O que sentimos não pode ser visto como separado de nossa ética. É preciso considerar, como aponta Dufourmantelle (2022), que a “sensibilidade é exercida. Sem exercício, ela enfraquece ou se desfaz. A arte dos sentidos não é uma pura receptividade, ela também está ligada ao nosso livre arbítrio” (DUFOURMANTELLE, 2022, p. 43).

Nesse sentido, o que procurei discutir ao longo deste subcapítulo foi a questão de que o amor lésbico é e/ou está vinculado ao amor-de-si, no sentido de que viver relações lésbicas possibilitou que as personagens da literatura virtual lésbica construíssem uma relação ética consigo mesmas, com suas parceiras e com o mundo em que vivem.

Esse amor-de-si, portanto, sendo ético, é necessariamente medúsico – na concepção engendrada por Stephan (2022), a qual já discuti no capítulo segundo desta tese. Trata-se, portanto, de um amor que não se reduz aos discursos patriarciais de amor romântico e que contraria uma perspectiva utópica de amor eterno e incondicional.

Para a autora, o amor medúsico deseja e acolhe a diferença, mas não a dissimetria de forças que subordina e possui uma das partes. O amor medúsico, o amor ético, o amor que estou chamando de *amor lésbico como amor-de-si* necessita que as pessoas envolvidas no vínculo amoroso distingam-seumas das outras, cada uma se dedicando ao modo de vida que deseja, cada uma construindo eticamente sua existência, cada uma vivendo práticas diárias de liberdade.

Conclusões

Virou lugar comum, ao menos nos trabalhos que tenho lido no campo das Ciências Humanas ou da Filosofia, abrir um capítulo de conclusão ou de considerações finais (que creio ser obrigatório em quase todos os programas de pós-graduação) e dizer que aquela conclusão é inconclusa, que as considerações finais do trabalho abrem margem para investigações e discussões outras ou, como eu mesma disse, em minha dissertação de Mestrado: “compreendo que há outras possibilidades de análise, outros enunciados passíveis de descrição e outros olhares possíveis para o mesmo material empírico” (VIEIRA, 2019, p. 150).

Essas foram, na verdade, as palavras finais da minha Dissertação – e facilmente poderiam ser, também, as últimas desta tese, visto que o material empírico estudado aqui também é passível de outras análises. Nos livros de literatura virtual lésbica, certamente há outros tantos enunciados funcionando além dos quatro que me detive em descrever e discutir neste trabalho.

Mas hoje também penso que, mesmo sabendo que todo trabalho acadêmico não esgota um tema e que toda proposta investigativa poderia enveredar em inúmeros caminhos outros que por alguma razão não foram seguidos pelo pesquisador ou pesquisadora, ainda assim, a conclusão existe (e precisa existir). A conclusão existe porque esta tese, enquanto trabalho escrito, está finalizada. Ainda que ela se desdobre em investigações posteriores, ela – enquanto minha tese de Doutorado – é o que fiz dela até aqui.

Quando falo de conclusão, portanto, não significa que obtive uma resposta final e irrefutável para meu problema de pesquisa, mesmo porque nunca tive tal intenção. Nem sequer acredito em “resposta final” para coisa alguma. Mas falo em conclusão porque, a partir de meus objetivos, cheguei a uma tese – a de que as pedagogias do amor lésbico, na literatura virtual, ensinam sobre formas de amar que podem tomar a forma de um amor-erótico, um amor-guerra, um amor-trabalho e um amor-de-si.

Outras formas de amar não funcionam nessas pedagogias? Funcionam. Outros direcionamentos eram possíveis de serem levados a cabo nesta pesquisa, a partir dos mesmos objetivos? Eram. Mas tratar de uma pesquisa “outra”, uma pesquisa “não escrita”, uma pesquisa “que poderia ter sido” implicaria o trabalho de investigação e de escrita de uma pesquisadora outra, uma que não essa que sou agora e as que fui durante meus anos de Doutorado.

Essas mulheres que fui, que sou, que pude ser, diante da pergunta que me coloquei três anos atrás e que chamei de problema de pesquisa – a saber: *que modos de vivenciar o amor lésbico vêm sendo produzidos nos discursos da literatura virtual?* – chegaram, sim, a algumas conclusões. Elas podem ser falhas, podem ser questionáveis, podem ser momentâneas, mas são as minhas conclusões. Eu as valorizo, não abro mão delas. Não quero chamá-las de outra coisa.

Partindo de meu problema de pesquisa, aproximei-me de autoras e autores que discutiram o tema do amor, da experiência lésbica, da literatura e da virtualidade. Assim, compus os três primeiros capítulos desta tese. O capítulo um versou sobre as pesquisas já desenvolvidas no campo da literatura lésbica, em diálogo com minhas próprias reflexões acerca de tal literatura.

No capítulo dois – o mais extenso dos capítulos teóricos –, eu quis discutir o tema do amor de forma aliada à experiência lésbica, de forma que foi necessário dividir o capítulo em quatro seções: a primeira para tratar do amor enquanto parte de uma ética dos sujeitos; a segunda para pensar o amor lésbico e que dissonâncias ele poderia ter em relação às concepções heterossexuais de amor; a terceira para discutir a experiência lésbica e o amor lésbico a partir de um recorte racial; e a quarta para fazê-lo em um recorte geográfico e social – abarcando, portanto, pesquisas que (assim como a minha) olham para o cenário brasileiro como *locus* da experiência lésbica.

No capítulo três, delineei meus entendimentos acerca da literatura virtual lésbica, compondo o conceito de literatura virtual a partir de uma concepção filosófica de “literatura” debatida por Foucault (2015, 2016a) e Deleuze e Guattari (2021), bem como do entendimento do que é “virtual” proposto por Lévy (2010, 2011). Também no referido capítulo, tracei as conexões entre minha proposta de pesquisa e o campo da Educação, na medida em que tomo os discursos da literatura virtual lésbica como pedagógicos, dado que neles funcionam mecanismos de poder capazes de subjetivar e conduzir condutas. Para tanto, aproximei-me do conceito de Pedagogia Cultural, a partir do qual é possível problematizar outras pedagogias para além dos ambientes educativos formais, como a escola e as universidades.

Feita essa discussão teórica em três capítulos, necessária à minha análise posterior, parti para os caminhos metodológicos de pesquisa, descritos no decorrer do capítulo quatro. Nesse, expliquei o funcionamento das duas plataformas on-line

nas quais optei por realizar a pesquisa – Wattpad e Amazon Kindle – e, a partir de determinados critérios de seleção demarcados no capítulo, escolhi e descrevi o enredo de sete livros de literatura virtual lésbica: *Noturnas e Natalinas* (LANDRE, 2021), *Algo a mais* (MEZIAT, 2022), *Apague a luz* (AZEVEDO, 2022), *A garota dos meus sonhos* (GUMZ, 2022), *30 dias com ela* (LARSEN, 2022), *A afilhada* (LORAK, 2020) e *Acasos da vida* (FERNANDES, 2019).

Ainda no capítulo quatro, eu trouxe os direcionamentos da minha análise a partir dos conceitos interligados de discurso, poder e ética em Foucault. Assim, o que empreguei nesta tese foi uma análise discursiva de orientação foucaultiana, na qual olhei para os excertos dos livros supracitados, buscando identificar recorrências discursivas e, a partir delas, compreender que funções enunciativas estavam em funcionamento, possibilitando a emergência de atos de linguagem que aparecem na forma de descrições de acontecimentos, falas de personagem e outros recursos de enredo utilizados pelas escritoras.

Ressaltei (e torno a ressaltar), ainda, que minha análise se efetivou a partir do entendimento de que esses enunciados que encontrei funcionando são pedagógicos, na medida em que neles existem estratégias de poder e de resistência, cuja potência de subjetivar mulheres a determinadas compreensões e experiências de amor lésbico não pode ser desconsiderada. Considero, ainda, que o funcionamento de tais enunciados está associado a possibilidades de práticas de liberdade e de construção de práticas amorosas éticas.

No quinto capítulo, tratei de analisar os enunciados que encontrei funcionando nos textos literários, que foram quatro: o do amor lésbico como amor-erótico, o do amor lésbico como amor-guerra, o do amor lésbico como amor-trabalho e o do amor lésbico como amor-de-si. O primeiro deles atrela-se aos excertos dos textos literários que abarcam a potência da erótica lésbica, discutindo o sexo, o beijo, o toque, a atração e o desejo na perspectiva do amor lésbico, pondo em questionamento os mitos de “incompletude” e de inferioridade que historicamente foram e continuam a ser utilizados para diminuir e/ou restringir o amor erótico que mulheres podem experientiar umas com as outras.

Quando, na segunda seção do capítulo cinco, tratei do enunciado do amor lésbico como amor-guerra, considerei as discursividades que circularam e continuam a circular na sociedade ocidental que aproximam a prática amorosa da prática

guerreira – ambas com estratégias de conquistar, de tomar posse, de tomar para si o que é do outro, de lutar para não permitir que o outro tome para si o que consideramos “nossa”, de desconfiar do que diz a outra pessoa e de esconder nossas vulnerabilidades para nos proteger da pessoa amada (que é, ao mesmo tempo que amada, uma inimiga capaz de nos fazer sofrer). Estabeleci, também, a importante distinção de pensar esse amor-guerra no contexto do amor lésbico e no contexto do amor heterossexual, visto que, socialmente, a mulher não tem os mesmos recursos e privilégios sociais que os homens para reivindicar e/ou manter-se na posição vencedora e subjugadora na guerra do amor.

Posteriormente, na terceira seção do capítulo cinco, discuti o enunciado do amor lésbico como amor-trabalho, sobretudo a partir do que propõe hooks (2021), ou seja, de entender o amor não como puro sentimento sobre o qual não temos qualquer escolha, mas como uma prática, uma ação refletida que exige trabalho – trabalho de confiança, trabalho de escuta, de honestidade, de cuidado, de responsabilidade. O amor lésbico como amor-trabalho pressupõe uma ética amorosa que exige que cada uma reflita sobre suas ações, que constitua práticas diárias que atuem na manutenção do amor e que prezem pelo bem-estar de ambas as pessoas envolvidas no relacionamento.

Por fim, o último enunciado que discuti foi o do amor lésbico como amor-de-si, pensando os modos como a experiência lésbica e a vivência de um amor lésbico são parte da construção de uma ética que a mulher estabelece consigo, na busca da constituição de uma forma de existência que lhe traz felicidade, na feitura de uma arte de viver que possibilita práticas de liberdade e que é baseada em uma ética de amor por outra mulher, mas também de amor a si própria, enquanto mulher. Trata-se, assim, de amores em resistência, de vidas em resistência aos discursos que nos subjetivam para que não nos amemos e não amemos outras mulheres, vendo apenas os homens como merecedores de amor.

Esses quatro enunciados que encontrei e que nomeei não são funções enunciativas isoladas, mas funcionam em coexistência uns com os outros e também com enunciados que não identifiquei nesta pesquisa. Não se trata de encaixotar formas de amar e dizer “este aqui é um amor-guerra” ou “este aqui é um amor-trabalho”, mas de pensar que, quando amamos, essas e outras formas de amar são possíveis e nos subjetivam enquanto mulheres que amam outras mulheres.

Os quatro enunciados que estudei tratam de modos de pensar e viver o amor lésbico que existem dentro e fora dos textos de literatura virtual lésbica e que são possibilitados pelas concepções de amor, de mulher e de lésbica que puderam emergir e entrar na ordem do discurso em nossa sociedade, ainda que sejam constantemente confrontadas e mesmo atravessadas por discursos de amor e de gênero fundamentados na matriz heterossexual.

Quanto a mim, senti que aprendi a cada passo do caminho de escrita desta tese, não apenas como pesquisadora e acadêmica, mas também como mulher lésbica que sou e como escritora de literatura lésbica. A pesquisa me fez refletir sobre que formas de amor lésbico circulam em nossa sociedade e que formas eu mesma faço circular, nos discursos que me capturam e me constituem como sujeito. O que espero, com esse trabalho, é ter podido suscitar reflexão semelhante naqueles e (sobretudo) naquelas que o lerem.

Referências

- ALBERTALLI, Becky. **Leah fora de sintonia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- ALMEIDA, Rogério de. A literatura e seu aspecto formativo. **Religare8**, n. 2, v. 1, p. 127-138, out., 2011.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Famecos/PUCRS**, n. 20, p. 34-40, dez., 2008.
- AMARAL, Caroline Amaral. **Literatura Juvenil Contemporânea LGBTI**: Significados sobre identidades de gênero e sexuais. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande.
- AMAT, Andrea Francisco. **El Banquete de Safo**: una terulia dialógica sobre los discursos mediáticos del amor y los modelos de atracción con mujeres lesbianas e bisexuales. 2013. Tesis (Doctorado en Diversidad Cultural e Interdisciplinariedad Educativa), Universitat Jaume I.
- ANDRADE, Paula Deporte de. Cultura e pedagogia: a proliferação das pedagogias adjetivadas. In: ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2014. p. 1-19.
- ANDRADE, Paula Deporte. A invenção das pedagogias culturais. In: CAMOZZATO, Viviane Castro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias Culturais**: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade. Curitiba: Appris Editora, 2016.
- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de Pedagogias Culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, n. 33, p. 1-23, 2017.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, v. 8 n. 1, p. 226-236, 2000.
- A SAFO DE PERDIZES. Direção: Hanna Korich. Produção de Laura Bacellar e Hanna Korich. Brasil: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=njo0xngUI28>. Acesso em: 4 de junho de 2022.
- BATISTA, Daniela Conegatti; SOUZA, Jane Felipe de. A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 31, p. 81-100, 2019.
- BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENT. Produção de Martin Sherman. Estados Unidos: Film4 Productions, 1997. son., color. Filme exibido pela Metro-Goldwyn-Mayer, Netflix. Acesso em: 2 de novembro de 2022.

BRAGA, Keith Daiani da Silva; CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Lesbianidades e Educação: interrogando a produção acadêmica. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 25, n. 3, p. 127-145, jul./set. 2018.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterosexual?. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 219-260, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274, jan./jun., 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

BUTLER, Judith. **Os sentidos do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; GOULART, Treyce Ellen Silva. “Eu me sentia assim, meio que excluído”: performances hegemônicas e as dissidências na escola. In: MESSEDER, S.; CASTRO, M. G.; MOUTINHO, L. (orgs).

Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 127-156.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias**: formas, ênfases e transformações. 2012. Tese (Doutorado em Educação). 203f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia: pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel**, n. 44, p. 22-44, jan./abr., 2013.

CARNEIRO, Sueli. Enegrer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de.

Pensamento Feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARVALHO, Monique Malcher de. **Sem linhas retas:** Gênero e sexualidade nas Graphic Novels. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CLARKE, Cheryl. Lesbianismo: um ato de resistência. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. **Esta Puente, mi espalda:** voces de las tercera mundistas en los Estados Unidos. São Francisco, EUA: ISMPress, 1988.

CHAVES, Mariluce Vieira. **As práticas do obscurecimento social e a visibilidade lésbica.** 2019. Tese (Doutorado em Política Social). 185f. Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Federal Fluminense, 2019.

COSTA, Juliana Mazza Batista. **Do lilás ao roxo:** violências nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka:** por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Potências da suavidade.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

CIXOUS, Hélène. **O Riso da Medusa.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos.** Porto Alegre: Pradense, 2007.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras:** mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário:** literatura lésbica contemporânea. São Paulo: GLS, 2004.

FACCO, Lúcia. Sou lésbica, mas sou “de família”. In: FACCO, Lúcia; BACELLAR, Laura; KORICH, Hanna. **Frente e verso:** visões da lesbianidade. São Paulo: Editora Malagueta, 2010a. p. 216-219.

- FACCO, Lúcia. A pioneira Cassandra Rios. In: FACCO, Lúcia; BACELLAR, Laura; KORICH, Hanna. **Frente e verso**: visões da lesbianidade. São Paulo: Editora Malagueta, 2010b. p. 24-26.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: Arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: curso dado no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. III**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, v. IX**: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014c.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, v. III**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira**: sobre a literatura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a.
- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Martins Fontes, 2016b.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. II**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, volume V**: Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017c.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. IV**: As confissões da carne. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.
- GONZAGA, Paula Rita Bacellar. **A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo**: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia). 347f. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.
- GRAHAM, Dee; RAWLINGS, Edna; RIGSBY, Roberta. **Amar para sobreviver**: Mulheres e a Síndrome de Estocolmo Social. São Paulo: Editora Cassandra, 2021.
- HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad femenina**. Barcelona: Editorial EGALES, 2008.
- HALL, Radclyffe. **O Poço da Solidão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- HOLANDA, Ismênia de Oliveira. **Escrever para si, escrever sobre si**: A literatura lésbica entre o virtual e o impresso. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.
- JAMINSON, Anne. **Fic**: por que a fanfiction está dominando o mundo. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- JÓNASDÓTTIR, Anna. Qué clase de poder es “el poder del amor”??. **Sociológica**, año 26, n. 74, p. 247-273, sep./dic., 2011.
- LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 207-225, jan./jun., 2007.
- LAGUNA, Rosa María. Amor en libertad. In: MOGROVEJO, Norma (org.). **Contra-amor, poliamor, relaciones abiertas y sexo casual**: reflexiones de lesbianas del Abya Yala. Westphalia Press: Washington, 2020. p. 9-16.
- LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento**: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006). 2007. 261 f. Tese (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2007.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LIMA, Fatima. Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, n. 4, v. 2, p. 66–82, 2018.

- LIMA, Sara Regina de Oliveira; SILVA, Maria do desterro da Conceição; MOURA, Andressa Kelly Lima. Preta, pobre e lésbica: reflexões sobre a mulher e o amor na contística de Conceição Evaristo. In: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades Plurais: outras produções de saberes e afetos**. Salvador – BA: Editora Devires, 2019.
- LIRA, Ramayana. Meta(na)morfoses lésbicas em Cassandra Rios. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.21, v.1, p. 129-141, jan./abr., 2013.
- LISTER, Anne. **The Secret Diaries of Miss Anne Lister, v. 1: I Know My Own Heart**. Reino Unido: Virago Press, 2020.
- LEONEL, Vange. **Grrrls Garotas Iradas**. São Paulo: Edições GLS, 2021.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.
- MACIEL, Patrícia Daniela; GARCIA, Maria Manuela Alves. A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, e230022, p. 1-18, 2018.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- MARTINS, Larissa Pinto. **Chanacomchana é um barato!** Afetos e pedagogias na imprensa lésbica. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande, 2020.
- MEDEIROS, Maria do Socorro da Silva. “**O Caminho não precisa ser solitário**”: Fissuras e representatividade lésbica no Ciberespaço. 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura), Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba.
- MOGROVEJO, Norma. La libertad y el amor: contra-amor, poliamor, relaciones abiertas, ruptura de la monogamia obligatoria entre lesbianas del Abya Yala. In: MOGROVEJO, Norma (org.). **Contra-amor, poliamor, relaciones abiertas y sexo casual**: reflexiones de lesbianas del Abya Yala. Westphalia Press: Washington, 2020. p. 97-116.
- NASCIMENTO, Dax Fonseca Moraes Paes. **História filosófica do amor**: ensaio para uma nova compreensão da essência do amor humano. Natal, RN: EDUFRN, 2019.

- NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”??. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n.15, v. 3, p. 609-627 set./dez., 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Lafonte, 2017.
- O’LEARY, Timothy. Foucault, experiência, literatura. **Antíteses**, v.5, n.10, p.875-896, jul./dez., 2012.
- PACHECO, Ana Claudia Lemos. “**Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar**”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). 317f. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.
- PAIM, Mariana Souza. **A noite tem mais luzes**: Considerações sobre a representação do desejo lésbico no romance de Cassandra Rios. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana.
- PAIM, Mariana Souza. Entre silêncios e vertigens: representação da lesbianidade em *Domingas e a Cunhada e Beijo na Face*. In: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades Plurais**: abordagens e epistemologias sapatonas. Salvador – BA: Editora Devires, 2019.
- PEREIRA, Ana Gabriela Pio. **Escritas excessivas**: Disposições de lesbianidade na narrativa “As Traças”, de Cassandra Rios. 2013. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural), Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia.
- PETERS, Julie Anne. **Não conte nosso segredo**. São Paulo: Hoo Editora, 2017.
- PISANO, Margarita. **El triunfo de la masculinidad**. Surada ediciones, 2004.
- POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.
- POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação & Crítica**, n.20, p. 3-19, 2018.
- POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.61, p. 1-14, 2020.
- PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. O livro na cultura digital: entre os fios inovadores para conceber um novo formato de ler e escrever. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (orgs.). **O livro na cibercultura**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2019.

- RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha, 2019.
- RIOS, Cassandra. **As traças**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.
- RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.
- ROCHA, Vanessa Lima Blaudt. **Narrativas Lésbicas**: vivências e sobrevivências constituintes de si. 2021. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, 2021.
- ROSSO, Nadia. El cuerpo lesbiano en la propuesta política contramorosa. Congreso Internacional El cuerpo en el siglo XXI, 2, 2011, Ciudad de México. **Anais...** Ciudad de México: UNAM, 2011, p. 1-14.
- SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 113-133.
- SALES, Shirlei Rezende; FERREIRA, Aline; VARGAS, Franciele. Juventude, gênero e sexualidade no ciberespaço: algumas possibilidades de extensão universitária. **Revista Triângulo**, v. 7, n. 1, p. 46-59, jan./jun., 2014.
- SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, n. 22, p. 23-32, dez., 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. Cibercultura e livro: desfazendo equívocos. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (orgs.). **O livro na cibercultura**. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2019.
- SANTOS, Claudiana Gois dos. **A Bruta flor do Querer**: Amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura), Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais**: tensões entre cor e amor. Salvador: EDUFBA, 2018.
- SILVA, Márcia Regina de Faria da. Amor e guerra na elegia latina. **Principia**, n. 25, p. 1-8, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

- SOUSA, Érica Patrícia Rodrigues de. Além dos muros: visibilidade lésbica em contos da obra Amora, de Natália Borges Poesso. In: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades Plurais**: abordagens e epistemologias sapatonas. Salvador – BA: Editora Devires, 2019.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- STEPHAN, Cassiana. **Amor pelo avesso**: de Afrodite a Medusa. Curitiba: Kotter Editorial, 2022.
- STONE, Brad. **A loja de tudo**: Jeff Bezos e a Era da Amazon. São Paulo: Intrínseca, 2019.
- SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: A identidade em questão. **Cadernos Pagu**, n. 12, p. 109-120, 1999.
- SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios?. **Labrys, estudos feministas**, n. 1, v. 2, p. 1-18, jul./dez., 2002.
- SWAIN, Tânia. Para além do binário: os queer e o heterogênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 223-238.
- THE L word**. Criação de Ilene Chaiken, Michele Abbot, Kathy Greenberg. Estados Unidos: Anonymous Content, Dufferin Gate Productions, Coast Mountain Films, Posse, Showtime Networks, MGM Television, 2004-2009. son., color. Série exibida pela Showtime. Acesso em: 2 de setembro de 2021.
- VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- VIEIRA, Ana Gabriela da Silva. **Modos de subjetivação em funcionamento nos discursos curriculares de Escolas de Surdos**: o cidadão de direitos, o indivíduo não incapacitado e o sujeito-aluno. 2019. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- VIEIRA, Ana. As Bruxas. In: GONÇALVES, Maria José (org.). **Ventos no Arco-Iris**: Antologia LGBTQIA+. Lagoa Santa, MG: Editora Brunsmarck, 2021a.
- VIEIRA, Ana. Um romance clichê?. In: GONÇALVES, Maria José (org.). **Ventos no Arco-Iris**: Antologia LGBTQIA+. Lagoa Santa, MG: Editora Brunsmarck, 2021b.
- VIEIRA, Ana S. **Não tem cura?**. Maringá, PR: Editora Viseu, 2021c.
- VIEIRA, Ana S. **Maldito Cupido**. 2021d.

- VIEIRA, Ana S. **Amor Rural**. 2021e.
- VIEIRA, Ana S. **Angelical**. 2022a.
- VIEIRA, Ana S. **Loba Alfa**: uma alcateia de mulheres. 2022b.
- VIEIRA, Ana S. **O mal não têm flores**. 2022c.
- WAITE, Olivia. **Guia de Mecânica Celeste para Damas**. São Paulo: Harlequin, 2021.
- WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona: Editorial EGALES, 2006.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

Textos literários que compuseram o corpus analítico

- AZEVEDO, Lara. **Apague a luz.** 2022.
- GUMZ, Leo. **A garota dos meus sonhos.** 2022.
- LANDRE, Luisa. **Noturnas e Natalinas.** 2021.
- LARSEN, Vienna. **30 dias com ela.** 2022.
- LORAK, N. **A afilhada.** 2020.
- MEZIAT, Isabel. **Algo a mais.** 2022.
- FERNANDES, M. R. **Acasos da vida.** 2019.